Epes Sargent

Bases Científicas do Espiritismo

Do original em Inglês
The Scientific Basis Of Spiritualism
Boston - 1880

TURNER
A Partir do Mar

Conteúdo resumido

O autor, eminente escritor norte-americano, apresenta seu trabalho de trinta anos de estudos, observações e pesquisas, firmado sobre os fatos que provam exuberantemente a existência do mundo espiritual e o seu intercâmbio com o plano material.

Epes Sargent, entretanto, não fica no relato simples de vasta fenomenologia mediúnica; analisando, comentando, argumentando e, em deduções verdadeiramente irrefutáveis, envereda pelo aspecto filosófico-religioso da Doutrina Espírita, defendendo e realizando a análise científica dos postulados espíritas....

EPES SARGENT

(Traços Biográficos)(*)

Epes Sargent, personalidade multiface, foi jornalista, poeta, dramaturgo, novelista, educador, editor e, principalmente na última fase de sua vida, brilhante advogado do Espiritismo.

Nasceu, no dia 27 de Setembro de 1813, no Estado americano de Massachusetts, na cidade de Gloucester, um dos maiores portos de pesca do Mundo. Filho do mestre-de-navio Epes Sargent e de Hannah Dane Coffin, sua segunda esposa, pertencia à sexta geração de uma família americana descendente de William Sargent, a quem o Governo fizera concessões de terras, em Gloucester, no ano de 1678.

Entre os outros seus primeiros ancestrais, do século XVII, sobressaíram os nomes de John Winthrop e Joseph Dudley, que foram governadores da antiga colônia inglesa de Massachusetts.

O irmão mais velho do nosso biografado, John Osborne Sargent (1811-1891), destacou-se como jornalista e advogado.

Removido, em 1818, de Gloucester para Roxbury (1), o pai de Epes Sargent resolveu ser comerciante em Boston. Todavia, este novo modo de vida foi para ele um desastre, o que o obrigou, pouco mais tarde, a retornar ao mar. Apesar desses reveses, não descurou da educação e instrução dos filhos. Observando em Epes Sargent uma inteligência precoce e ávida de saber, fê-lo entrar, em 1823, para a "Boston Latin School", escola fundada em 1635, hoje a mais antiga dos Estados Unidos.

Logo o menino se revelou um aluno talentoso e esforçado, cora fortes inclinações para todos os ramos da literatura. Gradeou-se em 1829, ano em que interrompeu o seu curso por alguns meses a fim de acompanhar o pai numa viagem à Rússia. "The Literary Journal", publicado pelos estudantes da "Boston Latin School", estampou vários extratos de suas cartas remetidas de São Petersburgo (hoje Leningrado), os quais eram lidos com grande interesse.

(*) - Trabalho compilado pelo Senhor Zëus Wantuil e aqui incluído pela Editora da FEB.

(1) Roxbury - Povoação anexada à cidade de Boston em 1868, sendo hoje um distrito da mesma.

Há uma persistente, porém não confirmada tradição - segundo diz um dos seus biógrafos - de que Epes Sargent freqüentou a "Harvard College" por um certo período, pois há escritos seu no “Collegian", periódico estudantil dessa Universidade, e no qual seu irmão colaborou, juntamente com o poeta e ensaísta Oliver Wendell Holmes e outros.

Naquela época, a cidade de Boston constituía o principal centro literário dos Estados Unidos, sendo conhecida como a "Atenas da América", importância que conservou até fins do século XIX.

E nesse ambiente de inteligência e cultura que o jovem Sargent desenvolveu suas inatas qualidades de escritor, rapidamente ascendendo na admiração e no respeito da intelectualidade de Boston.

No terceiro decênio de sua existência, pertenceu ao corpo redatorial de importantes periódicos da época, como o "Parley’s Magazine", que, dirigido por S. G. Goodrich, foi o principal anuário juvenil daqueles tempos, muito tendo contribuído na divulgação de escritos para a infância; "The New England Magazinee"; "Boston Daily Advertiser" e "The Token", espécie de anuário literário ilustrado, de grande popularidade, também editado por Goodrich, de 1827 a 1842, e em cujas

páginas colaboraram vários escritores, entre eles N. P. Willis, Longfellow, Catarina Sedgwick, Lídia Francis Child. O maior romancista norte-americano do século XIX, Nathaniel Hawthorne, ali estampou, em primeira mão, muitos dos seus contos.

Por algum tempo desempenhou as funções de correspondente político, em Washington, do "Boston Daily Atlas", folha na qual entrara como redator-chefe aos vinte e um anos de idade.

Na Capital estadunidense, formou muitas relações políticas, especialmente no partido liberal Whig. Como fruto dessas relações, surgiria mais tarde, em 1842, seu notável livro - "The Life and Public Services of Henry Clay" (várias edições posteriores, e, a partir de 1852, com acréscimos de Horace Greeley, jornalista de fama nacional), obra que é, segundo o próprio Henry Clay, a melhor e a mais autêntica memória até então publicada a respeito de sua vida.

Foi em 1837 que apareceu a primeira produção literária de Epes Sargent, escrita aos 23 anos de idade. Era um drama poético em cinco atos, intitulado - "The Bride of Genoa". Seguiu-se a tragédia "Velasco" escrita em 1837 e dada à luz em 1839, cuja ação se passa na Espanha do século XI. Ambas estiveram em cena, com êxito, no Teatro Tremont, de Boston, e, subseqüentemente, em Nova Orleães e Nova Iorque. "Cheia de beleza como um poema", no dizer de Allan Poe, a última peça apresentou no papel de heroína a Srta. Ellen Tree, uma das melhores atrizes do célebre Teatro de Covent-Garden, e foi, tanto quanto o permitiu a sua encenação, bastante aplaudida, alcançando popularidade nos palcos americanos e até mesmo nos ingleses.

Decênios mais tarde, Arthur Hobson Quinn, doutor em Filosofia e decano da Universidade de Pensilvânia, ao escrever

sobre as primícias do teatro americano, não deixou de referir-se ao talento dramático de Sargent.

Em 1839, ele partiu para Nova Iorque, onde permaneceu por oito anos, trabalhando no conceituado jornal "The New York Mirror", com um dos seus fundadores, o jornalista e poeta George Pope Morris; no "New Monthly Magazine"; no "The New World", brilhante folha literária, como editor assistente, ao lado da poeta Park Benjamin, seu fundador; e no seu próprio jornal - "Sargent's New Monthly Standard", que só conseguiu manter-se durante o primeiro semestre de 1843.

Em Nova Iorque deu a público, além de "Velasco", várias outras produções de sua autoria, a saber: "Wealth and Worth, or, Which makes the Man?" (1840); “What's to bedone ?, The Will and the Way” (1841); "The Life and Public Services of Henry Clay" (1842); Fleetwood; or, The Stain of Birth” (1845), sua novela romântica de maior procura”.

Na cidade nova-iorquina ele se tornou membro de destaque do "Union Club" e veio a ser um dos fundadores do "New York Club", que adquiriu certo prestígio na época. O primeiro clube supra-referido, fundado em 1836, ainda sobrevive, e todos os seus sócios pertencem a tradicionais famílias americanas, podendo-se ali ver os Van Cortlands, os Van Rensselaers, os Livingtons, os Suydams, os Griswolds, etc.

Retornando a Boston em 1847, deste ano até 1853 foi o editor responsável do "Boston Evening Transcript", o primeiro jornal norte-americano propriamente popular, fundado em 1830. "The School Monthly" convidou-o, em 1858, para o seu corpo de redatores. E a contribuição literária e jornalística de Epes Sargent se estendeu ainda a muitos outros periódicos, entre os quais "The Knickerbocker Magazine e "The Atlantic Monthly", muito lidos na época. O último, fundado em 1857 pelo poeta James Russell Lowell, estampou trabalhos de grandes figuras literárias de Boston, como Longfellow, Emerson, Hawthorne,

Holmes, etc. Foi importante órgão do pensamento nacional e universal de Nova Inglaterra. "The Knickerbocker", um dos primeiros magazines populares de Nova Iorque, apareceu em 1833. Ficou célebre na história do jornalismo americano "The Knickerbocker Gallery", um gift-book (2) publicado, em 1855, em benefício do seu editor, o poeta Charles Fenno Hoffman. Abrilhantaram as páginas desse livro os trabalhos dos colaboradores do magazine: Epes Sargent, Washington Irving, Henry W. Longfellow, Oliver Wendell Holmes, William Cullen Bryant, James Russell Lowell, N. P. Willis, T. W. Parsons, J. C. Saxe, Park Benjamin, Rufus W. Criswold, C. F. Brigs e muitos outros famosos escritores da época.

(2) As publicações descritas como anuários literários (literary annuals) e livros-para-presente (gift-books) variavam em muitos aspectos, mas numa coisa concordavam: eram presenteados, e não vendidos. Quase todas, senão todas essas publicações encerravam miscelâneas literárias.

Justamente no ano que voltou para Boston, deu a público o seu melhor volume de versos - "Songs of the Sea, with other Poems" (2° edição em 1849), em grande parte baseada em aventuras ocorridas durante uma viagem a Cuba. Essa obra arrancou elogios de Henry Theodore Tuckerman, Edwin Percy Whipple e Poe, famosos críticos e literatos americanos.

Edgard Allan Poe, em seu trabalho - "The Literati", impresso, em meados de 1846, no "Godey's Lady's Book", declarou que Shells and Sea-Weeds, uma série de poemas constantes naquela obra, era, em sua opinião, "o melhor trabalho em versa do autor, e evidencia uma sutil imaginação, com penetrante apreciação da beleza no cenário natural". Apesar de outros poemas da mesma obra terem real mérito, alcançou grande popularidade, sendo lembrado até hoje, o canto A Life on the Ocean Wave, que chegou a ser musicado pelo famoso cantor e cancionista inglês Henry Russell, cuja bagagem musical se eleva a oitocentas composições, tendo sido uma das mais populares a que musicalizou com a letra de Sargent.

Composições menos líricas, como, por exemplo, The Missing Ship, publicada no "Hnickerbocker" A Night Storm at Sea, A Calm, The Gale, Tropical Weather, foram igualmente consideradas excelentes por Allan Poe. A balada The Light of the Light-House é outra produção de Sargent enaltecida pelo famoso poeta de “O Corvo”.

Escritor fértil e talentoso, Sargent, ainda em 1847, publica, em dois volumes, a interessante narrativa, "American Adventure by Land and Sea", seguida, dez anos depois, de outra no mesmo estilo, intitulada "Artic Adventures by Sea and Land", em cujas páginas descreve, com aquela fluência que lhe era característica, desde as primeiras viagens às terras árticas até as ultimas expedições que saíram à procura do célebre almirante e explorador Sir John Franklin.

A 10 de maio de 1848, casa-se com Elizabeth W. Weld, de Roxbury, não tendo tido descendentes diretos.

A comédia satírica "Change Makes chrsnaye" e a tragédia em cinco atos "The Priestess", ambas editadas em Nova Iorque, no ano de 1854, foram representadas com êxito nos Estados Unidos e no exterior.

No plano educacional é significativa a contribuição de Sargent. Muitas obras didáticas de sua autoria, para estudantes e até mesmo para professores, tiveram ampla acolhida e consagraram-no como educador emérito, sendo o seu nome conhecido em quase toda a América, na segunda metade do século XIX. Entre outras, e afora as que não lhe levaram o nome, citam-se estas: "The standard speaker" (Filadélfia, 1852), que teve dezenas de edições, mais de sessenta; "Selections in Poetry, for exercices at School and Home" (Filadélfia, 1852); "The first-class standard reader, for public and private schools" (Nova Iorque, 1854); "The intermediate standard speaker, containing pieces of declamation in schools, colleges, etc." (Filadélfia, 1857); "Sangent's standard schools primer; or, First

steps in reading, spelling and thinking" (1857); "The standard speaker" (Boston, 1857); "The primary standard speaker" (Filadélfia, 1851; "The standard third reader for public and private schools" (nova edição, Boston, 1861); "The intermediate first render" (1867); "The new american first-fifth reader" (Philadelphia, 1871); "The etymological reader", escrita em colaboração com Amassa May (Philadelphia, 1872); "A School manual of English etymology and textbook of derivatives, prefixes and suffixes" (Filadélfia, 1873); "Six Charts for use teaching, reading, spelling, in Primary Schools".

Essa série de compêndios e manuais de instrução foram largamente adotados nos colégios e nas escolas estadunidenses. Lisonjeiro e bem maior renome vieram juntar-se ao que já angariara com os seus apreciados livros de versos, de aventuras, novelas e outras miscelâneas, e com seus trabalhos editoriais. E embora várias de suas produções não tenham tido uma importância duradoura, ele foi, na verdade - conforme acentua um dos seus biógrafos - "uma força a prol do bem e um líder da educação nos seus dias".

Certo escritor, contemporâneo de Sargent nos seus tempos de mocidade, disse que "ele era um homem de pequena estatura, guapo e elegante, vestido com apuro, a girar uma fina bengala preta polida, parecendo à personificação do bom ânimo", retrato que está mais ou menos de acordo com o que dele traçou Poe em "The Literati", crítico este que escreveu mais isto: "Suas maneiras são distintíssimas. "

Em 1858 apareceu outra coleção de "Poems", com 300 páginas, e, em 1870, a narrativa em versos intitulada "The Woman who dared".

Quanto à sua extensa novela "Peculiar; a tale of the great transition" (Nova Iorque, 1863; Londres, 1864, com prefácio de William Howitt), que apresenta quadros das transformações sociais no sul dos Estados Unidos, durante os primeiros anos da

Guerra da Secessão, o escritor Francis William Newman, professor de Latim na University College de Londres, e de Literatura Clássica no New College de Manchester, elogiou-a, dizendo que as personagens são ali como que reveladas fotograficamente. Nova edição apareceu em 1892 com o título - "Peculiar, a hero of the southern rebellion".

A vida de Sargent era bastante ativa e aos seus múltiplos afazeres se somavam os constantes pedidos que lhe faziam, de versos apropriados para ocasiões especiais, principalmente para representações teatrais. E Samuel Griswold Goodrich, famoso escritor norte-americano, menciona-o em suas "Recollections of a Lifetime" (1856, II, pág. 275) como um dos que o ajudaram na preparação de vários livros da famosa série Peter Parley. Com este pseudônimo, Goodrich trouxe a público cerca de cem volumes para as crianças, e que vieram atender às necessidades educacionais do seu tempo, sendo vendidos aos milhões de exemplares.

Conhecendo bem os problemas do ensino e os métodos didáticos para um melhor aproveitamento do estudante, de vez em quando ele prelecionava, satisfazendo, assim, a solicitações que lhe eram dirigidas.

De 1852 a 1865, editou, em numerosos livros, as vidas e algumas produções de célebres poetas ingleses, entre eles Thomas Hood, Rogers, Collins, Thomas Campbell, Thomas Gray e Goldsmith. Editou ainda: "Select Works of Benjamin Franklin", com autobiografia, memória e notas (Filadélfia, 1853); "Works of Horace and James Smith" (Nova Iorque, 1857); "The Modern Standard Drama" (15 volumes, 1846-58); "The Mariner's Library", com muitas edições; "Harper's Cyclopaedia of British and American Poetry", só aparecida postumamente, em 1881; bem como outras obras de interesse cultural, fato que levou Allan Poe a dizer, em seu escrito "A Chapter on Autography", que, "como editor, Sargent também se

distinguiu", acrescentando logo a seguir: "Ele é um cavalheiro de bom gosto e grande talento" (He is a gentleman of taste and high talent).

Sargent traduziu "Dies Irae", de Tomás de Celano, notável escritor franciscano falecido em 1255. A poesia e a música dessa "prosa", cantada nas missas dos mortos, são, segundo os entendidos, de uma grandeza solene e de caráter profundamente dramático.

A referida tradução para o inglês foi publicada com destaque no jornal "The Press" (Filadélfia, 27 de Outubro de 1859) pelo seu ilustre redator literário e crítico dramático Robert Shelton Mackenzie.

Outras obras lhe são ainda devidas, como: "The Critic Criticised: a Reply to a Review of Webster's Orthographical System in the Democratic Review for March, 1856" (Boston, 1856); "Original Dialogues" (1861); "The Wonders on the, Artic World" (Filadélfia, 1873), um relato de todas as pesquisas e descobertas nas regiões polares do Norte. E são vários os escritos de sua autoria, publicados anonimamente, e que as enciclopédias deixaram de registrar.

Nos últimos vinte ou trinta anos de sua existência, Epes Sargent se interessou pelo Espiritismo, estudou-o contínua e profundamente, dedicando-lhe muito de suas energias e de seu talento. E, entretanto, foi ele um dos cépticos que em 1848 ridiculizou os fenômenos tiptológicos de Rochester, acoimando seus autores de embusteiros. Assistindo, porém, a inúmeras experiências e realizando-as igualmente por conta própria, ele não tardou a convencer-se da realidade dos fenômenos espíritas, na defesa dos quais saiu valentemente em campo. Mas não ficou aí. Pensador profundo, espírito indagador e emancipado de prejuízos científicos ou religiosos, soube brilhantemente extrair dos fatos objetivos uma bela e grandiosa filosofia espírita da vida universal e dos destinos do homem, em particular.

Esteve em correspondência com líderes espiritistas de sua pátria e da Europa, e escreveu, além de muitos artigos para quase todos os periódicos que, nos Estados Unidos e na Inglaterra, se ocupavam do assunto, - "Revelations of the Great Modern Mystery, Planchette, with theories respecting it" (Boston, 1869), com 28 páginas; "Planchette; or, The Despair of Science: an Account of Modern Spiritualism" (Boston e Londres, 1869), com 404 páginas, obra que faz um amplo relato do Modern Spiritualism, seus fenômenos e as diversas teorias que lhe dizem respeito, acrescido de uma vista geral do Espiritismo na França; "The Proof Palpable of Immortality" (Boston, 1875), com 238 páginas, obra que apresenta uma descrição dos fenômenos de materialização, bem assim comentários sobre o Espiritismo em face da Teologia, da Moral e da Religião; e "The Scientific Basis of Spiritualism" (Boston, 1880), com 372 páginas, obra que no dizer do Prof. C. Moutonnier, da École des Hautes Études Commerciales, de Paris, "é um dos tratados mais completos e mais convincentes que já foram publicados sobre esse tema, e que ficará como um monumento digno de passar à posteridade".

Escritos com muito saber e com aquela "facilidade" que Poe assinalou na obra literária de Sargent, todos os três últimos livros tiveram inúmeras edições nos Estados Unidos, e por eles se pode inferir o desenvolvimento das idéias do Autor acerca do assunto e a sua atitude serena e científica ante os fatos.

"The Scientific Bases of Spiritualism", que ora se publica em português, em 2° edição, sob o título - "Bases Científicas do Espiritismo", foi, em verdade, o canto de cisne do eminente escritor norte-americano.

Cerca de doze anos antes, contrairá uma afecção bronquial de que nunca mais se recuperaria. Em 1872 visitou a Europa, passando algum tempo no sul da França. Nos últimos dois anos de vida, sua saúde piorou com uma complicação de doenças.

Como que adivinhando o fim próximo, ele redobrava de esforços, dia e noite, na preparação final do livro acima mencionado. Surge-lhe agora na boca um câncer dolorosíssimo. Rapidamente, a terrível doença lhe vai impedindo a manifestação oral e consumindo as energias, até que, a 30 de Dezembro de 1880, lhe absorve as derradeiras forças vitais. Estava, porém, concluída a grandiosa obra de sua vida, e que nunca ficará esquecida. Prefaciando-a, escreveu com toda a convicção: "O Espiritismo já não é o desespero da Ciência, como o classificara eu no frontispício da minha primeira obra sobre esse assunto. Seus direitos a um reconhecimento científico, da parte dos observadores inteligentes, já não podem ser postos em dúvida."

Transpondo as fronteiras da Pátria espiritual, certamente o receberam, com júbilo, os muitos amigos que o respeitavam e admiravam e que na Terra foram destacadas figuras das Letras, do Jornalismo e da Política americana, entre eles Henry Clay, Daniel Webster, John C. Calhoun, William Campbell Preston, Samuel Goodrich, Horace Greeley, Park Benjamin e tantos outros. Talvez presente a esta festa de recepção estivesse o próprio Allan Poe, que, desencarnado em 1849, apenas pôde apreciar parte da produção intelectual de Epes Sargent, suficiente, porém, para lhe permitir reconhecer a inteligência promissora do jovem escritor, que aos trinta anos de idade recebia esta referência elogiosa do grande poeta e crítico: "Numa palavra, ele é um dos mais proeminentes membros de uma extensíssima Família Americana - a dos homens de engenho, talento e tato" (In a word, he is one of the most proeminent members of a very extensive American family - the men of industry, talent, and tact).

O jornal "Boston Evening Transcript", ao traçar-lhe o necrológio, falou de suas raras aptidões jornalísticas, de sua facilidade e precisão no escrever e do seu excelente senso

critico. "Qualquer assunto, quando descrito pela sua pena, adquiria uma forma admiravelmente original, como se fora uma nova criação."

Espírito sereno e simples, não era, porém, homem que permanecesse impassível ante o erro ou qualquer coisa que despertasse justa indignação. Nestas circunstâncias, dizia o jornal supramencionado, "tornava-se um antagonista difícil de ser vencido". A força e a virilidade de seus dotes intelectuais, a par de uma linha de conduta nobre e leal, permitiram-lhe triunfar em várias controvérsias, sem que sua memória - conforme assinalou o "Boston Evening Transcript" - se manchasse com malquerenças ou ódios.

A vida de Epes Sargent apresenta muitos pontos de semelhança com a de Allan Kardec, nascido nove anos antes. Ambos produziram excelentes livros didáticos; defenderam com heróica bravura, até ao fim de suas vidas, o Espiritismo nascente; diminuíram todas as outras atividades da vida para tratarem principalmente do novo ideal; foram casados e não deixaram filhos; escreviam com muita clareza, ao alcance de toda a gente; dispunham de línguas de importância mundial; foram contemporâneos.

Estes e outros pormenores revelam que desempenharam o papel de missionários da mesma obra de transformação do mundo materialista em mundo espiritualista, e deixaram livros que cumpre reimprimir sempre até que realizem o seu glorioso destino; por isso a FEB reedita esta como tem dado ao público muitas outras obras de documentação do século passado e início deste, escritas na França, na Itália, na Inglaterra, na Rússia, na Alemanha, na Espanha, em Portugal, obras de grande valor, mas desconhecidas da atual geração de espíritas brasileiros, e que precisam reaparecer ao lado das novas que estão surgindo hoje, porque não há descontinuidade na Terceira Revelação.

Com as conquistas da Ciência e da Técnica, o Materialismo vai-se tornando um Moloc sempre mais apavorante para toda a Humanidade e não está longe o dia em que todos os homens o detestem, temam e busquem salvação no Espiritualismo, voltem a estudar essa grande literatura dos cem anos mais recentes, sempre confirmada por fatos novos. O refúgio do homem em Deus será o que fatalmente há de ocorrer.

BIBLIOGRAFIA

1) A Critical Dictionary of English Literature and British and American Authors", by S. Austin Allibone, Filadélfia, vol. II, 1899, págs. 1931-32.

2) Dictionary of American Biography", edt. by Dumas Malone, New York, 1943, vol. XVI, págs. 356-7.

3) "Appletons Encyclopedia of American Biography", edt. by James Grant Wilson and John Fiske, New York, 1888, vol. V, páginas 399-40.

4) "Nelson's Encyclopedia" editor-in-chief John H. Finley, T.L.D., New York, vol. X, 1913, págs. 464 e 599-600.

5) "American Authors (1600-1900)", edt. by Stanley J. Kunitz and Howard Haycraft, New York, 1938, pág. 670.

6) "The Oxford Companion to American Literature", by James D. Hart, Oxford University Press, second edition, 1944, página 670.

7) "The Encyclopedia Americana", edit. by Americana Corporation, vol. XXIV, 1958 edition, pág. 303.

8) "A Catalog of Books represented by Library of Congress Printed Cards", vol. 131, 1945, págs. 594-596.

9) "The Cambridge History of American Literature", edit. by William Peterfíeld Trent, John Erskine, Stuart Sherman and Carl

Van Doren, one volume edition (in three), (New York - Cambridge, England), 1947, vols. I e II, em diferentes páginas.

10) "The Complete Works of Edgard Allan Poe", edit. by ,G. P. Putnam's Sons, New York, 1902, vol. 9, págs. 28-30; vol. 10, págs. 152-3.

11) Revue Spirite", 1 de Maio de 1898, págs. 276-281.

12) "Boston Evening Transcript", Friday, December 31, 1880 página 4, 2° coluna.

PREFÁCIO

A afirmação de ter o Espiritismo uma base cientifica escandaliza a muitos homens; e o simples anuncio da publicação desta obra deu lugar, por causa do seu título, ao aparecimento de antecipados juízos adversos; mas, os fatos que constantemente se têm dado, resistindo ao embate de mais de trinta e três anos de ridículos, denuncias e antagonismos, parecem demonstrar que ele possui seguros elementos de vitalidade, quando não o sejam de verificação cientifica.

Que mais é a Ciência senão uma coleção de verdades presas umas as outras? Segundo João Stuart Mill, a Linguagem da Ciência deve ser: "Isto é ou não é; isto se da ou não se da." A Ciência busca conhecer os fenômenos e descobrir as leis que os regem. Portanto, o Espiritismo tem uma base científica em seus fatos provados.

O pretendido cientista que imagina conhecer tão perfeitamente as leis da Natureza, a ponto de declarar que a

clarividência e a escrita direta espiritual estão fora dos limites do reconhecimento científico, está sob o domínio de uma alucinação mais séria do que aquele a quem finge lastimar.

O pouco critério com que em todas as idades, o mundo tem deixado de submeter estes e outros fatos correlatos a uma pesquisa impávida e científica, tem sido a fonte de incalculáveis prejuízos. Nos tempos antigos, a suposição de que tudo o que vinha do mundo invisível, atestado pelos chamados milagres ou poderes super-humanos, procedia de Deus ou dos deuses, deu origem a toda a espécie de imposições teosóficas, superstições, revelações enganosas e ilusões disparatadas. Nos tempos medievais, durante a excitação contra os feiticeiros, monstruosas crueldades foram praticadas sob a sanção legal, pelo fato de não se reconhecer que nada de sobrenatural ocorre nos domínios da Natureza, e que todos os fenômenos, sejam quais forem, podem ser submetidos à investigação cientifica e de análise. Alguns fenômenos psíquicos notáveis foram considerados como satânicos e antinaturais, e uma antiga proibição hebraica, fundadas na ignorância, tornou-se a excusa para punirem com a morte a muitos inocentes suspeitos de produzirem em outros, influenciando-os, inexplicáveis manifestações de faculdades anormais.

Em nossos dias, apesar do repudio que tem sofrido a crença nos Espíritos, a credulidade do descrente inventa novos perigos. Desprezando os fenômenos como impossíveis, como antinaturais ou sobrenaturais, os especialistas da ciência que, apesar da sua competência no ramo que cultivam, ignoram os primeiros rudimentos da ciência psico-física, iniciada agora, em vez de esmagarem a superstição por sua atitude teimosa, estão a lhe dar motivos para aparecer. Pessoas convencidas por experiência própria da existência desses fenômenos, não encontrando um guia, uma luz nos homens de ciência apontados por seus laboriosos estudos e experimentação como capazes de

explicá-los, começam a fantasiar sistemas sobre aquilo que testemunham ou a aceitar com precipitada crença o que lhes dizem alguns médiuns ou pretensos possuidores de alta e divina inspiração espiritual. O mesmo que antigamente se deu com os oráculos, dos videntes e dos mitos, dar-se-á hoje, com algumas variantes, a menos que uma ciência, ao mesmo tempo investigadora e liberal, reverente e audaz, se interponha para evitar tal repetição e proteger os incautos contra as fraudes e ilusões que podem nascer do pouco desenvolvimento das faculdades mediúnicas.

A acusação promovida em 1876, em Londres, pelo professor Lankester, especialista da ciência física e adepto do monismo materialista de Haeckel, para lançar um paradeiro aos fenômenos que se produziam sob a mediunidade de Henry Slade, recorrendo para isso ao forte braço da lei, não foi mais que um ato de superstição, incitado pelo mesmo fanatismo (tendo por objeto a descrença em vez da crença) que provocou os processos de Matthew Hopkins, de Maningtree, Gent, o famoso "feiticeiro" inglês, do ano de 1645.

Os primeiros cientistas da Alemanha libertaram de uma vez Slade das suspeitas de Lankester; e Zollner diz, referindo-se a Slade: "Os fatos físicos por nós observados em sua presença destrói, em todos os terrenos razoáveis, a suspeita de que ele, em algum caso, tenha recorrido à impostura. A nosso ver, portanto, ele foi um inocente condenado, uma vítima dos conhecimentos acanhados de seus acusadores e juízes." Os notáveis acontecimentos que ultimamente se deram em plena igreja em Knockmore, na Irlanda, onde mãos e figuras animadas apareceram misteriosamente, demonstram o quanto importa que esses fenômenos são continuem a ser postos de parte. Estudado e interpretado racionalmente, libertado dos erros espontâneos ou impostos por alguns, o Espiritismo é uma salvaguarda contra todas as superstições. Ele mostra que o mundo invisível está,

como o nosso, dentro dos limites da esfera da Natureza universal; dá-nos a chave de muitos mistérios que têm confundido os filósofos e desnorteado os historiadores; prova que não é aos Espíritos, mas, sim, aos nossos defeitos e paixões desenfreados, que devemos temer. Se indivíduos ruins se têm alistado em suas fileiras, se os levianos têm emprestado a sua má reputação, se ele tem sido defraudado e desencaminhado, cabem as almas generosas a restrita obrigação de joeirar e coordenar-lhe os fatos e refrear os abusos. É, portanto, com pesar que vejo um campeão tão liberal da verdade, como R. H. W. Emerson, recomendar a ignorância como sendo a melhor política a seguir-se em tal assunto, que, nas mãos do fanatismo ou da impostura, tem sido a causa de tão grandes desastres e decepções, públicos e privados, em todos os tempos de que a História faz menção. Em recente artigo sobre a Demonologia, esse distinto escritor observa: "Há muitas coisas que um homem sensato deve desejar ignorar, e neste caso estão os fenômenos espíritas. Evitai-os como se tratásseis dos segredos dos coveiros e carniceiros." Tu quoque, Brute?

Ideal, material e moralmente falando, tal conselho é uma injustiça. As próprias comparações, empregadas com o fim de esclarecer, pecam por falta de similitude; pois, pelo fato de termos sensibilidade estética, ou por pusilanimidade, havemos de recuar ante o conhecimento dos segredos do coveiro e do carniceiro, não nos inquietaremos em relação ao modo por que serão sepultados os cadáveres das pessoas que nos são caras? Devemos ser indiferentes aos sofrimentos infligidos aos pobres brutos, cujas vidas são sacrificadas aos nossos apetites carnívoros? Esses sentimentos não têm o poder salvador: é surdo e adulterado. Não é procurando fazer que evitemos a verdade, como coisa desagradável, que o filósofo conseguirá impedir que alguém, salvo os tímidos e os fracos, busque tudo o que há de

genuíno e demonstrável nos fenômenos que nos prognosticam a continuação da vida humana.

Que contraste entre essa opinião e a do Doutor John W. Draper, o assaz conhecido professor de Química e Fisiologia da Universidade de Nova Iorque! Referindo-se aos mistérios da Vida, diz: "Deus deu-nos a inteligência para compreendermos todas essas coisas. Não simpatizo com aqueles que dizem estar este ou aquele problema filosófico acima da nossa razão." E, como antecipando a esses fenômenos supra-sensíveis, que por causa da nossa concórdia desejam que evitemos, o eminente fisiologista diz que a aplicação da ciência exata a Fisiologia vai "levando para o terreno da demonstração física a existência e a imortalidade da alma humana, fornecendo-nos conspícuas explicações dos atributos da Divindade".

Notai a linguagem do venerável filósofo alemão, J. H. Fichte, usada poucas semanas antes da sua morte, em 1879: "Apesar da minha idade e do meu afastamento das controvérsias do dia, sinto que é de meu dever dar testemunho do grande fato do Espiritismo. Ninguém deve ficar silencioso." E' esta uma declaração digna do filho do ilustre contemporâneo de Kant, do herdeiro dos esplendidos dotes de seu pai

O progresso do moderno Espiritualismo apresenta-nos alguma coisa de maravilhoso. Em cerca de quarenta anos ele tem, pelo menos, conquistado vinte milhões de adeptos em todas as partes do mundo. Adaptando-se, apesar de sua afinidade eclética com todas as manifestações da verdade, a todas as nacionalidades e classes sociais, e repetindo as suas manifestações, peculiares por toda à parte, entre pessoas que ignoram suas fórmulas e antecedentes, ele se apresenta com a feição de uma verdade universal, com o desenvolvimento de uma grande e transcendental ciência, que vem confirmar todas as tradições e intuições sobre a imortalidade da alma, e anuncia o despontar de uma aurora em cuja luz todas as outras ciências,

que tratam da natureza e do destino do homem, devem buscar orientar-se no futuro.

Mais de quatro quintas partes deste volume encerram matérias tratadas pela primeira vez. Algumas passagens, salteadas e freqüentemente modificadas, foram incluídas, extraídas das publicações por mim feitas, no decurso dos últimos trinta anos, em quase todos os periódicos que se ocupam desse assunto na Inglaterra e nos Estados Unidos. Como as diversas partes desta obra foram escritas com grandes intervalos, é possível que se encontrem repetições da mesma ordem de pensamentos: mas isso, apesar de ser pela crítica julgado um defeito, pode ser vantajoso para o leitor, por acentuar as considerações mais essenciais. As objeções feitas da existência de um fato da natureza, não podem ser científicas; mas, como continuam a aparecer contra, o Espiritismo, da parte de pessoas em outros assuntos bem instruídas, dedico algum espaço a sua refutação. E porém, passado o tempo em que os fatos narrados neste volume eram desprezados, como coincidências, ilusões ou fraudes. A hora aproximou-se e já soou, em que o pretendente ao título de filósofo, de físico ou de metafísico, que desdenhar a ocorrência constante dos fenômenos aqui referidos, será considerado como uma relíquia do passado, ou como um desertor das questões mais importantes do seu tempo. O Espiritismo já não é o desespero da Ciência, como o classificara eu no frontispício da minha primeira obra sobre esse assunto. Seus direitos a um reconhecimento científico, da parte dos observadores inteligentes, já não podem ser postos em dúvida.

Boston, 1880.

Epes' Sargent

BASES CIENTÍFICAS DO ESPIRITISMO

CAPÍTULO 1

As bases. - A clarividência e a escrita direta

Os grandes fatos da clarividência, assim como da escrita direta e independente, têm sido tão completamente demonstrados e são tão evidentemente demonstráveis, em suas condições peculiares, que nenhum perfeito e sincero investigador poderá contestá-los. As condições em que se têm produzido, são tais, que isolam toda possibilidade de fraude. Nos testemunhos a seu respeito estão aparecendo diariamente em todas as partes do Globo. Exibindo, como o fazem, o lado físico e o mental de muitos fenômenos análogos, eles podem ser perfeitamente escolhidos como fatos típicos, já hoje incontroversos, e oferecendo bases de certeza a uma ciência psicofísica, justificando uma crença implícita na imortalidade.

E' uma questão de evidência primeira, e depois de explicação, tanto quanto for possível, dos fatos, como eles devem ser estabelecidos. o Assim escreveu o eminente jurisconsulto e primeiro ministro inglês, William E. Gladstone, em 16 de Outubro de 1878, a respeito desses fenômenos.

E' esse o aspecto racional do assunto. Há, contudo, certos especialistas em ciências mui distintas da que se ocupa dos fenômenos psicofísicos, que afirmam que nenhuma soma de evidências humanas lhes fará crer em fatos semelhantes à

clarividência e à escrita direta. O Doutor B. Carpenter, de Inglaterra, desprezando o testemunho de seu irmão, o falecido Philip Pearsall Carpenter, eminente naturalista que, quando esteve na América, se convenceu das verdades básicos do Espiritismo (1), diz que o nosso bom-senso deve antepor-se aos sentidos, quando estes testemunhem tais maravilhas. Há também sérios doutores em Medicina, como Richet, Hammond e Beard, que declaram insistentemente no "Popular Science Monthly": um, que nenhum fato bem demonstrado nos permite concluir que existam coisas como a dupla vista ou a clarividência, e os outros dois - que nunca se mostrou na história do mundo um só caso de clarividência. Quando os homens se arrogam a declarar que nenhuma soma de testemunho humano conseguirá provar-lhes a ocorrência de um fenômeno natural, a conclusão geral deve ser que o seu concurso relativamente a qualquer fato não é de importância para os interesses da Ciência.

O Espiritismo baseia-se em fatos bem estabelecidos, não só do passado, até onde a História pode alcançar, como do presente. Eles são encontrados em todas as épocas, mas sem uma explicação, apreciando-os englobadamente; porque os atribuíam a faculdades super-humanas ou supramateriais, exercidas inconsciente e anormalmente pelos chamados "instrumentos humanos", ou por seres invisíveis, manifestando-se inteligentes e capazes de vencer obstáculos materiais, não superáveis em qualquer processo físico conhecido da Ciência.

(1) Memoirs of P. P. Carpenter, by his brother Russell Laut Carpenter, Londres, 1880.

A palavra "espiritual" não é aqui empregada como solução suficiente do mistério, ou como insinuando uma distinção entre a "coisa" e o "nada". A verdadeira etimologia da palavra espírito ("spiritus","sopro") representa uma coisa que ocupa espaço, apesar de, pela sua rarefação, tornar-se invisível. Há, porém, ainda uma confusão, no emprego dessa palavra, pois que ela é

aplicada por diferentes pensadores, não só para exprimir a forma orgânica espiritual com seus elementos constitutivos, como também a sua essência íntima que conhece e pensa, à qual chamamos "alma" e os franceses "espírito".

Segundo Leibniz, a força é a essência de todos os seres, seja alma ou matéria. O Universo inteiro, corpos e almas, são formados de mônadas ou últimos divisões dos átomos divisões dos átomos, homogêneas em essência, mas pelo Criador dotados de certas faculdades, desenvolvidas em graus infinitamente diversos. Assim, as alterações que a mônada sofre, são unicamente as evoluções graduais e sucessivas de suas próprias faculdades íntimas. Compondo-se cada mônada de corpo e alma, mas sendo em si mesma de uma essência simples e indestrutível, o mundo material, mesmo em sua parte inorgânica, é por toda a parte animado. Desse modo, a matéria é apenas uma expressão da força, e a força é o modo de agir de tudo o que existe e a única coisa persistente. As formas materiais não têm estabilidade. Um organismo é forma temporária donde continuamente emanam partículas. Ele se assemelha à chama de uma lâmpada, incessantemente alimentada e incessantemente consumida. Só é persistente aquilo que se esconde sob todas as existências fenomenais. A matéria, como a conhecemos, é incapaz de agir por si mesma; é preciso que se atue sobre ela; mas essa energia íntima e capaz de produzir todas as formas é hoje a mesma que foi ontem. A matéria passa indiferentemente de um a outro molde, não retendo caráter algum de individualidade. Só o Espírito pode agir, e a matéria é a resultante desse ato.

Assim, no sistema de Leibniz, o substancial não pertence aos órgãos, mas aos seus elementos originais. A matéria, no sentido vulgar, isto é, uma coisa sem alma, não existe. A morte não existe; e aquilo a que damos esse nome não é mais que a perda sofrida pela alma de parte das mônadas, que constituem o

mecanismo de seu corpo terreno, dos elementos vívidos que voltam a uma condição semelhante àquela em que se achavam, antes de entrarem no cenário do mundo. Assim, a imortalidade do indivíduo é certa. Prestando um corpo a mônada, Leibnitz afasta-se da concepção tradicional da corporeidade. O corpo da mônada não é um corpo no sentido ordinário da palavra, mas uma força. Desse modo, nada realmente morre; tudo existe e somente se transforma. Deus não é o Deus dos mortos, mas dos vivos. Ele é a Mônada Primitiva, a Primitiva Substância; todas as outras mônadas são fulgurações d'Ele.

Serão imortais as almas dos animais ínfimos? Sim; elas têm sensações e memória. Cada alma é uma mônada, pois o poder que cada uma possui, de agir sobre si mesma, prova a sua substancialidade, e todas as substâncias são mônadas. Aquilo que se nos apresenta como um corpo, é real e substancialmente um agregado de muitas mônadas' a materialidade, pela qual elas se exprimem, sendo apenas um fenômeno transitório, é somente por causa da confissão de nossas percepções sensoriais que essa pluralidade se nos mostra como um todo contínuo. As plantas e os minerais são, como tais, mônadas adormecidas com idéias inconscientes; nas plantas, essas idéias são as conformadoras forças vitais.

“Fico atônito, diz Leibnitz, pensando na natureza da alma humana, de cujos poderes e capacidades não temos uma concepção precisa.” Há muita coisa no Espiritismo que se harmoniza com as suas vistas. A idéia fundamental do seu sistema filosófico, é que a concepção espiritual ou teólogo-teleologica do mundo não deveria excluir a concepção físico-mecanica porém estar unida a esta. Assim, ele parece ter prevenido a pretensão da pseudociência, representada par Haeckel, Huxley, Clifford e outros, de encontrarem na matéria e no mecanismo uma explicação de todos os fenômenos mentais. Ele diz que os fenômenos especiais podem e devem ser

explicados mecanicamente, mas que não devemos perder de vista os fins que a Providência podo cumprir empregando esses meios mecânicos; que mesmo os princípios da Física e da Mecânica estão sujeitos à direção de uma Inteligência Suprema, e só podem ser explicados, quando não se põe de lado essa inteligência.

E esse um dos pontos fundamentais do sistema de Leibnitz. A razão não é individual, mas universal, absoluta e, por conseqüência, infalível. Há sofistas que controvertem isso e dizem que só por experiência sabemos ser o todo maior que à parte; e que, em um mundo de que não temos experiência, a soma de dois e dois pode muito bem ser igual a cinco. Não são livres aqueles que zombam das correntes e os sofistas aí invalidam a sua própria proposição. O esforço humano para raciocinar, segundo Leibnitz, pode muitas vezes ser defeituoso, mas o princípio da razão humana nada menos é que a razão divina. Cada convicção sincera deve abrigar uma crença oculta no pensamento, na razão, em Deus. A experiência não pode dar a razão dos princípios inatos; mas, ao contrário, são estes que devem avaliar os tesouros daquela. Os fenômenos provados, indicadores da obra de uma força inteligente estranha a todo o organismo visível, têm sido desacreditados, sob vários pretextos, por muitos que não têm tempo, vagar ou inclinação para fazer uma justa investigação. O caráter realmente maravilhoso de alguns desses fenômenos, provocou a incredulidade; as fraudes aparentes, pelas quais médiuns, que se supunham genuínas, têm sido freqüentemente acusados, despertaram umas desconfianças naturais; as extraordinárias façanhas dos indivíduos que se intitulavam expositores do Espiritismo e as audácias de suas asserções confundiram não poucos daqueles cujos conhecimentos sobre este assunto eram limitados. A idéia de que uma ocorrência viola as leis da Natureza por ser maravilhosa, é, quando analisada, uma simples superstição. Um médium é

suspenso até o teto, sem que nisso seja a lei da gravitação mais violada do que quando saltamos um fosso. Admitindo-se a teoria de uma força espiritual não sujeita à lei, o fato se tornará acreditável. A acusação de fraude feita a médiuns provados, como Florence Cook, Senhora Wood, Senhor Williams e outros, levanta questões a que naturalmente desdenham responder os que não conhecem intimamente a história dos fenômenos. Falarei somente daquilo que investigadores inteligentes aceitam como a solução pelo menos de alguns dos casos em que médiuns, prévia e subseqüentemente reconhecidos como honestos, foram apanhados no que à "prima fatie" parecia fraude.

As influências que afetam os fenômenos são extremamente sutis e imperfeitamente conhecidas. Tenho, porém, repetidamente, nos estudos práticos e experiências, observado o seguinte: os pensamentos ocultos, à vontade, o ânimo das pessoas promiscuamente presentes em uma sessão de fenômenos, influem sobre o caráter e a facilidade da sua produção, influência esta que tem mais força por ser oculta e inacreditável para as almas não preparadas. Conheci uma médium, cuja honestidade nunca foi posta em dúvida e em cuja presença os mais indubitáveis fenômenos ocorriam prontamente nas mais rigorosas condições de exame, que ficou meio paralisada pela presença de duas ou três pessoas, trazendo, cada uma delas, talvez um ambiente espiritual adverso, todas veementemente opostas ao êxito da experiência, e não só com o intento de descobrirem uma fraude, mas ainda com a esperança de a conseguirem. Segundo a teoria espírita, será desarrazoado supor-se que tais pessoas possam exercer influências, e que, se o médium intuitivamente não resistir a elas, consigam afetá-lo de tal modo, que as provas venham confirmar sua descrença e suas suspeitas de embuste? Que isso muitas vezes se haja dado, onde o corpo transfigurado do médium se tem apresentado como uma

forma espiritual, é mais que provável (2). A crermos no testemunho de cuidadosos investigadores tanto da Europa como da América, o embuste não é coisa rara. O melhor caminho, contudo, que deve seguir um noviço, quando se querem provas absolutas, é não depositar a sua confiança nem no Espírito nem no médium, mas nas condições exatas, se ele puder obtê-las, as quais serem uma garantia contra os defeitos e as decepções, seja do suposto mundo espiritual seja deste.

(2) Allan Kardec relata no seu O Livro dos Médiuns um caso de transfiguração ou mudança de aspecto de um corpo vivo. Nos subúrbios de S. Etienne (em 1858-59), uma jovem de quinze anos tinha a faculdade de, em certos tampos, tomar todas as aparências de certas pessoas mortas. O fenômeno renovou-se centenas de vezes. Em muitas ocasiões ela tomou a figura de seu irmão falecido, apresentando não só o seu rosto, como também a sua altura, corpulência, e o peso do seu corpo.

E muito provável que os médiuns verdadeiros recorram algumas vezes propositadamente à fraude, quando o poder supra-sensível que produz os fenômenos não seja bastante eficaz. Para isso concorrem: primeiro, a tentação de atrair um apreço exagerado à sua presente mediunidade; e, depois, a tentação do lucro pecuniário, que falhará se o fenômeno não se der. Alguns médiuns fazem da exibição de suas faculdades um meio de vida; e se, às vezes, suprem os fenômenos reais por artimanhas, não devemos inferir que, por ser falso em uma coisa, ele o seja em todas (3).

(3) Um espírita inglês, muito familiarizado com esses fenômenos, escreveu (Novembro de 1878): "Posso até admitir que o médium sensitivo pode, em seu estado normal, ser levado a trapacear, por uma influência do meio. Ele merece antes lastima que condenação. Assisti às sessões escuras, públicas, de Williams, Herne, Eglington, Bastian e Taylor, e vi o que considero manifestações reais. Centenas de pessoas têm visto a mesma coisa em suas próprias residências, com os mesmos médiuns e em circunstâncias em que o embuste era impossível. Por isso, não creio que uma pessoa, que seja realmente suscetível, arrisque de propósito a sua reputação, empregando uma fraude palpável e fácil de ser descoberta. Quanto mais apurada for a suscetibilidade, mais fácil se tornará à fraude. Freqüentemente, se a sessão é muito longa e o médium fica exausto, as baixas influências se manifestam."

Já muitas vezes se tem provado que a acusação de fraude é, freqüentemente, o resultado da completa ignorância do acusador, pois este se aventura a tirar conclusões, aparentemente

sinceras, mas que, se ele possuísse mais algum conhecimento, se lhe apresentariam como duvidosas ou falsas. Quanto aos intitulados expositores do Espiritismo, ocasionalmente tem sucedido que pessoas dotadas de alguma faculdade mediúnica, não podendo tirar das suas manifestações um meio de vida, e tornando-se desafetas aos espíritas, por estes repelirem suas pretensões, têm procurado o patrocínio dos que combatem os fenômenos. Se tiverem facilidade de falar, se possuírem Muita presença de espírito e alguma perícia na arte de prestidigitação, persuadirão facilmente os inexperientes de que algumas das suas fraudes são idênticas aos verdadeiros fenômenos mediúnicos. Quanto aos fenômenos que não podem ser imitados fraudulentamente, elas os produzem com o auxílio do gabinete e das cortinas, pela cooperação de Espíritos de ínfima classe. Em tais casos, têm sempre uma excusa para não exibir ao público o seu "modus operandi". Dirão que depois explicarão porque não podem divulgar os seus segredo, enquanto ele for seu ganha-pão. Muitos desses impostores têm conseguido atrair numerosos assistentes e colher da parte dos inimigos do Espiritismo o auxílio que os adeptos não lhes dariam.

Qualquer expositor que afirmar ser a clarividência e a pneumatografia fraudes demonstráveis, pode com certeza ser considerado como mistificado por si mesmo ou um petulante mistificador. Sua pretensão ao título de emérito prestidigitador não passa de uma suposição e, no geral, conhece que ela é falsa. Seguidamente, durante os últimos trinta e três anos, recebi cartas de amigos que, confiando muito em sua própria sagacidade, me informavam de que certos fenômenos, que eu havia proclamado como genuínos, estavam provados pelo expositor ambulante como simples embustes. Em todo o caso o "expositor" acaba sempre por ser conhecido como impostor ou pretensioso pantomineiro; e então nenhum dos fenômenos geralmente aceito

pelos investigadores cuidadosos e experimentado no mundo todo será apeado de sua verdadeira base.

O fato de muitas pessoas que se dizem espíritas ter prejudicado a sua causa, recorrendo à luz mediúnica para resolverem seus negócios e assuntos domésticos, sob a inspiração de sua própria razão e sentimento de direito, tem feito nascer um amontoado de prejuízos, entre os que não investigaram por si mesmos os fenômenos. Se o investigador deseja realmente a verdade, depressa se libertará das objeções que podem ter-se originado da credulidade dos neófitos ou das fraudes dos médiuns mercenários. Ficará sabendo que há fenômenos genuínos justificando a crença em uma força sobre-humana e espiritual. Se o grande assunto tem sido vituperado, a culpa é toda daqueles que daí fogem cautelosamente.

Um eminente jurisconsulto, ocupando uma das mais altas posições judiciárias por escolha do povo de seu Estado, em data de 10 de Julho de 1880, escreveu o seguinte:

"Minhas primeiras tentativas em experiência deram-me a convicção de que eu havia caído nos laços da fraude, e os princípios perigosos e imorais, professados pelos que pareciam ser chefes da Causa, impediram que por alguns anos me ocupasse com isso. Nos últimos seis anos, porém, tendo a causa sida expurgada de muitas dessas fraudes, a luz me veio casualmente. Trabalhando nesse assunto durante trinta anos e tendo observado a sua evidência nos últimos doze anos, dei-lhe o melhor das minhas faculdades, sempre dirigido por um gênio naturalmente céptico, e consegui convencer-me de duas grandes verdades elementares, a saber: a continuação da existência depois da morte e a comunicação dos que foram com os que estão encarnados. Levado a essa conclusão, admiti somente aquilo que, sob o ponto de vista da evidência, resistisse ao mais severo e céptico escrutínio da razão, libertada da credulidade e das superstições."

A teoria espírita ensina que a vida continua; que a palavra imortal deve ser tomada no sentido etimológico, exprimindo - o que não morre. A continuidade do ser não é então mais que um efeito natural de causas presentes. Desse modo, o inquérito em busca de uma crença na existência de órgãos espirituais e faculdades da compleição humana, manifestando sempre o seu trabalho na vida terrena e formando a base da vida comum a este e ao seguinte estado do ser, torna-se um processo estritamente científico e experimental, jogando com as mais delicadas e recônditas partes da ciência fisiológica, ou com os desenvolvimentos psico-fisiológicos da nossa natureza mista. E por terem confundido o fato de uma vida futura com as questões especulativas teológicas e religiosas, que chegaram à conclusão de ser esse fato colocado fora das raias da verificação científica.

Há pessoas piedosas que declaram que, a não ser pela autoridade da Bíblia, não têm motivos para crer em Deus e na vida futura. Sobre isso, John Page Hopps observa eloqüentemente:

"O que poderá, dizer ao povo, que só concebe a vida futura como a restauração de um corpo dissolvido, aquele que, sem refletir e dirigido por inculto instinto animal, despreza com zombaria a asserção de ser o Espírito uma realidade maior que o corpo, ou que nos diz que só crê na imortalidade porque ela se acha consignada nos textos da Bíblia, livro que não é infalível? Pouco importa que o povo seja bom, fervoroso ou cultivado em outro sentido; suas idéias relativamente ao Espírito e a vida espiritual mostram que, nesse tremendo assunto, eles não são mais que meninos... A primeira coisa a fazer-se, é colocar toda a questão fora da região do mistério, da falsidade, da fantasia e do temor, e chamá-la para do frio raciocínio e, se for possível, para a experimentação científica."

E' isso precisamente o que a inteligência, que se manifesta pelos chamados fenômenos espirituais, parece incitar-nos a fazer.

"O Espiritismo, disse o falecido Doutor Hallock não um problema novo que deva surpreender os discípulos da Ciência; através de todas as idades, ele bateu à porta de todos os pensadores, pedindo uma solução. Em falta desta, o pensamento popular, mal dirigido por uma, teologia completamente cega e caduca, envolveu numa mortalha a imortalidade de sua própria crença e converteu-a em um espantalho, transformando a mais bela e sublime operação, pela qual a Humanidade é glorificada, em um horrível esqueleto a que deram o nome de morte, fazendo dela o objeto do mais profundo horror. Competia a Ciência despojar desses andrajos o Espírito imortal. Porque não o fez?"

Os fatos que têm sido concludentemente corroborados pelos fenômenos do sonambulismo, mesmerismo e Espiritualismo, foram, nos últimos cem anos, olhados como demonstração da crença, persistente entre todas as raças de homens, em todas as épocas, de que, apesar da dissolução do seu invólucro físico, o homem individual, com todas as faculdades da sua natureza mental, moral e emocional, sobrevive e, em condições apropriadas, pode dar provas de sus sobrevivência, àqueles que deixou na Terra. Todas as teorias genésicas cia crença na imortalidade, que não admitirem, como um fator importante original, um conhecimento obtido, pelo método experimental, dos fenômenos atuais, objetivos e subjetivos, são defeituosas e ilusórias.

"A imortalidade da alma - diz o Senhor A. M. Fairbairn -, apesar de sua importância capital, dificilmente pode ser considerada como uma crença religiosa primitiva. Ela implica concepções demasiado abstratas e positivas para serem compreendidas pelo homem primitivo, o qual não podia crer naquilo que não compreendia."

O Espiritismo contradiz essa asserção. A vida futura era concebível pelo homem primitivo, porque ele tinha provas objetivas da existência de seus parentes e amigos falecidos, com organismos dotados de novas e mais extensas faculdades. Não havia necessidade de raciocínios metafísicos para convencê-lo desse fato, mais que de qualquer outro igualmente misterioso da Natureza, confirmado pela evidência de seus sentidos e por seus limitados poderes de raciocínio.

O Senhor Herbert Spencer, na “Fortnightly Review”, de 1° de Maio de 1870, exprime a sua opinião de que a crença em uma dupla personalidade pode ter sido originada entre os selvagens pela visão do movimento de suas sombras, ou da reflexão de seus rostos na água; e, para corroborar essa fantástica noção, ele cita a relutância que certos selvagens manifestam quando se lhes deseja tirar o retrato. Não se pode duvidar de que haja tolos entre os selvagens, como os há no seio dos povos civilizados; mas é uma afirmação arbitrária supor-se que os selvagens geralmente sejam tão pouco observadores das relações entre a causa e o efeito, a ponto de terem falsas noções sobre a causa de uma sombra, em movimento ou estacionária. A grande coleção de retratos de personagens eminentes das tribos índias, em poder do Governo dos Estados Unidos, é uma prova de que eles não se opõem a que os retratem.

Todas essas pretensiosas tentativas de explicações procedem de se ignorar o fato de quase todas as raças selvagens terem tido provas dos fenômenos espíritas objetivos, pois que esse é o motivo pelo quais bem poucos deles descrêem da dupla personalidade. O fenômeno das manifestações de formas palpáveis pelos supostos Espíritos é bem conhecido dos índios norte-americanos.

Disto estou certo por informações do meu correspondente, o Senhor Granville T. Sproat, agente do Governo, há muito residente entre os índios do Lago Superior, e que testemunhou

publicamente o fato. Índios inteligentes estão persuadidos de que seus amigos mortos têm reaparecido sob formas palpáveis e, às vezes, tomado parte em suas danças.

Tão longe quanto a História alcança, as faculdades da adivinhação e da clarividência têm sido consideradas por muitos investigadores como um dom da alma humana desenvolvida em alguns dos seus estados, sob a influência de condições peculiares, ou, por outra forma, um indício de ação espiritual independente, Desde Pitágoras até Platão, de Platão até Plutarco, e de Plutarco até dezenas de milhares de testemunhas competentes do século décimo nono, esses fenômenos têm sido admitidos. Si divinatio est dü sunt" (se a adivinhação existe, existem os deuses ou Espíritos), é um antigo provérbio latino. A dedução é legítima.

Há, porém, fenômenos físicos que completam e confirmam essas indicações de faculdades transcendentes da percepção. Consideremos um desses estupendos fatos de pneumatografia (4) ou escrita independente. Seguro uma lousa limpa ou coloco em uma gaveta fechada um pedaço de papel branco, e, depois de alguns segundos, a lousa ou o papel se mostram cobertos de uma escrita inteligível. Direis que isso é fisicamente impossível. Pode ser, mas como o fato se dá, atestado pelos nossos sentidos e pelo nosso bom-senso, segue-se que ele é espiritual ou psico-fisicamente possível, isto é, que não pode ser explicado por nenhum processo puramente físico, mecânico ou material conhecido na mais adiantada ciência, ou concebível como independente da alma.

(4) Allan Kardec emprega essa palavra para exprimir a escrita direta espiritual, deixando a psicografia, para exprimir a escrita que é feita pela mão do médium.

"Terei motivo, disse, John Wesley, para negar fatos tão perfeitamente atestados, só porque não posso compreendê-los? Uma das objeções capitais que me apresentam, é a de não ter eu mesmo visto uma aparição; mas também nunca vi cometerem

um assassínio, e por isso não julgo o fato impossível.” Wesley viveu ainda para ver em três ocasiões aquilo que ele acreditava ser uma aparição. Se quiser pôr em dúvida o fato da escrita independente, precisam classificar entre os mentirosos ou entre os alucinados aqueles que dão testemunho disso. Quando, porém, o caráter e a magnitude do testemunho dado ao fato são bem apreciados, a tentativa de repulsão por meio de acusações de falsidade ou imbecilidade, sobre dezenas de milhares de indivíduos que o verificam, poderá pelas pessoas criteriosas ser julgada uma evasiva sem fundamento, em oposição direta com os princípios da ciência experimental.

“A Ciência, diz John Stuart Mill, é uma coleção de verdades. Emprega a seguinte linguagem: Isto é, ou não é, isto se dá, ou não se dá. A Ciência toma conhecimento de um fenômeno e procura descobrir suas leis.”

Estendemo-nos muitos sobre os fatos provados de pneumatografia, porque são os que têm sido e precisam ser experimentalmente bem firmados. Se o fato tem sido rejeitado, é, eu o repito, devido à sua incompatibilidade com os métodos experimentais da Ciência. Eles são uma prova concludente, fornecida em plena luz do dia, da independência da alma e de um organismo visível, da ação de uma força inteligente fora do corpo humano, operando freqüentemente à distância de sete ou mais metros, nas mais simples e satisfatórias condições, e sendo isso tão facilmente verificável que somente a extrema incredulidade, que não é senão o equivalente de uma insensata credulidade, pode levar uma pessoa a pôr em dúvida a ocorrência do fenômeno, depois de haver sido testemunhado ou bem apreciado pelo testemunho dado em seu favor. “Uma boa experiência, diz Sir Humphrey Davy, vale mais que a perspicácia de um intelecto como o de Newton.”

Permiti-me aqui resumir a minha experiência pessoal, que em outra ocasião narrei detalhadamente. Apresento-a, não como

absolutamente conclusiva, mas como completa, relativamente à mesma experiência feita por milhares de observadores competentes e por eminentes cientistas de todas as partes do mundo. Tomei uma lousa inteiramente nova e ainda não servida, por mim comprada vinte minutos antes, e apresentei-a ao médium, Carlos E. Watkins, em Boston, no dia 18 de Setembro de 1877. Era um dos chamados livro-lousa, com sólida capa de papelão. Busquei conhecer bem tudo o que se sabia de desfavorável aos médiuns em geral, e a esse em particular.

Depois de manifestar a sua clarividência, dizendo-me o que estava escrito em algumas dúzias de pedacinhos de papel, que eu havia enrolado e misturado, de modo a não mais poder eu mesmo distingui-los uns dos outros, ele permitiu-me segurar a minha própria lousa e conservá-la afastada dele na minha mão esquerda, depois de haver eu deitado sobre a lousa um pedacinho de lápis com a dimensão de metade de um grão de arroz. O médium assentou-se a três pés de mim, e nenhuma vez tocou na Lousa. Apesar de não ter havido oportunidade para que ele aí imprimisse qualquer sinal, sem eu sabê-lo, verifiquei ainda se a lousa estava perfeitamente limpa. De repente, ouviu-se um som semelhante ao que produz o lápis escrevendo numa lousa, e, em menos de dez segundos, um golpezinho dado sobre ela. Abri-a e aí vi escrito a nome de uma amiga falecida, Ana Cora Mowatt. Repeti essa experiência muitas vezes e com o mesmo êxito, obtendo nomes e comunicações de amigos, o que seria menos extraordinário se o médium os tivesse conhecido; isso não se dava entretanto.

Em uma ocasião, na mesma sessão, consegui uma comunicação de cinqüenta e duas palavras, escrita com extraordinária celeridade. A escrita era clara e legível. Conservo-a ainda. O médium e eu éramos as únicas pessoas presentes, e a luz meridiana inundava a sala. Não era possível fugirmos ao pensamento de que um grande fenômeno,

compreendendo a clarividência e o movimento inteligente, sem quaisquer auxílios manuais, mecânicos ou químicos, se produzia diante de nós. Se o fato existe, se não é o fruto de uma alucinação, não temos mais necessidade de escrever livros para provar que o materialismo, que restringe todas as operações da alma aos movimentos do cérebro material, no sentido humano da palavra, é um erro. Se eu tivesse de rejeitar ou pôr em dúvida o testemunho que os meus sentidos e o bom-senso me deram nessa ocasião, considerar-me-ia incapaz de atestar qualquer outra ocorrência visível. Nenhuma hipótese de impostura a razão podia descobrir, não havia aí nenhum conchavo entre seres terrestres, e as condições foram escolhidas de modo a excluir rigorosamente qualquer fraude. Nada ficava na dependência do caráter moral do médium; e, se no dia imediato, ele fosse apanhada enganando, isso em nada afetaria as minhas convicções, a menos que o “modus operandi” fosse explicado de tal modo a eu observar que, com a precisa prática e destreza, outro podia produzir a mesma manifestação.

O fenômeno não era novo para mim. Muitos anos antes colhera eu provas da escrita independente sobre o papel, em presença de Colchester, médium inglês que faleceu jovem. Nunca, porém, segurei eu mesmo a minha lousa, nova e limpa, sem ela ser tocada por qualquer outra pessoa; ouvira o ruído do lápis que escrevia independente de qualquer processo físico conhecido, químico ou mecânico. Se não existisse uma evidência que corroborasse os milhares de testemunhos de outros investigadores, alguns de alta reputação científica, eu poderia sentir alguma hesitação em narrar a minha própria experiência, temendo a natureza do fato. Mas, a autenticidade do fato é hoje tal, que, apesar do cepticismo sempre escusável, a pronta negação do fenômeno só poderá proceder da ignorância ou da negligência.

Um moderno escritor escocês que acusa os espíritas de se mostrarem incapazes de dar o devido valor à afirmativa da experiência geral, escreveu:

"Um homem profundamente convencido da enorme improbabilidade de poder-se testemunhar uma revogação das seqüências sempre vistas como invariáveis, ou da introdução de uma força que não figura na experiência universal, dificilmente poderá, quaisquer que sejam os seus defeitos, tornar-se o devotado adepto e o expositor de uma ilusão como é o Espiritismo."

Apanhadas de relance, tais palavras parecem justas; mas são realmente tão destituídas de razão como a incredulidade do tropical que não acreditasse no endurecimento da água por nunca ter visto gelo. Ele aprecia demasiado aquilo a que os nossos críticos chamam a enorme improbabilidade da existência de uma força que não figura nas suas experiências nem nas de sua tribo.

Todo o argumento contrário se resume no seguinte: “O testemunho negativo de muitos, deve suplantar a afirmação de poucos.” O testemunho negativo de mil pessoas que nunca viram um caso de sonambulismo ou a queda de um meteoro deve suplantar, segundo eles, o de dez observadores cuidadosos! Onde iria parar a Ciência, se esse princípio fosse generalizado?

As pessoas que desprezam um fato da Natureza, por não ser ele conhecido e aceito pela maioria, têm uma inteligência tão acanhada e tão pouco racional como a do índio incrédulo. “Como sabemos, pergunta o falecido professor Morgan, que as seqüências são invariáveis, que o que se tem dado se há de dar sempre?” O argumento, porém, não tem essa força compressiva. O espírita não é obrigado a crer na revogação das seqüências invariáveis. Os fenômenos psíquicos têm sido reconhecidos pelos poucos homens inteligentes que os observaram, e são

acreditados por muita gente em todas as épocas, exceto talvez na nossa.

Em uma obra póstuma de George Henry Lewes, sobre Psicologia, lê-se:

"Um veemente desejo de algumas provas diretas da continuação da vida depois da morte tem levado centenas de pessoas a aceitarem as mais grosseiras imposturas do Espiritismo, imposturas que se contrapõem às sólidas experiências da raça, e que só se apóiam em uma credulidade emocional, na falta absoluta de um conhecimento direto."

Não há dúvida de que tem havido grosseiras imposturas, que iludem mesmo os experimentados investigadores. O homem que passa moeda falsa não é aquele que põe em dúvida uma moeda, ou recusa receber alguma, boa ou má; mas sim aquele que tem motivo para conhecer se é verdadeira a maioria das moedas em circulação. Mas, é absolutamente inverídico dizer-se que a maior parte das experiências têm sido opostas à crença nas manifestações espíritas. Ao contrário, muitos dos homens mais eminentes têm acreditado nelas. O fato é tão notório que aqui não tomarei espaço recordando alguns dos seus nomes.

Foi somente no decurso do último meio século que o cepticismo e o materialismo se popularizaram tanto, que chegaram mesmo a dar algum colorido de verdade à observação do Senhor Lewes. Está muito longe de ser uma verdade que a crença fosse a causa das conversões, quando a maioria dos convertidos saiu de uma classe tão firmada em sua incredulidade nas coisas supra-sensíveis, que somente provas objetivas da mais decisiva espécie poderiam atrair-lhes a atenção.

Conforme confessa o próprio Senhor Lewes, ele vacilava muito em psicologia. Se sua vida terrena se prolongasse um pouco mais, suas conclusões talvez fossem modificadas a respeito dos nossos fenômenos - asperamente opostos como ele

foi a um sistema que, sendo reconhecido verdadeiro, arruinaria muita das suas engenhosas especulações.

Permiti que eu resumisse o assunto das minhas experiências pessoais nos fenômenos psico-físicos que, começando no ano de 1835, se foram multiplicando até à época em que escrevo esta obra. Na tarde de sábado, 13 de Março de 1880, o Rev. José Cook veio a minha casa, trazendo consigo quatro de seus amigos, dois cavalheiros e duas damas, sendo uma delas sua esposa. Watkins tinha prometido vir, a pedido do Senhor Cook (não a meu), e apresentou-se antes da chegada dos outros. Ele trouxe consigo o Senhor Henry G. White, cavalheiro cujos pais me eram bem conhecidos, e que apenas havia uma semana se tinha relacionado com o Senhor Watkins, produzindo alguns fenômenos na sua presença. Achando-o profundamente interessado, o médium o havia trazido, e o Senhor White tinha parado em uma loja e comprado cinco ou seis lousas pequenas.

Refiro-me assim particularmente às exatas relações do Senhor White com as experiências, porque os únicos pontos importantes apresentados pelo Senhor Cook, como nada satisfatórios, foram à presença do Senhor White e o fato de serem empregadas às lousas deste e não as que ele havia trazido, e que eram encaixadas em espessas capas de madeira.

Posso responder, pelo Senhor White, que ele não era mais amigo do médium que o próprio Senhor Cook, e, como todos nós, não era mais que um sincero investigador da verdade, e tão interessado como qualquer de nós na averiguação daquilo que se assemelhasse à fraude.

Tinha sido anunciado que o Senhor Cook, na sua prédica da segunda-feira seguinte, apresentaria o resultado de suas experiências em minha casa. A velha igreja escocesa de Boston regurgitava de povo nesse dia. A sessão efetuou-se em minha biblioteca, onde, inclusive eu e o médium, achavam-se presentes nove pessoas, das quais três eram senhoras. Eis o que disse o

Senhor Cook em sua prédica de 15 de Março de 1880, apresentando os seguintes pontos satisfatórios

l° - Cinco fortes bicos de gás, sendo quatro no lampião ou lustre, e um na posição que correspondia ao centro da mesa, iluminavam a biblioteca onde se efetuavam as experiências.

2° - Em tempo nenhum as lousas, onde apareceu à escritura supranormal, foram afastadas das nove pessoas que as observavam. A escritura não foi feita sobre lousas seguradas por baixo da mesa, como se dava com Slade em Londres e em Leipzig.

3° - Todos os observadores empregavam o maior cuidado no exame da limpeza das lousas, antes de serem elas justapostas umas às outras.

4° - Durante a primeira experiência, nove pessoas conservaram, cada uma delas, uma ou duas mãos acima e abaixo de duas das lousas. As mãos do médium estavam entre as outras, e ele com certeza não as tirou da sua posição, enquanto ouvíamos o som do lápis que escrevia.

5° - Cada observador havia escrito, em um pedaço de papel fornecido pelo médium, o nome de um amigo falecido e uma pergunta feita a este. Todos esses pedaços de papel foram enrolados apertadamente, os rolinhos promiscuamente reunidos sobre a mesa, de modo a ninguém poder distinguir qual o seu. Cerca de meia dúzia de nomes foi corretamente dada pelo médium quando os papeizinhos estavam enrolados. Ali nada se aventurou sobre o método pelo qual o obtivera esse conhecimento. Um dos dois rolinhos, que eu houvera posto sobre a mesa, continha as seguintes palavras: "Warner Cook. Em que ano meu pai nasceu?" Era uma questão a que responderia qualquer pessoa que pudesse ler os meus pensamentos. No outro papel escrevi uma pergunta cuja resposta eu ignorava, e esta não veio. O médium, que com certeza não podia ter visto o que escrevi, por não se achar na sala na ocasião, deu-me

corretamente o nome de meu avô aí contido. Disse-me também corretamente o nome escrito no segundo papel; atribuo isso talvez ao fato de ter ele lido o meu pensamento. O médium escreveu sobre uma lousa: "Desejo que saibais que eu posso vir. Há tanto tempo eu procurava alcançar vocês. - W. C."

Julguei que houvesse nisso fraude, não obstante me dizerem que vinha de um Espírito.

O médium, em todo o caso, começou a sofrer, fazendo contorções singulares, e disse ser isso o resultado dos esforços de um Espírito para se comunicar com ele. Tive muitas dúvidas a esse respeito, e, como todos os outros, prestei muita atenção a esses movimentos. Ele colocou, diante dele, duas lousas sobre uma mesa, e sobre cada uma delas assentou uma de suas mãos com a palma para baixo.

Parecia estar fazendo um extremo esforço de vontade, e disse não poder garantir o resultado da experiência, Cortando um pequeno fragmento de lápis de pedra, não maior que quatro ou cinco vezes as dimensões de uma cabeça de alfinete, colocou-o sobre uma das lousas e pediu a todos verificarem que ela estava limpa, Nos o fizemos de um modo satisfatório, à plena luz de cinco bicos de gás. Em seguida, juntou as lousas, mantendo entre elas o pedacinho de lápis, e pediu que todos segurássemos nas molduras das mesmas. Puxou minhas mãos para junto das suas e deu-me muitos toques nas costas de uma delas. Entretanto, seu rosto manifestava grande esforço de vontade e energia, parecendo estar em luta de volição; e suas feições mudavam, adquirindo uma expressão de grande vigor e determinação; contudo, enquanto o observávamos, as lágrimas lhe saltavam. Foi nesse transe que a audição da escritura começou e continuou.

6° - Enquanto doze mãos, em plena luz, seguravam fortemente as lousas, ouvimos distintamente o som peculiar de um lápis de pedra escrevendo entre as lousas. Eu disse: silêncio!

por uma ou duas vezes, e, no mais perfeito silêncio, todos ouvimos o ranger do lápis entre as lousas.

Depois vimos o fragmento de lápis que tinha sido empregado, e notamos que estava gasto pela fricção da escrita.

7° - A escrita encontrada em uma das lousas, quando foi descoberta, era a resposta a minha pergunta e dizia: "Julgo que foi em 1812, mas não estou bem certo. Warner Cook."

A data era correta. A dúvida expressa na minha pergunta não existia no meu pensamento, porque eu conhecia a data. Contudo, durante a escrita, não pensara nela, pois esperava apanhar o médium em flagrante.

8° - Em uma segunda experiência, o médium encerrou as lousas às nossas vistas, depois de terem sido limpadas com uma esponja molhada, que eu mesmo trouxera de um gabinete do Senhor Sargent, e enxugadas com o meu lenço em presença de todos, quando estavam sobre a mesa. Tínhamos resolvido que nenhum ditado visível fosse conservado nas lousas, que pudesse ter sido feito por um artifício manual ou antes de nos termos reunido. Depois de terem sido elas cerradas sobre o lápis, o médium, a meu pedido, prendeu-as por duas fortes braçadeiras de bronze, uma em cada extremidade. (O Senhor Cook apresentou essas braçadeiras ao seu auditório.) Feito isso, as lousas foram por ele postas na minha mão direita, que estendi em todo o comprimento do meu braço, por cima das costas da minha cadeira para o espaço vazio da sala, enquanto a minha mão esquerda ficava sobre a mesa. O médium, por duas ou três vezes, voltou à lousa que eu tinha na mão, e depois tornava a assentar as suas mãos sobre a mesa, onde, com as dos outros todos, ficavam sempre à vista. Nessa posição conservei as lousas por alguns segundos, prestando-lhes atenção, assim como ao médium. Este parecia não estar fazendo esforço particular de vontade. Quando as lousas foram separadas, encontramos em uma das suas faces a seguinte frase em tipo feminino: "Deus vos

abençoe a todos. Aqui estou. Vossa afetuosa amiga, Fanny Conant." Nunca tinha ouvido falar dessa pessoa, mas seu nome era conhecido por alguns dos presentes; como sendo o de uma médium falecida há pouco e muito conhecida em Boston.

9° - Um dos observadores que, por convite meu; assistia às experiências, era o médico de minha família, Doutor F. E. Bundy, de Boston, graduado pela Escola Médica de Harvard, homem dotado de grande calma e perspicácia e sem disposições para aceitar a teoria espírita. Outro dos observadores era o Senhor Epes Sargent... (5).

(5) Omito aqui um cumprimento todo pessoal.

Dos nove observadores, a maioria não só não era espírita, como estava completamente prevenida contra os reclamos feitos em favor do médium que dirigia as experiências. Sem perda de um instante, o Doutor Bundy e eu tomávamos notas dos fatos, como se iam dando.

10° - Entre os nomes escritos nos rolinhos, e que foram lidos corretamente, estava o de um oficial do Exército regular, morto em uma das escaramuças preliminares da batalha de Wilderness. O narrador do fato conhecia esse oficial e as circunstâncias da sua morte. O médium, ao pronunciar o nome do oficial, caiu de costas com um movimento vivo e rápido, como o que faz uma pessoa ferida no coração. Depois de alguns segundos, ele escreveu na lousa a palavra - baleado.

11° - As mãos de todos nós estavam colocadas sobre as lousas na primeira experiência, de modo a tornar inaplicável aos fatos a teoria da fraude pelo emprego de lápis magnético. Um dos observadores colocou uma de suas mãos aberta contra a face inferior, e a outra sobre a face superior das lousas que, seguras pelos assistentes, se achavam de seis a dez polegadas acima da superfície da mesa. Nenhum ímã oculto nas mangas do médium podia ter sido utilizado para mover o lápis.

12° - Ao encerrar-se o trabalho, todos unanimemente assinaram um papel ali apresentado, no qual se declarava que a teoria da fraude não podia explicar os fatos observados. Não podendo explicar a produção da escrita pelo movimento da matéria sem contacto, às opiniões divergiam, querendo uns que o lápis fosse movido pela vontade do médium, e outros pela de um ou mais Espíritos atuando por intermédio dele.

Relatório dos observadores das experiências psicografias do Senhor Sargent, em Boston, a 13 de Março de 1880.

Na residência do Senhor Epes Sargent, na tarde de sábado, 13 de Março, os abaixo assinados viram duas lousas limpas e ajustadas uma à outra, contendo entre si um pedacinho de lápis de pedra. Reunimos todos as nossas mãos, segurando os caixilhos das lousas. As mãos do Senhor Watkins, o médium, também seguravam as lousas. Nessa posição, todos distintamente ouvimos o ranger produzido pelo movimento do lápis, e, separando-se as lousas, achamos aí uma mensagem escrita por mão masculina, respondendo à pergunta feita por um dos pretentes.

Depois, duas lousas foram presas uma à outra com fortes braçadeiras, e seguras pelo Senhor Cook, com o seu braço estendido, enquanto todos os outros e os médiuns conservavam as mãos sobre a mesa, plenamente visíveis. Depois de um momento de espera, as lousas foram separadas, encontrando-se uma mensagem escrita por mão feminina em uma das faces internas. A sala esteve sempre iluminada pela luz de cinco bicos de gás.

Não podemos aplicar a esses fatos nenhuma teoria de fraude, e não vemos como explicar a escritura, a não ser que a matéria do lápis se tenha movido sem contacto.

Boston, 13 de Março de 1880.

F. E. Bundy, médico.

Epes Sargent.

John C. Kinney.
Henry G. White.
Joseph Cook.
Notai agora os pontos não satisfatórios dessas experiências:
1° - A minha atenção foi, muitas vezes, desviada do médium pelo convite que me fazia ele de colocar a ponta do meu lápis sobre os rolinhos de papel, passando docemente de um a outro.
Convém saber-se que o mesmo convite era feito ao Senhor Sargent, apesar de que, se o seu fim era distrair a atenção de alguém, não era este, mas sim o Doutor Bundy que devia ser o escolhido, por ser contrário à admissão dos fatos, e a arma que ele primeiro devia encravar. A atenção do Dr Bundy não foi desviada por um só instante, convindo também acrescentar que, nos momentos que me pareciam importantes, a minha atenção igualmente não o foi.
2° - Por duas ou três vezes o médium e um amigo, que ele trouxera (6), deixaram a sala juntos, sem que eu nada soubesse acerca do que iam conferenciar. E de supor que seu fim era fazer com que esse amigo não fosse considerado como aliado.
(6) O Senhor White de quem já falamos.
3° - O médium prontamente se mostrou contrariado, quando se lhe propôs o emprego das braçadeiras de bronze, mas, depois, concordou.
4° - As lousas trazidas pelo amigo do médium foram às empregadas na experiência, ao passo que as minhas não foram aceitas.
O motiva alegado para a rejeição das minhas lousas foi o fato de terem capas de madeira, que é má condutora das influências elétricas. Apesar de as braçadeiras não prenderem melhor as lousas do que as mãos que as seguravam, concorriam também para isso e devem ser mencionadas na narração feita ao público. Se eu de repente caísse em transe, ou fosse mesmerizado, enquanto segurava as lousas, as braçadeiras

conservam-las-iam unidas; e algum dos assistentes, que não estivesse em transe, observaria o acontecimento.

No todo, os pontos não satisfatórios não suplanta seus contrários, confessando os observadores a sua incapacidade para explicarem a produção da escrita sem admitirem o movimento livre de contacto.

Nessas experiências, não ficou decidido se a força que movia o lápis era produzida pela vontade do médium, por um Espírito, ou por ambos.

Não temos a presunção de expor como o movimento foi produzido, mas diremos que a escrita não pode por nós ser explicada, sem admitirmos o movimento do lápis sem contacto.

Sem dúvida alguma esses fatos, assim estabelecidos, mesmo no caso de não sabermos se a força procede do médium ou dos Espíritos, subvertem totalmente a teoria mecânica da matéria, reprovam todas as hipóteses materialistas e assentam as bases da Física transcendental ou de um mundo novo na Filosofia.

Apareceu ultimamente na Alemanha um jornal tratando dos fenômenos psíquicos. E' escrito por Leeser, médico candidato a uma cadeira da Universidade de Leipzig, e intransigente defensor da teoria de que a força psíquica explica todos esses fenômenos e que ela procede exclusivamente do homem. Saí da biblioteca do Senhor Sargent convencido de que o ponto capital a debater está entre essa teoria e a adotada por Zollner e Crookes, de proceder essa força dos homens e dos Espíritos. Qualquer que já o resultado final das experiências dos que se dedicam ao estudo dos fenômenos psíquicos, é quase certo hoje que as investigações se concentrarão dentro das linhas traçadas por essas duas teorias rivais."

Visto ter sido o Senhor Cook muito atacado por alguns jornais religiosos por dar testemunho do que vira, deixai que vos apresente, em aditamento às suas observações, uma experiência.

Na tarde de 8 de Junho de 1880, o Senhor Watkins veio a minha casa e propôs que fizéssemos uma sessão. Como o dia estava um pouco frio, fomos para a sala de jantar, onde havia fogo, assentamo-nos junto a uma grande mesa coberta com um pano verde. As dimensões da sala eram de 5,80 por 6,50 metros.

Além do médium e eu, estavam presentes a Senhora E. e a Srta. W., ambas pertencentes à família, e das quais a última vira pela primeira vez o Senhor Watkins, quando a chamei para tomar parte na sessão. Fechamos as duas portas para evitar qualquer interrupção. Sobre a mesa colocamos sete lousas, duas trazidas por mim e que nunca haviam servido, o livro-lousa que fora empregado na minha primeira experiência com o médium, em 1877, e quatro lousas pequenas, trazidas pelo médium e cuidadosamente umedecidas e enxugadas por mim. Além disso, havia na mesa papel e lápis.

Assentamo-nos de um lado da mesa durante as experiências, que foram feitas à plena luz do dia, ao passo que o médium ficou do lado oposto, ora junto à cabeceira e ora caminhando pela sala, de modo que toda a sua figura podia ser vista em qualquer tempo. Primeiro,. pusemos duas das pequenas lousas, uma sobre a outra, contendo no vão um pedacinho de lápis, e seguramo-las pelos caixilhos. O ruído do lápis fez logo ouvir, e, tomando a lousa inferior, nela depois encontramos escrito o seguinte, em grandes e bem legíveis caracteres: “Aqui estou. - Lizzie.”Antes da experiência, tínhamos verificado que as lousas estavam perfeitamente limpas. Tinha-as eu lavado e enxugado com cuidado. A substituição das lousas por outras era impossível.

A mensagem foi produzida enquanto a Srta. W. segurava as lousas, e o médium, sem aí tocar, se achava cerca de 1 m. e 20 de distância. Nas minhas duas lousas, novas e perfeitamente limpas, seguras pelo médium diante de todos, foram escritas duas mensagens, uma de dez palavras e assinada com o nome de meu pai, dirigida a mim; a outra, de três palavras, dirigidas à

Srta. W. , e assinada por um jovem amigo falecido, de quem nunca o médium ouvira falar.

Uma vez as duas damas seguraram cada uma um par de lousas, e em ambos os pares simultaneamente produziu-se à escrita, sem que o médium, conservando-se do outro lado da mesa, aí houvesse tocado.

Propusemos então servir-nos do livro-lousa. Ele tinha anteriormente sido escrito nas duas faces internas, e eu me opunha a que essas escritas fossem apagadas. Uma, delas era uma carta de sessenta palavras, obtida alguns anos antes por intermédio do Senhor Watkins e assinada com o nome da minha irmã Lizzie; e a outra continha apenas as seguintes palavras: “Vossa tia Amélia está presente”, obtida por um outro médium, o Senhor W. H. Powell (7). Afinal consenti na extinção da última escritura, contanto que isso fosse feito pela força desconhecida, aparentemente em ação. Tomando as lousas, em uma das quais se conservavam as escritas anteriores, fechei-as e passei-as às mãos do médium, que as segurou diante de todos. Ouvia-se logo o ruído do lápis, e em menos de doze segundos as lousas me foram devolvidas. Abri-as, e na face de onde a inscrição fora apagado, cuidadosamente, lia-se o seguinte: “Meu caro irmão: - Fui eu quem limpou a lousa. Vossa irmã - Lizzie.”

(7) O Banner oi Light, de 17 de Julho de 1880, falou dos trabalhos mediúnicos importantes obtidos em Rochester pelo Senhor Powell, em condições de não ser possível qualquer suspeita de embuste, e sob a inspeção de uma comissão de físicos e químicos de nomeada, como os Srs. Doutor Wn. Paine, Doutor Rouben Carter, B. F. Dubois, John P. Hayes, Alfred Lawrence e F. J. Keffer, os quais declararam não poder explicar as manifestações psicológicas produzidas por intermédio do Senhor Powell, em 1879, em Filadélfia.

Deixo de enumerar as muitas provas satisfatórias de clarividência independente (não a leitura de pensamento), que obtivemos nessa notável sessão. Elas elevaram-se a quinze. Tem-se dito que a leitura do pensamento e a clarividência não são mais que o exercício de uma mesma faculdade, havendo em um dos casos uma percepção de pensamentos, e, em outro, uma

percepção de objetos. Falta-nos o espaço para discutir a questão. Simplesmente direi que a descoberta de um pensamento pode proceder do olhar ou do movimento de um cérebro em relações simpáticas com outra, justamente como a vibração de uma corda musical afeta á de outra da mesma espécie, colocada em uma sala diferente. A leitura, porém, do que se acha escrito em um papelucho bem enrolado, e sem ser conhecido pelos assistentes, parece ser alguma coisa mais difícil e inexplicável do que a leitura do pensamento. Cumpre lembrar que todas essas experiências se efetuaram à plena luz do dia e que as lousas e os rolinhos de papel nunca foram afastados de nossas vistas, por um momento que fosse.

O último e capital incidente da tarde foi o seguinte Eu havia escrito o nome de minha mãe em um desses papeluchos enrolados, nos quais o médium não tinha tocado. Tomando duas lousas justapostas, ele, após mostrar-nos que estavam limpas, colocou-as sobre uma mesinha a um canto da sala. Depois, tendo julgado melhor, entregou as lousas, por mim examinadas, à Srta. W., e foi postar-se no ângulo oposto da sala, a uma distância maior de sete metros, na linha diagonal, convidando que nos certificássemos bem de que estavam limpas, destruindo assim qualquer idéia de terem sido substituídas, visto não lhe provir disso vantagem alguma. Disse ele, à Srta. W., que as colocasse com as suas mãos sobre a mesinha. Apenas ela o havia feito e tornado ao seu lugar, o médium pareceu violentamente agitado, e, passando por cima da mesa, segurou a mão da Srta. W. O paroxismo, porém, só durou um momento; o ruído do lápis, escrevendo na lousa distante, foi ouvido, e o médium, conservando-se a sete metros de distância, disse à Srta. W. que fosse buscar as lousas e mas entregasse. Ela o fez, e eu, tomando a lousa inferior, aí achei escritas em sete linhas as palavras seguintes: “Queridos filhos. Aqui estou e preciso ver-vos ainda. Não possa dizer mais por. agora. Vossa afetuosa mãe, M.O.S.”

Os fatos extraordinários dessa experiência foram os seguintes: As lousas não foram tocadas pelo médium, desde que saíram das minhas mãos, até me serem restituídas por uma dama, e eu li o que estava escrito; que eu mesmo verifiquei antes estarem as suas faces limpas; e que, enquanto se produzia a escrita e se ouvia o ruído do lápis, o médium se conservava a uma distância de sete metros das lousas.

Fenômenos como estes me parecem ter a sua razão de ser, fora dos domínios do materialismo. Onde e como encontrar uma explicação para eles? O materialismo com os seus dogmas é impotente para sugerir-nos uma explicação admissível. Aí se patenteiam provas de uma força inteligente, obrando fora do cérebro humano, fora de qualquer organismo visível. Em todas as idades do mundo, essa força tem sido comparada ao invisível sopro humano - o espírito.

Em Maio de 1880, havendo o Senhor Watkins me informado de que o Senhor Hiram Sibley, de Rochester, N. Y., homem de fortuna, tinha cuidadosamente investigado os fenômenos e oferecido a ele uma soma importante de dinheiro em troca do segredo da sua arte, escrevi ao Senhor Sibley, relatando-lhe os fatos, e recebi dele uma resposta satisfatória, em 10 de Maio de 1880, na qual me disse que ele e o juiz Shurat tinham dado a Watkins cem dólares por dez sessões, e que haviam obtido a escritura independente, de modo a fazer-lhes compreender que um poder desconhecido movia o lápis. O Senhor Sibley escreveu:

"Ofereci ao Senhor Watkins uma importante soma de dinheiro, que me propunha depositar em nome da sua mulher e dos seus filhos, se ele me descobrisse o segredo do artifício (caso houvesse um artifício), pelo qual se produz se a manifestação, e, ainda mais, prometi dar-lhe obrigações garantidoras, caso ele quisesse que o segredo não fosse

divulgado. De boa vontade ofereço ainda o mesmo a quem me expuser ou explicar esse artifício, caso exista. "

Essa oferta de muitos milhares de dólares, apesar de toda a publicidade, nunca foi aceita. O público foi informado de haver uma pessoa procurado o Senhor Sibley para explicar como tudo isso se fazia; mas, as condições que exigia eram tão extravagantes, tão distanciadas do modo simples e incondicional pelo qual os fenômenos tinham sido produzidos por intermédio de Watkins, que o pretendente foi despedido como um ignorante ou um charlatão. A solução de todos esses pretendidos imitadores é sempre a ligeireza de mão; mas há condições em que todo o embuste é impossível.

O Senhor J. Edwin Hunt, empregado do Tesouro em Boston, que fora materialista confesso, ouvindo falar das experiências do Senhor Cook na minha biblioteca, buscou certificar-se da sua realidade, e, em 11 de Julho de 1880, escreveu a respeito da sua visita ao Senhor Watkins, o seguinte:

“Vim, vi e fui vencido; isto é, testemunhei em sua presença o fato do movimento da matéria sem nenhum contacto visível humano ou qualquer outro. Sei que não fui iludido. Não somente vi a escrita depois de feita, mas também ouvi o ruído do lápis movendo-se para produzi-la. Sei que nada estava escrito sobre as lousas, quando entre elas foi colocado o lápis, e que as lousas, nem pelo tempo de um segundo, saíram de sob as minhas vistas, enquanto estive assentado ao pé do Senhor W. A assinatura da comunicação era o nome de um meu amigo, cujo enterro eu havia acompanhado três semanas antes, e essa comunicação era uma resposta direta a certa pergunta que eu lhe dirigira e ocultara completamente, tendo sido a pergunta escrita uma semana antes da sessão. Eu nunca tinha visto o Senhor W. , nem ele a mim, antes do dia da sessão, que era o último dia de Março de 1880. Não tinha meios de pensar na resposta que viria, porque havia apresentado oito ou dez perguntas, cada uma em

um pedaço de papel, e os rolinhos só foram abertos depois de produzir-se a escrita na lousa”.

Em conclusão, cabe-me dizer que, como resultado da minha experiência, não tenho a menor dúvida da existência de uma força inteligente estranha ao médium ou a qualquer assistente, e creio que a conseqüência segura e quase irresistível disso é que essa força inteligente é a de um Espírito humano determinado, que já viveu incorporado à matéria.

O Senhor John L. O' Sullivan, outrora Ministro dos Estados Unidos em Portugal, cavalheiro há muito tempo por mim conhecido pessoalmente, publicou uma narração de suas experiências, em Maio de 1880, com Alexandre Phillips, médium de 23 anos de idade, na sua residência em Nova Iorque, rua 36 ocidental, n° 133, às quais assistiu também o meu amigo, de 40 anos de idade, Doutor J. R. Buchanan.

Em condições escolhidas e à plena luz do gás, eles repetidamente obtiveram a escritura independente. Muitas citações latinas foram dadas, entre as quais a seguinte tradução de uma estância do instrutivo pensamento de Jane Taylor, que começa assim: “Brilha, brilha, estrelinha.” A escrita, miúda, cerrada e invertida, foi finalmente decifrada assim:

"Mica, mica, parva stella,
Miror quonam sis tam bella,
Splendens eminens in illo
Alto velut gemma coelo."

A narrativa das repetidas experiências do Senhor O' Sullivan, o Doutor Buchanan ajunta o seguinte testemunho: “As precedentes afirmativas do Senhor O' Sullivan dou a minha garantia, por sua absoluta e minuciosa correção”. Tive a satisfação de entreter alguma correspondência com o Senhor Alfredo Russell Wallace, eminentes naturalistas ingleses, que,

como o Senhor Charles Darwin, participa da honra de ter sido o criador da teoria da seleção natural. Ele atesta ter testemunhado (em 21 de Setembro de 1877), numa casa particular, em Richmond, sobre Tames, o fenômeno da escrita direta, em uma sala onde havia luz bastante para que fossem vistos os objetos que se achavam sobre a mesa.

O Doutor Francis W. Monck era o médium. Depois de descrever a experiência em carta dirigida ao “Spectator”, de Londres, publicada em 6 de Outubro de 1877, o Senhor Wallace observa:

"O que caracteriza essencialmente essa experiência é que eu mesmo limpava e examinava as lousas; que assentava sobre elas a mão durante todo o tempo; que elas nem um só momento foram afastados das minhas vistas; e que eu indicava a palavra que devia ser escrita e como o devia ser, estando as lousas sempre seguras por mim. Pergunto: como podem esses fatos ser explicado, e qual a interpretação que se lhes deve dar?"

O Senhor Edward J. Bennett garante o que afirma o Senhor Wallace na sua observação, dizendo:

"Estive presente nessa ocasião, e certifico ser exata a narração do Senhor Wallace."

Referindo-se às suas experiências com Henry Slade, o Senhor Wallace atesta o seguinte:

“A escritura foi produzida na parte superior da lousa, quando eu a segurava e comprimia contra a face inferior da mesa, e as duas mãos do Doutor Slade, em contacto com a que me restava livre, pousavam sobre a mesa. Durante a escrita, o ruído do lápis era percebido. Esse fenômeno é absolutamente concludente. A prestidigitação não pode explicá-lo nem imitá-lo”.

A escrita apareceu também na face inferior da lousa, quando esta descansava sobre a mesa e as mãos do Doutor Slade estavam expostas as minhas vistas. Enquanto o Doutor Slade

segurava a lousa com uma das mãos e tinha a outra presa pela minha, outra mão distinta elevou-se rapidamente, descendo depois entre a mesa e o meu corpo; e finalmente, estando as mãos do Doutor Slade e as minhas descansando sobre o centro da mesa, a parte mais afastada desta ergueu-se até dar ã superfície uma posição quase vertical; depois, toda a mesa se levantou e rodou no ar por cima de minha cabeça.

Esses fenômenos se deram em pleno dia, estando a sala iluminada pela luz do Sol, e só estando presentes o Doutor Slade e eu. Com ligeiras variantes, podem ser testemunhados pelos nossos homens de ciência, e é de esperar que os que não se dão ao trabalho de examiná-los cessem, em todo caso, de falar com desprezo das faculdades intelectuais e perceptivas dos que afirmam de visa à realidade desses fatos."

E' certo, como disse o Senhor Wallace, que nenhum homem de autoridade se tem apresentado para pôr em dúvida a realidade do fenômeno, depois de estar bem convencido da sua ocorrência. Acontece, porém, que os investigadores neófitos, depois de poderosamente impressionados pelos fenômenos que observaram, abandonam suas convicções, e não devemos surpreender-nos por haver isso sucedido com alguns professores da Alemanha que, pouco ou quase nada conhecendo do fenômeno, se deixaram arrastar pelas manifestações obtidas por intermédio do Doutor Slade. Nada há de impossível em que eles venham depois a escarnecer ou discorrer contra essa convicção. Não é surpreendente que um investigador inexperto, raciocinando sobre os fenômenos, depois de ter alguma certeza da sua veracidade, venha a julgá-los totalmente incríveis. Daí as tão freqüentes retratações de pessoas um tanto convertido. Exige-se longo preparo para que um filósofo ou um físico seja um Fichte e possa conciliar todos os fatos que se acham em contradição com o que eles ensinavam.

Zollner (nascido em 1834), que descreveu os fenômenos obtidos por intermédio de Slade em diversas obras, não voltou atrás. Talvez que ele tenha vida para conseguir novas provas confirmadoras das suas experiências.

Emmanuel Herman Fichte (1797-1879), filho do famoso John Gottlieb Fichte, já era espírita muito antes de Slade visitar a Alemanha. Pouco antes de sua morte, publicou um folheto, em que afirma os fatos fundamentais, e com sinceridade recomenda o grande assunto à atenção do mundo científico e religioso. Responde habilmente a Haeckel, o materialista entusiasta que deplorava a "simplicidade" dos eminentes físicos alemães, que ai tinham deixado apanhar na armadilha de Slade. Fichte atesta a importância dos resultados obtidos, e afirma que as manifestações de Slade pertencem ao domínio da Física. O Prof. Ulrici, de Halle (nascido em 1806), não testemunhou os fenômenos de Slade, mas, apesar disso, aceitou-os em parte, à vista do atestado dos outros, como vindo confirmar as suas teorias filosóficas. A crítica de Wundt, contudo, parece tê-lo feito recuar um pouco. Evidentemente faltava-lhe aquela força de convicção que só pode ser inspirada par um perfeito conhecimento do fenômeno, adquirido numa prática de muitos anos.

Fichte, residindo em Stuttgard, foi levado a estudar o fenômeno da escritura independente, pelo falecido Barão Luís Guldenstubbé, que deixou a vida em 27 de Maio de 1873, na sua residência, em Paris, 29 rua de Trévise, aos 53 anos de idade. Foi conhecido principalmente por suas investigações e experiências em pneumatografia. De origem sueca, pertencia à antiga família escandinava, de nomeada histórica, tendo dois dos seus antepassados do mesmo nome sido queimados vivos, em 1309, na companhia de Jaques de Molay, por ordem do Papa Clemente IV.

O Barão passava uma vida retirada, em companhia de sua virtuosa irmã. Sua memória é afetuosamente respeitada por sua conduta nobre, urbana e benévola e por seus numerosos atos de modesta caridade. Sua principal obra é “La réalité des Esprits et le Phénomène merveilleux de leur ecriture directe”, publicada em Paris por D. Franck, em 1857. O Barão passou o inverno de 1869-70, em Stuttgard. Homem de elevada educação, de vida independente e de alta posição social, era provavelmente um médium, apesar de não ter a consciência disso. Obteve a escritura independente, mas julgou que isso vinha como uma satisfação às suas súplicas de uma prova da imortalidade. Meu amigo, o Rev. William Mountford, de Boston, que conheceu o Barão e testemunhou os notáveis fenômenos físicos que se davam em sua presença, disse-me que ele era muito conhecedor do hebraico e sincero observador de evidências psíquicas, não como entusiasta, mas como cavalheiro modesto, sério e devotado à verdade. O testemunho de tal homem em relação a um fenômeno palpável e objetivo, dado a favor de um médium ausente, a menos que ele também seja médium, é excepcionalmente precioso. Guldenstubbé dedicou sua obra aos Condes de Ourches e Szapary e ao General Barão de Bréwern, três cavalheiros assaz conhecidos, que seguidamente testemunharam o fenômeno da escritura independente produzida em sua presença, às vezes em sua própria casa, e em outras ocasiões nas velhas igrejas e junto de túmulos antigos. A escritura aparecia sobre pedaços de papel marcados pelas testemunhas, a fim de se prestarem às verificações científicas. O fenômeno começou a manifestar-se em 13 de Agosto de 1856, e Guldenstubbé, no seu prefácio, se refere a ele nos seguintes termos:“é mais logicamente concludente que todos os raciocínios”.

Esses fenômenos, diz ele, estão agora firmados sobre a base sólida dos fatos, permitindo que de ora em diante consideremos

a imortalidade da alma como um fato científico, e o Espiritismo como uma ponte lançada entre este mundo e o Invisível.

"Sabeis, senhores, diz ele em seu prefácio, que toda a minha vida tem sido consagrada ao estudo do sobrenatural (8) e das suas relações com a Natureza visível e material. Escolhi para único fim e objeto da minha vida a irrevogável demonstração da imortalidade da alma, da intervenção direta dos Espíritos, da revelação e do milagre pelo método experimental".

(8) O Barão emprega repetidamente o termo sobrenatural nos pontos em que os espíritas usam da expressão super-humano. Não temos ainda a certeza de estarem todos os chamados fenômenos espíritas contidos nos limites da esfera natural.

Os fenômenos da inspiração, do transe, da invisível atração mediúnica, dos misteriosos golpezinhos, e o movimento dos objetos inertes e inanimados, vieram em meu auxílio, incitando-me a perseverar nas árduas e áridas investigações; mas, todas essas manifestações estavam longe de serem conclusivas, podendo, no máximo, revelar-nos a existência de forças e de leis ainda desconhecidas. Somente a escritura direta nos revela a realidade de um mundo invisível, donde emanam as revelações religiosas e os milagres... A esperança renasce portanto, agora, no coração da Humanidade, ficando plenamente firmadas suas idéias religiosas a respeito da imortalidade da alma, base de todas as verdades...

Deixai que vos faça lembrar que, relativamente a todas as grandes verdades, quanta mais sublimes e profundas são, maiores obstáculos têm a vencer e maior é a repulsa que muitos lhes votam. E' somente depois do embate das discussões, sustentadas pelas pessoas sinceras que têm podido verificar o maravilhoso fenômeno da correspondência direta dos Espíritos, que as inteligências humanas, progressivas por natureza, será finalmente forçada a admiti-lo como uma verdade...

Permiti que, sem receio, eu diga ainda mais alguma coisa. Podemos não estar mais aqui para observar o advento do venturoso dia, cuja aurora desponta para nós em longínquo

horizonte, e do qual, gênios ilustres, como Swedenborg, Bengel, Jung-Stilling e a Conde José de Maistre tiveram o pressentimento e saudaram com o nome de Terceira Revelação, segundo o profeta Joel (capítulo 2, vers. 28, 29): "Depois disso derramarei meu espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos velhos terão sonhos, vossos mancebos terão visões; e nesses dias também derramarei o meu espírito sobre os servos e servas."

Nossos obscuros nomes poderão ficar perdidos sob os cascalhos e as ruínas continuamente amontoados pelas idades, mas levaremos conosco, para a outra e melhor fase da nossa existência, a doce consolação de havermos trilhado o caminho que conduz a Deus, porque, o que representamos, é de essência eterna.

Entre as testemunhas oculares da escrita independente e outros fenômenos obtidos por intermédio de Guldenstubbé, além das três supracitadas, estavam o Senhor Delamarre, editor de “La Patrie”; o Senhor Choisselat, editor de “L'Univers”; Robert Dale Owen, ministro dos Estados Unidos; o Senhor Lacordaire, irmão do grande pregador; o Senhor de Bonnechose, conhecido historiador; o Senhor Kiorboë, notável pintor sueco e ministro em Paris; o Barão Von Rosenberg, embaixador alemão na Corte de Wurtemberg; o Príncipe Léonide Galitzin, e dois outros representantes da nobreza de Moscou; o Doutor Bowron, de Paris; o Coronel Kollmann, de Paris; e meu amigo, Reverendo William Mountford, de Boston, cuja comunicação, a mim dirigida sobre o Barão, fiz publicar no “London Spiritualist”, de 21 de Dezembro de 1877.

Em 4 de Outubro de 1856, a poesia “Que é do teu ferrão, ó Morte? Onde está, ó tumba, a tua vitória?” foi escrita em grego por um poder invisível, na presença do Conde d'Ourches, Doutor Georgii e Barão Guldenstubbé. E impossível ler-se essa obra de Guldenstubbé sem se sentir a impressão da sua intensa

sinceridade, como da sua inteligência e loquacidade como escritor.

"Aqui está um livro, diz ele, que encerra os primeiros elementos positivos da grande ciência da comunicação direta com o mundo sobrenatural, a única base de todas as religiões históricas, desde a majestosa lei de Jeová gravada (segundo acreditou Moisés) pelo dedo do próprio Deus sobre duas taboas, até as palavras cheias de unção divina do santo mártir do Calvário; desde o Veda dos hindus até o Zend-Avesta de Zoroastro, desde as misteriosas cerimônias do Egito até os oráculos da Grécia e de Roma."

Guldenstubbé enganou-se supondo ser ele o primeiro que, nos tempos modernos, tinha obtido a escrita direta. Ela veio com os primitivos fenômenos americanos, em 1848, e era muito comum entre as manifestações produzidas na residência do Rev. Doutor Phelps, em Stratford, Conn., em 1850-51, como ele me narrou em uma carta que então publiquei no “Boston Transcript”; também se apresentou nos casos inumeráveis ocorridas em Hydesville, Rochester, Buffalo e Auburn, nos Estados Unidos, antes dos fenômenos que tiveram lugar em Paris.

Guldenstubbé diz ainda:

“Uma maravilhosa descoberta foi feita pelo autor em Paris, no dia 13 de Agosto de 1856, quando suas experiências obtiveram o primeiro êxito, com a escrita direta dos Espíritos sem intermediário algum, isto é, sem o auxílio de nenhum médium ou objeto inanimado. (Ele afirma que não é médium.) Esse fenômeno maravilhoso vem confirmar o que disse Moisés (Êxodo, 31:18; 32:15, 16; 24:12; Deut., 4:13; 5:22; 9:10; 10:1-5) sobre a revelação do Decálogo; e o que conta Daniel acerca da escrita maravilhosa que se mostrou na parede durante o festim do rei Baltasar (Daniel, 5:5, etc.)”.

A descoberta da escrita diretamente sobrenatural (?) é mais preciosa, porque poderá ser provada por experiências repetidas pelo autor na presença dos incrédulos, os quais podem mesmo fornecer o papel, a fim de afastar a absurda objeção que o materialismo céptico tem apresentado quanto à probabilidade de o papel empregado ter sido quimicamente preparado. E precisamente na aplicação do método experimental aos fenômenos diretos sobrenaturais (?) ou milagres, que reside à originalidade e a força dessa descoberta, sem precedente nos anais da Humanidade, pois que não tem a pretensão de ser admitida como uma revivência dos milagres. Para provar a sua realidade, torna-se preciso nos contentar com o testemunho dos que os têm observado.

Hoje, quando todas as ciências procedem pelo método experimental, os resultados da observação mais perfeitamente verificados e os mais fortes testemunhos se mostram impotentes, tratando-se desse fenômeno extraordinário, que não pode ser explicado pelas leis físicas conhecidas. O homem, transviado pelas experiências palpáveis dos físicos, não dá mais crédito ao testemunho histórico, principalmente quando se refere aos misteriosos fenômenos reveladores da existência de potências invisíveis e superiores as forças e às leis da matéria inerte.

Hoje, tanto no que se refere a moral coma às ciências exatas, todos querem fatos, e nós os damos em abundância.

Mais de quinhentas experiências foram feitas, desde o memorável dia 13 de Agosto de 1856, pelo autor e seus dois amigos, Conde d'Ourches e o General Barão de Bréwern. Mais de cinqüenta pessoas, que forneceram a papel, puderam verificar o espantoso fenômeno da escrita direta por Inteligências invisíveis.

A maioria das nossas experiências ocorreu no Louvre, na catedral de São Denis, em diferentes igrejas e cemitérios de

Paris, bem como na própria residência do autor, rua do Chemin de Versailles, 74.

O público letrado bem sabia que as ciências naturais não tinham feito verdadeiro progresso enquanto não interrogaram a Natureza pelo método experimental. O mesmo se dá com o Espiritismo; esta ciência das causas invisíveis só se tornará ciência positiva seguindo o caminho experimental. Cumpre-nos recorrer a este método para suplantar e reduzir ao silêncio a arrogância dos físicos, que presumem poder usurpar o domínio das ciências morais e da mais alta filosofia. Certamente nada pode haver mais absurdo que a posição de juízes competentes, que os físicos desejam assumir nas questões metafísicas e psicológicas."

Guldenstubbé, já o vimos, não se considerava médium, apesar dos fenômenos pneumatográficos e outros se produzirem em sua presença. Talvez seja pelo fato de não se acreditar médium, que ele baseou a sua pretensão de ser urre descobridor. Diz-nos que suas primeiras experiências para obter a escrita direta eram precedidas de interessantes preces, julgando-as um elemento próprio para provar-lhe à imortalidade da alma. Depositou alguns pedaços de papel e um lápis aguçado em uma caixinha, que fechou, guardando sempre consigo a chave.

A ninguém havia confiado a sua intenção. Em vão esperou durante doze dias. Nem o menor traço de lápis apareceu no papel.

Qual não foi, porém, o seu espanto, quando, no memorável dia acima mencionado, descobriu certos caracteres misteriosos traçados no papel!

Por dez vezes, durante esse dia, com intervalos de hora e meia, conseguiu o mesmo resultado, substituindo de cada vez o papel.

Em 14 de Agosto de 1856 obteve o mesmo fenômeno por vinte vezes, conservando a caixinha aberta e sem afastá-la da

sua vista. Foi então que notou estarem os caracteres e as palavras, na linguagem Estônia, formadas ou gravadas no papel sem o emprego do lápis. Desde então, parecendo-lhe supérfluo o lápis, deixou de colocá-lo sobre o papel, limitando-se a pôr um pedaço de papel branco sobre a mesa do seu próprio quarto, ou sobre o pedestal de uma estátua antiga, ou de uma urna, no Louvre, em São Denis e em outras igrejas. O resultado foi idêntico quanto às experiências feitas nos diversos cemitérios de Paris.

Depois de haver a si mesmo provado satisfatoriamente o fenômeno da escrita direta por mais de trinta experiências, comunicou o segredo ao Conde d'Ourches, assaz conhecido investigador. O Conde testemunhou o fenômeno mais de quarenta vezes, no Louvre e nas escadas que cercam os monumentos de Pascal e de Racine no cemitério de Montmartre. Subseqüentemente, no mês de Outubro, o Conde, sem a cooperação de Guldenstubbé, obteve muitas escrituras diretas dos Espíritos, entre as quais uma de sua mãe, que havia deixado a vida 20 anos antes.

Sessenta e sete “fac-simples” de escritas obtidas por Guldenstubbé se encontram em seu livro. Quanto à questão: Que meios empregam os Espíritos para escrever: ele nos diz que o fenômeno prova poder o Espírito atuar diretamente sobre a matéria, provavelmente pela sua simples força de vontade. A celeridade com que as escritas são produzidas, freqüentemente maior que a do pensamento humano, é uma confirmação dessa teoria, e está de pleno acordo com a minha própria experiência. Sei de uma mensagem com 52 palavras, que foi escrita na lousa em menos de 15 segundos. Geralmente, quando se deseja ouvir o som do lápis que escreve, deve-se empregar este; mas nem sempre se conhece o caso em que ele é aproveitado.

"Na primeira quinzena, desde o dia em que descobri a. escrita direta - escreve Guldenstubbé -, as mesas, sobre as quais

os Espíritos escreviam, se moviam por si mesmas, e vinham ao meu encontro em outra sala, depois de atravessarem diversos compartimentos. Esses movimentos eram ora lentos, ora de rapidez pasmosa. Às vezes o autor buscava impedir a marcha das mesas, colocando cadeiras no caminho que tinham de seguir, porém elas faziam o conveniente desvio, e depois continuavam na primitiva direção. Uma vez viu ele uma mesinha redonda, na qual os Espíritos costumavam escrever em sua presença, ser transportada pelo ar, de um ao outro extremo da sala...

Contudo, apesar dos efeitos da influência dos Espíritos livres corresponderem aos efeitos produzidos pelos Espíritos encarnados, devemos confessar que seus meios de ação podem diferir dos nossos, visto não serem embaraçados pela matéria.

E' provável que a ação e a influência dos Espíritos ofereçam alguma analogia com os fenômenos da Criação, visto serem eles apenas imagens finitas de Deus, que é Espírito Absoluto por excelência.

Certamente, num estado de existência em que o tempo se abisma na eternidade e o espaço desaparece no Infinito, não se pode fazer questão dos meios capazes de produzirem efeito material qualquer, como a escrita direta, etc. A vontade criadora basta para agir sobre a matéria (meus agitat molem). O Espírito do homem, depois de libertar-se do corpo físico pela morte e repelir os liames da matéria, entra em um estado menos imperfeito.

Neste caso, é racional supor-se que os seus poderes sobre os elementos da Natureza e os seus conhecimentos das leis que a governam, devem estar ampliados.

É, contudo, possível que os Espíritos, que se envolvem freqüentemente em uma substância sutil, com um corpo etéreo, segundo todas as sagradas tradições da antiguidade (o que torna explicável a realidade objetiva das aparições), possam concentrar, por sua força de vontade e auxílio de seu corpo sutil,

uma corrente de eletricidade sobre um objeto qualquer, tal como um pedaço de papel, e neste gravar letras, justamente como a luz do Sol imprime a imagem dos objetos na chapa fotográfica. Por isso, Moisés, referindo-se às tábuas do Decálogo (Êxodo, 32:15-16), disse: "As tábuas foram escritas de ambos os lados pelo próprio Deus; a escrita foi gravada por Deus." A maior parte dos escritos diretos dos Espíritos, por mim obtidos, parece ter sido feita com lápis; em cerca de trinta, parece que foi empregada uma tinta azul escura."

Sobre a questão de serem as comunicações um reflexo da alma dos médiuns, Guldenstubbé diz:

"A minha própria experiência prova amplamente que o reflexo dos pensamentos em nada influi nos fenômenos. Em primeiro lugar, o Espírito que desejamos, geralmente não se apresenta para escrever; vem em seu lugar um outro no qual não pensamos e cujo nome, às vezes, nem mesmo nos é conhecido. Quanto aos Espíritos simpáticos, eles dificilmente se apresentam nessas experiências. Os Espíritos freqüentemente escreviam páginas inteiras, ora com um lápis comum, ora com tinta, quando eu me ocupava de outras coisas. A idéia da ação reflexa contradiz minhas quinhentas experiências, porque, geralmente, eu não evocava um determinado Espírito."

Ele publica os nomes de vinte testemunhas oculares dos fenômenos pneumatógrafos, e diz que poderia dar os de cinqüenta.

“Nenhum raciocínio, diz ele, poderá persuadir-nos c?a não existência de um fato completamente provado; com certeza, nenhum cristão deve recusar tal prova, ao mesmo tempo moral e material, da imortalidade da alma, como nos fornece a escrita direta espiritual. Os fatos maravilhosos que apresento, são análogos aos fenômenos sobre os quais se basearam todas as tradições sagradas e todas as mitologias das nações (9)”.

(9) Vede, em relação às religiões hebraica e cristã, a obra do Doutor Eugnio Crowell, Primitive Christianity and Modern Spiritualism.

As minhas conclusões estão de acordo com as crenças de dezesseis séculos. Foi somente no décimo oitavo e no décimo nono séculos que se começou a professar idéias diametralmente opostas ao Espiritismo... Assevero que assentei os primeiros fundamentos da ciência positiva do Espiritismo em fatos irrefutáveis... Certamente há de chegar o dia em que a Humanidade abandonará com compassivo desdém esses materialistas que se acreditam os únicos conhecedores das leis da Natureza, mas que só conhecem as manifestações materiais.

Infelizmente, a demonofobia dos sacerdotes e dos pastores, de um lado, e do outro o materialismo, o cepticismo, o racionalismo e o excessivo estudo das ciências ditas exatas, quase extirparam do coração do homem os germes do sentimento religioso. Há verdadeiramente, porém, um fenômeno direto, ao mesmo tempo inteligente e material, independente da vontade e da imaginação, como a escrita direta dos Espíritos, vindos sem serem evocadas, que pode fornecer-nos umas provas irrecusáveis da existência de um mundo supersensorial."

Com grande cópia de erudição, Guïdenstubbé demonstrou que quase todos os grandes filósofos dos antigos tempos foram espíritas.

"O próprio Aristóteles nos diz que os seres invisíveis são tão reais como os visíveis, e têm corpos sutis e etéreos. E também um fato, reconhecida pelos mais adiantados literatos modernos, que as maiores mentalidades da Grécia admitiam a realidade objetiva das aparições e dos fantasmas, acreditando, além disso, que os Espíritos e os seres sobrenaturais se comunicavam com os mortais. O próximo triunfo do Espiritismo deveria encher de alegria os corações de todas as pessoas religiosas; dar-se-á isso? Ao contrário, os nossos cristãos manifestamente ortodoxos,

cegos pela sua demonofobia, lamentam essa derrota prevista do materialismo, o imortal inimigo de todas as religiões."

Traduzi livremente do livro de Guldenstubbé, porque o seu testemunho é de um literato, de um filósofo, de um homem de grande integridade e pureza de caráter, que obtinha as provas dos fenômenos psico-físicos sem auxílio de médiuns, ainda que estejamos convencidos de haver sido ele um sensitivo. Temos provas demasiado abundantes de que esses fenômenos não eram subjetivos, limitados à sua íntima observação, e que podiam ser apreciados por qualquer testemunha em perfeito estado de razão e saúde. O seu testemunho, fortificado, como ele se mostra, pelos depoimentos de pessoas conceituadas, é portanto de grande valor, por vir corroborar as provas que temos conseguido obter por outros médiuns, os quais, compelidos pelas necessidades, recebem Pagamento pecuniário pela exibição de sua faculdade supersensorial, e lhe são muito inferiores em moral e cultura mental. Além disso, a sua crença segura no caráter não mediúnico dos fenômenos produzidos em sua presença, exalta-lhes ainda a importância. Se ele era médium, era-o inconscientemente e totalmente desinteressado nos seus esforços em busca da verdade. Parece que não estava sujeito a transes ou a estados em que a sua consciência viva e sã fosse dominada. Não ouvimos dizer que experimentasse as sensações peculiares, os abalos e contorções que acompanham essas manifestações. Ele tem direito à atenção respeitosa de todos os verdadeiros investigadores da verdade e dos homens de Ciência.

O fato de tal homem haver obtido o notável fenômeno da escrita direta, naquelas condições, dando provas concludentes para satisfazer a cinqüenta investigadores, deve ter peso razoável; pois, dos seus próprio; escritos, ressalta a evidência de que ele foi pensador sincero e iluminado, filósofo e ardente investigador das mais altas verdades que podem interessar o ser humano; e, como ele estava muito acima da necessidade de

receber uma indenização pelas suas exibições, ou de buscar nelas alguma vantagem material, podemos considerá-lo como testemunha cujas palavras são isentas de qualquer adulteração.

No último número de seu jornal (1879), J. H. Fichte declara que, apesar da sua abstenção nas controvérsias do dia, sente que é de seu dever dar testemunho do grande fato espírita, e pensa que igual dever tem todo homem que possua idênticas convicções; que o Espiritismo é a ratificação da alma pelas evidências da experimentação psíquica. Fala dos fenômenos de Slade, como tendo sido observados em condições que baniam toda suspeita de impostura e de prestidigitação, e como sendo decisivos para a causa do Espiritismo. Diz que não se pode voltar atrás no terreno conquistado, e que a vitória do grande fato está completamente assegurada (10).

(10) Em sua obra Réalité des Esprits, Guldenstubbé ataca as idéias filosóficas até então sustentadas por Fichte. O fato de pelas provas fornecidas por aquele, este se haver convertidos as novas Idéias sobre os fenômenos super-sensoriais, não só abona a sua sinceridade como o caráter dessas provas.

Fichte prevê o grande benefício que há de vir para a causa da moralidade e da Religião, da certeza da imortalidade da alma, e escreve:

"A prova de ser o estado futuro uma continuação do presente, afetado pelas experiências que colhemos na Terra e pelos nossos sentimentos e afeições, gratas ou penosas, leva-nos a cumprir as obrigações morais da vida, abstraindo completamente qualquer consideração sobre as futuras penas e recompensas. E' aqui, na vida terrena, que devemos preparar e fixar o nosso destino futuro. Foi isso certamente uma revelação para a Humanidade que já se havia, de há muito, acostumado a afastar os seus cuidados pelo futuro, como assunto de pouco interesse para ela. "

Foram estas as eloqüentes palavras do venerável sábio alemão, quando prestes a deixar o presente estádio da vida; palavras que não podiam ser infrutíferas, influenciando o

desenvolvimento da futura crença. O falecido Serjeant E. W. Cox, respeitado legista e juiz em Londres (1809-1879), presidente da Sociedade Psicológica Britânica, mas que só muito pouco antes da sua morte repentina se tornou espírita consumado, obteve provas satisfatórias da escritura independente, por intermédio de Henry Slade, e escreveu, em 8 de Agosto de 1876, o seguinte:

"Só posso dizer que me achava em plena posse dos meus sentidos; que estava perfeitamente acordado; que nos iluminava a luz meridiana; e que, durante todo o tempo, observei o Doutor Slade, que não poderia mover as mãos ou os pés sem ser notado por mim. "

O Doutor H. B. Storer, de Boston, Mass., escreveu, em Outubro de 1877, numa carta publicada, que as suas experiências com Watkins estavam em perfeita concordância com o caráter fenomenal e espiritual das manifestações obtidas e descritas por mim.

O Doutor A. S. Hayward, de Boston, escreveu em 31 de Outubro de 1877:

“Na reunião campal de Lake Pleasant, apresente: o Senhor Watkins ao Doutor Cottrell de Kansas. O apresentado perguntou, ao Doutor Cottrell, se ele era espírita, e este lhe respondeu que era um investigador. Foi então assistir à experiência do Senhor Watkins, e a sessão tiveram um resultado altamente satisfatório”.

Duas lousas foram justapostas com um pedacinho de lápis entre elas, e o Doutor Cottrell segurou-as com firmeza. Ouviu-se logo o ruído do lápis, e, quando separamos as lousas, estava escrita numa delas a seguinte mensagem: "Meu caro marido, podes tentar enganar o médium, mas não a tua mulher. És um bom espírita."

O Doutor Cottrell era realmente um dos mais antigos espíritas do país, e a sua resposta, dada antes ao médium, só

tivera por fim deixá-lo na ignorância de fatos que pudessem influir em alguma comunicação que fosse recebida.

O Senhor José Beals, de Greenfield, Mass, atesta o seguinte:

"No ano passado (1877) adquiri duas lousas, limpei-as bem, pus entre elas um pedacinho de lápis, prendi por parafusos os caixilhos, um ao outro, de um e outro lado, e fiz que elas ficassem bem ligadas. Isso foi feito em meu escritório. Daí, levei-as ao Hotel Americano, e assentamo-nos à mesa, em lugares opostos. As lousas foram colocadas no centro, segurando ele um dos extremos e eu o outro. O ruído da escrita foi logo ouvido. Quando as desparafusamos, aí achamos escritos três nomes, o de meu pai, o de meu irmão e o da Senhora A. W. Slade, e as palavras: "Estamos todos aqui."

O Senhor John Wetherbee, de Boston, meu amigo e vizinho, tomou duas lousas novas e, antes de deixar a loja onde as havia comprado, furou os caixilhos, pôs entre elas um pedacinho de lápis, ligou-as firmemente com um cordão e lacrou os nós deste. A sala estava tão iluminada quanto o podia ser pelo Sol da tarde. As lousas estavam limpas, e o médium nunca as havia tocado nem visto. Nessas condições, contudo, o Senhor Wetherbee obteve uma mensagem importante, com o nome de um seu parente já falecido. Na notícia que em 1877 publicou do fato, diz ele:

"Sei, primeiro, que as lousas eram novas e estavam bem limpas; segundo, que ninguém, na sala ou fora dela (só estavam aí presentes, eu e o médium), escreveu a comunicação na lousa; terceiro, que ela foi feita por um ou mais seres invisíveis e inteligentes, sem ser possível conceber-se que o tenha sido por outro meio. Afirmo isso com tanta certeza que juraria, se preciso fosse."

O Senhor Wetherbee repete tudo isso (5 de Junho de 1880) e escreve:

Sei que minha alma estava vigilante e que nenhum ser visível pôde produzir o que apareceu escrito entre as duas lousas, seguras por mim.

O Senhor José Beals, cujo testemunho pessoal citei, conta que o Senhor T. T. Timayenis, grego por nascimento, mestre da língua grega no Instituto de Springfield, Massachusetts, disse-lhe que tinha obtido por intermédio de Watkins, em caracteres originais da língua rumaica, o nome de seu avô e três linhas de palavras gregas corretamente escritas, com os acentos e a pontuação corretamente colocados. Ele afirmou também que o nome de seu avô era muito especial e quase impronunciável por lábios ingleses. A lousa se conservara à vista durante todo o tempo e Watkins só em uma das suas pontas lhe tocava com os dedos.

Desejoso de confirmar isso, pedi à minha amiga e correspondente, a Senhora Luísa Andrews, de Springfield, Mass., que procurasse o Senhor Timayenis (1878), e indagasse do fato, o qual foi então explicado claramente. Ele não é espírita, mas declara que não acha explicação alguma para tal fenômeno. Ninguém que tenha lido as cartas, umas tanto incorretas, escritas pelo Senhor Watkins, das quais possuo muitas, deixará de repelir a idéia de haver ele se habilitado no conhecimento do grego, para dar uma sessão acidental e inteiramente inesperada ao Senhor Timayenis. Julgando a experiência segundo os princípios da ciência humana, a mensagem grega, recebida. em tais condições, deve ter sido escrita por uma Inteligência de potência estranha e acima do organismo físico do médium. O testemunho do meu irmão, James Otis Sargent, pode ser encontrado no volume intitulado “Psychography”, publicado em Londres, no ano de 1878. A sessão teve lugar em 19 de Setembro de 1877. A testemunha diz:

"As lousas tinham sido limpadas de novo, o pedacinho de lápis foi colocado entre elas, e eu as segurei com o braço

estendido, sem o Senhor Watkins tocá-las ou em mim. Abrindo-as, aí encontramos uma comunicação, assinada com um nome diverso daqueles que eu escrevera. Aí terminou a sessão que se havia efetuado em plena luz do dia. Eu não tinha deixado escapar um só movimento do médium, e toda fraude era impossível."

Nessa ocasião, Watkins leu os nomes que se achavam em cinco pedaços de papel enrolados, tendo a escritura e o enrolamento sido feitos na sua ausência.

Apareceu no “Banner of Light”, de 19 de Junho de 1880, uma comunicação de pessoa conhecida do editor, cujo resumo é o seguinte:

A. B. , que antes não estivera em Boston, e nunca houvera visto Watkins, nem este a ele, veio à residência do médium, em Lovering Place, n° 2, em Boston, certa manhã de Junho, e pediu uma sessão. Watkins retirou-se da sala, e A. B , escreveu seis perguntas em pedacinhos de papel, pertencentes a ele; enrolou-os o mais apertado que pôde e colocou-os sobre a mesa. Entre esses rolinhos, pôs um com a pergunta feita por uma amiga ausente, e ele desconhecia tanto a pergunta como a resposta que podia vir. Apenas havia marcado esse rolinho.

Watkins chegou, e não tocou em tais rolinhos uma só vez; disse ao Senhor A. B. que os misturasse, e depois, lentamente, foi apontando para cada um deles. Ao tocar no quarto, que era o marcado, Watkins disse-lhe que o tomasse, e A. B. encerrou-o na sua mão, de modo que o médium não pudesse vê-lo. Watkins passeou pela sala, mostrando-se muito vermelho e excitado, e afinal bradou:

- Almofadinha.

A. B. tomou nota disso; e, depois de alguma pausa, Watkins, olhando espantado e confuso, disse

- Falam de uma Catarina.

Era o nome da amiga de A. B., que tinha escrito a pergunta. Seguiu-se uma longa pausa, depois da qual, com uma expressão de finura e contentamento, Watkins exclamou:

- Sim, lembro-me agora, foi um objeto que fiz para vós. - Aí parou, parecendo querer apanhar a impressão que lhe davam, e afinal disse: - E uma coisa que se usa ao redor do pescoço; não sei que nome lhe dais, um laço ou coisa semelhante.

A. B. não quis abrir o rolinho de papel, declarando não poder dizer então se a resposta era ou não correta, porém que ia saber. Quando encontrou sua amiga, viu que a pergunta era: “Onde está a almofadinha que me enviastes para Otter River, e quem vos incumbiu disso?” A resposta à segunda parte da pergunta era a que o médium tinha dado: laço para o pescoço ou colar.

Os pontos importantes dessa experiência são os seguintes: O rolinho, não tocado pelo médium, continha uma pergunta dirigida por uma amiga ausente de A. B. a um seu amigo falecido, e tanto a pergunta como a resposta não eram conhecidas de A. B. Deixamos de parte como estranha ao nosso presente inquérito a notável clarividência manifestada por Watkins na leitura da inscrição do papelzinho, apertadamente enrolado (o qual não fora escrito em sua presença), de modo a poder ver a palavra “almofadinha”, que aí se achava. Por que poder concebível, porém, conseguira ele obter a segunda parte da resposta, quando a palavra não estava escrita no rolinho nem fixada na mente de A. B. , que não era a pessoa a quem se dirigia à pergunta de sua amiga?

Aí está o enigma. Se tratasse de uma leitura do pensamento, era preciso que a faculdade transcendente de Watkins faça uma viagem de milhas para ir ter com Catarina, que tinha escrito a pergunta, e ler-lhe na alma a palavra laço ou qualquer coisa que se enrola ao pescoço. Essa é uma das soluções do mistério. A outra solução é que a pessoa falecida, a quem a pergunta foi

feita, não pôde, em sua capacidade espiritual, imprimir na faculdade espiritual correspondente de Watkins a palavra precisa, até que a sua consciência normal conseguiu apanhá-la e sugerir a sua pronunciação. Qual das duas soluções é a mais aceitável? Serão ambas incapazes de resolver a questão?

Entretanto, em Lake Pleasant, Massachusetts, no dia 25 de Agosto de 1877, Watkins submeteu a sua mediunidade a exame severo em um teatro público. Duas novas lousas foram compradas pelo Senhor José Beals. Uma comissão de três membros, sendo dois deles descrentes, foi escolhida pelo auditório a fim de examinar. Eram Eben Ripley, Daniel D. Wiley e F. L. Sargent. Esses cavalheiros, depois de examinar com todo o cuidado as lousas trazidas pelo Senhor Beals, colocaram um pedacinho de lápis entre elas, e seguraram-nas por uma das extremidades, enquanto Watkins o fazia pela outra. Estava-se iluminado pela plena luz do dia. Logo se ouviu o ranger do lápis, e, levantando a lousa superior, a comissão achou uma mensagem de quarenta e sete palavra escritas na face inferior. Eles declararam que não viam possibilidade de fraude, pois era impossível que as lousas houvessem sido substituídas ou escritas por algum processo químico. A pedido do Senhor Beals, todos escreveram seus nomes na lousa, que ele tinha ainda consigo, em 1879. A mensagem dizia o seguinte: “Meus caros amigos. Assumindo o caráter próprio da nossa morada espiritual, ainda encontramos bem profunda a nossa antiga afeição pelos nossos amigos, pai, mãe, irmão ou irmã. Que Deus e o anjo do mundo vos abençoem a todos, é o voto da manifestante, Senhora A. W. Slade.”

O Senhor Giles B. Stebbins, de Detroit, homem conceituado, vigilante e judicioso em suas investigações, obteve notável comunicação pela escritura independente, em Chicago, no mês de Dezembro de 1878, servindo como médium a Senhora Simpson, francesa de Nova Orleães, que conhecia

imperfeitamente a língua inglesa. Ela somente se havia encontrado com o Senhor Stebbins, na noite anterior, sem conhecer nada a seu respeito e da sua família; e, apesar disso, recebeu a seguinte mensagem, assinada com o nome do seu falecido tio, Calvino Stebbins, de Wilbraham, Massachusetts: "Não encontrei ainda o inferno nem os limbos das crianças, de que se fala aí. Aqui em cima só encontro o bom-senso e a justiça. Cada homem prepara o seu próprio destino. Deus não destina uns ao Céu e outros ao inferno. Ah! Giles, a ponte está lançada sobre o abismo, e nós diariamente lhe fortalecemos os arcos."

Tudo isso estava muito acima da capacidade da médium, e era tão característico que foi impossível ao Senhor Stebbins acreditar pudesse vir da sua alma, privada de assistência estranha. Obteve o ditado quando segurava a lousa por baixo da mesa, e a médium tocava apenas na parte que aparecia fora, de modo que sua mão estava sempre visível.

O único meio de iludir o testemunho esmagador dado ao grande fato da pneumatografia é negá-lo absolutamente, e sustentar, como alguns cientistas de outros ramos do saber, que nenhuma soma de testemunhos humanos poderão fazer admitir uma ocorrência tão extraordinária. E essa a posição assumida pelos Srs. Carpenter, Lankester, Beard, Hammond, Youmans e outros intitulados homens de ciência. Desprezando o fato como impossível por sua natureza, eles o classificam como assunto que não merece investigação, mas somente rejeição desdenhosa de todos os homens da Ciência.

"Não somos obrigados a examinar fatos tão diametralmente opostos às nossas noções do possível em a Natureza", é o argumento pelo qual buscam desacreditar os fenômenos atestados, em vez de se darem ao incômodo de entrar no estudo paciente e prático da sua realidade. "O testemunho humano, em tais casos, não tem valor algum", diz o Doutor George M.

Beard. Em casos tais não devemos crer em nossos sentidos, diz o Doutor W, B. Carpenter.

Não é escrupuloso homem de ciência aquele que zomba de um fenômeno tão perfeitamente atestado; poderá ser um cientista experiente em um ou dois ramos dos conhecimentos humanos, mas deve reconhecer que isso não lhe dá o direito de decidir ditatorialmente sobre fatos de que tenha pouca ou nenhuma experiência, e que, talvez, seus preconceitos não lhe permitam examinar. Pelo motivo de poder o falso achar-se misturado com o verdadeiro, o absurdo com o genuíno, o mau com o bom, não pode um filósofo repelir como sem valor um fato com o qual não simpatize. Abandonar à credulidade esses fenômenos espíritas, diz Vítor Hugo, é cometer um atentado contra a razão humana. Apesar disso, nós os vemos sempre repelidos e sempre ressurgidos. O seu advento não data de ontem.

Com relação ao fenômeno da escrita independente, podíamos acumular testemunhos capazes de encherem volumes tão numerosos como os da Enciclopédia Britânica; mas com esse amontoado de testemunhos, por mais conclusivos que sejam, não conseguiríamos arredar da sua posição aqueles que não encontram razão no que aduzimos para, ao menos, considerarem esse assunto digno de ser estudado antes de ser condenado.

No pequena volume, publicado em Londres no ano de 1878, por M. A. Oxon, com o título “Psychography”, e posto à venda em Boston e Chicago, o investigador sincero encontrará um excelente sumário de fatos evidentes demonstrando esse fenômeno. Não é menos valioso o fato de Samuel Bellachini, o mágico da Corte. em Berlim, dado sob a forma de depoimento judicial perante o notário público Gustavo Haagen, em 6 de Dezembro de 1877, e registrado sob o número 482. Nesse documento, Bellachini declara que os fenômenos ocorridos em

presença de Slade foram por ele cuidadosamente verificados, com a maior atenção, assim como os objetos vizinhos, inclusive a mesa, e acrescenta: “Nada descobri aí que pudesse ser produzido pela prestidigitação ou por algum aparelho mecânico, e é absolutamente impossível resolver com a prestidigitação as experiências ali feitas, nas condições e circunstâncias em que se efetuaram.”

Mas, se existe um homem que possa ser chamado “experto” no trabalho de descobrir a fraude em uma experiência feita à plena luz do dia, como a da escrita direta, independente de qualquer fraude ou artifício humano, não pode ser senão esse experimentado prestímano. E difícil crer que um especialista em qualquer das ciências exatas esteja mais bem habilitado para julgar da veracidade desse fenômeno, mais que qualquer outro homem de bom-senso, vigilante e calmo, em plena posse de todas as suas faculdades. E certo que um químico poderia descobrir qualquer preparação química que fosse empregada na lousa, mas a possibilidade de tal embuste fica destruída, quando nos servimos (como eu o fiz repetidamente) de lousas nossas, ligadas umas às outras, antes de o médium poder tocar nas faces interiores, e nunca afastadas das testemunhas oculares.

Antes de se ter observado, dificilmente se pode aceitar o resultado da manifestação como prova de ser a escrita direta produzida por alguma potência psíquica ou espiritual, independente de todo o organismo visível e exercendo uma força inteligente. Que falta para se poder tirar essa conclusão? Podemos afirmar ou que existe uma força desconhecida, emitida pelo organismo humano e praticando atos inteligentes independentemente da consciência normal, ou então que é real a hipótese da ação espiritual independente.

O Doutor George Wyld, de Londres, em sua obra “Theosophy and the Higher Life” (Trübner & Cia., 1880), observa:

"Não há fenômeno espírita que mais poderosamente me tenha impressionado que o da escrita direta na lousa. Slade e suas escritas na lousa foram para mim objeta de absorvente interesse. Tudo se passou publicamente c foi exposto â luz. A certeza de ser a escrita produzida por uma Inteligência espiritual, sem intervenção de mãos humanas, foi esmagadora, e, diante dela, o materialismo de três mil anos foi refutado em cinco minutos. Quando, por esse motivo, a ignorância brutal e intolerante prendeu Slade e o levou ao tribunal correcional, senti-me disposto a afrontar todos os perigos e a assumir responsabilidade de sua defesa."

O Doutor Wyld é de opinião que a força psíquica, que produz o fenômeno, pode ser exercida por um ser humano encarnado, mas que, com muito mais facilidade e freqüência, o pode ser pelas almas dos seres humanos falecidos. Ele não repele a teoria de poder muitas vezes o Espírito inconsciente do médium produzir a escrita direta; mas, com respeito a esta questão, diz finalmente: “Propendo muito mais para a teoria que ensina ser a maioria dos fenômenos mediúnicos produzida por Espíritos estranhos. “ Essa é geralmente a conclusão a que chegaram aqueles que têm maior experiência do estudo e verificação do fenômeno.

E' um sinal do progresso das inteligências, nos tempos que correm, o fato de poder o Doutor Wyld, em 1880, dizer, falando dessas impopulares investigações: “Por um amigo que me deixou, ganhei vinte outros amigos melhores, e até, com isso, a minha prosperidade terrena aumentou muito. “

CAPÍTULO II

Fatos contra teorias

A teoria materialista é que a agregação de certas moléculas materiais, manifestada em um organismo, é suficiente para explicar o fenômeno da vida e da alma; que não há mais mistério na evolução do fenômeno homem, - partindo de algumas partículas materiais dificilmente visíveis com o auxílio de um microscópio, e indistinguíveis da pequena mancha glutinosa que se transforma numa urtiga ou numa rã, - do que na evolução de um carvalho partindo da terra. Somente a segunda parte dessa asserção pode ser real.

Tyndall, que não tem por hábito favorecer os espíritas, confessa com franqueza que nenhuma teoria do Materialismo mostra o meio de transpor-se o abismo existente entre as moléculas e os fenômenos da alma. Entretanto, ele crê que "a matéria encerra em si a promessa e a força potencial de toda a vida terrestre" e acrescenta: "Jamais arriscarei uma opinião sobre o moda por que ela adquire esse poder."

Parece ser assim favorável à antiga doutrina dos hilozoístas, de que a vida e a matéria são inseparáveis, doutrina que se tem apresentado sob várias formas. Respiga no sistema das mínimas partículas, materiais e dotados de vida, segundo Straton de Lasopsaco; nas teorias dos continuadores de Plotìno; na asserção de Spinoza, segundo a qual todas as coisas da vida gozam em graus diferentes; na monadologia de Leibnitz, e na teoria do influxo divino, segundo Swedenborg. Achamos assim Tyndall em boa companhia, e não podemos colocá-lo ao lado de Huxley que, admitindo que seu organismo execute certas funções mentais, acredita que estas dependem da sua composição molecular e findam na morte (*).

(*) Nota do tradutor. - Na Fortnighty Review de Novembro de 1886, o sábio Huxley protesta contra o fato de lhe chamarem materialista. Diz que pelo fato de afirmar serem os fenômenos da consciência conexos com os do organismo, não se deve concluir ensinasse terem eles a mesma fonte.

O que o Materialismo, que tem a pretensão de representar a mais adiantada ciência da atualidade, repudia como impossível, é que a inteligência, quer comece nesta esfera, quer venha de outra, possa existir e manifestar a vida independentemente de um cérebro e de um sistema nervoso. O Espiritismo, porém, como tenho demonstrado, dá-nos a evidência direta de que a inteligência pode perfeitamente manifestar-se independente de qualquer organismo visível. Eis o que diz o Rev. H. R. Haweis, da Inglaterra.

"Ele nos mostra a inteligência atuando de algum modo sobre a matéria, apesar de não estar presa a um cérebro e a um sistema nervoso. Se puder provar isso, o argumento materialista cairá de uma vez; porque, se existe uma inteligência semelhante à nossa, podendo operar fora dos organismos, a nossa alma pode (vede que eu não digo há de) fazer o mesmo. Deus é concebível, e a inteligência cessa de ser simples produto da força cega e da matéria especialmente organizada."

Os fatos por mim verificados têm-me convencido evidentemente de que uma inteligência, operando à distância de sete metros de distância de qualquer médium conhecido, e a mais de cinco metros de qualquer outro ser humano, pode produzir uma mensagem em qualquer lousa. A teoria que sustenta a existência de faculdades latentes no ser humano, e que, com inconsciência deste, possam produzir tal efeito, abrange a que admitem a existência de faculdades independentes dos órgãos materiais, independentes, em sua vitalidade potencial, de um corpo material visível. Assim, prevaleça uma ou outra dessas duas teorias, a causa do Espiritismo está segura. No “Times”, de Chicago, Julho de 1880, apareceu uma notícia das experiências do Prof. V. B. Denslow, que não é espírita. Ele

teve naquela cidade quatro sessões com Henry Slade, e uma ou duas com a Senhora Simpson. Eis alguns dos seus apontamentos:

"Tomei assento com o Senhor Slade em seu próprio quarto, situado por trás da sala de visitas, onde não se achava pessoa alguma e cujas portas estavam fechadas. Examinei o tapete, a mesa e as paredes, nada achando de extraordinário e suspeito. Não revistei os bolsos de Slade nem, como recomenda a carta publicada na Nation, de Nova Iorque, - procurei descobrir ímãs ocultos sob a sua roupa. O resultado demonstrou-me que tais precauções da minha parte teriam sido fúteis, como meio de descobrir o modo por que se operava a escrita na lousa, visto não poderem ímãs ocultos sob a roupa produzir escritas entre duas lousas. Não é coisa importante de saber se na sala havia uma só ou cinqüenta lousas, mas se, relativamente à escrita produzida, era admissível a teoria da substituição de lousas preparadas. Segundo observei, porém, na sala só existiam duas lousas, ambas colocadas sobre a mesa e limpas de qualquer escrita. Nenhuma mola havia juntado da lousa, pela qual, conforme sugeriu um imaginoso, na Califórnia, um rola de musselina, indistinguível da superfície da lousa, fosse estendido sobre esta. Todos esses expedientes complicados e impraticáveis contrastam fortemente com a simplicidade e a segurança do poder oculto que produz a escrita. "

O Professor Denslow obteve a escrita na lousa pelo modo que ele longamente descreve, ficando convencido de que ela se produzia em presença de Slade “sem contacto de pessoa vivente com o lápis que escrevia”. Diz ele:

“Li, com sincero desejo de colher alguma luz, a cuidadosa análise feita pelo Senhor Howells no Untdiscovered Counrty (“ Regiões Ocultas “), dos diversos graus de loucura que instigaram o Doutor Boston a descobrir manifestações de Espíritos onde elas não existem; mas não achei que ela

derramasse luz sobre o caso em que a escrita da lousa se executa perfeitamente sem a possibilidade de contacto físico de uma pessoa vivente com o lápis”.

Vi também os esforços do Doutor George M. Beard para ligar a palavra histeria a esses fenômenos singulares, mas não pude encontrar meios de aplicá-la a tal caso. Jamais gozei de melhor saúde, jamais a minha alma esteve mais calma do que na ocasião em que observei esses fenômenos. Estou, tanto quanto o Doutor Beard, longe de ser um histérico, e, tanto quanto o Senhor Howells, estou longe de ser julgado um louco; no mesmo caso deviam estar todas as vinte damas e cavalheiros que por várias vezes testemunharam esses fenômenos em minha presença, ou me descreveram sua natureza imediatamente depois. Tanto quanto tenho visto, multa inteligência, cepticismo, calma, agudeza, erudição, cultura e familiaridade com os métodos científicos e a ligeireza de mão, têm sido postas em ação para achar-se as soluções do problema simples que uma criança pode resolver, para descobrir se algum ser humano está em contacto físico com o lápis, enquanto este escreve. Todos chegam à conclusão de não haver aí contacto possível...

Nunca a escrita direta independente foi característico da histeria. As pessoas histéricas podem crer estar vendo o que não vêem, mas o princípio da ilusão não tem aplicação ao caso, em que cinqüenta pessoas numa sala vêem a escrita produzida e ouvem o ruído do lápis que a produz. Não vi o lápis traçar as letras, mas nem por isso há em todos os fenômenos um fato a que o principio da ilusão possa ser aplicável. O emprego da palavra histeria, portanto, ande não se pode alegar ilusão dos sentidos, não é mais que simples demonstração de ignorância. Nada explica nem designa. Quando examinei as lousas, antes da experiência, nenhuma ilusão podia eu ter, pois nada havia ocorrido. Quando as examinei depois, também não podia haver

ilusão, pois a escrita estava indubitavelmente ali, e milhões de pessoas, que vissem as lousas, poderiam lê-la.

A única parte do fato ã qual a teoria da ilusão poderia ser aplicada, era a de julgar estar eu segurando a lousa, onde o contacto da escrita com o lápis não era possível, se é que, realmente, o fato se desse. Mas, é muito fácil observar-se ã plena luz do dia uma lousa que se tem segura na mão, onde nenhum ser humano possa escrever, especialmente quando na sala só estavam duas pessoas. Supor que eu não pudesse fazê-lo, ou não soubesse que o fazia, é ama prova de ignorância, pois indica que aqueles que tal afirmam se tornaram infiéis a integridade do intelecto humano e perderam o poder de se conservarem leais às evidências dos sentidos, asserção que implica nada menos grite uma ausência da razão humana.

Não tem aqui cabimento a teoria da prestidigitação, porque ela exige que a mão do operador esteja em contacto com o objeto sobre o qual onera, e a maior dificuldade dessa arte consiste em conservar a mão mágica num estado de movimentos ligeiros e variados, de modo que o observador não possa acompanhá-los. Em nosso caso, as duas mãos de Slade se conservavam imóveis e expostas as vistas. Um prestímano que deixasse de utilizar-se de suas mãos, conservando-as espalmadas sobre uma mesa, enquanto o fenômeno se produzisse, seria para fazer pasmar, a menos que não tivesse um comparsa, o que com Slade não se dava.

O que presenciei, com Slade, não difere essencialmente do que sempre vi dar-se com a Senhora Simpson, residente nesta cidade, salvo o fato de essa senhora lei com facilidade o que o seu visitante escreve na lousa, sem olhar para esta, como seria necessário a uma pessoa comum. Slade, porém, declarou-me não poder fazê-lo.

Além disso, a escrita direta produzida na presença da Senhora Simpson é caracterizada por um incidente que não se

mostra na de Slade; pois, sobre o pedacinho de lápis posto sobre a lousa, ela coloca um copo dágua, de modo ao lápis só se poder mover na concavidade do fundo do copo, o que corresponde ao espaço de um dólar de prata. Colocada a lousa por baixo da mesa, segura pela Senhora Simpson de um lado e pelo observador do outro, a borda do copo fica firmemente adaptada à face inferior da mesa; entretanto, o lápis escreve longas linhas, como se o copo não existisse ou se movesse sobre a lousa, sem se poder observara mudança das posições durante a operação, pois a escrita começa fora do espaço coberto pelo fundo do copo. Produziu-se uma vez em doze linhas, sem se importar com o obstáculo oferecido pelo sólido contacto do copo com a lousa, de modo que cada linha, começada à esquerda do copo, passava diretamente por baixo dele, e aparecia à direita, como se ele ali não estivesse.

Quando observei isso com a Senhora Simpson, as condições preventivas de rima decepção ou de uma ligeireza de mão eram tão absolutas como no caso de Slade. Havia, porém, na sala outra pessoa, sentada â distancia de cerca de quatro metros. Verifiquei sob os tapetes não haver alçapão, e mesmo que houvesse vinte, de nada serviriam, pois eu segurava a lousa com o copo, comprimindo a borda deste contra a face inferior da mesa, com muita firmeza, de modo a poder verificar que nem a mesa, nem a lousa, nem o copo deixaram suas posições, durante a produção do fenômeno. Não só a escrita foi produzida sem a possibilidade do contacto de pessoa alguma com o lápis que trabalhava, mas foi feita por um agente que desprezava o empecilho oferecido por um objeto sólido, de vidro, e escrevia na superfície coberta com tanta facilidade como na livre. Isso, com certeza, faz surgir à questão de saber se o lápis foi utilizado na produção do fenômeno.

Estou fazendo a pergunta e não encontro uma solução. Contudo, no fim do trabalho, o pedacinho de lápis não se achava

nem no lugar em que tinha sido posto antes, nem em outro ponto da lousa, mas no fundo da água contida no copo, mostrando-se gasto pela escrita que parecia haver feito. Esse fato, fisicamente impossível, de um corpo sólido passar através de um outro, sem que nem um nem outro sofresse dano, repetiu-se por seis ou oito vezes, em dez minutos.

Depois de ter eu estado quarenta minutos na sala e verificado não haver aí outra planta além de uma fúcsia em crescimento junto à porta, a Senhora Simpson tentou produzir uma flor. Colocando o copo dágua sobre a lousa, como o tinha feito para obter a escrita, ma desta vez sem aí pôr o lápis, a Senhora Simpson, depois de cinco minutos de forte incitamento electro-nervoso no braço, cuja mão segurava um lado da lousa, disse-me retirasse o copo que estava debaixo da mesa, e, quando o fiz, senti a fragrância de um jacinto que se mostrava dentro do copo, fresco, rico, imaculado, com vinte e duas pétalas, apanhado de novo do pé, e que levei para a minha casa, onde ainda o conservei murcho, talvez por uma semana.

Antes da minha terceira sessão com Slade, achei-me na residência do Coronel Bundy, com dezesseis pessoas de indiscutível inteligência e algumas de especial potência crítica, como o juiz Barnum e sua senhora, o Doutor Jervell, de Evanston, editor do mais famoso jornal de doenças nervosas deste país e um dos mais importantes jornais de ciências médicas do mundo; o Senhor e a Senhora Starett, redatores do The Western Magazine, o Senhor e a Senhora Perry, o Senhor Gage, a Senhora Villard, o Senhor e a Senhora Dickson, e muitos outros, para testemunharmos substancialmente o método de produção da escritura na lousa. Já mencionei o fato; ninguém aí pôde descobrir o modo pelo qual uma pessoa vivente pudesse comunicar a força capaz de mover o lápis, que escrevia. Em todos esses casos de escrita na lousa, nada houve de oculto, nem

diminuição da luz, e as lousas estiveram sempre nas mãos dos observadores e não nas de Slade."

Depois, descrevendo com precisão científica algumas experiências parciais de materialização com Slade, o professor Denslow observa:

"Creio conhecer suficientemente os meios pelos quais são produzidos mecanicamente os efeitos espectrais e ilusórios, para poder afirmar que tais meios, para produzirem os fatos por nós observados, eram simplesmente impossíveis; e, quando houvesse essa possibilidade, os efeitos conseguidos por esses meios seriam ainda diferentes daqueles que observei."

Concluindo, diz ele franca e convincentemente:

"Aqui estão fatos que, qualquer que seja sua natureza, quer consistam em provas de uma estupenda influência psicológica de uma mente humana sobre outras, ou sejam um Lasus Naturae, derivado de influência elétrica, ou sejam tema janela aberta de nossa vida terrestre para o mundo espiritual, merecem ser candidamente estabelecidos por todas as pessoas que os têm visto. Mesmo que fossem impostos ã alma humana, o homem de ciência teria o dever de estudar as leis que dirigem a sua produção e produzir os fatos. Por mais cuidadosos que sejamos em formular teorias sobre esses fenômenos, por maior paciência que tenhamos na sita investigação, não conseguiremos senão provar o grande valor dos fatos e da teoria adotada. Relativamente às teorias, terei tempo para apresentar a minha, quando a houver formulado. "

Guldenstubbé não é um temerário quando declara que a escrita direta é a prova capital da existência e atividade de um princípio, assegurando-nos não só que há no homem um Espírito servindo-se do seu corpo, senão também que, fora do homem, existe um Espírito servindo-se de um organismo invisível para produzir efeitos sobre a matéria.

Dizeis que seres imateriais não podem imprimir movimento à matéria. Mas, como sabeis que esses seres são imateriais? Não haverá outras forças, outras espécies mais delicadas de matéria, fora da que os nossos sentidos corporais podem distinguir? Aos próprios materialistas, a fotografia fornece a prova.

Como podemos saber que aquilo que é imaterial para os nossos grosseiros sentidos mortais, também o seja para as pessoas cujos sentidos espirituais estão mais desenvolvidos? Contudo, quando dizemos que aquilo que é imaterial não pode mover a matéria, não afirmaremos uma coisa que a análise científica ou filosófica ainda não pôde demonstrar?

O Rev. Samuel Watson, da Igreja Metodista, cavalheiro sincero e estimável, disse: “Vi a dupla lousa segura por cépticos, e, nesse estado, aí serem escritas verdadeiras mensagens.” O mesmo escritor acrescenta: “As manifestações espíritas constituem a base sobre a qual foi construído todo o edifício do Cristianismo. O primitivo Cristianismo, como foi pregado pelo seu fundador, é idêntico ao puro Espiritismo.”

Em confirmação, citaremos o testemunho dos três principais fundadores do Metodismo: John Wesley, Adam Clark e Richard Watson. Clark exprime distintamente a sua crença de poderem os Espíritos comunicar-se com este mundo e tornarem-se visíveis aos mortais. Referindo-se ao caso da aparição de Samuel (I Sam., 28:2), Richard Watson diz: “Ela responde a todas as objeções que têm surgido contra a possibilidade do aparecimento dos Espíritos das pessoas falecidas.”

Que John Wesley não era simplesmente um crente, mas também um médium sensitivo, parece tornar-se patente nas passagens em que ele conta ter visto em três ocasiões os Espíritos. Em cada um desses casos, a aparição foi seguida da notícia do falecimento da pessoa que ele houvera visto. Referindo-se a uma delas, que tinha morrido em Jamaica,

Wesley observa: “Um Espírito não acha dificuldade em transpor três ou quatro mil milhas em um momento.”

As manifestações que se deram no seio da família Wesley, Inglaterra, começadas em 1716, assemelham-se, em todos os sentidos, aos fenômenos dos nossos dias. Elas continuaram a dar-se com alguns membros da família por cerca de trinta anos. Robert Sonthey, em sua “Vida de Wesley”, as considera do mesmo modo por que o fazem os modernos espíritas, como estando dentro do curso ordinário da Natureza, e diz: “Um autor que neste tempo relata uma tal história, não a considerando como totalmente incrível e absurda, pode contar que será ridicularizado, mas o testemunho sobre o qual ele se apóia é tão forte que não se pode pô-lo de lado por causa da singularidade da narração”.

Priestley, que buscou conciliar o seu sistema materialista com uma crença nas futuras penas e recompensas, fala dos fenômenos observados por Wesley como os mais admiráveis de que se pode recordar; e, apesar de tentar explicá-los por causas naturais, eles continuaram inexplicáveis por outra teoria que não fosse a espiritual.

Oberlin (1740-1826), pastor protestante em Ban de la Roche, na antiga província da Alsácia, trabalhou sinceramente para melhorar as condições do seu povo, que era quase todo luterano e espírita. Buscou com firmeza destruir aquilo que julgava ser superstição, pregando violentamente contra o Espiritismo; mas, tal foi o poder dos fatos objetivos demonstrados, que a sua oposição teve de cessar, tornando-se ele próprio espírita.

Os mortos, diz ele, reapareceram freqüentemente, com especialidade depois do bem conhecido e terrível acidente que sepultou tantas aldeias (a catástrofe do Rossberg, em 1806).

Logo depois, manifestou-se em muitas pessoas a vista espiritual, como se exprime Oberlin, e elas puderam reconhecer

aparições de diferentes vítimas do desastre. Durante anos, sua falecida mulher apareceu freqüentemente, velando por ele e com ele se correspondendo. Oberlin deixou grande pilha de papéis sobre o assunto, com o título –"Journal des Apparitions et Instructions par rêves" (Jornal das aparições e instruções obtidas em sonhos). Esse trabalho foi entregue ao Senhor Matter, que deu informações do fato a Robert Dale Owen, em Paris, Maio de 1859.

As condições em que se têm produzido a clarividência e as escritas direta são de caráter tal que nenhuma retratação dos médiuns pode ter o mínimo valor para invalidá-las. Até o dia em que um desses médiuns informe como se podem conseguir tais coisas pelo exercício das faculdades naturais, ele deve ser considerado desleal. Se um médium, sem tocar ou apenas tocando em uma lousa, puder fazer que a escrita aí apareça, provará que isso só poderá ser o efeito do exercício inconsciente dos seus poderes anormais, de um modo que ele mesmo não pode explicar, ou, então, da ação de uma força estranha, desconhecida, mas inteligente. Em todo caso, há sempre uma força operando fora de qualquer organismo visível.

Em 1848, o Doutor E. C. Rogers, cavalheiro por mim muito conhecido, propagou a teoria de que os poderes manifestados nesses fenômenos estavam contidos na esfera do organismo humano. Escreveu um livro sustentando suas idéias, e, recentemente, um escritor alemão lançou mão dessa teoria para aplicá-la aos fenômenos obtidos por intermédio de Henry Slade. Mas é de toda a oportunidade a seguinte pergunta: Se um agente humano, dotado de dons espirituais, no tempo em que está sujeito aos embaraços do meio material em que vive, pode praticar atos independentes dos limites que a matéria lhe impõe, não será justo concluir que possa fazer mais, e melhor, quando se ache livre pela dissolução do seu corpo físico?

Na maioria dessas manifestações de Espíritos, é difícil chegar-se a uma certeza científica, a respeito da identidade de uma forma que se manifesta, parcial ou completamente; mas, como o observa um correspondente do “London Spiritualist”, se supusermos abandonadas todas as evidências da identidade espiritual, o fenômeno tão comum do aparecimento de uma mão ou cabeça vivas ou do duplo com a figura do médium, em uma parte da sala, quando este jaz na outra parte imerso em profundo transe, é por si mesmo extremamente sugestivo; e na mente do observador surgirá a seguinte pergunta: quando o cadáver de um amigo jaz no caixão fúnebre, à parte dele, que continua viva, não poderá estar em outro ponto?

"Nunca esquecerei, escreveu o Doutor George Wyld, de Londres (1880), as sensações que tive, quando pela primeira vez vi e toquei nessas mãos destacadas, mas dotadas de calor e sensibilidade, que apertaram a minha com a perfeita realidade das mãos humanas, e que, não obstante, se dissolviam durante esse aperto, o que não sucede com as mãos humanas. "

A pneumatografia dá-nos a evidência de uma força inteligente produzindo mensagens escritas à distância superior a seis metros do médium; e a clarividência nos fornece a prova de uma faculdade inteligente supersensorial, apta para ler aquilo que não é possível ser lido por olhos humanos. Desses fatos tenho tanta certeza, como de qualquer outro da existência humana, aliás, eles são reconhecidos hoje por centenas de milhares de testemunhas competentes.

A conclusão legítima é que há, em todos os homens, um organismo natural e um espiritual, e que este último só se manifesta em certas condições, anormais ou excepcionais.

Convencidos da existência de uma ação inteligente e ultracorporal, independente dos músculos mortais, de um cérebro materialmente palpável, ou de qualquer esforço físico conhecido, podemos racionalmente concluir que ela não se

limita a produzir os dois principais fenômenos, porém, que coexiste com a vida, e a sua continuação não estão na dependência de nenhum organismo materialmente visível. Outros fenômenos transcendentais dão a isso ampla confirmação e provam que as manifestações da vida e da alma são tão variadas quão inexplicáveis, se não admitirmos a existência de uma força diversa da que pode normalmente proceder do nosso organismo material. De um simples osso, Cuvier deduziu a osteologia do animal a que o esqueleto pertencera; do mesmo modo, de um fenômeno do Espiritismo, rigorosamente demonstrado, pode ser cientificamente deduzido o grande fato da existência de uma força inteligente, independente de qualquer organismo visível.

E' certo que esses variados fenômenos ocorreram em todas as épocas, mas foi somente depois de 1848 que se mostraram qual epidemia. Nesse ano deram-se os rumores no lar da família Fox, em Hydesville, Nova Iorque, e Kate Fox, uma menina, descobriu, interrogando, que eles denunciavam uma Inteligência, e, desde então, os modernos fenômenos se multiplicaram e a sua importância aumentou.

Com muitos médiuns têm-se feito ouvir rumores e pancadas, respondendo a perguntas e dando mensagens soletradas; em outros casos, mesas se têm levantado sobre dois pés, batendo com o outro no chão para darem revelações.

Quadrantes com ponteiros móveis têm sido empregados, e estes, apontando as letras, formam palavras que respondem às perguntas feitas, sem que em seu movimento tenha havido intervenção humana. As mãos dos médiuns, convulsamente agitadas e arrastadas, escreveram coisas acirra dos seus conhecimentos. Nessas escritas, produzidas freqüentemente com incrível rapidez, as palavras eram às vezes invertidas, de modo que, para serem lidas, foi preciso recorrer à sua imagem refletida num espelho.

Apresentava-se em circunstâncias tais que só podiam provir de uma ação anormal. Muitos médiuns têm escrito diferentes mensagens com ambas as mãos ao mesmo tempo, sem consciência alguma do que escreveram. Tem havido médiuns falantes que declararam não ser mais que simples instrumentos dos Espíritos, e outros que reproduziram com admirável fidelidade os gestos, as vozes e as figuras de pessoas já há muito falecidas, e que eles nunca tinham visto. Médiuns desenhistas têm aparecido que, com os olhos vendados e com incrível celeridade, fizeram perfeitos retratos de pessoas falecidas. Às vezes tem-se visto a manifestação de figuras feitas com tinta vermelha sobre a pele do médium, denunciando também a faculdade da clarividência. Corpos pesados, como grandes mesas de jantar e pianos, têm sido erguidos do solo. Ditados e pintura têm sido produzidos por mãos invisíveis. As aparições luminosas são freqüentes. Em minha própria biblioteca ouvi na obscuridade um violoncelo ser habilmente tocada por força desconhecida, quando as mãos do médium estavam seguras e não havia possibilidade de embuste ou ilusão.

Muitas vezes ouviram-se vozes que não procediam do médium. Pessoas têm sido elevadas até o teto, em circunstâncias que desviam toda a dúvida quanto à realidade da misteriosa levitação. Rostos de fantasmas e formas completas apresentaram-se quando não podia haver suspeita alguma de fraude ou alucinação.

Tenho testemunhado todos os fenômenos mais importantes, em condições que, apesar de não serem suficientes, para que eu possa colocá-los ao lado dos fenômenos pneumatográficos e clarividentes, como fatos estabelecidos cientificamente, permitem-me entretanto aceitá-los, em minha apreciação, como igualmente provados.

Deixai aquele que não aprecia a importância imensa dos nossos fenômenos perguntar por que motivo são eles

denunciados com tanta arrogância e repudiados com tanta raiva por grande maioria dos principais físicos e materialistas de hoje. E porque eles vêem, na aceitação desses fatos como verdades, a ruína completa dos sistemas saduceu e materialista.

Na sua notícia acerca dos fenômenos obtidos por intermédio de Slade, Zollner, o eminente professor alemão de Astronomia, atesta o seguinte:

"Na tarde de 16 de Novembro de 1877, coloquei em uma sala, onde nunca Slade havia entrado, uma mesinha e quatro cadeiras. Depois de os professores Fechner e Braune, Slade e eu termos tomado os nossos lugares e posto as nossas mãos sobre a mesa, ouvimos aí uma pancada. A escrita foi feita pelo modo usual sobre uma lousa por mim mesmo comprada e marcada duas horas antes. O livro-lousa, depois de ter sido bem limpo, foi fechado, com um pedacinho de lápis de pedra no interior, e seguro por Slade sobre a cabeça do Professor Braune. O ruído da escrita foi logo ouvido, e, quando abrimos a lousa, encontramos uma longa mensagem. Enquanto isso se dava, um leito que ficava por trás de um biombo começou a mover-se e afastou-se da parede até uma distância de sessenta centímetros, trazendo consigo o biombo. Slade se achava a mais de 1 metro e 30 do leito; tinha as suas costas para aí voltadas, e conservava as pernas cruzadas."

Zollner narra uma experiência em que a matéria desapareceu e reapareceu:

"As onze e meia hora do dia, à plena luz, sem esperar nem estar preparado, fui testemunha de um fenômeno verdadeiramente extraordinário. Como de costume. sentei-me ao lado de Slade, junto à mesa. No lado oposto e junto dela, achava-se uma mesinha redonda. Um minuto depois de termos tomado os nossos assentos e juntado nossas mãos sobre a mesa, a mesinha começou a balouçar-se docemente de um para outro lado. Vimo-lo claramente. Depressa, os movimentos se tornaram

mais pronunciados, até que a mesinha se arrastou e veio colocar-se deitada, em baixo da outra, com os três pés voltados para mim. Parece-me que também o Senhor Slade não pudera compreender como o fenômeno se havia produzido. Slade ia servir-se de suas lousas e do lápis, para indagar dos Espíritos se devíamos esperar alguma coisa. quando lancei os olhos para a mesinha que eu supunha estar ainda embaixo da outra, mas, com grande assombro meu e também de Slade, achamos vazio o espaço em que ela houvera estado. Em nenhum outro ponto da sala pudemos descobrir a mesinha, que um minuto antes ali se achava sob as nossas vistas. Passamos cinco ou seis minutas numa esperança ansiosa de ver reaparecer a mesinha, e então Slade disse estar vendo luzes. Olhando, cada vez com maior ansiedade e pasmo, em diferentes direções para o ar, Slade perguntou-me se eis não estava vendo a aparição de grandes luzes, e, quando ia responder-lhe negativamente, ergui os olhos para o teto da sala e vi, de súbito, numa altura aproximada de dois metros, a extraviada mesinha, com as pernas voltadas para cima, precipitar-se rapidamente sobre a outra mesa. "(Zollner - Vol. 11, parte. 2, pág. 917.)

O Rev. José Cook dá a seguinte notícia de uma das experiências feitas com Slade, em presença de Zollner e outros professores alemães:

"Um professor da Universidade de Leipzig comprou um livro-lousa, e cerrou-o com fechaduras ou parafusos, depois de as haver limpado e libertado de qualquer preparação química de que elas estivessem impregnadas. Conservou-as sempre em sua mão durante a experiência. Tudo isso era vigiado por pessoas habituadas à observação, mas a escrita, mesmo assim, apareceu nas faces internas do livro-lousa.

Um esmerado trabalho científico dessa primeira Universidade do mundo contém as gravuras explicativas da escrita assim produzida. Muitas vezes, o assunto de que trata a

escrita achada nas lousas é superior aos conhecimentos do médium. Tem-se visto nas lousas aparecerem mensagens em grego correto, apesar de o médium nada conhecer dessa língua. Zollner e seus associados consideram absolutamente impossível que a fraude produza tais resultados, e aquele sábio assume a responsabilidade dessas experiências perante todos os alemães. Afirma que Weber, Fechner, Scheibner e a Universidade de Leipzig também a aceitam.

A teoria mecânica da matéria será desprezada, se provar a realidade dos fatos alegados por Zollner, mas há célebres experimentadores que se reúnem assegurando ao mundo que esses fatos ocorreram sob suas vistas, e o prestidigitador da Corte afirma não poder a sua arte produzi-los. Tenho diante de mim um volume de Fichte, onde diz ele, citando essas experiências e nomeando os professores que as fizeram, que, se a isso fosse autorizado, juntaria a esses nomes muitos outros da Alemanha, os quais pelas experiências de Leipzig se convenceram da realidade dos fatos e do seu merecimento para se tornarem objeto de investigações científicas. (11)

(11) Fíchte: Der neuere Spiritualismus, Leipzig Brockhaus, 1878, pág. 104.

A experiência de Leipzig, da formação de nós em uma corda sem pontas, foi reproduzida pelo meu correspondente, Doutor T. L. Nichols, em Londres, Fopstone Road, 32, em Abril de 1878. Em sua descrição, diz ele: “E' certo que nenhum homem podia produzir aqueles nós, e é igualmente certo que todos os filósofos e mágicos da Europa não conseguiriam desfazê-los nas mesmas condições.”

Zollner ilustra a sua experiência com uma grande figura, mostrando o estado da corda e a impossibilidade de poder o fenômeno ser produzido por qualquer artifício.

A conclusão racional é que a força psíquica é dirigida pelos Espíritos e pelos homens em certas condições anormais. Era essa a conclusão a que chegaram Cícero, Plutarco e Santo Agostinho.

O Rev. José Cook apresenta uma distinção entre o sobre-humano e o sobrenatural, especulação teológica que não se pode contradizer, visto não pertencer ao domínio das coisas demonstráveis. Os atos, mesmo os mais; maravilhosos, de todos os Espíritos finitos, podem não ser sobrenatural, senão no sentido de poderem ser autorizados pelo único Ser superior à Natureza, como seu único Autor. A Física transcendental, iniciada pelo restabelecimento nos tempos modernos do estudo dos fenômenos psíquicos, está em perfeita harmonia com os ensinos capitais da Bíblia, acerca da natureza do homem e do poder dos Espíritos.

O consumado pregador e médium hindu, Baboo Chand Mittra, em trabalho publicado em Calcutá, no mês de Janeiro de 1879, sustentando os direitos científicos do Espiritismo, disse:

O Deus da Ciência é o meu Deus, é o ser que em todas as idades tem operado prodígios, e que continuamente manifesta a sua sabedoria, poder e amor em todo a amplidão da Natureza. Toda a ciência é religião, e toda a religião é ciência. Há tanta ciência na prece como na máquina locomotora; há tanta ciência na inspiração. como no microscópio e no fio telegráfico.

A Senhora Sara Helena Whitman (1802-1878), a dama que esteve para casar com o poeta Poe, e com a qual me correspondi bastante a respeito do Espiritismo, entre muitas outras perspicazes observações sobre o assunto, disse:

“As energias psíquicas que encerramos em nós, está patenteando o rico e inexplorado domínio da nossa vida intima; e o conhecimento dessa expansiva natureza que, por tanto tempo, jazeu entorpecida em sua crisálida, nos é revelado precisamente na época em que os rápidos progressos das ciências físicas nos ameaçavam com o banimento dos últimos vestígios da nossa crença na causa e na influencia espirituais”.

O “Scientific American”, de Nova Iorque, contrário ao Espiritismo, fez a seguinte consideração:

"Se ele for uma verdade, tornar-se-á o maior evento da história do mundo, e virá dar imperecível lustre de glória ao século décimo nono... Se as pretensões do Espiritismo têm fundamento racional, nenhum trabalho mais importante poderá ser pelo homem empreendido que não seja a sua verificação."

Insinuar que não tínhamos necessidade de tal revelação, é, ao mesmo tempo, ignorar a crescente descrença dos nossos dias e escarnecer das mais sagradas esperanças e das instituições religiosas existentes na maioria da Humanidade.

O Universo, ficais certos, não é uma máquina inventada para produzir infinitamente, e destruir logo o sentimento, o amor e a vida inteligente, ele não é o sombrio vestíbulo de um ossuário, onde os afetos, a amizade, a Ciência e as Artes encontrem por poucos e fugazes momentos um recipiente análogo e progressivo; não é o lugar onde o homem tenha a permissão de vislumbrar uma ventura e um crescimento possíveis, para ser depois mergulhado nas trevas do aniquilamento; não é um mundo onde a vida e a inteligência nos sejam dadas unicamente para, como zombaria, nos serem arrebatadas; não é uma região onde a verdade e o bem sejam tão efêmeros como a mentira e o mal.

O Espiritismo, por meio de seus fatos objetivos, supersensoriais e verificáveis, nos ensina que esse juízo pessimista sobre as coisas é radicalmente falso: - que toda essa grande manifestação de sóis e sistemas não é uma fábula inventada por qualquer idiota, sem significação alguma, - que a infinita magnitude e a infinita variedade do Universo devem ter para nós o valor de uma promessa da nossa imortalidade, pois que todas essas maravilhas não existiriam, se não houvesse almas capazes de estudá-las e apreciá-las; - que os diversos estados da consciência podem desaparecer, cedendo lugar a outros, porém que todos podem reproduzir-se, e, neste sentido, são eternos, desde que a memória conserva, em seus ocultos

receptáculos, as impressões recebidas; - que a bondade presente será sempre inalienável, nunca podendo a alma perder o que uma vez adquiriu de hom; - que o amor é um princípio divino da nossa natureza, crescendo à medida que dá e reparte, e é a fonte de uma sã e perene alegria; - que a morte é simplesmente o nosso libertamento de um organismo pelo qual, apesar da grosseria dos sentidos, a nossa alma, invisível e perfectível, se nobilita; - que não somos órfãos, nem conduzidos por uma força cega e inconsciente, nossa única mãe, em um universo infesto; mas que somos destinados a gozar da liberdade que impera nos mais remotos mundos, constituindo todas as Inteligências uma grande confraternidade, pela troca, entre seus membros, do amor e dos conhecimentos; que existe uma Onipotência, consciente, amante e onisciente, presidindo a todos os detalhes desse assombroso complexo; - e que, de conformidade com leis benéficas e eternas, cada alma gravita para a vida futura, a que pertence, onde pode melhor achar o que convém às disposições que aqui adquiriu, e onde continuará a subir até conseguir, por gradações apropriadas e pelos seus sinceros esforços, condições mais dignas e, com o tempo, realizar a inefável grandeza e as possibilidades esplêndidas da sua herança, sempre aspirando ao melhor e para ele trabalhando.

Tais são os ensinos que o Espiritismo, livre e sinceramente estudado, sugere e justifica. A certeza demonstrada, em nossos dois fatos (*) representativos e bem estabelecida, torna acreditáveis outros fenômenos análogos, atestados, mas não tão suscetíveis de uma exposição completa. Os fenômenos da escrita direta e, da clarividência foram escolhidos para servir de base cientifica, porque não se encontra brecha, nem dúvida concebível, no método experimentativo pelo qual eles foram e são diariamente verificados e confirmados.

(*) Os dois fatos bem verificados pelo autor eram escritos e diretos. - Nota da Editora.

Pode haver outros fenômenos mais surpreendentes, a cujo conhecimento uma cabal convicção destes nos pode com segurança levar; nenhum, porém, que o saibamos, impressionara melhor os sentidos e a razão do cientista que busca a sua confirmação. Sejam todos os médiuns de escrita direta apanhados em fraude, isso não invalidará os fenômenos, até provar-se que um prestidigitador perito, sem ter faculdades mediúnicas, possa produzi-los em idênticas condições. Isso, pela natureza do fato, não ai pode dar, visto envolver o exercício de uma faculdade, Ao mesmo tempo anormal e transcendente, sem a qual o fato seria inexplicável.

CAPÍTULO III

Resposta às objeções do Professor Wundt

Todas as objeções feitas à investigação científica de um fato da Natureza, baseiam-se na ignorância ou na superstição. O Professor Wilhelm Wundt, de Leipzig, eminente escritor metafísico, é o autor de uma obra intitulada “Os axiomas da Física e suas relações como princípio da causalidade”. E um assunto difícil de ser tratado completamente sem se ter algum conhecimento das causas ocultas do movimento que operam nos fenômenos do Espiritismo. O autor parece desconhecê-las. E' um grande erro dos cientistas a suposição de que o principal

direito de uma crença na imortalidade, em sua opinião, consista em basear-se ela sobre as emoções.

Pelo fato de um homem ser proficiente em um ramo da Ciência, não se deve concluir que as suas opiniões sejam muito valiosas em outro, de que ele só possua conhecimentos superficiais. Pode-se ser excelente geólogo, e não se ter habilitações para decidir uma questão relativa aos hábitos das abelhas. Pode-se ser um lógico tão sutil como Stuart Mill, ou um fisiologista tão consumado como Huxley, e, contudo, ser-se uma pobre autoridade em ciência musical, e um simples desatinado, quando, depois de ligeiro exame, busque lançar o descrédito sobre certos fenômenos psíquicos, quando outros, que dedicaram a esse assunto o estudo da metade de suas vidas, os podem atestar. A seguinte réplica às objeções apresentadas pelo Professor Wundt a prossecução das nossas investigações, como matéria de interesse científico, explicará o caso:

Vossa "Carta Aberta" ao Professor Hermann Ulrici, de HaIIe, acerca do Espiritismo, considerado como uma questão científica, foi traduzida e publicada no "American popular Science Monthly", de Setembro de 1879. Parece que Ulrici, de cujos vistas discordais, ficaram convencidos da realidade de certos fatos, atestados por eminentes homens de Ciência e sobre os quais não pode mais haver dúvida, e de se ter o chamado Espiritismo tornado um assunto da mais alta importância.

Parece também que estiveram presentes às sessões de Henry Slade, em Leipzig, no ano de 1877, além dos professores que se convenceram da realidade dos fenômenos espíritas, outros membros da Universidade, que parece não terem co-participado dessa convicção. Foste a um destes últimos; e Ulrici, em seu "Zeitschrift für Philosophie und philosophische Kritik" ("Jornal de Filosofia e Crítica Filosófica"), parece haver desafiado os discordantes para publicarem o que haviam visto, darem os motivos pelos quais duvidaram da realidade do que observaram,

e bem assim aqueles que os levaram a crer em um embuste ou ilusão.

Acerca do último ponto, a julgar por vossa linguagem, vos achais ainda indecisos. Há passagens em que pareceis admitir francamente a objetividade e o caráter inexplicável dos fenômenos; há outras, em que apontais a impostura como a solução, e dizeis que o médium mente quando se apresenta como instrumento passivo. As duas razões, sobre as quais baseais essa acusação, procedem tão claramente da ignorância dos fatos e teorias que se referem ao desenvolvimento mediúnico, que podem ser com toda a facilidade refutadas.

Eis as razões da vossa hesitação: - Em vosso segundo parágrafo, dirigindo-vos a Ulrici, dizeis: “Como justamente notais, essas aparições não podem ser consideradas como fantasmas meramente subjetivos dos observadores; sua objetividade e realidade, no sentido ordinário à palavra, não serão de fato questionadas por quem quer que tenha somente lido a vossa curta descrição.”

No parágrafo 15, escrevestes ainda: “Se perguntardes, agora, se me acho nas condições de exprimir uma conjectura a respeito do modo por que as experiências foram conduzidas, eu vos responderei que não. Ao mesmo tempo, em todo o caso, devo afirmar que os fenômenos dessa ordem estão inteiramente fora do domínio da instrução especial por mim adquirida durante a minha carreira científica.” No mesmo parágrafo ainda observais: “Certamente achareis justificável que eu não formule hipóteses quanto ao modo por que os fenômenos foram produzidos pelo Senhor Slade.”

Depois dessas ingênuas concessões feitas à verdade, fiquei certamente surpreso de ver, no parágrafo 16, transpordes de súbito essas prudentes limitações da vossa ciência, e sugerirdes a velha e já por dez mil vezes explorada teoria do embuste; eis o que dissestes: “Quanto às experiências que eu mesmo observei,

creio não as deixariam de produzir a impressão de trabalhos de prestidigitação bem dirigidos, sobre o leitor isento de preconceitos que já tenha visto as maravilhas dessa arte.” No parágrafo anterior, tínheis confessado não vos achardes nas condições de exprimir uma conjetura acerca do modo por que essas experiências foram conduzidas. Tais incoerências são lamentavelmente notadas nesse trabalho que considerais como vigoroso exame de uma questão científica, e sugerem a impressão de que ainda não formastes juíza sobre a matéria.

Há um obstáculo a vencer no emprego da vossa teoria do embuste, o qual procurais remover algum tanto de improviso e por um modo cavalheiresco. Em três linhas julgais inutilizar o testemunho de Bellachini (já o citamos acima) com a observação evasiva de que só o reconheceríeis como autoridade, se soubésseis que ele formava alguma idéia da face científica da questão. O que se esconderá sob essa ostentação pedantesca? A que vem essa imputação acerca da veracidade de um depoimento? A que vem essa alegação do desconhecimento, por parte de uma testemunha, do escopo científico de rima coisa, quando ela só deve depor sobre a sua veracidade? Dais a perceber que Bellachini foi negligente no estudo da veracidade daquilo por ele solenemente asseverado relativamente ao assunto que foi incumbido de investigar. Sua reputação profissional correu o risco de ser ludibriada, e não obstante, com a coragem de um homem honesto, ele declara não poder haver interferência da prestidigitação nos fatos inexplicáveis que se davam nas sessões de Slade. Se aceitarmos o vosso vacilante julgamento, pretendeis impugnar a sua fidelidade.

Combatendo a pretensão do Espiritismo a um reconhecimento científico, (apresentais as duas questões 1) - Quais os sinais característicos de uma autoridade científica? 2) - Que influência devemos conceder a uma autoridade estranha sobre os nossos próprios conhecimentos?

Dizeis, com verdade: “O mais alto grau de credibilidade não basta para dar a um homem a autoridade científica; para isso, há mister de uma educação proficiente especial e realmente técnica, demonstrada por produções superiores no ramo da ciência a que ele se dedique...” (Era essa a habilitação de Bellachini na questão de que tratamos.) “Para poder falar com autoridade sobre um fenômeno, o homem deve possuir perfeito conhecimento crítico do mesmo.”

Sob a influência de tais considerações, posso, com toda a razão, sustentar que os investigadores, mais familiarizados com os fenômenos psicológicos, têm maior competência para julgá-los, do que um especialista de outro ramo da Ciência. Seguem vossas pegadas as classes cujas crenças apupais como não científicas.

Dizeis ainda: “Só podem ser autoridades no presente caso as pessoas que possuam faculdades mediúnicas, ou que, sem se declararem possuidoras de tais dons, sejam capazes de produzir fenômenos da mesma natureza.”

Nisso mostrais ignorância profunda da natureza das manifestações mediúnicas. As pessoas que, sem possuírem poderes mediúnicas, são capazes de produzir fenômenos da mesma natureza e do mesmo modo que eles se dão em presença dos médiuns, pertencem a uma classe totalmente imaginária. Têm aparecido, desde o ano de 184?, charlatães e embusteiros ou, mesmo, médiuns renegados, com a pretensão de serem os expositores de fenômenos mediúnicos, porém, nunca esses impostores conseguiram explicar, fora da hipótese espírita, qualquer dos atuais fenômenos, como produzidos por pessoas que não possuam faculdades mediúnicas, do mesmo modo que o fazem os médiuns genuínos. Desafio, a quem quer que seja, para desmentir-me. Os pretendidos expositores iludiram por algum tempo a eminentes opositores do Espiritismo, como Huxley e Carpenter; nunca, porém, deram um só passo para esclarecer

uma pessoa, real e praticamente conhecedora do assunto, quanto ao “modus operandi”. Isso demonstra que acertastes na vossa observação, de que, para que possamos falar com autoridade sobre um fenômeno, é necessário que o conheçamos perfeita e criteriosamente.

A vossa idéia de serem os médiuns autoridades no que se refere a esses fenômenos, ou de possuírem eles esse conhecimento crítico e perfeito, só é real em poucos casos notáveis e dentro de certos limites. Os mais poderosos médiuns, quando os fenômenos se produzem, estão quase sempre mergulhados em um estado de transe ou êxtase nervoso, que os impossibilita de fazer qualquer observação crítica. E certo que eles, muitas vezes, acreditam estar sob a influência de algum Espírito que, servindo-se dos seus órgãos vocais, pode discorrer sobre o caráter do fenômeno e tentar explicá-lo; mas, semelhante testemunho não é aceito como científico, senão quando satisfaz a razão humana. A vossa afirmação, portanto, quanto ao direito de ser autoridade no caso, é totalmente errônea e simplesmente denuncia a vossa ignorância na matéria.

As duas questões genéricas que apresentastes e a que vós mesmos buscastes responder, lançaram-vos em um assunto, de cuja natureza ficou dependente todo o vigor da vossa argumentação, quanto ao caráter não científico das pretensões do Espiritismo. Mas, a suposição é grosseiramente arbitrária e falaz. Vós a exprimistes sob várias formas, das quais escolho as seguintes:

1° - Nenhuma lei da Natureza é caprichosa e acidental...Entretanto, o mais importante característico desses fenômenos está precisamente no fato de parecer necessário a derrogação dessas leis naturais para produzi-los.

2°- As leis da gravitação, da eletricidade, da luz e do calor só têm, como nos afirmam, um valor puramente hipotético;

tiveram autoridade, enquanto não veio contrariá-las esse fenômeno inexplicável e espiritual.

3°- De um lado, acham-se a autoridade de toda a história da Ciência e a totalidade das leis naturais conhecidas, que não foram descobertas somente sob a pressuposição de uma causalidade universal, porém que, sem exceção, vieram confirmá-la.

4° - Do outro lado, mostra-se a autoridade de algum eminentíssimo naturalista que... anunciam a descoberta da inexatidão dessa causalidade, e nos aconselham, conseqüentemente, o abandono das nossas antigas concepções da Natureza.

A vossa alegação de serem as leis da Natureza derrogadas por esses fenômenos, é tão irracional e vazia de sentido, quanto às objeções daqueles que, quando os telescópios e os microscópios foram inventados, os denunciaram coma invenções ateístas; ou como os clamores daqueles que se opunham à teoria da esfericidade da Terra e da existência dos antípodas, julgando-as anticientfficas. Como se poderia supor que os homens andassem com as cabeças para baixo, como as moscas em um teto!

Com o fim de dar uma aparência de razão científica à vossa objeção, fostes forçados a afirmar uma coisa, para o que a Ciência não vos deu autorização, isto é, que não existem seres espirituais, invisíveis aos olhos humanos, exercendo sobre a matéria poderes maravilhosos, apesar de limitados. As vossas hipóteses antepõem uma outra, a da existência desses seres, conforme as provas que possuímos. Desde que não apresentais provas, a vossa afirmação de chocarem esses fatos com as leis da Natureza, não passa de repetição de simples conjetura, sem valor algum científico.

Afirmais que, quando um homem é suspenso até aa teto de uma sala por meios ou aplicações humanas desconhecidas, a lei

da gravitação é violada. Com uma indiferença puramente arbitrária, porém, abandonais inteiramente a possibilidade de poder a levitação ser efetuada pelos Espíritos, substancialmente organizada, apesar de invisíveis aos nossos grosseiros sentidos naturais, não sendo então violada a lei da gravitação mais do que quando o homem dá um salto mortal. Se as leis da gravitação, da eletricidade, da luz e do calor podem ser, dentro de certos limites, modificadas ou suspensas pela arte humana, porque não poderão os Espíritos dispor do mesmo, ou de maior poder, e exercê-lo, sem nenhuma infração das leis naturais ou dos princípios de causalidade? Vossa asserção de só terem essas leis um valor puramente hipotético na opinião dos espíritas, é diretamente oposta à verdade, pois cremos que todos os fenômenos estão em perfeita concordância com as leis naturais.

Essa hipótese, segundo a qual há contravenção das leis da natureza por esses fenômenos, quando reconhecidos como reais, tem sido propagada durante os últimos trinta anos. Foi a principal arma do Senhor Youmans, do "Popular Science Monthly", em sua campanha contra o Espiritismo, mas, apesar de ter sido milhares de vezes posta fora de combate pelos bem conhecidos espíritas Roberto Chambers, Alfredo R. Wallace, Prof, de Morgan e Roberto Dale Owen, aparece ainda ela com toda a gravidade na vossa carta, e como uma objeção nova e atordoante.

O homem de imperfeita ciência admite sem provas uma ordem inflexível na Natureza; mas, como saberá ele que não existem outras leis naturais mais elevadas ainda não descobertas, às quais se achem subordinadas aquelas que ele conhece? E' com justiça que se diz, ao afirmar que a Natureza obrará deste ou daquele modo, por que ela assim o fez da outras vezes, que ele coloca uma vontade subjetiva e metafísica acima da ordem física das coisas.

Meu prezado correspondente, Alfredo Russell Wallace, deve ser muito conhecido dos que, na Alemanha, leram, as obras de Darwin, o eminente naturalista inglês. Wallace é também um espírita confesso e tem tratado, com a sua habitual perspicácia, dessa objeção constantemente apresentada (ainda revivida por vós) de uma contravenção das leis da Natureza. Diz ele:

"Um engano comum parece manifestar-se através de todos os argumentos oferecidos contra os fatos reputados miraculosos, quando se alega que eles violam, invadem ou subvertem as leis da Natureza. Essa é realmente a questão capital que devemos resolver. Se os fatos disputados se dão, não podem deixar de conformar-se.com as leis naturais, pois que a mais perfeita definição destas, é que elas são as regras reguladoras de todos os fenômenos".

Recusar-se admitir aquilo que, em outros casos, seria a evidência conclusiva de um fato, por não se poder explicá-lo pelas leis naturais que hoje conhecemos, é realmente sustentar que já possuímos completo conhecimento dessas leis e podemos determinar de antemão o que é, e o que não é possível.

Afirmo, sem receio de contestação, que, se os cientistas de qualquer tempo negarem os fatos sujeitos à, investigação, por motivos a priori estabelecidos, errarão sempre.

Quando Castallet informou a Réaumur que havia encontrado bichos de seda nos ovos das traças novas, a resposta que obteve foi: Ex nihilo nihil fit; e não se acreditou no fato, porque ele contrariava uma das mais firmadas leis da Natureza; contudo, é hoje admitido como verdadeiro, e a suposta lei cessou de ser universal.

Vedes, pois, que é de todo infundado o vosso receio de serem aniquiladas as leis da Natureza. Essas leis, na sua esfera visível, como na invisível, provavelmente continuarão a ser tão seguras e inflexíveis como têm sido, até hoje, inalteráveis apesar

dos desejos e das más interpretações de professores suscetíveis de errar.

Dissestes que a autoridade de toda a história da Ciência e a totalidade das leis naturais conhecidas confirma, sem exceção, a pressuposição de uma causalidade universal. Essa pressuposição tornou-se justificável pelo Espiritismo, mas não tem o cunho de declaração autoritária de uma ciência absoluta. Que há uma Alma dirigindo o Universo, é uma dedução legítima de toda a ciência que até agora possuímos; mas a Ciência não pode afirmar essa dedução como parte integrante dela mesma. Não pode ir além dos fenômenos e entrar na região da causalidade, sem abandonar o seu próprio domínio e invadir outro onde não existe como ciência. Com certeza, vossas idéias sobre uma causalidade universal, confirmada por toda a história da Ciência, estão em completa oposição às conclusões da grande maioria dos naturalistas e cientistas hodiernos.

O Professor Newcomb, um dos diretores da Ciência na América, na Memória ultimamente apresentada, em São Luís, à Associação Científica Americana, contradiz, nos seguintes termos, a vossa argumentação: “O modo de obrai da Natureza inteira apresenta uma série de seqüências mecânicas, da qual toda a intervenção de uma causalidade estranha é inteiramente excluída.” Com essas idéias (que eu não aceito) concorda a maioria dos físicos de hoje.

O próprio Kant nos diz que a idéia de causa, bem como a crença de que cada fenômeno implica a operação de uma causa, são simples formas da nossa inteligência, estados subjetivos do pensamento humano. Deveis conhecer perfeitamente que Hume está longe de admitir as vossas asserções. Ele sustenta que tudo o que vemos e sabemos não passa de simples sucessão, com antecedentes e conseqüentes; que, notando essa relação nas coisas, associamo-las e imaginamos existir entre elas um vínculo

ou conexão, e damos a umas o nome de causa e a outros os de efeito.

Assim, a vossa pretensão de fazerem as vossas idéias de causalidade uma parte integrante da Ciência, não é reputada boa, desde que as investigações acerca das causas primárias vão além dos fenômenos que formam os limites pelos quais a ciência humana não pode passar.

A vossa afirmação de haverem eminentes naturalistas se convencido da objetividade e veracidade dos fenômenos produzidos na presença de Slade, anuncia que a causalidade tem uma falha, não é mais que indesculpável corrupção ou falsa interpretação do sentido das palavras, feitas de modo acomodatício ao vosso fim. Essa vossa afirmativa cai com outras que também fizestes.

Censurastes as condições em que se produzem os fenômenos mediúnicos, mas, como essas condições só poderão ser inteligentemente apreciadas por pessoas praticamente conhecedoras do assunto, não me demorarei em considerar sobre as vossas censuras. Não julgo necessário analisar vossa notícia sobre a única sessão que tivestes com Slade, na qual se fizeram experiências sobre as quais confessais não poderdes exprimir uma conjetura quanto ao modo por que os fatos se deram.

Relativamente à vossa própria incapacidade de explicar as experiências e descobrir o “modus operandi” do Senhor Slade, dissestes:

"O que para mim se tornou mais surpreendente, e também sê-lo-á para vás, foi à recusa de Slade prestar qualquer informação a respeito. Ele é médium; é um experimentador, e, portanto, deve conhecer as condições em que os fenômenos se dão. Diz que nada sabe a tal respeito, e que a sua posição é totalmente passiva. Esta última asserção é de todo falsa, pois geralmente os fenômenos só se produzem nas sessões dadas por ele, e por ele dirigidas para a consecução do que deseja."

E realmente surpreendente que um filósofo e um homem de ciência, como sois, se arrisque a discorrer sobre um assunto tão grande, complexo e momentoso, - que está hoje ocupando a atenção de milhões de homens em todas as partes do mundo e exige grande cabedal de estudos e investigações para ser bem compreendido -, apenas possuindo a seu respeito conhecimentos rudimentares, como se infere das censuras sem base que fazeis no parágrafo supracitado. Confundis um médium com um experimentador, e pretendeis levantar uma teoria imperfeita e desatinada à custa dos conhecimentos empíricos de todos aqueles que têm estudado longa e cuidadosamente o assunto da mediunidade. Um médium não pode ser considerado um experimentador, e Slade, que é médium, diz a verdade quando afirma a passividade da sua posição. Os dois motivos que alegais, para acusá-lo de falsidade, são simples sugestões da ignorância, além de frívolos e errôneos. Um deles se estriba em que os fenômenos geralmente só se produzem nas sessões dadas por Slade; ora, contrariamente a isso, é sabido que fenômenos, ainda mais surpreendentes que os que se dão em sua presença, e em condições mais satisfatórias, têm ocorrido na América, na presença de Watkins, Powell, Phillips, Senhora Simpson e outros médiuns particulares que não recebem paga pecuniária por suas exibições.

O segundo argumento é que o fenômeno se apresenta obedecendo à ordem em que Slade dirige o trabalho; é uma asserção que, podendo ser de fato real, torna-se falsa assim generalizada, com omissão de certas circunstâncias. A teoria é que, se Slade deseja produzir um fenômeno de certa ordem, é porque as impressões recebidas daqueles que o dirigem induzem-no a fazer essa escolha. Vossos dois motivos, para acusá-lo de falsidade, não resistem ao primeiro choque de uma análise inteligente.

Rematastes a vossa injúria a Slade (cuja boa fé não afirmo nem nego) observando que a questão da realidade ou não realidade dos fenômenos espíritas seria para vós uma revelação extremamente difícil, se tivésseis de considerá-la como excluindo toda a explicação possível dos fenômenos por um modo natural, por um modo que deixe intacta a lei universal de causalidade.

Ainda a causalidade! Ainda a violarão da Natureza Meu caro filósofo, consolai-vos. A aparição de um Espírito nesta esfera mundana, se realmente ocorre, deve ser um fato puramente natural, visto que a Natureza abrange todos os fenômenos demonstráveis. A lei universal de causalidade não é violada ou ameaçada por esse fato, mais que pelo da elevação de um balão ao ar, ou pelo de uma operação cirúrgica sem que o paciente sofra, por se achar sob a ação do clorofórmio. Não será pelo fato de olhardes o Espiritismo através de um véu de apreensões e terrores medievais, que ele apresenta aos vossos olhos um aspecto disforme, essas cores sinistras?

Admitis, como base argumentativa, as idéias de Ulrici e a da maioria dos espíritas que consideram os Espíritos manifestantes como os de nossos companheiros falecidos, que por esse meio nos vêm avisar da sua sobrevivência e das suas condições depois da morte, e perguntais: “Qual é então a importância do fenômeno?”

Ulrici, parece, avançou a opinião de que essa importância consiste principalmente em nada ter um poder maior, para o fortalecimento da nossa fé em um supremo governo moral do mundo, e para com mais segurança reprimirmos o materialismo e o indiferentismo do nosso tempo, do que a certeza da imortalidade da alma.

As mesmas idéias foram sustentadas pelo falecido J. H. Fichte, de Stuttgard (nome ilustre e venerável!), que previu os grandes proveitos que do Espiritismo esclarecido adviriam à

causa da Religião e da moralidade. Suas palavras são: “Aqui, na vida terrena, temos o poder de modelar o nosso destino futuro.” Considerou-o como revelação de grande importância num tempo em que a Humanidade já estava muito acostumada a desviar os cuidados do futuro de sua rotina diária, considerando-o como coisa de pouco interesse.

Essas previsões se acham de pleno acordo com as que são hoje sustentadas pela maioria dos espíritas e me parecem eminentemente razoáveis e próprias. Imaginai uma época em que as gerações dos filhos de boas famílias sejam educadas no seguro conhecimento da imortalidade; em que as leis da influência pré-nativa e pós-nativa sejam conhecidas e observadas; em que o homem tenha a certeza de que aquilo que ele pensa e faz não é perdido na eternidade; e sinta que uma multidão de testemunhas, os grandes e os bons do passado, bem como seus parentes e amigos que partiram desta vida, sem falarmos da Suprema Inteligência, lêem seus mais íntimos pensamentos e conhecem seus atos mais secretos; e não podereis conceber um evangelho mais capaz de conduzir o homem ao bem, de dar-lhe melhores e mais fortes impulsos, e de conservá-lo reverentemente fiel à lei divina, como se acha ela expressa em sua própria organização e nos fatos do Universo.

Não pode haver evocação mais tocante e nobre do que a prece escrita do jovem príncipe imperial, morto pelos zulus em 1879, cujo pai, Luís Napoleão, era também espírita:

"Permiti, meu Deus, que penetre em minha alma a convicção de que aqueles a quem amei, e que faleceram, possam testemunhar todas as minhas ações. Ajudai-me para que a minha vida seja digna do seu testemunho e meus íntimos pensamentos não os façam corar."

Discordais, com enfática energia, de considerações desta ordem:

"Dissestes-nos que Ulrici reconhece realmente que as comunicações escritas pelos Espíritos só encerram coisas de pouca importância, e que as suas outras obras parecem ser também substancialmente inúteis, porém que ele se consola com o pensamento de que o princípio de desenvolvimento terá aplicação ma outra vida, de modo que as almas dos mortos só gradualmente irão subindo em força de vontade e conhecimentos."

Uma doutrina tão racional e justa, tão compatível com todas as analogias reveladas na investigação psicológica e tão conciliável com tudo o que podemos conceber de bondade, amor e sabedoria divinas, parece recomendar-se aos filósofos de inclinação religiosa liberal. Vós, porém, a repudiais como se o espectro de velha doutrina vicarial se interpusesse para vos afastar. Dissestes:

"Nesse ponto, infelizmente, devo opor-me de modo decisivo as vossas conclusões; afirmo que elas são tão falsas quão perigosas e disso vos procurarei convencei e aos vossos leitores."

O vosso esforço é um erro gravíssimo, tornado ainda mais manifesto pela solene confissão que fazeis de o empregardes. A Doutrina Espírita está em harmonia com todos os elevados pensamentos religiosos da nossa época, mesmo com os professados por aqueles que não adotam o Espiritismo. O vosso pensamento é medieval e retrógrado. Começastes atribuindo a Ulrici a asseveração de que os fenômenos semelhantes aos do Espiritismo nunca foram observados nos tempos primitivos. Realmente, parece que julgais ter feito uma descoberta até agora ignorada pelos espíritas. e que assim lançastes a confusão entre eles com a vossa sagacidade superior. A ignorância, porém, está toda convosco, desde que asseverais que esses fenômenos contrariam fatos já notórios.

Em vez de suporem convosco que tais fenômenos nunca foram observados nos primeiros tempos, os espíritos, desde o começo, têm sustentado, como uma das suas mais importantes credenciais, o fato notável de serem os fenômenos presentes corroborados e esclarecidos. pelos de todas as idades passadas. Encontramo-los nas mitologias e oráculos dos antigos, nas Escrituras hebraica e cristã, e mesmo nas evidências apresentadas pelo Senhor E. B. Tylor, na sua “Primitive Culture”, da universalidade da crença espírita entre as tribos selvagens reveladas nas investigações geológicas até onde a História e os nossos conhecimentos têm podido chegar.

Também vos referistes à história da feitiçaria no: século XVII, como se pretendêsseis esclarecer os espíritas sobre as analogias existentes entre muitos dos tais. fenômenos e os dos tempos presentes. Achareis, porém, que os fatos reais de feitiçaria, expurgados do muita que eles têm de puramente quimérico, de fantástico e de impudentemente falso, são aceitos pelos espíritas como fazendo parte de sua riqueza fenomenal.

Na minha obra (12), publicada em 1868, disse eu:

"Os anais da Humanidade estão cheios desses fenômenos, desde o alvorecer da História autêntica. Eles têm sido interrogados e examinados com diferentes propósitos, no correr deste último quarto de século; e, pelo que se tem colhido deles, podemos dizer que muitos dos fenômenos de feitiçaria, nigromancia, sonambulismo, mesmerismo, etc., é há muito tempo conhecido e disputado."

(12) Planchette or The Despair of science, Boston 7° edição publicada em 1880.

Blackstone, grande autoridade legista inglesa (1723-80), disse em seus “Comentários”:

"Negar a possibilidade e, ainda mais, a existência atual dos encantamentos e feitiçarias, é ir absolutamente de encontro à palavra revelada de Deus; e o fato em si é uma verdade a que todas as nações do mundo têm prestado os seus testemunho, seja

por exemplos aparentemente bem atestados, seja por leis proibitivas que, pelo menos, supõem a possibilidade de comunicações com os maus Espíritos."

O Senhor Lecky, em sua “History of Rationalism” (1864), declara que os homens mais sábios da Europa partilhavam da crença nos fenômenos da bruxaria.

Durante centenas de anos, nenhum homem de alguma nomeada os rejeitava. Lorde Bacon também não se libertou dessa crença; Shakespeare a aceitava juntamente com os seus mais ilustrados contemporâneas: Glanvil, Henry More., Sir Tomás Browne, e outros eminentes pensadores, asseveravam-na com todo o vigor.

Qualificastes esses fenômenos de “lamentáveis expressões de uma superstição corruptora”. Um conhecimento melhor desses fatos, tão profusamente atestado, vos convenceria de não estar a superstição em admitir certos fenômenos objetivos, mas na anticientífica espiritofobia, que leva os homens a interpretá-los mal, a prestarem um valor fanático à antiga proibição hebraica, filha da ignorância e do medo, e a permitir que a Igreja legisle sobre a interpretação que se deve dar às manifestações. Existem lamentáveis expressões do mal na natureza humana; também deve havê-las entre os Espíritos, visto serem apenas uma continuação da natureza humana, em outra fase da Criação.

Hoje ainda vós e outros homens de ciência estais repetindo a obra nociva, executada nos tempos passados pelo clero, auxiliado pelo poder civil. Trabalhais para fazer crer que esses fenômenos estão fora da ordem natural e que, por isso, devem ser repudiados como não se dando, ou, de outra sorte, olhados com a espécie de horror que desperta no homem a idéia do desconhecido e do sobrenatural.

O delírio da feitiçaria, transpondo os limites dos fenômenos genuínos, conduz às mais grosseiras falsidades, aos mais grotescos exageros, e às mais implacáveis perseguições; e isso

pelo simples motivo de suspeitar-se que, com o fim de destruir um inimigo, ou por qualquer outra. razão que os desviava do reto caminho, certos homens, mulheres e crianças praticavam a feitiçaria. Que vantagem colheria nisso um falsificador, se aí não houvesse um fundo real?

Se naqueles dias, porém, existissem alguns homens eminentes, conhecedores praticamente dos grandes fatos do sonambulismo, mesmerismo e Espiritismo moderno, em seus ensinos puramente científicos, eles teriam conseguido dissipar esse terrível engano.

Se, porém, tal erupção se manifestar hoje, os homens que buscarão aplacar o temor popular e eliminar das manifestações todo elemento de superstição, não serão por certo os doutores e filósofos, que, como vós, clamam que esses fenômenos violam as leis naturais, mas aqueles que os têm cuidadosamente estudado e verificado, e que conhecem que eles atualmente ocorrem em certas condições anormais.

Podeis sorrir, ao pensar que tal "ilusão" possa prevalecer nesta época científica; mas não será um perfeito conhecedor dos fatos, se ignorardes que fenômenos, em completa analogia com os da feitiçaria, têm ocorrido esporadicamente até o tempo presente. Nas residências de muitas famílias, as manifestações de pedradas, levitações, toques de campainhas, aparecimento de figuras grotescamente vestidas, mensagens de motejo, escritas independentemente de qualquer intervenção humana, estão-se dando em circunstâncias que repelem a teoria da fraude.

Se desejardes conhecer uma história perfeitamente autêntica das ocorrências em que aparece o diabolismo da feitiçaria moderna, aconselho-vos a leitura da notícia do que se passou na casa do Rev. Doutor Phelps, em Stratford, Conn., de Março de 1850 a Dezembro de 1851. Achareis do caso uma narração completa no "Modern Spiritualism", de E. Capron (Boston, 1855), trabalho imparcial e habilmente escrito. No ano de 1850,

recebi uma carta do próprio Doutor Phelps, tratando desse assunto, e publiquei-a no “Boston Daily Transcript”, que eu editava então. Nela se encontram autênticas notícias de escritas misteriosas feitas sem nenhum auxílio humano, do aparecimento de figuras vestidas, do movimento de objetos, de arremesso de pedras, etc. O Doutor Phelps é um homem muito respeitado, sincero e inteligente. Os fenômenos foram confirmados como super-humanos pelo mais amplo testemunho.

Esses fatos, clara e rigorosamente atestados, nunca foram impugnados, e têm sido corroborados por muitos outros semelhantes, de data mais recente.

As “lamentáveis expressões de uma superstição corruptora” não eram somente, deveis lembrar-vos, a partilha dos pequenos e obscuros. Os principais teólogos, legisladores e advogados sofriam a mesma influência. O erro deles consistia, não em crer nos fatos, mas em interpretá-los mal. Concebeis que teriam patrocinado as atrocidades cometidas contra pessoas inocentes, se, pela observação e testemunho, eles estivessem convencidos da realidade de certos fenômenos objetivos que, em sua ignorância e temor, consideravam como antinaturais?

De repente, produziu-se uma reação. Em Boston, muitos crentes tiveram de fazer penitência pública nas igrejas, por sua credulidade ímpia e desumana. Parecia que a comunidade inteira acabava de despertar de horroroso pesadelo. Conhecido certo dia que um sujeito era feiticeiro, no dia imediato era tratado com desprezo, e expulso. Inquestionavelmente, de envolta com muita coisa falsa e filha do fanatismo, muita coisa verdadeira foi eliminada da crença popular. Os homens passaram de um extremo a outro, e as opiniões públicas, adversas aos fenômenos, reais e espúrios, conteve o desenvolvimento dos médiuns durante o século e meio seguinte.

Dirigistes a Ulrici a seguinte carta: “Que conceito devemos formar das condições de nossos companheiros falecidos, se

vossas idéias forem reais?” pensando que ele não pudesse fazer objeção alguma material a certas conclusões vossas, das quais a primeira é a seguinte

"Fisicamente as almas dos nossos mortos tornam-se escravas de certos homens vivos, chamados médiuns. Esses médiuns, presentemente e de certo modo não muito espalhados fora do país, parece pertencerem quase exclusivamente à nacionalidade americana. A uma ordem do médium, as almas executam trabalhos mecânicos, que apresentam em toda a parte um caráter indeterminado; elas dão golpes, levantam ao ar mesas e cadeiras, tocam harmônios, etc."

Eis aí uma série de acusações, cada uma das quais, para sermos benévolos em nosso juízo, é um erro. 1° - Os Espíritos não são escravos dos médiuns. Não explicais por que processo lógico o médium pode adquirir essa posição preponderante. 2° - Os médiuns não são exclusivamente americanos. Home, um dos primeiros médiuns famosos, era escocês; o Senhor Williams, o Senhor Eglington, as Sras. Florence Cook, Wood, e Guppy, o Senhor Duguid, a Senhora Esperance, o Doutor Monck e vinte outros notáveis, são todos ingleses ou escoceses. 3° - As almas não obedecem às ordens do médium, praticando trabalhos mecânicos. Os fenômenos não são produzidos segundo os caprichos do médium. 4° - Os trabalhos não mostram em tudo um caráter indeterminado.

Dizeis que, dar uma pancada ou mover uma mesa, é praticar um ato indeterminado. Suponde que vos achais encerrado em uma prisão, da qual não vos podeis escapar, e que desejais que vossos amigos de fora conheçam a vossa situação, assim como que estais ainda vivo; será uma coisa feita sem determinação o ato pelo qual buscais informá-los disso? O Espírito, encerrado nos limites de certas condições, vê que os amigos, por eles deixados na Terra, acreditam que a morte é o aniquilamento do ser. Poderemos dizer que os golpes, os movimentos ou os sons

musicais, por meio dos quais ele procura tirá-los desse engano, sejam atos indeterminados ou pouco dignos? George Herbert diz que quem varre uma sala, de conformidade com o sentimento divino de cumprir um dever, dignifica o ato. Haverá motivo para assim desfigurardes o caráter da tentativa humilde do Espírito em se fazer reconhecer por um golpe ou por um movimento de mesa?

O movimento independente de um objeto pode ser realmente em si mesmo um ato trivial, mas quando é feito sem a aplicação de nenhuma força conhecida, seja humana ou mecânica, torna-se tão importante que, aos olhos de Faraday, Haeckel, Youmans e outros físicos, assume o caráter de um milagre, que os leva a repudiá-lo. Pelo fato de ser incrível, será um ato indeterminado?

Toda a vossa carta demonstra a necessidade que se tem de estudar cuidadosamente o assunto, antes de se tentar dar opinião sobre ele. Dizeis: "A asseverarão de que os seres de outro mundo desconhecido naturalmente se nos assemelham, não só em sua constituição corporal, como ainda nos seus vestuários, só me apresenta uma fraca probabilidade." Fraca ou não, as vossas noções do provável têm de ceder o lugar aos fatos. Os Espíritos ou anjos da Bíblia se apresentavam sob as formas de seres humanos, convenientemente vestidos, e os modernos fenômenos de materialização mostram que, freqüentemente, os Espíritos podem formar para si vestidos característicos ou emblemáticos, ou, pelo menos, que parecem tais aos nossos sentidos humanos. Em quase todas as notícias de aparições mais bem autenticadas, os Espíritos se mostram com roupas semelhantes aparentemente às usadas na Terra, ou com trajes brilhantes, de uma alvura superior à da neve, quais nenhum habitante da Terra pode produzir.

Se tivésseis concedido a esse assunto um só dia de estudo sério, conheceríeis que as formas e os vestuários, com que se apresentam os Espíritos materializados, são adotados de pronto,

freqüentemente com o propósito de provar-nos sua identidade. Não devemos julgar que os Espíritos conservem aquelas formas e vestuários. Zombais, pensando no aparecimento de um Espírito com o pé deformado com um sapato duro, e jovialmente observais: “A idéia de que um sapateiro cruel pode, mesmo no outro mundo, continuar a atentar contra a estrutura anatômica do nosso pé, não me é muito agradável.”

Essa facécia só pode fazer rir os ignorantes, porquanto tem por fundamento uma falsa concepção grosseira e antiespiritual. Por admitir-se que um Espírito possa apresentar uma imagem palpável e tangível do corpo terreno ou de uma parte deste, como ele o foi em certo período de sua existência mortal, não se deve concluir que o Espírito se tenha transformado em matéria, como estonteadamente imaginais.

Acerca do corpo espiritual, observa o Rev. José Cook (que não é um espírita) o seguinte:

"E' um corpo, que aparentemente não se altera ao passar através do que chamarmos matéria ordinária. Nosso Senhor tinha um corpo desses, depois da sua ressurreição. Ele se mostrou de súbito no meio de seus discípulos, quando as portas estavam fechadas... Não esqueçamos que essa conclusão é proclamada em nome da Filosofia, do modo mais rigoroso. O veredicto é cientifico, e conforme com a Bíblia."

Pelo fato de o corpo espiritual do Cristo ter penetrado em uma sala, cujas portas estavam fechadas, não se segue que foi o seu corpo espiritual que se tornou visível aos seus discípulos. Ele tinha, como Espírito, o poder de improvisar e externar uma representação material do seu corpo terreno, com as suas feridas. A história do moderno Espiritualismo está cheia de fenômenos semelhantes. O Cristo veio provar-lhes que a morte é uma mentira, e que o homem continua a ser potencialmente o mesmo depois da dissolução do que há nele de mortal.

Há Espíritos que desejam mostrar a sua inteligência, a inalterabilidade das suas afeições, a conservação de seu amor à música, e, para isso, transmitem mensagens amorosas, tocam no harmônio alguma melodia, talvez favorita de algum dos presentes. Poderemos julgar que isso seja feito sem propósito, indeterminadamente: Dizeis:

"A condição moral das almas parece ser relativamente a mais favorável. Segundo todas as evidências, o caráter de inofensivas não lhes pode ser recusado. Isso se manifesta particularmente no fato de julgarem necessário pedir desculpas, quando na manifestação se dá alguma coisa brutal, que possa danificar alguém, como, por exemplo, na destruição de um biombo, com uma delicadeza que é digna de reparo. Essa benevolência nos autoriza a formar um juízo favorável de suas outras qualidades morais, relativamente as quais nada conhecemos de particular."

Fazendo as vossas observações, dizeis: “Perdoai-me se pareço gracejar.” Ficai certo de que não precisais desculpar-vos; vossas jocosas alusões são de natureza tão moderada e inofensiva, que não podem magoar a alguém que seja prático no Espiritismo. Um biombo foi destruído e as forças que operavam (às quais preferistes dar o nome de “fantasmas”) polidamente pediram desculpas. “Essa benevolência, dizeis vós, nos autoriza a formar um juízo favorável de suas qualidades morais, relativamente às quais nada conhecemos de particular.: Nada é conhecido por vós, devíeis ter dito. As outras qualidades morais dos chamados Espíritos se têm manifestado sob uma multiplicidade de formas. Segundo a teoria, há todos os graus de bondade e maldade, de estupidez e inteligência na vida espiritual, como nesta; e nós receberemos justamente o que devemos esperar, se as nossas esperanças se basearem em fatos bem estabelecidos.

Acusais Ulrici de “repentinamente haver atirado fora todos os princípios da investigação científica, com o fim de encontrar nas revelações dos Espíritos batedores os meios de obtermos profundos conhecimentos sobre a Criação”, e perguntais, consternado: “Donde poderão vir, para o investigador científico, a coragem e a perseverança em seus trabalhos, quando as leis da Natureza, segundo a perspectiva que nos franqueais, se aproximam do ponto em que elas terão de desaparecer?”

Já respondi a essa vossa sempre renovada questão. Permiti que ainda uma vez a ela responda. Pela conexão desses fenômenos com as condições fisiológicas, eles parecem puramente participar da natureza dos da vida orgânica Quando um instrumento é tocado sem intervenção humana, quando um médium é elevado até o teto de uma sala, quando a escrita independente e produzida em condições apropriadas, sem uma só falha, quando objetes são independentemente movidos de um para outro lugar em plena luz do dia, quando se nos apresentam formas humanas e palpáveis, as manifestações encerram um lado subjetivo e outro objetivo. Prestam-se a um exame científico tanto quanto os outros fenômenos da Natureza; e, dizer-se que elas são sobrenaturais, é prejulgar a questão com a maior e mais profunda ignorância.

A reputação do falecido Baden Powell (1796-1850), de Inglaterra, talvez vos seja desconhecida. Ele foi professor de Geometria em Oxford e um profundo pensador. Acreditava que os fenômenos espíritas deviam ser reconhecidos como fazendo parte do domínio da Natureza, e tornar-se objeto de investigações filosóficas. Sua predição foi bem depressa realizada, como o demonstram amplamente os escritos de Wallace, Varley, Crookes, Fichte, Franz Hoffman, Zollner, Boutlerof, Hare, Wagner e outros homens de ciência. Referindo-se aos fenômenos supersensoriais, Powell disse:

"Em tais casos, a Ciência não chegou ainda à generalização; só se têm apresentado resultados, cujas leis reguladoras ainda não estão traçadas; contudo, nenhum investigador filósofo pode por um momento duvidar de que os fenômenos dessa classe sejam todos realmente ligados por um grande princípio de ordem. Se dão, às vezes, algumas manifestações de caráter mais extraordinário e, na aparência, menos redutíveis a algum princípio conhecido nenhum filósofo poderá duvidar de que elas estejam em harmonia real, e façam parte de uma ordem mais elevada de causas ainda por descobrir. As mais extraordinárias anomalias, na aparência, serão no futuro reconhecidas como confundíveis nas grandes e harmoniosas leis; suas relações serão estabelecidas e seus títulos de ordem, continuidade e analogia serão finalmente confirmados."

São idéias científicas amplas e liberais. Consenti que eu procurasse dissipar vossos temores, meu caro professor. Isto é uma resposta plena e conclusiva a objeções de supernaturalismo, violação das leis naturais, etc., apresentadas por vós e muitos outros que condenaram o Espiritismo, antes de o terem estudado.

Dizeis que “o pior inimigo da moralidade tem sido sempre a superstição”. E uma verdade. Donde veio, porém, a superstição durante a bruxaria insana dos séculos décimo sexto e décimo sétimo? Foi à superstição, eu o repito, que desnorteou teólogos eminentes como Mather, juízes como Servall, e magistrados como Sir William Phipps, levando-os a favorecerem as perseguições exercidas contra as pessoas suspeitas de feitiçaria. A superstição nasceu de uma falsa interpretação dos fenômenos reais, e foi encorajada pela idolatria da Bíblia, o fanatismo e a influência do medo sobre as ações dos sacerdotes e suas vítimas. Lançando ao ostracismo esses fenômenos, hoje comuns como anti ou sobrenaturais, vós e os vossos colaboradores fizestes o que pudestes para desanimar toda a investigação científica

acerca de sua origem. Ao seu desenvolvimento atual tendes oposto os mesmos prejuízos e superstições, que impediram se fizesse cuidadoso inquérito científico sobre as manifestações da feitiçaria. Afirmais que aquilo a que chamais “epidemia espírita” domina na América e que, por isso, não tendes meios de deter os abusos e as crendices, nascidas do modo anticientífica de interpretar os fatos, senão combatendo os próprios fatos. Repelis totalmente o grande inquérito como contrário à ordem da Natureza e às leis da causalidade divina. E possível que vós e vossos auxiliares consigais deter a marcha dos fenômenos e demorar a sua investigação até outro século; mas, por mim, sou levado pelos sinais dos tempos a crer na vossa derrota. A sibila expõe de novo seus livros. Deveremos repeli-los?

A seguinte passagem da vossa carta é alguma tanto obscura e equívoca; mas buscarei fazer-lhe justiça:

"A moralidade bárbara produzida naquele tempo pela crença nos feiticeiros, teria sido precisamente a mesma, se a feitiçaria fosse uma realidade. Por isso podemos reduzir a questão em saber se tendes ou não motivos para crer nos fenômenos espíritas; e, para contentar-vos, resumiremos em saber se os objetos da vossa crença apresentam os sinais característicos que se encontram nos daquelas que, segundo o testemunho da História e da psicologia social, foram julgadas prejudiciais ao desenvolvimento moral do homem. Essa questão, pelas intimas relações que se nota existirem entre o Espiritismo e as mais corruptas formas da superstição, só pode ser respondida afirmativamente."

Não poderia também um descrente do Cristianismo, pensando na Inquisição, nas atrocidades de Filipe II, de Espanha, tudo apadrinhado com os interesses da religIão, ou nas obscenidades dos anabatistas e outras seitas, dizer: “A moralidade bárbara, produzida naquele tempo pela crença no Cristianismo, teria sido precisamente a mesma, se ele fosse uma

realidade; pelo que só nos preocuparemos com examinar essa realidade e, para contenta -vos, perguntaremos se não foi ele prejudicial ao desenvolvimento moral do homem. Só podereis dar uma resposta afirmativa?”

Plausível, como isso pode parecer, não será repelido pela generalidade dos cristãos como uma idéia acanhada de injusta?

Pelo fato de os fenômenos da feitiçaria, olhados sob o ponto de vista da ignorância e do terror religioso, poderem produzir o mal, deveremos concluir que não possam produzir o bem, dar-nos a instrução, se forem olhados e estudados com serenidade científica e precisão filosófica, com abstração de toda a superstição, de toda a superfluidade religiosa, de todo o temor quimérico de violação da ordem da Natureza?

Entre as “influências desmoralizadoras” do Espiritismo, alegais “o perigo do afastamento da obra primitivo, dedicado ao serviço da Ciência ou de uma profissão prática”. A teoria diz que, depois de um número conveniente de investigações e discussões, feitas por pessoas competentes, os fatos do Espiritismo ficarão tão firmados e serão tão facilmente admitidos como os da Química e da Anatomia; que as gerações futuras serão educadas no conhecimento desses fatos. Se o vosso pensamento é correto, poucos especialistas terão gosto pelo estudo que us desviará da obra primitiva. Esse temor é aqui totalmente absurdo.

Dissestes:

"Muito mais notáveis são as concepções indignas que esses fenômenos nos sugerem, da condição do Espírito depois da morte, e que só têm análogas no chamado animismo das raças mais degradadas."

Doze linhas depois observaram:

"Em todo o caso, não vedes com pasmo no Espiritismo mais que um meio empregado pela Providência para sustar a marcha do atual materialismo. Essa é para mim a parte mais

incompreensível do vosso ensaio. Vejo no Espiritismo, ao contrário, uma prova do materialismo e do barbarismo hodiernos. Desde os primeiros tempos, como bem sabeis, o materialismo se apresentou sob duas formas, uma negando o espiritual, outra o transformando no material. A última, é a mais antiga das duas formas. Do animismo das mitologias populares, ele passou para a filosofia a fim de ser por esta gradualmente suplantada. Como o barbarismo civilizado pode experimentar recaído em todas as formas das condições primitivas, o mesmo se pode ter dado com o materialismo. Estou muito penalizado, vendo que em vás a filosofia teve essa recaída."

A questão essencial não consiste em saber o que o Espiritismo fará ou quais serão os seus efeitos, segundo o pensar de um homem, por eminente que seja; mas se é um fato natural. Se isto for reconhecido, a verdadeira sabedoria nos manda deixar suas conseqüências aos cuidados da Providência.

Afirmais ser “uma concepção indigna da condição do Espírito depois da morte” a suposição de poder ele manifestarem muitos dos defeitos que o caracterizavam em sua vida terrena. Afirmo que a identidade individual não seria conservada, se isso não fosse possível ou, antes, provável. A nossa questão, porém, não é de saber se reses coisas nos são esteticamente gratas, mas se são reais.

Fica sentido pelo fato de homens eminentes verem, nesses fenômenos, aquilo a que chamais “um meio empregado pela Providência para sustar a marcha do atual materialismo. Que achais de irreverente ou irracional nessa opinião? As coisas iam seguindo o caminho traçado pelos desvarios da ciência materialista; Deus e o Espírito eram expelidos da mente humana, e surgia uma geração de descrentes, relativamente à vida futura e às realidades do mundo invisível; é justamente nesse momento crítico, em que a fé em qualquer outra coisa, que não fosse a matéria e o movimento, parecia estar moribunda no coração dos

homens, que se levantou esse insulso Espiritismo, embaraçante e exasperador, esse desmancha prazeres, e atraiu, sem eu poder saber como, muitos desertores das fileiras do materialismo saduceu. Ele já deu a plena certeza da imortalidade a milhões de almas deste mundo. Tem já convertido muitos dos mais terríveis descrentes, e em trinta e três anos se derramou no seio da Humanidade com expansibilidade sem igual na história dos credos. Se existem Espíritos, porque deixaremos de crer que os atuais fenômenos se dêem com permissão da Providência?".

Vedes no Espiritismo "uma prova do materialismo e do barbarismo do nosso tempo". Ainda aí, o essencial consiste em saber se os fenômenos são reais. Se o são, o seu reconhecimento científico é uma prova do adiantamento intelectual do nosso tempo. Os fatos se apresentam por modos diversos, consoante o grau de receptividade de cada pessoa. O fato de muitos os interpretarem de um modo falso e pernicioso, apenas quer dizer que os dons ou verdades divinas pode ser mal compreendido e mal usado.

A vinha é um presente de Deus, mas do seu fruto se pode extrair o líquido que nos embriaga. Está provado que muitos, por uma boa e proveitosa compreensão desses fenômenos, têm modificado sua vida e seu caráter e têm chegado à concepção do imenso valor de uma vida imortal.

O que chamais "animismo das mitologias populares" (13), é simplesmente uma crença na objetividade das aparições, o que, pelo fato de ser a aparição alguma coisa que se nos mostra, nada tem que pareça irracional. Transportada para os nossos dias, na Europa e na América, essa crença é, na vossa opinião, "o barbarismo civilizado". Agora, se estudardes de um modo conveniente o assunto, relativamente ao tom oracular que aí descobrirdes, ficareis sabendo que esse mesmo animismo, com as variantes que lhe emprestam os diferentes graus de desenvolvimento intelectual, se patenteia em toda a

pneumatologia das Escrituras dos hebreus e dos cristãos; ele foi aceito e explicado pelo próprio Cristo, acreditado por seus apóstolos e por João, o Revelador, e constituiu distintamente a crença dos primeiros padres cristãos até o século quinto, como no-lo indicam os escritos de Tertuliano e Orígenes.

(13) A palavra animismo foi empregada por Tylor, em sua obra Primitive Culture, para exprimir o reconhecimento, em todas as raças humanas, da alma como uma entidade distinta.

O que essas "raças degradadas", de cujo animismo tendes tanto horror, realmente acreditavam, em relação à imortalidade, se baseava claramente em certos fatos objetivos, hoje comuns e destinados a serem estudados e coordenados pela nossa nova ciência psicofísica, fatos tendentes a demonstrarem que o Espírito é o próprio homem, que a sua personalidade é permanente. O que, porém, entra no rol das coisas possíveis é que esses novos organismos podem desdobrar-se, adaptando-se a.os estádios progressivos da sua existência.

Se preferirdes - como alguns dos ateístas ingleses. Leslie Stephen, o falecido professor Clifford e outros -classificar essa crença como uma simples "espécie grosseira de materialismo", não fareis mais que dar um mau nome àquilo que os grandes videntes de todas as idades intuitivamente aceitavam. Nada há nessa crença que a mais adiantada ciência possa reputar anticientífico. Ela não viola princípio algum da Química, da Mecânica ou Física geral.

A hipótese de um organismo supersensorial, desenvolvido "pari-passu" com o físico e agindo entre esta e a vida que emana da Fonte Divina de todas as coisas, não é somente uma pura concepção racional, mas uma concepção corroborada por fatos inumeráveis.

A pneumatologia do Espiritismo, semelhante à da Bíblia, à dos índios da América do Norte e de outras "raças degradadas", ensina-nos que as aparições das pessoas falecidas são visíveis, ora somente aos sentidos espirituais do médium ou videntes, ora

aos sentidos normais de uma assembléia promíscua, como se deu com a entrada do Cristo em uma sala, cujas portas estavam fechadas.

Em ambos os casos, a questão está em saber se a aparição é formada por aquilo que os nossos sentidos humanos reconhecem como matéria. O fato de uma aparição não ser somente visível, mas também tangível, parece justificar a crença de gozar o Espírito da faculdade de empregar uma espécie de materialidade imperceptível para formar um simulacro do seu corpo terrenal. Não é provável que essas "raças degradadas" se ocupem com a distinção que existe entre as substâncias material e espiritual; todavia, elas acreditam que aquilo que vêem e tocam tem alguma coisa da forma e substância de espécie natural e ocupa espaço. Nisso, eles têm plena razão, apesar de aí só descobrirdes "materialismo".

Quanto à natureza constitutiva dos chamados corpos espirituais, não nos atrevemos a dogmatizar. Não tratamos de saber se a alma é um organismo ou o resultado de um organismo.

O que o Espiritismo ensina, a tal respeito, é que o Espírito ou alma não é um princípio pensante abstrato, mas o reflexo ou a expressão de uma substância e forma distintas, habitando no corpo físico e tornando-se independente, pela morte deste.

O ato da clarividência implica a existência de uma faculdade espiritual inerente a alguma coisa distinta da matéria grosseira e visível. Se o homem continua a existir depois da dissolução do seu corpo terreno, é também. em sua vida terrestre, um Espírito, apesar de circunscrito pelos órgãos que o adaptam a essa vida, que poderá manifestar-se, em certas condições, sob a forma de um irradiamento de sua natureza espiritual e imorredoura. Temos provas de que tal se dá.

Se a matéria e o Espírito são distintos em sua essência íntima, é uma questão cuja solução não afeta os fatos sobre os

quais se baseia a teoria espírita. Porém, adulterais os fatos, quando acusais o Espiritismo de "transformar o espiritual em material". Ao contrário, ele faz da alma, ou Espírito, o senhor da matéria, exercendo sobre esta um poder tão inconcebível às nossas faculdades finitas, que Zollner teve de recorrer à obscura hipótese de Kant, da existência de uma quarta dimensão no espaço, com o fim de colocar o milagre aparente dentro dos limites de uma obscura solução científica.

Aquilo que constitui o fundo da matéria e do Espírito, a sua substância íntima, fulgura, conforme ensinam Leibnitz e Swedenborg, corno emanação da Substância Divina; nós, porém, não confundimos o princípio espiritual que preside à direção da matéria com essa mesma matéria, nem o corpo espiritual com o próprio Espírito.

Deveis saber que os dois maiores filósofos da Alemanha, Leibnitz e Kant, foram grandes partidários da crença pela quais experimentais tantas tristeza. Leibnitz insiste em que, relativamente a cada inteligência finita, a alma veste sempre um corpo material, mais ou menos rarefeito (puro animismo das "raças degradadas"), e que ele encontra no seu corpo espiritual, do tipo referido por São Paulo, novos órgãos de sentimentos. Kant predisse a vinda de um tempo em que ficaria demonstrada a comunhão real e indissolúvel do mundo dos Espíritos com a alma humana em toda a sua existência terrena (ainda o animismo das raças inferiores). E certo que Kant fala dos Espíritos como naturezas imortais; mas isso não destrói o fato de precisarem eles de organismos substanciais para nos manifestarem essa sua natureza, e realizarem as obras do universo de Deus, visíveis e invisíveis. J. H. Fichte, pouco antes de morrer, em 1879, escreveu o seguinte acerca dos aludidos fenômenos: "A crença na imortalidade da alma é ratificada pelos resultados evidentes da experiência física."

Agostinho (430 depois do Cristo) e Tomás de Aquino (1274) escreveram. ambos a favor da imaterialidade da alma; mas o último admitia a existência de uma substancia corporal sutil, a origem ou o equivalente de um corpo semelhante àquele pelo qual chamais animistas raças degradadas. Tomás de Aquino, tirando a sua da doutrina dos neoplatônicos, ensina que há formas imateriais (formae separatae), e que elas são individualizadas por si mesmas, desde que não precisam, para a sua existência, de uma forma representativa de substrato falsidade dessa concepção é claramente exposta por Duns Scotus e alguns dos principais contraditores de Tomás.

Não foi, porém, senão quando Descartes (1640) apresentou a sua teoria, que isso teve maior influência sobre a crença popular. Depois, a doutrina de São Paulo, da existência de um corpo espiritual, enfraquecendo-se muito nas almas, fez que a crença comum fosse gradualmente decrescendo até precipitar-se no vácuo do cepticismo, justificando a seguinte observação do Senhor W. R. Greg, a respeito da doutrina da imortalidade: "Caireis no vácuo, se ficardes imóveis."

E por isso que nós, os espíritas, não a deixamos ficar no vácuo, mas afirmamos de novo a doutrina racional de São Paulo e apresentamo-la como uma conseqüência científica, cuja adoção, por filósofos da ordem de J. H. Fichte, Franz Hoffmann e outros, classificais de "decaída". Tylor, em sua "Primitive Culture" , diz que "o animismo das raças degradadas" em que receais que tenhamos "recaído" é a concepção de uma alma com forma ou de uma alma-fantasma, de substância impalpável e invisível. Teremos certeza bastante de que, mesmo em suas noções do organismo da alma em uma vida futura, sejam eles tão "grosseiramente materialistas", como afirmais?

O Professor Muller nos diz que "o mesmo povo que acreditava nos feitiços, acariciava ao mesmo tempo os sentimentos mais puros, exaltados e verdadeiros da Divindade".

Diz ele: “Podemos considerar-nos seguros contra o feiticismo dos pobres negros; mas há entre nós bem poucos, caso existam, que não tenham seus ídolos, seja em suas igrejas, seja em seus corações.” Assegura-nos ele não se ter ainda encontrado tribo ou nação alguma destituída da crença em seres mais altamente colocados que o homem.

Aquilo a que chamais “concepções indignas de condição do Espírito depois da morte”, não fere o Espiritismo mais que a qualquer outra forma de crença em um estado futuro. Uma Inteligência, dizendo-se a de um Espírito que vivera na Terra, sendo interrogada sobre se a vida no mundo espiritual era de todo análoga à nossa vida, respondeu: “E algum tanto. Nós, porém, vivemos mais no ideal.” Se conosco levamos os nossos melhores ideais, e por eles nos modificamos, é perfeitamente racional - para conservarmos intacta a nossa identidade - o ensino do Espiritismo de que cada um gravita para o ponto que lhe compete; de que cada um colherá o que semeou; de que os afetos, os gostos e os atos desta vida afetam as condições da vida futura, ou, segundo as palavras do venerável J. H. Fichte: “A vida futura é uma continuação da presente, e serão arquitetados pelas nossas experiências, pensamentos e afetos que nos dominaram aqui.” Para minha alma, é essa a concepção mais digna, pelo simples motivo de ser a mais plausível, racional e justa, como também a mais análoga com a nossa presente constituição mental ou psíquica.

A idéia que o índio norte-americano forma do paraíso, é a de um grande país rico de caça. Ela parece ter tanto de racional como a adotada por certos cristãos, de ser o Céu um lugar onde os eleitos eternamente tocarão harpas de ouro em honra do Ser Trino ou dormirão no seio de Emmanuel. Não será, porém, uma simples concepção ou uma errônea especulação que há de ter tão larga influência sobre a nossa futura condição; mas sim o dominante amor que faz parte da nossa natureza íntima e que

nos é inerente segundo as analogias da nossa vida presente, até que possamos, por nossos próprios esforços de vontade e de hábito, ajudados talvez pelas influências de Espíritos amigos ou da Fonte de toda a graça e verdade, substituí-lo por alguma coisa mais elevada e melhor. O Espiritismo não aceita as idéias de gerem os erros e males desta vida eternamente irreparáveis e de ser Deus o diretor de um asilo de loucos eternos.

Julgais "muito pernicioso o ensino espírita de se aproveitarem os homens, ao menos, dos dotes ordinários intelectuais e espirituais, dos frutos das potências sobre naturais, considerando-as como instrumentos escolhidos pela Providência".

Ah! meu caro senhor, parece que nem sempre a Providência obra de conformidade com as nossas pobres noções finitas da conveniência. Existe uma autoridade mais alta do que a vossa ou a minha para podermos crer que "a necessidade divina vale mais que a ciência humana, que a fraqueza de Deus é mais forte que a força dos homens, que Deus escolhe as coisas fúteis para atrapalhar os sábios, as coisas pequenas para confundir os poderosos; que as coisas pelo mundo consideradas baixas e desprezíveis podem ter mais valor para Deus, e as que o homem julga inúteis, valerem mais que aquelas por ele aceitas, e que nenhuma carne deve glorificar-se em sua presença".

Falais de "dotes espirituais", e é claro vos referirdes ao que chamamos disposições espirituais. Se vos tivésseis familiarizado com os fenômenos, antes de buscardes desacreditá-los, saberíeis que a sensitividade mediúnica à ação dos chamados Espíritos não depende de superioridade moral ou intelectual do médium em relação aos outros homens; que alguns dos mais poderosos médiuns são os menos próprios para ser julgado ente espiritualizado; que eles são, muitas vezes, pessoas tão facilmente dominadas pelas influências más e por grosseiros apetites sensuais, como pelas boas e puras; e que são raros os,

exemplos em que um médium de certos fenômenos objetivos, seja ao mesmo tempo um filósofo e um santo.

Tudo isso pode parecer injusto para vós e para mim.

Talvez que a convicção houvesse sido mais pronta, se um filósofo ou um homem de caráter, como vós, tivesse sido o escolhido para instrumento desses fenômenos, antes que um homem como Henry Slade, que pouco ou quase nada conhece da "Causalidade" ou da "Conservação da Energia". E' realmente difícil de explicar-se como possa alguém possuir dons mediúnicos, quando vós, o autor dos "Axiomas da Física", não mostrais o desenvolvimento de alguma faculdade oculta da vossa natureza, para poderdes ler o que se acha escrito em um papelzinho cuidadosamente enrolado ou receber a escrita direta em um livro-lousa fechado. Parece que a Providência desconhece a vossa reputação em Leipzig.

Não acho um meio de conciliar isso com o atributo da onisciência.

Aquilo a que chamais "materialização de fantasmas", não vos é favorável. Esse fenômeno parece assaz análogo ao que contam do Cristo, quando, depois da sua crucificação, se apresentou em uma sala, cujas portas estavam fechadas, e mostrou a ferida do seu peito ao discípulo que duvidara; do mesmo modo que hoje os Espíritos materializados exibem as deformidades que assinalavam seus corpos terrenos, tudo com o fim de provar sua identidade.

O fato de um Espírito dispor sobre a matéria de um poder que o habilita a exteriorizar um simulacro visível e palpável de uma parte da sua forma terrena, parece antes exaltar que amesquinhar a nossa concepção das faculdades dos Espíritos. Sereis capazes de explicar porque o Espiritismo, que atribui esse poder condicional a um Espírito finito, é mais "grosseiramente materialista que a Teologia que dá ao Espírito Infinito um poder incondicional sobre todas as coisas materiais?.

O fato real de não poder o médium, à vontade e com vistas mercantis, impor-se às influências que produzem os fenômenos, explica plenamente as fraudes conscientes a que muitas vezes ele recorre. O médium não dá leis ao Espírito, pois este vem voluntariamente produzir certos efeitos que possam convencer o observador de que uma, força inteligente, nem sempre animando um corpo visível, ai se acha em ação.

Segundo a vossa apreciação, a questão principal não esta em saber se os fenômenos são fatos inegáveis, "revelações teológicas", mas se os filósofos, como vós os julgam "prejudiciais" ao nosso bem-estar social. Realmente, essa atitude da alma parece ser rigorosamente favorável à discussão dos direitos científicos do Espiritismo. Deveremos buscar ignorar um fato persistente do Cosmos, pelo motivo de o considerarmos prejudicial ao nosso bem-estar? Deveremos em tal matéria colocar o nosso juízo acima do Autor da Natureza?

Haverá alguém mais justo que Deus? Poderá alguém ser mais puro que o seu Autor? A possibilidade, pensamos nós, da ofensa vinda de um fato da Natureza, deve incitar o generoso amor da raça humana a fazer investigações mais completas. A glória da Ciência real, que é imparcial e neutra, não está em saber se um fenômeno é útil ou "prejudicial", mas se ele conduz à verdade.

Dissestes: "Podemos reduzir toda a questão à de saber se há razão para crer-se em tais fenômenos." Essas palavras incorporam claramente o vosso pensamento, que aliás não é científico, mas jesuítico.

Talvez respondais que, mesmo admitida à realidade dos nossos fenômenos, não justificaremos por isso as deduções que deles tiramos. Porém, não pedimos que admitais as nossas deduções, mas sim os fatos. Com isso, não tolheis todo o progresso da Ciência. Os axiomas sobre os quais se baseiam

todas as ciências, são dedutivos. Eis as palavras do falecido Tomás M. Herbert:

"Toda a Ciência e toda a vida humana seriam impossíveis, se não nos submetêssemos à libertação dos sentimentos, quando vamos além dos fenômenos".

A Ciência transcende os fenômenos a cada passo; todo o edifício do conhecimento humano se esboroaria, se tivéssemos de apelar para o testemunho do sentimento, tratando de fatos que não se acham entre os fenômenos, porém que são deduzidos deles.

Diariamente nos vemos forçados a aceitar as deduções, em relação àquilo que passa as raias dos fenômenos, quando estudamos o passado histórico do mundo, ou qualquer coisa estranha que nos seja apresentada. Os fenômenos e, depois, as concepções derivadas, isto é, as suas deduções, formam tudo o que podemos conhecer diretamente; ambos, porém, são "símbolos de realidades inacessíveis".

Em relação à escrita direta dos supostos Espíritos, observais:

"Intelectualmente as almas caem em uma condição que, tanto quanto podemos concluir do caráter da escrita sobre as lousas, só pode ser classificada de lamentável. Esses escritos pertencem totalmente ao domínio da mais alta ou da mais baixa estupidez, principalmente da mais baixa, isto é, são absolutamente sem sentido."

Os danos do Espiritismo e os da feitiçaria, como já afirmei, procedem da má interpretação dos fatos. O neófito naturalmente excitado pelo caráter transcendente dos fenômenos, forma uma idéia exagerada da sabedoria e veracidade dos que passaram deste para o outro mundo. Shakespeare, conhecedor emérito da tradicional demonologia do seu tempo, faz Hamleto a princípio desconfiar do Espírito que ele havia visto, como se fosse alguém que o quisesse iludir para repreendê-lo.

A dúvida foi empregada com habilidade e acerto. Quando aprendermos a considerar os Espíritos, não como horríveis monstruosidades extranaturais, mas como a continuação do ser humano, transformado unicamente, segundo as suas relações, cora uma nova e inexplorada esfera de existência, teremos a possibilidade de lançar para longe essas errôneas concepções prejudiciais.

Uma das maiores lições que o Espiritismo nos deu, foi que a morte não modifica rapidamente a condição moral e intelectual do homem. Os frutos desse conhecimento, sobre a moralidade humana, são evidentes. O idiota não se tornará logo um ajuizado nem o campônio um cavalheiro, nem o ladrão um homem de bem. Cada um falará, sentirá e obrará como o fazia na Terra.

A vossa observação, porém, sobre as escritas diretas nas lousas, é errônea. Fiz uma grande quantidade dessas experiências:, e em nenhuma recebi qualquer mensagem que pudesse ser classificada como estúpida. Elas encerravam hábeis e bem escritas respostas a questões gerais, e, apesar de os Espíritos freqüentemente nos recusarem provas positivas de identidade, elas denunciavam uma inteligência muito superior à do médium e vinham, muitas vezes, escritas em línguas por ele desconhecidas. Já em outro ponto falei das experiências do Senhor Timayenis, grego, e do Senhor Giles B. Stebbins. Tais exemplos são freqüentes. Há fatos numerosos contrariando a teoria de ser sempre a escrita direta saída da inteligência do médium. E provável, porém, que muitas vezes ela possa ser influenciada pelas impressões deste. Quanto se afirmar de um modo geral que essas comunicações pneumatográficas são “absolutamente sem sentido”, é fazer-se uma declaração irrefletida e falsa. Suponhamos que a vossa asserção fosse real, como explicáreis o fato, sem classificar os médiuns, a quem suponho atribuirdes o embuste nos limites do “domínio da mais

alta ou da mais baixa estupidez”? Isto seria notoriamente contrário à verdade.

Quando as comunicações vêm indiretamente pelos médiuns, com a assinatura do nome de uma pessoa eminente, é certo que seu estilo embeleza o assunto. A teoria de haver impostores, no mundo espiritual como neste, combina com todos os fatos da pneumatologia produzidos através dos tempos.

O estado intelectual do médium, porém, pode ser deficiente.

Há séculos Plutarco, que conhecia bem os fenômenos supersensoriais, observou que o maior número dos oráculos de Apoio era, relativamente à metrificação e à expressão, sem gosto e cheio de erros. A mesma observação se pode aplicar a quase todos os médiuns-poeta modernos. Plutarco, porém, não fez questão da origem espiritual de certos oráculos, por causa da falta de estilo.

Uma das personagens do diálogo, em que o assunto é discutido, diz: “A voz e o som, a expressão e a metrificação não são de Apoio, mas da profetisa; ele somente lhe dá por inspiração as imagens e a concepção, e lhe inflama a alma para que ela possa ver o futuro.”

Bem poucas comunicações psicográficas se mostram dignas das faculdades literárias de um Fénelon, de um Channing ou, mesmo, de um Wundt. Os exemplos podem ser raros, porém, não mais que os de gênios eminentes entre os seres humanos nesta vida.

Tratemos da última das vossas objeções. Dizendo-nos que o Espiritismo é uma superstição, acrescentastes:

"A superstição desafia toda a oposição e ataque. Expulsa de uma posição, ela se firma em outra. E quase uma quimera a esperança de que a Ciência a esmague completamente algum dia. Nada obscurece tanto a confiança como o aparecimento da superstição nos círculos científicos. Logo que ela corta uma

cabeça dessa hidra monstruosa, a Ciência vê outra se erguer em diferente ponto, apresentando a mesma face da primeira."

Agora, senhor, que nos dissestes não dever um fato da Natureza ser investigado pelo motivo de poder ele ser “prejudicial” ao bem-estar humano, dizei-nos se a superstição está do vosso lado ou do daqueles que, crendo reverentemente todas as criações da Natureza terem um sentido divinal, procuram empregar suas melhores energias na pesquisa da verdade? Prevenis contra o estudo científica de certos fenômenos, ao mesmo tempo em que dizeis: “a Ciência deve resistir à superstição”.

Resistir-lhe, como? Inscientìficamente? Recusando conhecer os motivos do que chamais superstição? Será isso estranha incongruência da vossa linguagem? Não, porque ides além. Insinuais que esses fenômenos tão conhecidos, que durante trinta anos de verificação não puderam ser cientificamente desacreditados, e apesar de continuarem inexplicáveis para vós, não são provavelmente mais que frutos do embuste da prestidigitação. Lançais contra um médium, assaz experimentadas, as acusações de impostura, fundadas unicamente na vossa ignorância da história e da natureza das manifestações mediúnicas. Sobre a boa-fé do prestidigitador da Corte, Bellachini, atirais uma calunia, por ele haver impàvidamente confessado não descobrir artifício algum de prestidigitação nos fenômenos obtidos por Slade.

Para poderdes repelir o Espiritismo como uma questão não científica, era preciso provar que os nossos dois fatos básicos da clarividência e da escrita direta não estavam ainda confirmados. Isso, porém, é para vós impossível. Vós mesmos confessastes a vossa incapacidade para explicá-los, e o vosso argumento de embuste não é mais que o eco da superstição dos últimos trinta e três anos. Diariamente estão aparecendo irrepreensíveis atestados da ocorrência desses fenômenos, em variadas

condições e formas. Quando eu escrevia este livro, veio-me às mãos um periódico chegado pelo Correio uma hora antes, no qual se achava uma comunicação do Senhor S. B. Nichols, de Brooklyn, Nova Iorque, observador consciencioso e cavalheiro de reputação, de longa data conhecida, na qual nos fala de sua visita, em 14 de Julho de 1880, ao Senhor A. Phillips, residente em Nova Iorque.

"Encontrei, diz ele, um jovem com cerca de 25 anos, de aparência agradável, que me disse logo nada poder garantir, pois muitas vezes nas melhores condições se davam falhas. Não me dei a conhecer a ele, e ele também não indagou se eu era um crente ou um céptico."

O Senhor Nichols recebeu a escrita direta por muitas vezes em lousas bem limpas e sem o emprego de lápis, como Guldenstubbé a obtivera sobre o papel. Ele diz:

"O médium não tocou nas lousas, depois de colocadas na posição conveniente. Depois, ouvi umas pancadínhas, e, abrindo as lousas, achei escrito numa delas o seguinte: Não duvideis que o fato se dê. Experimentai-o nas precisas condições, e obtê-lo-eis."

O Senhor Nichols comprou duas grandes lousas, e, das experiências que com elas fez, conta o seguinte:

"Coloquei a minha lousa dupla sobre as travessas que ligavam os pés da mesa, e as pequenas lousas do médium em cima das minhas. Na minha lousa apareceu escrito:" Se estiverdes sós, viremos. - James.", e nas lousas pequenas: "Se desejardes fazer sozinho uma pequena experiência em cada tarde, havemos de nos manifestar. Sou Marta.

Depois, coloquei entre as minhas lousas uma folha em branco de papel comercial, fechei-as e sobre elas assentei o pé. Enquanto se produzia a escrita, eu sentia distintamente as vibrações do papel encerrado nas lousas, quando sobre ele não havia lápis ou qualquer coisa que pudesse escrever. No papel ou

nas lousas lia-se o seguinte: "O meu desejo era poder dar-vos maiores provas. - James Nichols."

Durante essas diversas experiências, o médium esteve passeando pela sala, e não tocou nas minhas lousas, senão na minha presença e isso mesmo casualmente. Três dos nomes eram de pessoas que tinham vivido entre nós e haviam falecido. Se essa escrita não foi produzida por um ser consciente desencarnado, que poder ou que individualidade o fez?"

Apenas tinha eu lido essa notícia, quando, lançando os olhos para outra coluna do mesmo periódico, encontrei a seguinte declaração de um escritor (não espírita), extraída do “Denver Daily News” (Colorado), de Julho de 1880, acerca da veracidade dos fenômenos obtidos pela Senhora A. R. Simpson, já repetidamente atestados por meus amigos de Chicago:

"A Senhora Simpson entregou duas lousas ao narrador. bem como uma agulha e alguma linha, e, deixando a sala, pediu-lhe que as encerrasse juntas dentro de uma capa de livro e cosesse as bordas desta. Feito isso, as lousas ficaram seguramente juntas, não podendo ser separadas sem que o fato fosse notado. Depois de poucos segundos, durante os quais o narrador não abandonou as lousas, teve ele ordem de abri-ias. Fazendo isso, encontrou escrita na face interior da lousa, a resposta a uma pergunta que, segundo o costume, havia escrito em um pedacinho de papel que ali se achava cuidadosamente enrolado."

Nessa dupla experiência não se manifestou somente a escrita direta, mas também a faculdade de ler-se em um papel, enrolado de modo a não poder ser lido por qualquer meio conhecido pela ciência física. Era uma dupla garantia da veracidade. Nada podia ter sido escrito nas lousas, com antecedência, por qualquer processos químico oculto, pois a escrita vinha responder a uma questão feita então pelo assistente e o papel estava enrolado de modo que nenhuma vista humana podia ler o que ele continha. A clarividência do fato ficou provada pela resposta da lousa, e a

escrita direta, não só pelas condições da experiência, como também por ser a resposta ao que estava escrito no rolinho de papel.

O “Sunday Chronicle”, de S. Francisco, número de Setembro de 1879, diz que a Senhora E. W. Lennett, residente naquela cidade, é uma médium notável para a escrita direta na lousa. Ele conta que um céptico levou-lhe recentemente uma lousa dupla, encapada em carneira; colocou ele mesmo, dentro dela, um pedacinho de lápis, fechou-a e conservou-a, segurando-a com ambas as mãos.

A médium, sem mesmo interromper a conversação em que estava empenhada, segurou também com sua mão as lousas, em cuja face interior o lápis começou logo a escrever com ruído. Quando este cessou e as lousas foram abertas, vimos à face de uma delas coberta por uma escrita em inglês, feita por mão firme, ao passo que a outra face só era parcialmente coberta por uma escrita em francês, linguagem que a médium desconhecia, mas com a qual o cavalheiro em questão estava muito familiarizado. Como última prova, a médium deu-lhe a lousa para que ele a segurasse só, sem haver aí nenhum contacto seu. O resultado foi o mesmo, aparecendo a lousa coberta pela escrita.

Ousareis dizer que estas testemunhas querem divertir-se ou estão mentindo? Uma simples experiência própria vos provará que a mesma aplicação vos pode ser concedida, pois a vossa honestidade vos forçará, apesar dos vossos prejuízos, a dar testemunho da verdade.

O Espiritismo, ainda que real, pensais vós, deve ser posto fora da consideração científica, por ser imoral em sua tendência.

Não tenho necessidade de discutir a questão de saber se o Espiritismo, sendo um fato, é moral ou não em sua tendência.

Deveríamos então questionar também sobre a moralidade do éter interestelar ou do princípio da gravitação. A verdade, antes

de tudo, deve ser a divisa do homem de ciência. Contudo, a vossa objeção, apesar de impertinente, é comum, e freqüentemente ouvimos apresentar-se esta interrogação: “Para que serve o Espiritismo?”, As perguntas - Para que foi criada a raça humana? Para que foi formado o Universo? também poderiam ser agitadas. Se há Espíritos que se manifestam como falsários e depravados, também esses vícios se mostram em toda a raça humana. Se do mundo espiritual provêm incitamentos para o mal, também dos homens provêm.

A questão, que a Ciência tem de resolver, é saber se esses fenômenos se dão; e, não querendo vós aceitá-la como o termo científico da nossa argumentação, mostrais que não sois dignos de guiar-nos neste assunto que pretendeis discutir fora do ponto de vista científico.

Se os fenômenos espíritas são destinados a modificar as noções dos homens da ciência quanto à constituição da matéria e à infração aparente das leis que estão na dependência de uma lei espiritual ainda desconhecida, cumpre-vos acomodar vossas noções aos fatos e não buscardes desembaraçar-vos deles, apresentando-os como contraventores das seqüências da Natureza.

Se essas aparentes anomalias são permitidas pelo grande Ordenador, cumpre-nos animar a crença de que nelas se nos patenteia nada menos que um favor divino. Por mais baixos, desagradáveis e aparentemente imorais que eles pareçam aos nossos cérebros deficientes e mal preparados, fiquem certos de que esses fatos concorrem de algum modo para o nosso bem, que temos a obrigação de pesquisar, ainda que difícil o problema se nos afigure à primeira vista. E' a falta de uma crença científica em Deus e na Natureza que insinua essa grita desesperada contra uma violação da lei natural ou um afrouxamento das restrições morais. A ordem e a lei prevalecem em tudo o que parece absurdo aos nossos olhos desviados do

mundo espiritual; e vossos receios de que tudo irá mal, se o Espiritismo conseguir as suas pretensões à atenção dos cientistas, são gratuitos e quiméricos.

O fim da filosofia de Ulrici é "demonstrar, baseando-se em fatos, que a alma, não só tem uma existência dependente, mas ainda uma supremacia de direito e de fato". Podereis ainda admirar-vos de vê-lo aceitar os fatos do Espiritismo e, à vista da importância dos testemunhos, pedir para eles uma investigação científica?

"O testemunho, diz Challis, professor de Astronomia em Cambridge, Inglaterra, tem sido tão numeroso e consentâneo, que, ou devemos aceitar todos os fatos, como nos são transmitidos, ou banir a possibilidade de certificá-los pelo testemunho humano."

O fácil pregão de charlatanismo tem sido empregado desde 1847. Bellachini, Houdin, Hamilton, Hermann (14), Rhys e outros eminentes professores da arte conjuratória declararam que os fenômenos mediúnicos não são explicáveis pela teoria da prestidigitação; apesar disso recorreis ainda a ela, como o único caminho para fugirdes da teoria espírita. Porque não empregais vossas habilitações, vosso saber e vossas faculdades meditativas, na criação de alguma outra teoria explicativa, que, ao menos, tenha o mérito da novidade e da racionalidade? Se o fizésseis, alcançaríeis o que não alcançaram os sábios de todos os séculos. Seja isso um incentivo à vossa ambição.

(14) Jacobs, conhecido professor alemão, disse (1880) que, depois de haver cuidadosamente examinado os fenômenos espíritas, podia declarar que, apesar de conseguir imitar grande número dos mais admiráveis fatos, pela prestidigitação, nada pôde fazer de semelhante com os do Espiritismo.

CAPÍTULO IV

A clarividência é uma faculdade espiritual

Já disseram que o Espiritismo é o produto de uma ilusão, que ele nada tem de científico; que busca um consolo em prejuízo da verdade; que o sentimento e a imaginação fizeram-lhe crer como verdade aquilo que o não era; ao passo que a Ciência rejeita a ilusão como o mais colossal dos erros.

Essas objeções só podem originar-se da ignorância. Imaginais que homens como Zollner e seus companheiros profissionais, todos antigos e consumados físicos, estudando os movimentos de uma campânula de vidro colocada embaixo da mesa, podiam ser tão faltos de prudência, para atestar que estavam vendo o que não viam, ouvindo o que não ouviam, tocando no que não tocavam?

"Não foi temendo o ridículo, disse Alfredo Russel Wallace, que entrei no estudo do Espiritismo. Investiguei-o inteiramente livre de esperanças ou temores, porque compreendi que a minha crença não influía na realidade do fato; mas com uma idéia preconcebida contra a palavra "espírito", idéia que dificilmente pude suplantar."

O Doutor John Elliotson, um dos primeiros médicos cientistas da Inglaterra, por muitos anos editores de "The Zoist", de Londres, tinha defendido em extremo as idéias saduceístas e materialistas até quase o fim de sua vida, não obstante conhecer bem alguns dos fenômenos do mesmerismo. Uma pequena prova da existência do poder supra-sensorial, por intermédio de

D. D. Home, em França, revolucionou, porém, suas opiniões de um modo completo, transformando-o em espírita sincero.

No ano de 1868, em companhia do meu amigo Wm. White, de Londres, autor da obra “Vida de Swedenborg”, procurei o Doutor Ashburner, amigo e colega de Elliotson, na sua casa de Londres, situada em frente à entrada do Hyde Park. Tinha sido ele um dos médicos da Rainha. Descreveu-me, em termos tocantes, os salutares efeitos produzidos sobre o caráter de Elliotson por suas novas convicções. Ashburner é o autor de algumas obras notáveis, sobre as suas experiências no Espiritismo.

Encontrei-o, apesar de cego, serenamente feliz em sua idade avançada, na posse de uma grande e inspiradora verdade, da qual estava plenamente convencido.

J. F. Deleuze, o célebre e experiente observador do mesmerismo e do sonambulismo, disse que a faculdade de ver à distância, a previsão, a comunicação dos pensamentos sem o auxílio de sinais externos, são provas suficientes da espiritualidade da alma. Admirava-se ele do materialismo do Doutor Georget, que conhecia algum desses fenômenos. Georget é autor da muito apreciada - “Psicologia do Sistema Nervoso” (1821), na qual expende suas extremadas idéias materialistas. Mas, os fatos transcendentes do sonambulismo caminharam firmes, e docemente arrebataram-lhe o seu materialismo. Nas suas últimas vontades, expressas em testamento, diz ele solenemente, referindo-se a essa supracitada obra:

"Apenas tinha eu dado essa obra à publicidade e novas meditações sobre os fenômenos realmente extraordinários do sonambulismo não mais me permitiram conservar dúvidas quanto à existência, dentro e fora de nós, do princípio inteligente, da alma e de Deus. A tal respeito, tenho uma convicção profunda, fundada em fatos que julgo incontestáveis. Esta declaração não será publicada, senão quando a sua

sinceridade não possa ser posta em dúvida, nem as minhas intenções suspeitadas. Como eu mesmo não posso dá-la à publicidade, peço, àqueles que conhecerem a minha vontade, fazê-lo o mais claramente possível."

Georget provavelmente será posto à margem pelos nossos adversários, como um homem que adquire as suas convicções " pela supressão do seu intelecto céptico e não por motivos que o fizeram crente." Havendo primeiro manifestado sua sinceridade nas doutrinas cépticas, ele será agora acusado de incompetente, por haver confessado francamente que os novos fatos o convenceram dos seus erros.

Que é essa clarividência a que Georget se refere? Em sua conexão com o mesmerismo sonambúlico, a clarividência foi primeiramente anunciada por Puységur, em 1784. Até que a admitisse eu como fazendo parte de uma base científica, ela era o exercício da faculdade supra-sensorial de penetrar a matéria densa e opaca, como o faz a vista nas condições normais. Ela, porém, faz mais. Descobre os nossos pensamentos inexpressos e ainda não desenvolvidos; rompe o véu do passado, descreve o que aí se esconde; também há bastantes provas de poder ela devassar o futuro e predizer acontecimentos ainda ocultos nas sombras do Além.

Que é isso que se pode ver sem os olhos e sem o concurso da luz? Será uma visão normal? Aí não há vibrações do éter, não há olhos para ver. E a alma que dispensa os olhos e a luz corno condição. Isso prova que a vista pode existir sem auxílio da luz, da sensação e de qualquer órgão físico da visão, é a existência de uma faculdade extraordinária supersensorial e espiritual; essa prova estabelece limites à teoria materialista, e, apesar de sua afinidade com fatos análogos ou correspondentes, justifica sua admissão como parte de uma base científica da teoria espírita.

E assim, diz o Sr. R. H. Brown (1868), que:

"A clarividência fornece a resposta mais categórica aos materialistas e apresenta a prova mais convincente da existência da alma, separada do corpo, residindo dentro dele, geralmente empregando seus órgãos na recepção das idéias, mas atuando, às vezes, independentemente desses órgãos e colhendo informações sem o seu auxílio. Pela clarividência, demonstramos a veracidade da primeira proposição sobre a qual se apóia o Espiritismo - a existência no homem de uma dupla natureza, uma alma e um corpo."

O mesmo escritor prossegue na sua argumentação, dizendo que, se o homem vê sem o auxílio da luz e do nervo óptico, deve haver um outro meio pelo qual a simples impressão da visão possa ser individualizada e apresentada distintamente separada de todas as outras impressões; deve haver um órgão espiritual da visão e também um órgão espiritual para a individualização de todas as outras impressões. Em a Natureza, cada parte se adapta a todas as outras partes, e a existência de uma pressupõe a das outras. Se há um órgão espiritual para a visão, deve também haver um corpo espiritual, espalhado por todo o corpo físico e expandindo-se fora deste. E' isso mesmo que o Espiritismo ensina.

"A Natureza, nossa sapiente e poderosa mãe, adapta cada coisa as condições em que ela entende dever subsistir. Como fugiremos da conclusão de que, adaptando-se a alma a outro estádio do ser, e gozando pana isso das faculdades de viver, agir, pensar, ver e ouvir, sem o auxílio e separada do corpo, a Natureza nos tenha dado a sua solene e sagrada garantia de que continuaremos a viver sempre?"

Há homens, mesmo entre os intitulados cientistas, que são tão ofuscados pelas teorias que se tornam impenetráveis ao valor dos fatos. Mesmo entre os espíritas, alguns há que não dão apreço aos importantes fenômenos objetivos. Todos os grandes progressos, porém, nos inventos e descobertas humanas, têm-se

originado da atenção prestada aos fatos, e alguns destes foram tão pequenos como a queda de uma maçã ou a vibração de uma lâmpada. Desprezar as menores manifestações de origem espiritual, é uma loucura, quer se trate de uma simples pancada, quer de uma mensagem escrita por alguma força desconhecida. Mesmo que se manifeste nisso somente a frivolidade do agente oculto, sempre teremos uma lição. Confesso que uma simples experiência de escrita direta é para mim de maior valor que todos os discursos especulativos dos chamados médiuns falantes, onde nenhuma prova objetiva e científica me é fornecida da sua faculdade extra-humana.

Não quero dizer com isso que não ligo importância à mediunidade falante. Há muita razão para o fato, e, quando a influência a impele, é prudente e razoável escutá-la com proveito. É, porém, muitas vezes, impossível distinguir-se o que vem do poder oculto, e das reminiscências inconscientes do próprio médium falante. A fluência de um médium falante não deve ser considerada como prova de força, mas antes como fraqueza de faculdade; e mesmo que se tenha a certeza de que o médium só diz o que lhe dita o Espírito, este pode ser inferior a muitos mortais, em juízo e inteligência. Os Espíritos que adotam nomes eminentes e induzem o médium a falar em um estilo que repele o nosso sentimento de veracidade, de bom gosto e de identidade, devem ser submetidos ao cadinho da nossa mais alta razão e sujeitarem-se ao seu veredicto. Que os Espíritos, cerro os mortais, podem iludir, ser influenciados pela vaidade e ambição, e incomodar-nos com suas verbosas tiradas oratórias, é um dos fatos que diariamente nos demonstra a prática do Espiritualismo moderno; e nisso nos presta grande serviço, se tivermos o bom-senso de querer ver, pois o fato vem explicar alguns antigos erros a respeito do mundo espiritual.

A falta dessas considerações conduz-nos a deploráveis crendices. A história do fanatismo em todas as épocas prova, e

as nossas modernas experiências confirmam, que os Espíritos se divertem algumas vezes, iludindo grosseiramente os mortais ingênuos. Henry More (1614 - 1687), filósofo platônico, esclarecido espírita, e também médium de efeitos físicos, observou uma vez que há, do mesmo modo que na Terra, muitos loucos no mundo espiritual. Relativamente aos Espíritos que se manifestavam por intermédio da Senhora Hauffe, a «Vidente de Prevorst», o Dr. Kerner (1826) diz que alguns deles eram «frívolos e malvados», e outros «mais míseros e ignorantes que muitos Espíritos dentre os que vivem na Terra»; e sobre esse fato, aparentemente contrário à ordem divina das coisas, diz ele: Aquilo que aqui no pó, com os olhos de toupeiras, consideramos como grande desarmonia, nos aparecerá como harmônico, quando caírem as escamas dos nossos olhos.

A importância dada às elocuções dos médiuns falantes pelos espíritas sem critério e inexperientes, tem justamente excitado o ridículo daqueles que encontram defeitos humanos na prolixidade e florida verbosidade. Todas as vezes que a elocução ou os conhecimentos puder ser julgado como vindos do médium, que exerce um poder anormal, a idéia da intervenção de um Espírito estranho deve ser banida.

Num discurso feito na cidade de Londres, em 11 de Julho de 1880, pela Senhora Richmond, inspirada médium falante americana, encontrei a seguinte observação: “Dizer-se que o Espiritismo tem uma base científica exata, é afirmar uma coisa impossível.” E uma asserção completamente desmentida pelos fatos, e à qual os próprios diretores espirituais da Senhora Richmond contradizem em outros pontos do seu discurso.

Se os fatos da clarividência e escrita direta se dão realmente e são reproduzíveis, tornam-se científicos tanto quanto a neutralização de um ácido por um álcali, ou o aparecimento da aurora boreal.

O Espiritismo, dizem esses chamados diretores, não pode ser uma ciência. E' mais que isso; está acima da compreensão humana no sentido físico. Manifestando-se aos nossos sentidos, deixa o conhecimento dos métodos inteiramente fora do seu alcance.

Além do Espiritismo, não existirão outros fatos da Natureza que, manifestando-se aos nossos sentidos, deixem o conhecimento dos métodos fora do seu alcance? Não se dá o mesmo na cristalização? Conheceremos já os métodos pelos quais se produzem os cometas e as auroras boreais? Um fato que demonstra a sua presença em nossos sentidos, já não possui só por isso a qualidade essencial de um fato científico, embora fiquemos ignorando seus métodos de produção e suas causas? Vede como negligentemente esses diretores se contradizem! Em um ponto dizem: O que principalmente vos embala a mente, é que estais de posse da verdade. Em outro ponto, eles mesmos asseveram, em relação aos fenômenos espirituais: O verdadeiro testemunho, sobre o qual buscais estabelecer uma verdade, vos foge em uma hora, e a verdadeira evidência que está disposta a afirmar com juramento, pode no instante seguinte voltar-se contra vós.

Que poderemos dizer de tão desarrazoada generalização como esta? Se fosse real, não teríamos verdade alguma sustentável no Espiritismo, e acabaríamos abandonando os nossos fatos, por mais seguros que nos parecessem. Haverá alguém que, tendo chegado inteligentemente à posse desses fatos, se apresente depois os negando? A construção sobre eles assentada pode modificar-se, mas os fatos, uma vez rigorosamente atestados, são aquisições inalienáveis da alma. Como a seguinte passagem do mesmo discurso resistirá à prova de uma análise crítica?

"Têm-se apresentado testemunhos sobre testemunhos, montanhas altas de evidências têm sido empilhadas, e os fatos

são incomensuráveis mais poderosos que a Ciência (isto é, são demasiado grandes para serem compreendidos). Eles estão colocados muito acima do escopo do pensamento científico hodierno, fora do alcance e da capacidade de qualquer escola de ensinamento humano (Não são admitidos tantos fatos acima de qualquer explicação humana?) e pertencem antes à região da superciência, na qual se baseiam as verdades e para a qual levantam suas fortificações. Se esperarmos que a Ciência demonstre o Espiritismo, teremos de ir além do amanhã, pois vemos que essa demonstração irá ficando contemplada entre as omissões de cada século que se for sucedendo. Se a confiarmos aos cientistas, ela será catalogada e colocada no lugar que escolherem em seus laboratórios, isto é, como manifestação sem sentido, corpo sem Espírito, lei sem motivo de existência, e se tornará uma das fases fenomenais do Universo, declarada pelo mundo científico de hoje como não tendo uma razão inteligente de ser."

"Se a confiarmos aos cientistas?" Mas, no presente caso, o cientista é o próprio espírita que estudou certos fenômenos, objetivos e subjetivos, que para ele se tornaram fatos da Ciência, dos quais tem tanta certeza como de qualquer outro da Hidráulica ou da Química. Não conquistou o Espiritismo milhões de adeptos, sem o auxílio dos especialistas de qualquer outro ramo da Ciência?

Imediatamente depois do parágrafo supracitado, como se os Guias estivessem divertindo-se com a médium e compelindo-a a refutar inconscientemente suas próprias palavras, eles dizem:

Isto (o Espiritismo) tem uma origem espiritual e inteligente. Seus métodos vão preparando o caminha para a Humanidade, segundo as suas necessidades e condições; ele se manifesta pelos sentidos, porque assim a precisais. Aqueles que têm a visão espiritual, fala em espírito; aos que têm a faculdade da inspiração, não precisa recorrer aos sinais e símbolos de que se

lança mão para ferir os sentidos grosseiros. Ele transpõe as barreiras, as muralhas materiais que vos cercam, e diz: Quereis ouvir uma voz física, é-la; quereis tocar em uma mão física, aqui a tendes.

Dizendo-nos que o Espiritismo se manifesta pelos sentidos, porque assim o precisamos, e que temos principalmente presente a certeza de estar de posse da verdade, ficamos sem saber por que seqüência lógica ficamos privados de provar a verdade por todos os meios que a Ciência costuma empregar.

Eu poderia ainda expor outras incongruências desse frívolo e indigesto discurso, apesar do seu tom grotescamente oracular; mas o trabalho não o merece. O que eu disse, não tem por fim magoar a médium, pessoa indubitavelmente dotada de rara capacidade; a minha critica se refere aos Guias, sob cuja influência ela, muitas vezes, parece falar. Não duvido que a Senhora Richmond, crendo-se freqüentemente influenciada, fale bem e com sabedoria. Mias, deve saber que é difícil encontrar-se hoje um investigador proeminente que não estude o caráter demonstrável e científico de alguns, pelo menos, dos referidos fenômenos.

Que é um experimentador científico? Não há um só que possa ser mestre em todas as ciências. Com o fim de familiarizar-se particularmente com uma ou duas delas, é necessário que dedique ao estudo a maior parte da sua vida. O experimentador científico que se ocupa com os elementos e seus compostos, é um químico; do mesmo modo, o que se ocupa com os fenômenos sutis do Espiritismo é um homem que lhes dedica seu tempo, pensamento e inteligência, que corrige os erros de suas experiências e emenda com cuidado suas temerárias conclusões.

A teoria do automatismo consciente de Huxley, Clifford e outros, que assume o tom de extrema ciência, é a de ser a alma um simples mecanismo; que os pensamentos se seguem em certa

ordem; e que o sentimento não deve ser levado em conta. A isso responde o professor James do modo seguinte:

"Muitas pessoas em nossos dias parecem pensar que nenhuma conclusão pode ser julgada realmente científica, se os argumentos apresentados em seu favor forem derivados das contrações nervosas das pernas das rãs, especialmente se estas estiveram decapitadas; e que toda a doutrina atestada principalmente pelos sentimentos dos seres humanos, com as cabeças fixadas sobre seus ombros, deve ser supersticiosa. Elas parecem pensar que todos os caprichos e extravagâncias, mesmo não verificados, de um cientista devem constituir uma parte integrante da própria Ciência; que, quando Huxley, por exemplo, exclui o sentimento do jogo da vida e chama: -lhe supranumerário, a questão está resolvida. A assimilação do ensino materialista, como peculiarmente científico, é realmente deplorável. A verdade é que as deduções da Ciência e de tudo o que se refere às funções da mentalidade humana, são semelhantes aos resultados do nosso pensamento sobre os fenômenos que a vida e a Natureza nos apresentam."

Nenhum modo de pensar, com exceção dos pensamentos falsos e ilógicos, pode estar em conflito com a Ciência genuína e seus ensinos.

O Professor Tyndall que, a despeito de suas tentativas de desacreditar o assunto, parece ser no fundo um bom espírita, favoreceu-nos com uma notícia de suas investigações sobre os fatos. Parece que, em certa experiência, uma dama disse que a ação de um ímã lhe causava terrível mal-estar, e que conhecia logo a sua presença ao entrar numa sala. O engenhoso professor trouxe um ímã em seu bolso, mas, apesar disso, a dama confessou que se achava bem. Daí o concluiu que todo o testemunho de Wallace, Crookes, Zollner e todos nós ficávamos refutados, e que o Espiritismo devia ser abandonado, como não sendo senão uma “extravagância intelectual”.

De outra vez, o Professor Tyndall teve uma sessão com um “velho e sincero cavalheiro”, que imaginava ser a mesa movida pelos Espíritos, quando era o próprio Tyndall que a fazia vibrar: “Acreditando, diz ele, que o conhecimento do fato pudesse magoar o outro, conservei-a em segredo.” Parece que o sincero velho acreditava ser o eminente físico, na investigação, tão honesto e sincero como ele: eis aí certamente uma ilusão imperdoável, e uma prova de tanta imbecilidade do velho cavalheiro como se ele aceitasse do Senhor Tyndall uma moeda falsa, supondo-a verdadeira.

Essas experiências fazem tanto mal ao Espiritismo,. como ao sistema solar. O resto dos incidentes relatados: por Tyndall, como provas do modo perfeito por que ele estudou o Espiritismo não é de maior importância. Felicitando-se pelo resultado do seu enorme dispêndio de sagacidade e labor na investigação, para saber se existem provas científicas da atividade espiritual, seu complacente comentário é o seguinte:

"Tal é o resultado da tentativa feita por um homem de ciência a fim de observar os fenômenos espíritas!"

Hei de resistir à tentação de censurá-lo.

- Quão diferente é à disposição de William Crookes, o químico, ao abordar o assunto! Depois de dizer que os modernos fenômenos se produziam com uma expansibilidade nunca vista, ele observa:

"Existe uma forma de força ainda desconhecida - chamem-lhe força psíquica ou força X - que não é fruto de opinião, mas de absoluto conhecimento; a natureza dessa força, porém, ou a causa que imediatamente excita a sua atividade, é assunto sobre o qual presentemente não me julgo competente para emitir opinião."

Tal é a circunspeta conclusão de um verdadeiro homem de ciência, que laboriosamente testemunhou os fenômenos com o auxílio de instrumentos apropriados. O Senhor Crookes é o

descobridor, não só de um novo metal, o tálio, como também do estado supergasoso (radiante) em que a matéria existe no vácuo, e é igualmente o inventor do radiômetro. Ele redige o "Quarterley Journal of Science", de Londres.

"As condições foram tais, disse um adversário, que tornaram impossíveis os resultados exatos."

Essa observação é diretamente refutada pelas experiências de Hare, Crookes, Varley, Boutherof, Zollner, Wallace, Cox, Wyld, W. H. Harrison, Dneslow, Ashburner e centenas de outros investigadores mui conhecidos na Ciência. Poderá obter "resultados exatos" o homem que perturbe a investigação paciente e repetida desse assunto em presença de médiuns experimentados?

O Senhor F. L. H. Willis, cavalheiro por mim bem conhecido, foi (1857) suspenso do seu cargo de professor de Teologia na Universidade de Harward, por ter sido acusado de simular os chamados fenômenos espíritas.

O caráter desses fenômenos, dados em sua presença, foi pacientemente examinado por Tomás Wentworth Higginson, assaz conhecido na Inglaterra e na América, como perfeito cavalheiro e literato, o qual atestou que alguns dos fatos satisfizeram-no completamente. Seus pés descalços foram segurados por mãos palpáveis; uma guitarra foi tocada com perícia e gosto, acompanhando o seu cântico, quando ele a tinha colocado em posição que impossibilitava todo contacto com ela e observava a pessoa do Senhor Willis. O Senhor Higginson, em sua declaração jurada, diz:

"Não toco guitarra, mas ouvi-a tocar uma boa partitura, e sei que o acompanhamento era uma coisa extraordinária, sem falar no mistério de sua origem".

Em conclusão, ele diz:

"A questão de origem espiritual não é levantada aqui; mas a de fraude ou veracidade. Se não tenho uma evidencia satisfatória

da veracidade desses fenômenos, que com todo o cuidado descrevo, não existe coisa alguma evidente, e toda a construção da ciência natural não passa de um amontoado de imposturas. E quando noto que fatos semelhantes a esses têm sido observados por centenas de pessoas inteligentes, em vários lugares, fico humildemente disposto a adotar a máxima atribuída a Arago: "E temerário o homem que, fora das matemáticas, pronunciar a palavra impossível.”“.

Worcester, 15 de Abril de 1857.

Thos Wentworth Higginson."

"Escrito e jurado em minha presença.

Henry Chapin, Juiz de Paz."

A escrita automática e a espiritual direta dão-se na presença do Senhor Willis, e, às vezes, também um transporte de belas e cheirosas flores, nas condições que foram perfeitamente explicadas na biografia do Senhor Willis (“Banner of Light”, de 7 de Junho de 1879).

Depois de estarmos muito prevenidos quanto ao impossível e, portanto, ilusivo caráter dos fenômenos; depois de havermos assinalado as fontes imaginárias da ilusão; sabedores de que todos os prejuízos da época e todos os tons do pensamento educado se arregimentaram contra a realidade de tais fatos, vemos, apesar de tudo, que a convicção dessa realidade vai diretamente impondo-se a tantos homens de ciência,, quantos se têm podido levantar sobre os prejuízos dos seus colegas e lançar-se na investigação de uma verdade tão mal afamada. Não há ainda exemplo de haver um investigador de algum caráter e autoridade mudado de opinião relativamente à ocorrência não explicada dos citados fenômenos. Atribuir tais convicções à “inclinação mórbida para o maravilhoso”, é simplesmente escarnecer da integridade das testemunhas, entre as quais se contam centenas de homens eminentes, cujas opiniões sobre outro qualquer assunto seriam aditas sem relutância.

“ Devemos lembrar-nos – diz Alfredo R. Wallace (15), o assaz conhecido naturalista - de que temos a considerar não como crenças absurdas ou influências falsas, mas sim o próprio fato, e nunca foi nem será provado que tão grande porção de evidências acumuladas por homens desinteressados e sensíveis possa ser obtida por uma ilusão completa e absoluta."

(15) Nascido em Ulsk, Monmouthshire, em 1822, o Senhor Wallace partilhou com Darwin a honra de criar a doutrina da seleção natural. E' um dos mais eminentes naturalistas dos nossos dias e o autor da obra Miracles and Modern Spiritualism: Três ensinos. Londres, James Burns, 1875.

Diz ele ainda:

"Sustento que o testemunho humano cresce em tão enorme proporção a cada novo depoimento independente e honesto, que nenhum fato seria rejeitado, quando atestado por uma massa de evidências semelhantes à que existe a favor de muitos dos fatos chamados miraculosos ou sobrenaturais, e que diariamente se estão dando entre nós."

“Quando o Espiritismo - dizem-nos - for submetido a uma real investigação científica, será indubitavelmente bem recebido. “Respondemos que isso já se tem dado. Ele tem sido investigado franca e repetidamente, à plena luz do dia, com a garantia de todas as condições que um investigador pode razoavelmente exigir. Provas científicas suficientes para estabelecer a sua veracidade têm demonstrado a realidade de seus fenômenos. Ele tem saído triunfante de tudo, e nenhuma zombaria do intitulado jornalismo científico, nenhum artigo de fundo, por hábil e sarcástico que seja, poderá afetar a inexpugnável base de pura ciência em que se apóia.

Darius Syman, de Washington, nos apresenta algumas amostras da capacidade da pseudociência:

“Se, por exemplo, a escrita se produzir numa lousa, por centenas de vezes, em circunstâncias que excluam absolutamente o emprego de qualquer processo químico, ou de qualquer agente mecânico, a não ser um lápis comum, o fato não

será, na apreciação da Ciência, bastante para justificar a dedução de ter sido essa escrita produzida por um ser intangível".

Se uma mesa, em parte suspensa no ar, fizer movimentos inteligentes diante de pessoas que para isso não concorreram, nem diretamente, nem pela intervenção de algum mecanismo apreciável aos nossos sentidos, o fato não nos autoriza a presumir a presença de um ser intangível ajudando a suspensão.

Se uma ária bem conhecida for tocada em um piano, sem a intervenção de algum mecanismo distinto do instrumento, de alguma aplicação automática, ou contacto de qualquer objeto de consistência suficiente para ser visível e tangível, a Ciência não pode concluir que ai se ache um ser intangível tocando piano.

Se três pessoas, achando-se a sós em uma sala e na mesma casa, sem ser nenhuma delas ventríloqua, ouvirem uma voz que refira, a cada uma, fatos só por ela conhecidos, o fato, segundo a Ciência, não justifica a conclusão de pertencer essa voz a uma pessoa que já tenha deixado seu corpo tangível, mas a qualquer das três.

Essas supostas explicações nos mostram a atitude da Ciência em relação aos alegados fatos do Espiritismo, como são compreendidos pelo Professor Youmans e o Doutor Carpenter. Nenhum amontoado de testemunhos pode verificar os fatos alegados, nenhuma lógica conhecida basta para se concluir desses fatos à existência ou a intervenção dos Espíritos ou a realidade de um mundo supersensorial!

A ação de um ímã é pelos homens da Ciência julgada como uma demonstração da força magnética; um choque da garrafa de Leyden prova indubitavelmente a presença de uma força elétrica; a queda de uma maçã estabelece a realidade da força da gravidade. Apesar de nenhum sentido humano poder diretamente conhecer a natureza de alguma dessas forças, elas são simplesmente deduzidas dos movimentos dos corpos. Pertencem inteiramente ao mundo supersensorial, e, apesar

disso, pelo fato de serem impessoais, as Ciências lhes dá o selo da sua aprovação.

A Ciência, porém, recusa reconhecer, por serem personalizadas, outras forças igualmente supersensoriais, reveladas, como a gravidade e o magnetismo, em casos isolados, pela perturbação do estado normal das substâncias sólidas, provando continuar a existir a inteligência e os afetos humanos, os quais se manifestam por modos ainda não admitidos. Provavelmente receiam que, se a Ciência, por algum testemunho, reconhecer essas forças, o homem descobrirá que sobrevive à morte?"

O Senhor John Fiske, distinto filósofo, estigmatiza, como ilusória, a crença espírita de pessoas como Franz Hoffmann, editor das obras filosóficas de Baader, Emmanuel H. Fichte, filho do grande contemporânea de Kant, Alfredo ft. Wallace, Frederic Tennyson, Elizabeth Barrett Browning e não poucos outros reputadíssimos cientistas. O Senhor Fiske faz uma tentativa algum tanto esmerado para nos consolar da falta de todas as provas racionais de uma vida futura, nas considerações sobre as quais cedo a palavra ao meu amigo, o Senhor Lyman, na sua feliz combinação da Ciência com a razão:

“O Senhor Fiske procura ser agradável aos homens da Ciência, avançando temerariamente que nenhum mundo espiritual verdadeiro pode ser objeto de seus conhecimentos; e, parecendo sentir que tal argumento não podia ser aceito pelos teólogos, sem irrisão, ele tenta acalmá-los com outros argumentos tendentes a reconciliá-lo com um mundo espiritual imaginado ao sabor dos sábios, apresentando as grandes probabilidades que militam em favor da sua realidade, mas fazendo surgir à consideração de que nenhuma centelha da luz atual poderia ter vindo dele”.

A conclusão de tudo é que, se existe um mundo espiritual, ele é absolutamente divorciado da matéria, e não oferece ao

pensamento humano um amparo; em segundo lugar, que não podemos imaginar as almas sem uma espécie de organismo físico (com o qual, sem dúvida, elas não têm comunhão de natureza); em terceiro lugar, que, se elas existem depois da morte do corpo, não temos, contudo, meios possíveis de conhecê-las nessa vida. O critico não enuncia essas tantas proposições, porém elas se escondem sob a sua encantadora retórica e sob a sua lógica.

O consolo oferecido ao teólogo não é grande; ele lhe concede pequenos favores, depois de lhe dar a segurança da existência de um mundo espiritual, incomunicàvelmente separado dele. Ele escapa das garras da Ciência, do seguinte modo: Apesar de o mundo espiritual dever estar inteiramente divorciado de toda conexão efetiva com este, e ser mesmo inconcebível, não prova isso a irrealidade. Aos doutores em Teologia, diz ele:

"Como a nossa capacidade de conceber alguma coisa é limitada pela extensão da nossa experiência, e como a experiência humana está muito longe de ser infinita, segue-se que pode haver, e com toda a probabilidade existe (!), uma imensa região de existências, de todo o modo, tão real como a região que conhecemos, ainda que não possamos dela formar os mais simples rudimentos de uma concepção. (Não será o verdadeiro domínio da fé cega?) Nenhuma hipótese relativa a tal região de existência pode ser desaprovada por falta de evidências em seu favor, mas ainda essa total carência de evidências em seu favor não faz nascer mesmo à prima fatie a mais simples presunção contra a sua validade."

Convém que os doutores teólogos notem que essas considerações se aplicam com grande força à hipótese de um mundo no qual os fenômenos psíquicos persistem na ausência das condições materiais, e observar também que é verdade não apresentarmos nenhuma evidencia cientifica em apoio de tal

hipótese; porém que é igualmente verdade que, segundo a natureza das coisas, nenhuma evidência a respeito nos pode ser fornecida e, mesmo, que, se elas abundassem, nos seriam inacessíveis. A existência de uma simples alma, ou um conjunto de fenômenos psíquicos, sem o acompanhamento de um corpo material, seria uma evidência. suficiente para demonstrar a hipótese. Na natureza das coisas, porém, há um milhão dessas almas ao nosso redor, sem que possamos reconhecer-lhes a existência, por não dispormos de um órgão ou faculdade para perceber a alma livre da estrutura material e das atividades com que se nos manifestam em todo o curso da nossa experiência.

Desse modo, o teólogo ficará sabendo que o que temos de mais certo acerca de um mundo espiritual, incomunicàvelmente separado da matéria, é que nada dele podemos conceber pelas analogias da experiência!...

A escola antagonista dos materialistas puros e simples, é também incapaz de aceitar os fatos ditos de materialização. O postulado fundamental dessa classe de pessoas é que na matéria não pode haver qualidades que não sejam materiais. Realmente é um absurdo discutir-se com eles acerca das qualidades da matéria, pois as palavras - qualidades materiais - parecem implicar a existência na matéria de alguma coisa não material, concessão que seria bastante perigosa, porque essa alguma coisa não material pode possivelmente ser mais poderosa que a própria matéria. Além dessa objeção superfísica dos materialistas à existência de alguma coisa latente na matéria, sem ser material, há uma outra ainda maior, e é a de essas alegadas materializações de Espíritos pressuporem a possibilidade da ação sobre as substâncias físicas de uma certa, ordem de pessoas intrinsecamente inapreciáveis aos sentidos ordinários. A seus olhos, essa concessão equivaleria à da realidade dos milagres; e, sendo os milagres impossíveis, as materializações o são também.

Essa objeção tem o seu motivo de ser contra a falsa concepção do que consideram um milagre. Apesar de se considerar impossível o milagre, não devemos julgar que ele se não daria, se fosse possível. A definição ordinária de uma violação das leis naturais, nada define; pois todos os fatos novos na experiência humana, em contradição com todas as antigas experiências, são para o observador violações de leis naturais. E coma a totalidade da ordem da Natureza nunca será conhecida, nada poderá ocorrer que seja inteiramente novo para a ordem natural. A nossa definição de milagre é que isso é essencialmente impossível.

A primeira vista, fica-se inclinado a crer que os teólogos têm prontas disposições para aceitar os fatos de materialização. Mas então porque se mostram eles tão ofendidos com os fenômenos modernos de materialização?

Porque, se forem fato, a tendência deles é deprimiu a autoridade humana em matéria de religião, fazer de cada homem seu próprio mediador e, assim, dispensar esse exército de clérigos e sacerdotes que fazem, honestamente, é possível, o serviço fictício da mediação entre Deus e os homens das classes diversas da sua.

Há uma classe bem grande que tem interesse em tornar o acesso a Deus ou aos deuses tão tortuoso quanto possível. Como todos os medianeiros, eles não amam os métodos simples para a venda dessas vantagens. Quando, porém, nossos amigos invisíveis, chamados Espíritos, revestem temporariamente esses simulacros de corpos e demonstram que a morte não existe, o estupendo horror de todas as idades abandona essa cabeça de Górgone, os homens animam-se a tratar com o Deus Invisível por si mesmos, e o reinado do clero, que se firma na baixa superstição, aproxima-se do seu justo fim.

Esse resultado assusta os teólogos. O temor da morte e do que se lhe seguiria era a origem capital da sua influencia sobre o

povo. Se os Espíritos se mostram visível e tangivelmente e continuam a aparecer, todos os homens podem por si mesmos tratar do seu post mortem e não recorrerão aos embaixadores do Cristo para obter qualquer instrução relativa ao assunto. A materialização dos Espíritos, trazendo consigo todas essas espantosas conseqüências, como a semente traz o gérmen da futura árvore, tinham necessariamente de ser negada pelos teólogos.

O resultado dos fastidiosos ensaios das diferentes escolas de pensadores, quanto à alegada materialização dos Espíritos, tem seu aspecto cômico para os que desejam firmar fatos extraordinários sobre evidências razoáveis. O choque que esses fatos produzem nos que simpatizam com o Senhor Fiske e acreditam que o mundo espiritual não tem conexões com a matéria, é abundantemente ridículo.

Essa classe compõe-se dos que estudam a antiga Psicologia e basearam suas concepções do Espírito nas especulações ou leis do pensamento abstrato e nas variadas formas da emoção. Admitem, como axioma, que a matéria é sempre essencialmente tangível, e que o Espírito, sendo o perfeito oposto à matéria, não pode ter com ela contacto necessário e concebível,

Esse postulado domina completamente as especulações do Senhor Fiske, como se evidencia dos extratos que já citamos de seus ensaios e particularmente da unção com que reproduz a famosa sentença de Descartes. Essa escola deve negar a possibilidade da materialização, porque a presença de uma forma material em caso nenhum pode garantir a presença de uma alma; porque, segundo a sua lógica, o Espírito não pode estar em vivificante contacto com a matéria, nem a matéria em contacto vitalizado com o Espírito. Como para ela não há evidência racional de que uma parte espiritual anime os seres viventes e humanos, a teoria de que uma força ou ser espiritual pode animar uma forma temporária material e depois dissolvê-la

no ar, deve ser o maior dos absurdos. Como a presunçosa ignorância deles já sondou as últimas possibilidades da Natureza, será infrutífera qualquer tentativa para convencê-los da realidade dos fatos que vem deprimir toda a sua vã filosofia. Seus sufrágios em favor da verdade não compensam as inquietações da luta para atraí-los.

Há outra classe de pessoas que afeta conhecer os métodos científicos, para a qual temos plena certeza de que, se uma forma falante e tangível se apresentasse de súbito em uma sala fechada, onde somente os espectadores fossem admitidos; demonstrasse a sua presença aos sentidos da vista e do tato; conversasse com voz audível sobre tópicos familiares a cada uma das testemunhas, e repentinamente desaparecessem, elas não veriam, ainda assim, em tais manifestações, a prova da presença de um Espírito. O fato de um raciocinador poder com alguma certeza conhecer na segunda-feira a identidade de um amigo, que tinha visto ainda no precedente domingo, excede a minha compreensão; porque eu nunca tinha realmente visto o amigo real. Essa pretensiosa ostentação de dúvida, a respeito da agência espiritual envolvida no caso suposto, é, de todas as reivindicações a uma sutileza superior, a mais frívola e desprezível.

Todas as coisas bastardas têm o seu dia marcado. Porque há de ofuscar o bom-senso o prejuízo dos cientistas, o fanatismo dos teólogos e as pretensões dos pseudo-sábios? A onda do novo movimento continuará a subir lenta, mas seguramente, e não se retirará, enquanto todas as objeções cavilosas e críticas dos muitos prejudicados, que não distinguem os sinais dos tempos, não forem submergidas num esquecimento eterno. Os fatos em questão, para serem aceitos, não dependem do patrocínio de ninguém; a pressão do ridículo não poderá extingui-los ou afastá-los das vistas. Crescendo com segurança em número,

variedade e beleza, eles são eloqüentes para obterem por si mesmos um geral reconhecimento. "

Em artigo escrito, em resposta ao Senhor Youmans, no “Popular Science Monthly”, o Senhor Lyman diz:

“O Professor Youmans não reconhece outro mundo espiritual além dos pensamentos e emoções correlatos com a matéria, um mundo espiritual em que agentes morais possam existir intrinsecamente inapreciáveis a qualquer dos nossos sentidos, um mundo espiritual situado acima da ordem sensorial. Ora, esse não reconhecimento de tal mundo é o que, na linguagem vulgar, constitui o materialismo. A concepção popular, contudo, não reduz o hemisfério dos seres opostos à matéria a uma massa nebulosa de sensações, percepções, concepções e sentimentos”.

Os fatos do Espiritismo certamente respondem a todos os critérios sobre os assuntos materiais de qualquer ciência, como os sustenta o Professor Youmans. Tais fatos se deram e ainda se dão repetidamente. Eles não são somente acessíveis à ação normal das faculdades humanas, mas ainda, na sua maioria, são palpáveis aos sentidos. A variedade em que se produzem, torna-os suscetíveis de uma classificação e de um estudo metodizado, e dá também a sugestão de que a lei da sua gênese e evolução pode ser compreendida.

O vulgo acredita na existência de um mundo supersensorial, no qual seres morais convivem uns com os outros, em modos que transcendem o alcance ordinário dos sentidos; nunca ele imaginou um mundo espiritual habitado somente por pensamentos, emoções e volições, flutuando desembaraçado das almas.

Todo o argumento contra a intervenção ocasional dos Espíritos nos negócios mundanos, sob o ponto de vista de sua impossibilidade ou de sua incompatibilidade cote as leis naturais, é simplesmente frívolo. Não há lei conhecida da

Natureza que a impossibilite. O peso da experiência humana é contra esses fatos, mas a experiência mesma lhes é favorável, julgando-os misteriosos. Ao contrário, há um seguro aumento de experiências em favor da intervenção espiritual, colhida nos fenômenos que se dirigem aos sentidos, e indicando uma tendência para estabelecer a comunicação entre o nosso e o mundo supersensorial, constante, regular e rigorosamente condicionada."

De novo chamarei vossa atenção para a circunstância de haver eu escolhido para base os grandes fatos verificados da clarividência, provada pela leitura do conteúdo de pedacinhos de papel enrolados, e da escrita direta, demonstrada nas experiências alemãs com Slade, nas de centenas de pessoas assaz conhecidas na Inglaterra e na América e em minhas próprias experiências com Watkins e outros. Freqüentemente também me posso referir a outros fenômenos análogos a esses e por eles corroborados, e afirmar sua realidade, sem contudo incluí-los na minha base. Assim, assevero, em relação a hipóteses espiritualistas, que temos evidências do poder espiritual, nos dois fatos típicos que têm sido cientificamente verificados, e em outras onde as provas não foram tão cumulativas e diretas como devíamos esperar para poder desenvolvê-las. Não receio coisa alguma pela hipótese espiritual, pois que todos os fatos inevitavelmente a justificam, e porque sem ela muitos dos mais altos fenômenos ficariam por explicar.

No “Popular Science Monthly” apareceu um trabalho do Doutor Gairdner, de Edimburgo, contrário ao Espiritualismo. Afirmando que temos “provas absolutas e evidências”, em nossas próprias almas e corpos, de um futuro para o homem, ele busca desacreditar qualquer tentativa de investigação dos importantes fenômenos que estão atraindo a nossa atenção. Deixa, porém, de indicar-nos o fundamento dessas “provas

absolutas” capazes de satisfazer a muitas mentes sinceras e críticas. Nenhum fato pode ser mais digno de nota que o do presente cepticismo e completa descrença a respeito da imortalidade da alma por parte de grande grupo de pessoas inteligentes. Somente ao cerrarem olhos para não ver os fatos, devemos atribuir o que diariamente estamos vendo escrito, publicado e pregado.

O Doutor Gairdner ingenuamente pergunta, se existindo o fato da clarividência, que meios temos para impedir que um sensitivo possa ler a nossa correspondência privada em cartas bem fechadas. Realmente, nada conheço que possa impedi-lo, a não ser a ausência de condições ou a impossibilidade. Repetidamente tenho visto um clarividente descobrir não somente meus inexpressos pensamentos, mas ler o que eu havia escrito em um pedacinho de papel, que enrolara com todo o cuidado, e no qual ele só tocou com a ponta do lápis. Não posso dizer porque não pôde ele ler num papel que se achava no bolso de um amigo meu, nem noutro encerrado numa gaveta. Como, porém, a nossa ignorância de um fato pode prejudicar o absoluto conhecimento de outros, deixo de falar nisso.

“Se a clarividência é uma realidade, diz o Doutor Gairdner, nada impedirá um Espírito de se apossar de um papel privado e dá-lo à publicidade.”

E então acrescenta ele: “Está, porém, provado que tal não se pode dar.” A asserção é tão racional quanto podia ser a de prometer-se um prêmio ao homem que de um salto transpusesse um fosso de sete metros de largura, estando conhecido que ninguém ganharia tal prêmio.

Ao que chama o Doutor Gairdner suas provas dessa afirmativa? Corre a notícia. entre os cépticos, de que uma pessoa colocou, dentro de um invólucro fechado e selado, uma nota de cem libras do Banco de Inglaterra, prometendo dá-la de prêmio a quem dissesse o número da nota, e que ninguém pôde fazê-lo;

pelo que, segundo a sua lógica, concluiu o nosso opositor que a clarividência “é uma coisa impossível”.

A conclusão é da ordem das reputadas “fechadas”. A crença na clarividência, diz-nos esse douto, provém de “uma mórbida condição do amor do maravilhoso. E' realmente uma descoberta luminosa, digna de ser mencionada num jornal científico! Ele devia saber que a clarividência não procede de simples esforço da vontade; que ela é um exercício não forçado, muitas vezes involuntário, de uma faculdade espiritual transcendente. Schopenhauer, o excêntrico filósofa alemão, conta que uma vez disse a uma estalajadeira de Milão os números de dois bilhetes de loteria que ela havia comprado; mas que ficou desnorteado, quando ela começou a manifestar-lhe a sua admiração pela posse dessa habilidade maravilhosa; passado, porém, o seu estado passivo, ele baqueou em sua tentativa de dar-lhe o número do terceiro bilhete.

A recordação de um nome ou de uma palavra não pode ser conseguida por um esforço da volição. Quantas vezes procuramos lembrar-nos de uma coisa, e, quanto mais nos esforçamos, mais parece nos fugir ela da memória! Abandonamos a perseguição, caímos num estado passivo, e logo a palavra, o nome ou o fato nos vem à mente, clara e completamente.

Os partos da memória nem sempre estão sujeitos à vontade; o mesmo se dá com os da clarividência. Semelhante ao reino do Céu, a clarividência não vem precedida de sinais observáveis. Há no homem um poder inteligente, que não está mais sob o controle de sua vontade do que seus músculos involuntários. Não sabemos nem onde ele começa, nem onde acaba. Transcende além dos nossos sentidos externos; e dele provém à luz que esclarece cada homem, que vem ao mundo, mesmo quando suas revelações sejam rejeitadas e contraditadas pelo intelecto especulativo, que se julga mais avisado. À proposição

de Locke, de nada existir na mente que não tenha vindo pelos sentidos, Leibnitz deu a bem conhecida. resposta: “Exceto a própria mente.” A faculdade do raciocínio que confirma a experiência de ser o todo maior que à parte, ou a linha reta a mais curta distância entre dois pontos, não é uma derivação dos sentidos. Como bem observa o Senhor David A. Wasson: “ela é tão inata como a energia da barba num menino”.

O falecido Selden J. Tinney, filósofo e espírita, disse sabiamente:

"Se um axioma só for subjetivamente real, pode supor-se falso; mas, se é dado como universal e necessário, tem realidade objetiva. Negá-lo é contradizer o próprio axioma; e se disserem que não temos provas disso, respondo que a razão é o nosso mais elevado tribunal de agravo. Mesmo a negação dessa merecida confiança é uma confissão da soberania do raciocínio, pois só podemos negar uma proposição mental pela sentença de uma autoridade mental competente. Devemos, sim ou não, aceitar as leis primárias e as idéias, axiomas da razão, como peremptórias e supremas."

Temos disso um exemplo no que se deu com Alexis Didier, clarividente parisiense: Há alguns anos, a Senhora Celleron, mulher do proprietário do “Villes de France”, rua Vivienne, perdeu seu relógio de algibeira em Neuilly. Presumindo ela que o houvesse deixado na carruagem que a tinha conduzido, pediu a Aléxis fizesse algumas indagações a respeito do cocheiro; apenas, porém, se achou em comunicação com o sonâmbulo, este lhe declarou que o relógio fora achado por um soldado.

Espere - acrescentou ele -, leio no seu boné o numero 57; é um soldado da guarnição de Courbevoie, e chama-se Vicente.

A dama dirigiu-se a Courbevoie, e procurou o Senhor Othenin, comandante do Batalhão, que deu ordem para uma revista geral de inspeção às Companhias. O soldado então, saindo da fileira, apresentou o relógio que ele tinha achado junto

à ponte de Neuilly, acrescentando que, segundo o seu dever militar, havia empregado todos os esforços para encontrar o dono. Perguntando-lhe o oficial como se chamava, respondeu: Vicente.

Em Fevereiro de 1850, uma dama inglesa, antiga discípula do célebre pianista Chopin, sabendo que ele se achava enfermo e suspeitando lhe faltassem recursos pecuniários, enviou-lhe pelo Correio uma nota de 250 francos. Meses depois, vindo a Paris, visitou o ilustre professor e perguntou-lhe se havia recebido o seu presente. A vista da resposta negativa de Chopin, ela, acompanhada pelo Conde de Grisimola, procurou Aléxis, que lhe disse achar-se a carta, com o seu conteúdo, no domicilio da porteira do Senhor Chopin, na gaveta de uma cômoda, cuja posição indicou. A dama passou a verificar a informação e achou-a exata. A carta fora, na ausência da porteira, recebida por uma criada que a pôs na gaveta, esquecendo-se de dar-lhe aviso.

Em outra ocasião, uma modista da rua Neuve-des-Mathurins, n° 5, tendo perdido um cão de estimação, ao qual era muito afeiçoada, buscou Aléxis para saber como podia encontrá-lo. Ele aconselhou-a a dirigir-se logo à estação de St. Germain da estrada de ferro, onde encontraria o cão, que ia ser exposto à venda. Seguindo para o ponto indicado, mas não encontrando o que buscava, voltou ela à casa de Aléxis, queixando-se das falsas instruções que lhe houvera fornecido.

- Tendes razão, senhora, disse-lhe; fui muito precipitado, anunciando-vos uma ocorrência, que só se deu alguns minutos depois; ide de novo e a vossa busca será bem sucedida.

Ela o fez e desta vez a clarividência de Aléxis não ficou em falta. Seu pensamento se formulou à vista da resolução que o outro tomara de ir vender o cão. A dama recuperou o animal, como lhe havia sido prometido.

A seguinte carta mostra quanto apreço o mais nomeado prestidigitador da França, Robert Houdin, ligava às manifestações ocorridas em presença de Aléxis:

Ao Marquês de Mirville.

Senhor:

Como me coube a honra de informar-vos, tive uma segunda sessão; e esta, que teve lugar ontem, em casa de Marcillet, foi ainda mais maravilhosa que a primeira, e não me deixou no espírito mais nenhuma dúvida acerca da lucidez de Aléxis.

Apresentei-me nessa sessão com o propósito de vigiar cuidadoso o seu écarté que tanta admiração me despertava. Tomei maiores precauções que da primeira vez; e, desconfiando de mim mesmo, escolhi para companheiro um dos presentes, cujo caráter calmo podia apreciar friamente os fatos e, de algum modo, restabelecer o equilíbrio no meu julgamento.

Eis o que se passou, e podereis julgar se as sutilezas podem produzir efeitos semelhantes aos que vou citar. Abri um baralho de cartas comprado por mim mesmo, cujo invólucro havia marcado, a fim de não poder ser trocado por outra. Baralhei e reparti as cartas, com todas as precauções de um perito nos artifícios da sua profissão. Inúteis precauções! Aléxis venceu-me; pois, apontando para uma das cartas, que eu depusera voltada diante dele sobre a mesa, disse

- Tenho o rei!

- Mas ainda não sabe qual é o trunfo - disse eu.

- Vereis - replicou-me.

Com efeito, voltei o oito de ouros, e a sua carta era o rei desse naipe. O jogo continuou de modo extraordinário, porque ele ia dizendo às cartas que eu devia jogar, apesar de tê-las eu escondido por baixo da mesa e seguras com toda a força. A cada jogada minha, apresentava ele uma das suas cartas, sem nunca voltá-las para conhecê-las, e sempre de perfeita combinação com a minha.

Voltei dessa sessão mais cheio de assombro de que já, me achara e persuadido da impossibilidade de poder qualquer artimanha ou destreza produzir efeitos tão maravilhosos.

Aceitai, senhor, etc.

(Assinado) Robert Houdin.

16 de Maio de 1847.

Aléxis, porém, que operava maravilhas dessa ordem, freqüentemente se enganava, segundo a sua própria confissão. Diz ele

"A feição principal da lucidez sonambúlica é a sua variabilidade. Enquanto o prestímano ou conjurador, a todo o momento e diante de qualquer auditório, pode invariavelmente ser bem sucedido, o sonâmbulo, dotado da maravilhosa faculdade da clarividência, não conseguirá ser lúcido com todos os seus consultantes e em todos os momentos do dia; pois, sendo a faculdade da lucidez uma crise difícil e anormal, está na dependência das influências atmosféricas e de invencíveis antipatias que, opondo-se à sua produção, parecem paralisar todas as manifestações supra-sensoriais. A intuição, a clarividência e a lucidez são faculdades que o sonâmbulo recebe da natureza do seu temperamento e que raramente se desenvolvem à força."

Em outro ponto, diz ele:

"A lucidez sonambúlica varia de modo desesperador; continuamente o êxito é seguido da falta; em uma palavra, o erro sucede à verdade; mas, quando se analisa as causas disso, nenhuma pessoa de juízo reto acusará de charlatanismo, sabendo que a faculdade está sujeita a influências independentes da vontade e da consciência do clarividente."

Hudson Tuttle, o estimável médium de Berlin Heights, Ohio, foi sempre um clarividente como Aléxis Didier, mas nunca recebeu indenização por suas revelações.

Ele publicou a seguinte notícia da condição sensitiva em que uma clarividente mesmo se julga estar:

“Durante as manifestações físicas, eu ficava em um estado de meio transe, intensamente sensitivo e impressionável. A última palavra ou pergunta suscitada, mesmo quando a intenção era louvável, me arranhavam os nervos como uma lima incandescente. Nenhuma palavra pode exprimir perfeitamente essa condição. Só poderei compará-la ao estado físico em que ficaria um homem, se seus nervos fossem postos a descoberto”.

Parecia que os nervos do Espírito estavam, de certo modo, expostos, e que a palavra ou a entonação da voz que, no estado normal, passa despercebida, feria como o estampido de um trovão, rasgava e lacerava o abalado Espírito. Lembro-me de um cavalheiro que assistiu uma vez a uma sessão privada.

Em companhia de meu pai e de minha mãe, estive assentado durante uma hora, sem que a mesa fizesse o menor movimento e sem que nada experimentasse. O cavalheiro retirou suas mãos, e, em menos de um minuto, a mesa foi prontamente levantada, e pelo alfabeto soletrou o nome de seu pai.

O esforço parece haver sido muito grande e exaustivo, porquanto fiquei num estado de quase inconsciência. Apenas o nome foi pronunciado, o cavalheiro agarrou a borda da mesa e começou a agitá-la, dizendo "Vede como posso movê-la tão bem como qualquer outro." Se ele tivesse descarregado uma bateria elétrica contra o meu cérebro, o choque não teria sido maior, netas a dor por mim experimentada mais insuportável. Em outra ocasião olharia para isso com um sorriso, pois eu não tinha o menor desejo nem interesse em fazer conversões, naquele momento; porém, quando todas as minhas fibras nervosas se achavam tensas e vibrantes, ela me deu rude choque, despertei enraivecido e falei cheio de indignação. Não lhe pude explicar como e quanto ele me havia maltratado, porque mesmo não o

compreendera eu, e só uma hora depois me senti envergonhado de haver assim esquecido a mim mesmo.

Minha mãe, bela alma, dirigiu-me algumas explicações persuasivas de desculpa ao cavalheiro, e outras de consolo à minha inteligência conturbada; apesar disso, porém, passou-se largo tempo antes que eu recuperasse a minha primeira serenidade, arriscando-me a entrar de novo na mesma descuidada condição sensitiva. Logo que sentia a sua aproximação, eu estremecia sob o império de um terror instintivo, receando a reprodução do que já sofrera.

Podeis supor ser isso uma coisa extremamente sem valor para produzir tal resultado, e os médiuns se oporão, desaprovarão e criticarão.

Falo avisadamente quando digo que, quando a sensitividade de um médium se tornar obtusa, ele deixará, de ser médium. Direis talvez: “Como pode uma coisa mínima produzir tal perturbação!” Esqueceis que imperceptível grão de pó no olho causa um incômodo intolerável, apesar de não se poder comparar a sensitividade do olho com a do cérebro no seu estado espiritualizado."

Sujeito a toda a vigilância que possamos exercer, o fato da clarividência persiste e é diariamente demonstrado. Enlevemo-nos como quisermos na admiração da nossa própria individualidade, olhemos com pouco caso, na arrogância da nossa suficiência, para as Inteligências que nos cercam; não poderemos escapar do grande fato da solidariedade de todas as coisas criadas. A clarividência nos prova que não há indivíduos privilegiados, que nada fornece ao ser humana uma absoluta independência.

Julgamo-nos senhores de um poder secreto; vangloriamo-nos de não haver em todo o mundo, que conhecemos ou possamos conhecer, outra inteligência individual que descubra o que escondemos. Vão e ilusório pensamento! Toda a nossa

natureza moral e física é transparente aos olhos das Inteligências mais elevadas. Nossos segredos são conhecidos por outros, talvez mesmo antes de os compreendermos.

Um escritor católico romano que, como ele próprio o disse, nunca pôde com alguma paciência ouvir uma simples menção dos fenômenos psíquicos, fez algumas hábeis observações na “Dublin Review”, das quais apenas darei um resumo. Observa ele que a influência de uma fábula, com aparência de realidade sobre as crenças humanas, não pode ser duradoura a há de com o tempo esvair-se totalmente e de uma vez. Qual, porém, tem sido a sorte desses fenômenos?

Eles foram a princípio recebidos não só com descrença, mas também com zombaria, foram rejeitados como inverídicos, não por não estarem provados, mas por não poderem sê-lo, como impossíveis, como realmente o são à simples ciência e poder humanos. O característico do tempo é certamente a incredulidade. Foi predito que antes do desaparecimento da geração que testemunhara o despontar desses fenômenos, eles seriam desprezados e esquecidos. Pois bem, correram os anos, e os homens, que a princípio com impaciência repudiavam os fenômenos, tendo sido levados a examinar o que estava fazendo tanto ruído no mundo, chegaram à convicção, por maduros, ainda que no começo prejudicados os estudes. Foi esse o caminho trilhado por muitos dos mais hábeis e ilustres homens da Europa, físicos, filósofos e teólogos, católicos, protestantes e livre-pensadores.

A autoridade não é prova de opinião alguma; aí se apresenta uma questão de fatos e testemunhos dos sentidos; fatos e testemunhos repetidos um numero de vezes acima de toda a estimativa, na maior parte da Europa e da América, para não falarmos da Austrália, e reproduzidos anos depois até o presente. E impossível que tantos fatos, tão grande acervo de testemunhos, sejam todos mentirosos.

A acusação de ser o Espiritismo uma superstição recai sobre os acusadores. E' a conseqüência de todas as superstições.

Poderá uma crença baseada em fatos absolutos e demonstráveis ter menos valor para influenciar a vida, caráter, do que os dogmas e as conjecturas?

O Espiritismo - diz Alfred R. Wallace - é uma ciência experimental que nos fornece a única base de uma verdadeira filosofia e de uma pura religião. Ele abole os termos sobrenaturais e milagre, ampliando a esfera da lei e do domínio da Natureza, e, por esse modo, apanha e explica o que há de real nas superstições e supostos milagres de todas as idades. Um conhecimento da natureza humana, que nos faz saber depender o nosso bem-estar, na vida futura, do cultivo e desenvolvimento até o mais alto grau das faculdades intelectuais e morais dessa mesma natureza, e de nenhuma outra coisa mais, é e deve ser o natural inimigo de todas as superstições.

Deixei de crer no que chamam a morte, escreveu Philip Pearsall Carpenter, o naturalista (irmão do Doutor W. B. Carpenter, que tanto tem guerreado os nossos fatos), e continua:

“O mundo espiritual se apresenta afastado e próximo. Segundo o que posso julgar, poucas horas ou, no máximo, poucos dias, precedem o despertar do Espírito. Creio que a partida dos meus simpáticos, daqui, me tem feito viver mais no mundo espiritual, do qual me sinto apenas separado por um véu de carne”.

Creio que não terei surpresa alguma ao morrer e achar-me lá, parecendo-me aquele um estado mais natural que o presente. No passado, quando eu cria na existência de um céu exterior e julgava que, deixando de ser homem, me tornaria um tipo extravagante de anjo indefinido, não se dava isso comigo. Agora sinto não ser a outra vida mais que nova fase da nossa Humanidade, sem os embaraços da carne. Das minhas comunicações com os espíritas ficou para mim esclarecido

evidentemente que eles não lamentam os mortos, como fazem os cristãos ortodoxos, cujo céu é mais ilusório que real. Acreditam realmente que seus amigos vivem felizes e com eles se podem corresponder. Esse trabalho dividido pouco incômodo me dá; o principal serviço dos passados consiste em ensinar-nos a realidade das coisas invisíveis, e deve ser muito imperfeito, na falta de melhor, porque são somente os elementos inferiores da sua natureza que se podem comunicar com os melhores da nossa. Considerar-se, porém, os estados futuros como a continuação resoluta do presente, com a diferença única de serem mais puros e em melhor esfera, é um bem para todos e, especialmente, para aqueles que têm preparado tesouros no Céu.

A causa da descrença nos ensinos dos sistemas de Teologia, dos credos sectários e da História, acerca da imortalidade, está na falta que a inteligência cultivada aí encontra, falta de uma base científica para uma convicção completa e vigorosa, a respeito das realidades espirituais. E' ocioso dizer que os homens devem inferir, de sua própria natureza, que eles possuem almas. Prestam ainda ouvido demasiadamente pronto, neste ponto, às ousadas contraditas de um materialismo arrogante, apresentando ostentosamente as credenciais da Ciência.

Surgem, porém, então os fatos do Espiritismo, forçando, da parte daqueles que os investigarem com justeza, a grande convicção de poder a existência espiritual ser provada objetivamente. Que loucura é então essa dos amigos da religião rejeitarem o auxílio que lhes é oferecido, só porque lhes parece que, em seu desenvolvimento, pode-o tornar-se embaraçoso e inconveniente?

CAPÍTULO V

Será a Ciência Espiritual hostil à Religião?

Em capítulo anterior me referi a algumas teorias fantásticas acerca da origem da crença na imortalidade entre as raças humanas primitivas. Afirmei que a crença devia sair, como corolário, do conhecimento dos fenômenos atuais, como já tem sido provado em nossos dias a milhões de homens. Regozijei-me vendo em um dos panfletos do meu estimado amigo, Tomás Shorter, de Londres, que as minhas convicções sobre esse ponto são sustentadas pelas deduções filosóficas de uma autoridade tão elevada, como o falecido João Stuart Mill, que sabiamente disse:

"O argumento da tradição ou a crença geral da raça humana, se o aceitarmos como guia para a nossa própria crença, deve ser recebido por completo; e por ele somos levados à crença de que as almas dos seres humanos não somente sobrevivem ao corpo, senão também se mostram como fantasmas aos vivos, pois não achamos um povo que tenha tido uma dessas crenças sem o acompanhamento da outra. Realmente, é provável ter a primeira das duas crenças se originado da outra, e que os homens primitivos nunca teriam suposta não morresse a alma com o corpo, se não observassem que ela os visitava depois da morte".

Assim temos a mais sutil filosofia céptica corroborando uma das nossas mais importantes proposições - a de que as tribos primitivas assentavam a sua crença na imortalidade e não nos fatos de verem suas imagens na água e suas sombras se

projetarem opostas ao Sol, como o Senhor Spencer supõe, mas no das aparições objetivas e reconhecíveis das pessoas falecidas.

O pensamento básico do sistema que J. H. Fichte deduziu do seu estudo sobre os fenômenos é, segundo o Professor Franz Hoffman, de Wurtzburg, um individualismo divino e espiritualmente real. Fichte acerta os fatos do Espiritismo real, e refuta o materialismo, o panteísmo e o individualismo meramente realista do presente. Sob o ponto de vista da ciência psico-física, declara-se ele em favor da natureza objetiva da própria alma. Ela tem um lugar certo, mas pode mostrar-se em todos os pontos do espaço. Seu corpo é o real, sua consciência a expressão ideal da sua individualidade. Seu corpo íntimo, imortal e invisível, não deve ser confundido com o exterior separável.

O corpo íntimo é a mesma alma considerada somente em suas relações sensitivas. O outro é o corpo químico material, apropriado, dissolúvel na ocasião da morte e, portanto, separável da alma imortal. O corpo todo é o órgão da alma, o instrumento da sua atividade e conseqüentemente um sistema de órgãos; e a alma, assim considerada somente em suas relações sensitivas, é inconscientemente racional, é uma força aparentemente corpórea. Assim, a forma espiritual é idêntica ou conforma-se com o caráter do indivíduo. Aos Espíritos elevados o hipócrita se desmascara pelo próprio aspecto “Aí não pode haver ilusão; a ação se passa em plena luz.” Acerca dos mesmos fatos, diz Fichte:

"Por sua intima analogia uns com os outros, eles se tornam críveis, e por sua freqüente ocorrência entre povos diferentes, de diferentes graus de cultura, nos tempos antigos e modernos, se acham em tão notável coerência, que, nem a teoria de uma acidental aceitação de ilusões sempre-revindas, nem a de uma superstição transmitida de geração em geração, nos podem dar deles uma explicação satisfatória. Conquanto choquem eles as

idéias hoje dominantes, devem ser admitidos no domínio dos bem aceitos fatos psíquicos."

"Nenhuma fé, diz Leibnitz, pode ser real ou inteligível, se não tiver a sua base na razão humana. A religião divorciada da razão do homem não pode firmar-se e sustentar-se." A glória do Espiritismo está no seu apelo feito à razão por meio da Ciência, e no fato de nos fornecer os elementos de uma religião, velha como o mundo, mas, ao mesmo tempo, racional, científica e emocionante. Essa religião, porém, deve pelo próprio indivíduo ser deduzida dos fatos e ser assim considerada realmente dele, e não como um fruto da árvore de vida plantada por outro homem.

"Nada nos torna mais religiosos, diz a Senhora Luísa Andrews, do que aquilo que tende a elevar a inteligência acima das limitadas e baixas esferas do pensamento, em uma contemplação das realidades eternas, que desperta em nosso coração o desejo de adorar alguma coisa que se acha muito além da esfera dos nossos ideais, e que é a alma de toda a verdadeira religião, desembaraçada de profissões de fé. O Espiritismo fará isso ou deixará de ser o que é. O idiota e o ajuizado não vêem uma árvore do mesmo modo, e nem todos os ajuizados têm necessariamente dela a mesma visão. Nós damos, porém, o que recebemos."

A mesma escritora nos diz que os Espíritos divergem entre si a respeito da retidão da vida e da retidão do pensamento, tanto quanto os homens podem fazê-lo; uns insistindo por uma vida puramente moral, outros transpondo todos os limites admitidos entrem a retidão e os erros, cuja repressão viria chocar a indulgência com que olham para os seus próprios desejos não reprimidos. Há muitos homens da íntima classe que pretendem ser espírita; assim, como poderemos traçar uma linha de demarcação? A influência exercida pelo Espiritismo tem a sua fonte nos fenômenos; portanto, não devemos abandoná-los como assunto já fora da moda, mas continuar a estudá-los e a tirar

deles proveito, visto confirmarem a existência da vida espiritual e imorredoura, bem como todas as verdades que possamos colher para a eternidade.

Pelo fato de muitas pessoas não tirarem esses preciosos proveitos, não se segue que as repetidas demonstrações da potência espiritual deixem de prestar-nos o sentimento da imortalidade. As próprias manifestações de um Espírito mal podem dar uma impressão proveitosa; se não conseguimos torná-lo bom, ao menos nos melhoramos com o seu contacto. "Essas provas da existência e energia espirituais, diz a Senhora todos os mistérios envoltos no exercício das forças desconhecidas, atuando sobre as coisas a que chamamos materiais, devem, quando dirigidas com acerto, ser de incalculável valia".

O Espiritismo não é, como os ignorantes supões uma nova religião, posto que não deixe de o ser para os corações puros. Teodoro Parker, apesar de não para os corações puros. Teodora Parker, apesar de não ter tido a oportunidade de obter provas pessoais dos referidos fatos nas suas investigações, reconheceu intuitivamente sua vasta importância, quando, em suas "Notas para Sermões", disse:

"Em 1856 me pareceu que o Espiritismo teve mais probabilidades para tornar-se a religião da América, do que tivera o Cristianismo em 156 para vir a ser a do Império Romano; ou o Maometismo em 756 para vir a ser a das populações da Arábia: l° - A evidencia de suas maravilhas é maior que a de qualquer outra religião consignada na História. 2°- Ele é perfeitamente democrático, sem hierarquias, oferecendo a todos uma franca inspiração. 3° - Não é estacionário, punctum stans, mas um punctum fluens. 4° - Admite todas as verdades religiosas e morais existentes em todas as seitas do mundo." (*)

(*) Decorrido um século, pensamos o mesmo quanto ao Brasil. - Nota da Editora.

O Espiritismo é portanto eclético. Fornece à nossa religião uma base de verdades demonstráveis. Henry Thomas Buckle observou que os fundadores da crença na imortalidade, por não assentarem sobre ela as bases da sua religião, cometem grande erro.

“Comprometem, diz ele, sua própria causa, colocam o essencial na dependência do casual; apóiam o permanente sobre o efêmero; e com seus livros, dogmas, tradições, rituais, memórias e outras maquinações buscam provar uma coisa que o mundo já antes disso sabia, e que permaneceria, se seus trabalhos não fossem aceitos, e continuaria a ser a herança comum da espécie humana e o consolo de miríades de homens que estão ainda por nascer.”

Diz ele ainda:

"E' para esse sentimento da imortalidade, que os afetos nos inspiram, que apelarei como sendo a prova mais segura da realidade de uma vida futura. Assim, na perda do que amamos, misturam-se as nossas esperanças, com as nossas dores."

Concordo que o testemunho dos afetos é auxiliar e importante; mas não é fator original da crença na imortalidade, existente mesmo entre as mais embrutecidas tribos. Essa crença, como já o demonstramos, baseia-se nos fenômenos atuais.

Que é religião? Para nenhuma outra palavra se tem inventado mais definições. Vou apresentar uma, declarando desde já que ela é limitada: Religião é o sentimento de reverência e invocação, nascido da crença na possibilidade de existir no Universo uma Potência ou potências invisíveis, aptas para conhecerem os nossos pensamentos e necessidades, e nos ajudarem espiritual e fisicamente.

O sentimento religioso é então genuíno, legítimo e quase universal. Nada perderá da sua autoridade com os ensinos darwinianos, acerca de sua genealogia, por informar-nos essa doutrina que, como os outros traços do caráter, ele é, as mais das

vezes, o resultado da hereditariedade e da gradual complexidade das células cerebrais; uma simples evolução de certas experiências, temores, esperanças e imaginações cujos desenvolvimentos meramente materiais podem ser seguidas a pistas, como as faculdades físicas do homem e do irracional, até que, pela sobrevivência dos mais aptos e um progresso por longo tempo efetuado, cheguemos ao nosso estado presente. Convenho que isso assim seja, mas não posso explicar como a célula original, ou gérmen, possa ser dotada de tão admiráveis potencialidades, nem diminuir a legitimidade e a eficácia do sentimento religioso.

Com acerto diz Coleridge:

O Espiritismo satisfaz esses requisitos. Seus fatos, bem observados, nos oferecem as mais amplas deduções para uma vida digna e beneficente. Prova-nos que um exército de testemunhas observa tudo o que pensamos e fazemos; reconhece a supremacia da lei, física, moral e espiritual; não admite que as penalidades do pecado sejam dispensadas pelos sufrágios de estranhos; e ensina não haver vantagem na delegação.

Igualmente nos mostra a eficácia da prece, se bem que nos ensine serem as faculdades dos Espíritos limitadas, e que a Bondade Divina se exerce de harmonia com leis que temos a obrigação de estudar e obedecer. Prova que ceifaremos o que tivermos semeado, e que o homem aqui prepara sua condição futura, pelos pensamentos, desejos e atos que lhe dirigem a vida, e é, por esse modo, ele próprio quem pune ou recompensa a si mesmo.

Assim, a religião baseada nos fatos do Espiritismo não pode diferir grandemente, nos pontos essenciais, do Cristianismo primitivo. Este não proveio das decisões de concílios, das interpretações dos sábios, das sentenças das maiorias, nem de nenhum dogma relativo à delegação da expiação, à trindade ou à natureza da salvação. Nasceu do conhecimento de que Jesus, a

quem eles tinham conhecido e com quem haviam conversado, tinha reaparecido a certos discípulos e amigos depois do crucificamento, dando-lhes assim a certeza e a prova palpável da sua própria imortalidade e, indiretamente, da imortalidade deles. Ainda mais, em sua apresentação, visível e tangível, ele procurou dissipar os temores que na imaginação deles se associavam à manifestação de Espíritos desencarnados, e partilhou da sua alimentação para mostrar-lhes que ele não era ali uma sombra do que fora antes, mas que dispunha sobre a matéria de um poder que lhe permitia recompor um simulacro de sua forma terrena e, bem assim, torná-lo invisível por um ato de sua vontade.

Esse fato da reaparição do Cristo era a doutrina cardeal dos primitivos cristãos, sua fé e esperança comuns.

"Eles tinham, disse Tomás Shorter, uma certeza indubitável de que, assim como Ele vivia, eles viveriam também. Isso lhes inspirava entusiasmo e uma coragem capaz de afrontar todos os perigos, assim como a própria morte. Foi o aparecimento do Cristo que transformou Saulo, o mal perseguidor, no apóstolo Paulo; e a heresia de uma obscura seita provincial em uma crença universal."

Devemos crer em um absoluto e imutável princípio de bondade, em uma Divina Inteligência, da qual toda a verdade axiomática “a priori” deve emanar para as Inteligências finitas, se ligarmos a religião com a moralidade; pois, se vivêssemos à mercê do cego acaso, o que é justo hoje, seria injusto amanhã, e o Cosmos não seria a morada eterna do deleite para as almas amantes da verdade e da justiça. Um Espiritismo iluminado conduz, mais cedo ou mais tarde, a alma a iluminado Teísmo, liberal como o Sol e abrangendo tudo, como o Universo. Ele, porém, não é dogmático, desde que suas deduções são as de uma alma científica.

A esfera da Ciência, como ela própria declara, é a dos fenômenos demonstráveis. Nada afirma, fora desses limites. Nossos irmãos saduceus, contudo, e bem assim os filósofos da ordem de Wundt, não hesitam em transpor confiadamente esses limites do Além como se estivessem habilitados a ensinar-nos alguma coisa acerca da existência ou inexistência de uma Causa Primária. Eles, porém, só o fazem atirando-se a fúteis especulações. O Espiritismo difere de todos os sistemas especulativos, oferecendo-nos por bases um corpo de bem atestados fenômenos e uma eminente síntese científica; e, como toda a ciência, ele se deriva do estudo dos fenômenos, completado pelos axiomas e postulados da razão.

Em suas primitivas relações o Espiritismo é, então, a ciência da pneumatologia. A forma de religião, que daí pode advir, depende do caráter mental, moral e emocional do recipiente. Em sua própria estimativa, o homem pode ser um ateu, porque, como notou o Bispo Butler: "A nossa vida futura é tão conciliável com o sistema do ateísmo e pode ser por ele tão bem explicado, como vemos dar-se aqui na vida presente; por isso nada é mais absurdo do que se argúi esse ensino de negar a vida futura." Contudo, conservo as minhas dúvidas sobre poder o ateísmo medrar aa atmosfera do Espiritismo. Como a pneumatologia tende a ser uma ciência, o saduceísmo será afinal condenado, não sendo mais que uma questão de tempo a sua expulsão das inteligências cientificamente dirigidas.

O que nos cumpre indagar não é se o Espiritismo é favorável à religião, mas se é uma verdade. Contudo, ele foi sempre o sangue vital de todas as religiões sérias do mundo; e, se tiver de haver uma religião no futuro, a sua base científica não poderá ser senão a crença na imortalidade do homem.

Se nos convencermos do que o Espiritismo nos ensina, de que um Espírito finito pode manifestar sua existência, exercendo por muitos modos inteligentes um poder super-humano sobre a

matéria, conheceremos cientificamente a possibilidade da existência de um espírito infinito, consciente, inteligente e onipotente, apto para criar o verdadeiro princípio da matéria, intervir na existência do Universo e sustentá-lo por sua imutável vontade. Admito que essa crença deve ser genérica e propriamente um postulado da razão; o Espiritismo, porém, por meio de seus maravilhosos fenômenos, a sustenta com a força de todas as suas analogias. Encontram-se muitos Espíritos que, relativamente à questão de um Supremo Ordenador Espiritual, são agnósticos, panteístas ou ateus. Não é possível, porém, duvidar-se de prestar o Espiritismo uma nova autoridade à hipótese Teista, provocando as grandes possibilidades espirituais, transcendendo tudo o que o esforço pode executar e, mesmo, compreender. Estabelecendo o fato desse poder espiritual sobre a matéria e concluindo, do que fazem um Espírito finito, o que pode fazer um Espírito infinito, e a hipótese de uma Suprema Inteligência, enchendo a Terra com a exuberância de sua vida, poder e amor, é alguma coisa mais que uma especulação.

Dizer que a Religião não se pode buscar na Ciência, isto é, no conhecimento dos fenômenos da Natureza, inclusive a alma do homem, é tão absurdo como afirmar que as Matemáticas não precisam de bases axiomáticas. A Religião pode sobrepujar os fenômenos e elevar-se a uma região em que a ciência mortal não possa penetrar; realmente assim deve ser; quanto mais ela ascender à altura de seu grande objetivo, mais se expandirá, dirigindo-se para o Infinito; se ela, porém, não tiver outra base, além das emoções, e rejeitar tudo o que a intuição, a Ciência e o raciocínio podem oferecer para a sua justificação, não poderá subir até esse éter puríssimo, até essa atmosfera divina, onde a fé se confunde com a Ciência.

A Religião tem a sua origem na crença, ou sentimento intuitivo, de haver dentro ou fora de nós um poder inteligente e

supersensorial que pode afetar-nos para o bem. Segundo Quatrefages, religião é “uma crença na existência de seres superiores ao homem e capazes de exercer uma influência boa ou má sobre o seu destino, e a convicção de que a existência do homem não se limita à vida presente, mas se estende a outra, além da morte”.

Qualquer confirmação dada a tal crença, é uma nova força que se lhe adiciona. Se a justificamos por um apelo feito aos atuais fenômenos, será uma vantagem que não deve ser desprezada por nenhum homem sensato, que não deseje o aniquilamento. E isso o que o Espiritismo nos habilita a fazer; e, portanto, se ciência é tudo o que busca conhecer fenômenos e descobrir as leis que os regem, o Espiritismo, que procura obter um infalível e invariável conhecimento de fenômenos, é uma ciência, apesar de ser ainda, a muitos respeitos, rudimentar.

Um crítico, refutando o pensamento de deduzir-se do Espiritismo uma religião, observa: “Quanto absurdo em pretender-se que a Religião tenha uma base científica?” Ele nos quer falar do solo movediço da Ciência, como se alguma coisa hoje continuasse a existir amanhã. Ele claramente confunde a hipótese com a Ciência. Seu argumento não é mais que uma concepção palpàvelmente errônea. “Em vez de buscar, diz ele, colocar a Religião sobre uma base formada pelo solo movediço da Ciência, não seria mais lógico buscar para esta uma base religiosa?” Não será isso uma sentença um pouco tautológica? Não será o mesmo que dizer-nos que a Religião se deve basear sobre a Religião? Como a lógica nos conduzirá a tal resultado, é o que parece difícil de descobrir-se.

Em número recente de um jornal americano dedicado ao Espiritismo, um correspondente publicou o seguinte:

São inumeráveis as definições da palavra religião. e como o autor da supramencionada observação apresentou uma nova, sua, pode parecer de pouca importância uma crítica do que ele

afirma, de dever a Religião ir desaparecendo com os progressos da Ciência. Se, como ele diz, a Religião é meramente "um sistema composto principalmente de supostos fatos e suas imaginárias relações", ninguém lamentará sua perda muitos pensadores porém, formam da Religião uma idéia muito diversa dessa. Para eles é a verdadeira culminação de todas as verdades e conhecimentos; é uma ciência robustecida pela emoção.

Quando Kepler, ao brilhar em sua imaginação o pensamento de uma das suas grandes descobertas, ajoelhou rendendo graças, receoso de não ter forças para realizar o pensamento de Deus, dificilmente posso conceber que em sua imaginação houvesse a idéia de ser, ou de haver sido a Ciência a morte da Religião. Tudo depende das noções que cada um tem da Religião, e das faculdades de que dispõe para senti-la.

Assim, quando o mesmo escritor diz: "Nunca, em qualquer sentido, o Espiritismo se desenvolverá como uma religião", a força da proposição depende inteiramente da idéia que ele forma do que é o Espiritismo. As inclinações e afinidades espirituais de um homem podem levá-lo a más companhias e a uma esfera de pensamentos realmente baixa; enquanto as de outrem poderão cercá-lo de influências animadoras.

Dizer que o Espiritismo nunca poderá "em sentido algum se desenvolver como religião", equivale a dizer que o pensamento humano e angélico nunca se poderá desenvolver como religião em qualquer sentido. Não há força científica nessa afirmação; é puro dogmatismo, não merecedor de respeito científico.

Um homem poderá descobrir em certos fatos relações muito diversas das que são sugeridas a outros. O pensamento que forçou um Kepler a ajoelhar-se, podia nada ter de fecundo e sugestivo para um Gradgrind ou um Haeckel. Em Espiritismo, nós somente recolhemos o que nos fornecem a visão e a faculdade de julgar. Paia aqueles que realmente conhecem os fenômenos, ele já é tanto uma ciência, como o é a Astronomia e

a Química. Longe de tender a Ciência a matara Religião, é uma realidade, como o disseram Newton, Kepler, Copérnico e Franklin, que a Religião cresce, quando a inteligência progride em ciência positiva.

Poderemos supor que, com os desenvolvimentos da Fisiologia, da Antropologia., das leis do parentesco, da hereditariedade e da Embriologia, as afeições naturais da raça humana tenham morrido? Contudo, essa proposição pode ser tão filosófica quanto a noção de que uma religião definha e morre, quando se torna mais científica.

A religião simples e pura não é filha da ignorância e da superstição; quanto mais conhecemos e sentimos, mais nos tornamos real e puramente religiosos.

Desde os dias de Copérnico, a Ciência tem-nos reveladas novas maravilhas e dilatado as nossas concepções sobre o inescrutável Poder que vive em todas as vidas. Poderá o crescimento do Espiritismo científico levar-nos, mais que o de suas irmãs, as ciências, a um sentimento de respeito e adoração menos vigoroso em relação ao Ser Supremo, cujos pensamentos são a nossa disciplina aqui, como o foram para Kepler, uma ocupação nossa em toda a eternidade?

Não temamos que o homem, adiantando-se no conhecimento dos fatos de natureza universal, se torne menos religioso, amoroso, reverente e investigador.

Toda a História, e todas as biografias humanas provam o contrário. Se esse conhecimento em pequena dele intoxica o cérebro, bebido em largos tragos desembriaga. Foram os filósofos de segunda mão, que, parcialmente elucidados e confundindo a Ciência em estado de hipótese com a Ciência em estado de fato, acharam essa desarmonia entre a Ciência e a Religião e imaginaram que esta seria compelida a ceder o lugar àquela.

Todas as religiões têm tido por base uma certa forma de Espírito. Acertadamente observa o Senhor Stainton Moses: “Como um fator do pensamento religioso do nosso tempo, corno uma força regeneradora operando energicamente no seio dos sistemas religiosos, infelizmente precisados de purificação, creio que os efeitos do Espiritismo serão imorredouros.” Ignorar o sentido religioso do Espiritismo, deixar de reconhecê-lo como o dom de Deus concedido a essa geração de saduceus, é contentar-se com a palha, rejeitando o grão que alimenta a vida. Todas as religiões, em suas formas de outrora, senão nas de hoje, nele acharam uma fonte de vitalidade.

O Espiritismo abstrato e atenuado, pelo quais Descartes, entre os mais modernos filósofos, é tão responsável, ainda domina em filosofia, em religião e nas especulações dos principais físicos. Quase todos os ataques dirigidos ao Espiritismo pelos físicos como Tyndall, ou por filósofos amadores como os Srs. John Fiske ou Frederic Harrisson, se firmam na concepção cartesiana de ser a alma uma coisa unicamente científica, donde era fácil a passagem para a não existência física.

Esses homens consideram a alma, não como inerente a um substrato, para o qual a morte não é uma pena, nem a continuação da vida terrena uma vitória, mas como coisa sem existência mais substancial que a reflexão de uma forma num espelho. O pensamento para eles não é inerente à substância suprafísica, mas a certa matéria cerebral polposa, que opera am um fluxo de átomos e se desorganiza na morte. Daí a conclusão deles que o pensamento, a consciência e a emoção, por não possuírem outro instrumento ou base, desaparecem como imagem refletida, quando o espelho é coberto ou quebrado. Para tais pensadores, portanto, com a sua ciência limitada ou parcial, a imortalidade da alma é um absurdo, desde que para eles a vida individual e a experiência são uma propriedade exclusiva dos

compostos do carbono, da cal, da água, do oxigênio, do nitrogênio e do hidrogênio, que concorrem na formação do corpo visível. Dissolvei-o e dissipai-o pela morte, e o fenômeno homem, a alma e o corpo, desaparecerão.

Eles não tomam em consideração que todas essa., substâncias e gases podem existir ou resolver-se em estados invisíveis, nos quais suas propriedades e usos podem ser muito aumentados por uma apropriação espiritual, se for necessário. As seguintes observações são feitas por J. H. Fichte:

"Certamente é essa. uma revelação séria feita num tempo em que a crença primitiva do homem numa vida futura estava enfraquecida ou inteiramente abandonada. Desse modo o Espiritismo será um conselheiro e um estimulador para recuperarmos uma certeza sólida e perseverante da nossa imortalidade".

As causas que têm conservado afastadas as classes instruídas dessa crença num organismo espiritual, estão muito longe de ser argumentos irrefutáveis contra a sua possibilidade; elas dificilmente podem ser sustentadas. O Espiritismo apresenta a base para uma psicologia extensa e aperfeiçoada, pois que seus fenômenos físicos são, com notáveis particularidades, análogos aos já de há muito conhecidos. O antigo foi inesperadamente confirmado pelo moderno e vice-versa.

A faculdade que os que partiram possuem, de se materializar, é totalmente antagônica a todas as concepções de uma espiritualidade puramente abstrata, como sendo o único modo de ser no futuro estado. Essa nova ciência de física transcendental, cujos elementos nos são fornecidos nas materializações e outros fenômenos objetivos, acha-se, contudo, ainda em sua primeira e incerta iniciação. A crença na imortalidade da alma é ratificada por essas provas da experiência psíquica. Hoje sabemos que já desde este mundo podemos preparar o nosso futuro destino. O dito vulgar -

Memento mori - se converteu em outro mais sério - Memento vivere, que nos diz: "Lembrai-vos de que vivereis no outro mundo." O estado futuro é uma continuação do presente, e sofrerá a influência das nossas experiências, dos pensamentos e sentimentos que nos dominaram aqui.

Saídas de um octogenário de vasta experiência nos estudos psicológicos e filosóficos, do filho daquele Fichte que foi um dos mais eminentes filósofos e eloqüentes escritores da Alemanha, e um de seus mais ativos cidadãos nos dias de aflição, as palavras que acabo de citar devem, certamente, ser valiosas. Fichte viu no progresso do moderno Espiritualismo um penhor da revivescência do sentimento religioso, o precursor de uma moral alta e purificadora, pois o conhecimento de que nós arquitetamos o nosso destino futuro por nossos atos, pensamentos e afetos desta vida, conhecimento que nos é fornecido por todos os clarividentes espirituais, deve, quando as novas gerações vão sendo educadas na aceitação disso como revelação da Ciência, exercer a mais poderosa influência sobre o caráter e a conduta da Humanidade.

Tem-se considerado o Espiritismo como nova religião. Ele deve antes ser considerado como o princípio atrativo e assimilador do que há de essencial em todas as religiões, sem contradizer o que os eminentes santos e sábios de todos os séculos têm, dos modos mais elevados, reconhecidos como eternamente real e nada subvertendo da verdade vital de qualquer dessas religiões. Desde que o Espiritismo é coevo da Humanidade, nada há nele de novidade, com exceção do que deve pela primeira vez aparecer em cada nova fase da vida de acordo com os conhecimentos da raça humana, ou do que descobre cada alma imortal, que passam do estádio terreno para o mundo espiritual.

Devemos lembrar-nos de que o Espiritismo atravessa uma época de transição, e não podemos esperar que, no ponto de

vista religioso, ele nos dê seus resultados completos, antes de serem os fenômenos livremente aceitos pelas gerações futuras como fatos científicos. Quando os homens se firmarem de uma vez no que se refere às ocorrências atuais, a atenção será mais geralmente dirigida para a acepção mais alta, íntima e moral que esse assunto comporta. Contemos com o desenvolvimento dessas verdades, que hão de dar nova força às intuições religiosas da nossa natureza.

Dificilmente um romancista julgará belo apegar-se à restrita narrativa filosófica das opiniões, que parece favorecer. Ele só procura inventar e espraiar-se em ficções; e nós nem sempre conseguimos traçar uma linha divisória entre o que ele seriamente quer ensinar, e o que emprega simplesmente como enfeites de um caráter inofensivo. O exagero dos aplausos que os “laudatores librorum novorum”, hostis ao Espiritismo, têm tributado à obra “Undiscovered Country”, do Senhor Howells, considerando-a como uma análise completa e indispensável do movimento que está revolucionando a mentalidade humana, relativamente à vida futura, me induz a exibir os motivos da minha discordância. A crermos nesses panegiristas cuja reputação de habilidade literária é, sem dívida, justa, ele amolda suas conclusões às palavras do reformado espiritualista, Boynton, apresentando-o como fazendo a declaração de que “o Espiritismo é um materialismo mais grosseiro, do que aquele que ele nega; um materialismo que aceita e afirma, apelando, como provas, para fenômenos puramente físicos; que ele é tão completamente ímpio como o próprio ateísmo; e que nenhum homem pode aceitá-lo pelo que dele diz um outro homem, uma vez que ainda não foi manifestada a sua veracidade, tornando melhor a vida dos homens”.

Nem por um momento quero supor que essa senil e insólita objurgatória feita ao Espiritismo, por um velho visionário, se conforme com as opiniões reais do Senhor Howells. Não lhe

faço tal acusação, como lhe fazem alguns dos seus amigos. Por isso, só lhe responderei como a um romancista, considerando uma questão vencida as suas vistas reais.

O materialismo de que Boynton acusa o Espiritismo, é simplesmente o mesmo que nos oferecem as Escrituras hebraica e cristã. Vede Gen., XVIII, como Abraão se entretém com três anjos ("E três homens pararam diante dele" 2:9 e 10), e manda-lhes preparar comida ("E ele conservou-se junto deles debaixo da árvore, enquanto comiam", vers. 8.) Em Ezequiel, no 2° versículo, encontramos que uma mão espiritual materializada apresentou-lhe um livro enrolado..."escrito por dentro e por fora" diretamente por uma potência espiritual. O Cristo crucificado foi-nos representado aí como entrando em uma sala, cujas portas estavam fechadas e se apresentando com uma forma aparentemente viva e palpável, de modo a ser reconhecido por seus discípulos e a poder mostrar-lhes as suas feridas, e dizer a um dos doze, que não se achava presente quando o Salvador aí se mostrou pela primeira vez, o qual duvidava do que os outros lhe contavam - "Com teus próprios dedos toca em minhas mãos, ergue a tua mão e examina o meu lado, e não sejas descrente, mas crente." Não será isso o verdadeiro "nec plus ultra" do que o nosso amável romancista chama materialismo? Que nova força não adquire essa narrativa quando realmente a aceitamos como de perfeita harmonia com a lei natural e, portanto, completamente crível! E quando Jesus cura os Apóstolos da demonofobia que os fazia olhar a reaparição de um ser humano falecido como um fato inaceitável e antinatural, não o procura reivindicar seu poder de materializar-se, e dissipar os temores deles com a seguinte observação "Vede minhas mãos e meus pés; sou eu mesmo; tocai-me e vede, pois um Espírito não tem carnes nem ossos como eu tenho. "E para mais impressioná-los com o sentimento da sua existência, como sendo o mesmo Jesus que haviam conhecido e com quem haviam ceado, diz-lhes:

“Tendes alguma coisa para comer? E eles lhe deram um pouco de peixe assado e alguns favos de mel, que Jesus recebeu e comeu na presença dos Apóstolos.”

Todo esse “grosseiro materialismo” um espírita experimentado pode aceitar como rigorosamente concordante com os fatos que conhece, seja pelos ter testemunhado, seja pelos testemunhos dos outros. Realmente haverá aí um materialismo que aceita, afirma e busca provas em fenômenos puramente físicos? Poderá dizer o nosso romancista que todos os séculos que o aceitaram se enganavam?

O Espiritismo será para nós “um grosseiro materialismo” ou uma sublime manifestação da potência espiritual, conforme os graus e as qualidades do nosso adiantamento moral e mental e a nossa predisposição. Como poderá, porém, o reaparecimento do Cristo afetar-me como um tipo e uma garantia da minha própria imortalidade, se nele eu não vir o mesmo processo pelo qual outros seres humanos falecidos nos podem dar provas da sua existência? Terá sido simplesmente um cadáver reanimado, um monstruoso fantasma o que apareceu aos onze? Ou pretendereis dizer que o cadáver se transformou num “corpo glorificado” (Corpo glorificado com feridas!), recorrendo ao fato de o corpo haver desaparecido do sepulcro, como justificativa para a vossa teoria? Se esse corpo podia penetrar em uma sala, cujas portas estavam fechadas, devia ser totalmente distinto de um corpo terreno. Se o Cristo, como um Espírito humano, tinha esse poder sobre a matéria, para assim dispersar e reunir, à vontade, os átomos do seu primitivo corpo, não posso afirmar;contudo, direi que se ele dispunha dessa faculdade, é presumível que ela seja comum a todos os Espíritos humanos. Pelo fato de eu aceitar a parte da narrativa conciliável com os fatos conhecidos, não se segue que aceite a parte restante. Porém, não encontro na Escritura cristã nenhuma passagem que justifique a interpretação de haver sido o corpo rematerializado do Cristo uma

reconstrução operada com as mesmas partículas materiais que haviam formado o seu organismo físico, o mesmo cadáver que ele deixara sobre a cruz, assim reanimado ou "glorificado", de modo a ser libertado das obstruções materiais. A imortalidade deve ser concebida como continuação da vida libertada completamente do corpo corruptível, cujos elementos se misturam na tumba com os dos outros despojos corpóreos, que de nós sempre expelimos.

Se o Espírito dispõe de uma faculdade transcendente, que o habilita a criar, independentemente de sua própria forma, um simulacro animado de seu corpo terreno; ou se o corpo espiritual atrai a si mesmo, das esferas atômicas dos mortais e da atmosfera, as ínfimas partículas que, pela condensação, são levadas a assimilar-se a uma substância material; ou ainda se ambos os modos de apresentação podem ser empregados, são questões que, talvez, só possam ser resolvidas em nossas experiências "post mortem".

Levando seus leitores a concluir que o Espiritismo não tem, além das físicas, outras provas a que recorrer, o nosso romancista se mostrou demasiadamente expedito em fazer acusações. Que é a clarividência? Que é a previsão? Que é o uso das línguas que o médium desconhece? Que são as evidências intelectuais, demasiado várias para serem resumidas? Que são as reminiscências, mostrando-nos que as afeições terrenas transportadas para o mundo invisível, em vez de se paralisarem, se tornam mais profundas? Com certeza tais provas podem ser classificadas como sendo do mais elevado sentido mental e espiritual.

A acusação que busca estigmatizar o Espiritismo, como sendo "tão ímpio qual o ateísmo:", e a de "não ter ele manifestado a sua veracidade melhorando a vida dos homens", são um "non-sequitur", a que mesmo um romancista, na plena explosão de seus poderes inventivos, não deve recorrer.

Precisamente o mesmo argumento pode ser empregado contra todas as grandes crenças, inclusive as do Teismo, Budismo e Cristianismo. Se devermos aquilatar a nossa estimativa da verdade pelo caráter de seus propagadores, a do nosso credo não é, na aparência, grande. O romancista faz que a sua personagem espírita, Boynton, nos exponha a sua crença, porque lera, num velho panfleto, haver vivido outrora uma jovem, em cuja presença se davam alguns modestos fenômenos mediúnicos, aos quais o investigador atribuiu uma causa natural; mas "ele achou que, isolando os pés do leito da jovem, pois os fatos se produziam principalmente durante o seu sono, tudo se podia explicar. Ela estava simplesmente sobrecarregada de eletricidade."

E' esta a explicação que o romancista nos dá de toda a matéria! Uma sobrecarga de eletricidade! Essa teoria está rejeitada, desde 1850, pelas experiências do Doutor Hare e outros; e a sua evocação nos últimos dias, para satisfazer às exigências de uma obra de imaginação, não merecia mencionada, senão pelo fato do estratagema ter dela lançada mão, como se essa conjectura não fosse improcedente.

A eletricidade não tem sido de proveito algum na explicação dos fenômenos mediúnicos. Ela foi empregada por Crookes, M. S. R., e C. F. Varley, M. S. R., para a verificação da realidade das manifestações de figuras em casa do Senhor Luxmore, Londres, pela primeira vez em Março de 1874. Eles se serviram de uma bateria galvânica e de um aparelho do cabo elétrico submarino, tão delicado que o mais simples movimento do médium não deixaria de ser logo indicado, de modo a ser-lhe impossível desempenhar o papel de Espírito sem romper o circuito e ser logo desmascarado.

A tentativa, feita pelo romancista, de ressuscitar a defunta hipótese do isolamento só pode iludir os ignorantes. Entre as objeções que ele faz ao Espiritismo pela boca do seu Boynton,

acha-se esta: “Ele nada nos oferece mais que o fato infecundo da continuação da vida.” Assim, segundo ele, a imortalidade, sendo um fato é infecundo, e Paulo esta fora do seu apreso quando diz; “Se nesta vida só tivermos esperança, seremos os mais miseráveis de todos os homens.., Um fato infecundo! Quantos dariam suas vidas e suas fortunas em troca da certeza desse fato infecundo!”.

“A Vida Imortal”, por John Weiss, é o título de uma obra póstuma publicada em Boston, em 1880.

Conheci o autor. Era um homem de gênio e um crente extremado na imortalidade humana. Parece, porém, que votava muito desprezo a uma crença fundada sobre credos, tradições ou fatos históricos ou psico-físicos. Ele era tão propenso a confiar em sua própria avaliação da energia das primitivas faculdades da alma, na sua íntima aspiração a uma vida imortal, que nem mesmo quis investigar com cuidado os fenômenos, que lhe teriam provado ser falsa a atitude tomada por ele contra o Espiritualismo moderno.

Não emitiu juízo sobre esse ponto tão belo da brande questão, como o fez Matthew Arnold, que achou que “a verdadeira base de toda a aspiração religiosa para a imortalidade” estava no a que ele chamava “o forte sentimento da vida pela justiça, capaz de ser desenvolvido, pelos progressos da justiça visíveis até chegar a algum objetivo incomensuravelmente mais forte. Uma crença tão fraca e contingente se teria dificilmente acomodado à inteligência delicada e, ao mesmo tempo, robusta de Weiss”.

Depois de francamente admitir que, se a alma continuava em sua existência pessoal e não imergia das correntes cegas das forças, ou estados de movimento, devia receber outra ordem de sentidos, correspondendo à nova ordem de impressões que resulta das novas relações existentes entre o Universo e a alma, ele se coloca em veemente antagonismo com a antiga e racional

idéia espiritualista, de que o gérmen, o embrião ou organismo psíquico, essencial a essa continuidade da existência pessoal, está envolvido na presente constituição do homem, e pode explicar as faculdades espirituais que se manifestam na clarividência, na pneumatografia e em outros fenômenos provados.

Foram estas as vistas de muitos dos maiores pensadores, que figuram nos anais da Humanidade. Os professores Stewart e Tait, de Edimburgo, na sua obra, "Unseen Universe", trabalho completamente científico em seu plano, diz que foi somente dentro dos últimos 30 ou 40 anos que gradualmente foi despontando nas idéias dos homens científicos a convicção de haver alguma coisa fora da matéria, ou estofo material, no universo físico, que "tem, pelo menos, tanto direito quanto a matéria a ser reconhecida como uma realidade objetiva, apesar, é certo, de menos diretamente manifesta aos nossos sentidos do que esta, mas também no caso de ser reconhecida. A descoberta de Crookes, do estado supergasoso da matéria, no completo vácuo, já foi por mim mencionada em outro ponto desta obra".

Os físicos, aos quais me referi, chegaram logicamente à conclusão de haver um universo invisível, no qual a vida prossegue tanto quanto na matéria, e de que a imortalidade é possível sem solução de continuidade. Assim, eles aceitam a doutrina de Paulo, de um corpo espiritual existindo potencialmente e continuando no mundo invisível a vida que possuía no visível; e citam com aprovação a seguinte passagem de Swedenborg: "O homem na morte escapa do corpo material, como de um vestido usado e roto, levando consigo seus membros, faculdades e funções completas, sem falta de nenhuma, apesar de o seu cadáver conservar todo o peso que tinha em vida." Por isso, vê-se que Swedenborg olhava o fluido nervoso como fazendo parte dos chamados imponderáveis.

Porque então não incluiremos o corpo espiritual na mesma classe?

Segundo Weiss, os sentidos espirituais não existem ainda para nós. Diz ele:

"Não podem existir: porquanto seu lugar esta ocupado. A alma, em um dado tempo, só pode pertencer a um corpo, justamente qual ela, em dado tempo, só pode conceber um pensamento, fazer uma só experiência e experimentar um só sentimento; pois mais complexas sensações internas têm o cunho da unidade, não podendo existir conjuntamente com outra. Há um corpo natural e outro espiritual, mas não vivendo juntos, não podendo um ser envolvido pelo outro. A alma deve desconhecer inteiramente esse segundo corpo, até que deixe de utilizar-se do primeiro."

Vimos aí um tecido de asserções plausíveis, mas sem qualquer partícula de prova científica. Não poderá o homem ao mesmo tempo fazer uso de dois sentidos? Não poderei eu ouvir-vos e ver-vos, produzindo esses dois fenômenos uma complexidade simultânea em vez de uma sucessão de pensamentos? A experiência contradiz o asserto, por mais vigorosamente lógico que ele pareça. As faculdades e capacidades da alma são complexas. A clarividência prova que há em nós alguma coisa mais sutil que a nossa externa faculdade da visão, apesar de não termos consciência dessa em nosso estado normal. Weiss está em erro quando sustenta que uma faculdade não pode ocultar outra que ainda se conserva latente e não desenvolvida. As analogias pelas quais ele pretende provar que o corpo-alma não pode estar simultaneamente preso a um carnal e a um espiritual, são puramente fantásticas; e a sua tentativa de corrigir o Apóstolo Paulo, que distintamente nos diz “haver um corpo natural e haver (não que há de haver) um corpo espiritual”, é um tanto presunçoso, parecendo que a contradição não é confirmada pelas provas. Do mesmo modo poderíamos

dizer que o verme e a crisálida potencial não coexistem. Será certo, como Weiss o afirma, que um homem só possa experimentar um sentimento de cada vez? Não poderá ele simultaneamente ser afetado por uma dor de dentes e uma ferroada de gota, pelo gelo e pelo fogo? "Não é matéria de dúvida, diz ele, que os fatos curiosos do sonambulismo, da cerebração inconsciente, das condições magnéticas e daquelas que procedem de um duplo hemisfério cerebral, se referem a um corpo material e à alma que nele habita durante a vida ordinária, e que não pode ter um outro antes da morte daquele."

Em estranha contradição com essas vistas está a seguinte sentença que ele apresenta dezesseis linhas adiante "Nada poderá salvar a alma de ir abismar-se no seio das forças cegas do mundo, a não ser a preservação da sua identidade; e essa preservação não se pode dar sem ela tomar uma forma, um sistema de órgãos, pelo qual possa exteriorizar as funções espirituais. "Bela e real afirmativa. Fixemos aí um alfinete. Mas, que é feito da alma na ocasião da morte, antes de ela tomar essa forma, esse sistema de órgãos, pelo qual possa exteriorizar suas funções espirituais", de modo a não haver um hiato sem ponte; no caso de essa "forma" não ser um corpo estranho, chamado magicamente no momento da morte, para ser empossado, mas sim um corpo orgânico em completa harmonia com todas as atividades mentais, experiências e desenvolvimentos de sua vida terrena? Na continuação da existência deve haver um órgão para a memória, prendendo o indivíduo ao seu passado, e, na fase seguinte, o seu organismo, bem como o Universo devem achar-se em relações que lhe facultem todos os caminhos que têm, na presente, para exercitar a sua atividade. Tudo isso é substancialmente admitido pelos professores Stewart e Tait. Como será essa identidade preservada na transição de um para outro estado da existência? Como se anulará essa interrupção, a não ser que a alma leve consigo esse "sistema de órgãos que,

como diz Weiss (contraditoriamente às suas objeções a um duplo organismo), é essencial à sua preservação “contra o desaparecimento no seio das forças cegas do mundo?”

Weiss parece ser de opinião que a alma desincorporada pode atrair um corpo, que lhe convenha. Diz ele:

"A alma do vosso companheiro, então, passa de uma forma de carne a uma outra de tecido mais delicado, que, sem possuir um único característico corporal, não deixa, contudo, de ser matéria. Podemos dizer que a lei do sangue ainda se impõe, isto é, que a alma mais pura atrai e se utiliza um corpo mais puro, justamente como se dá aqui com o principio da hereditariedade. "

Isso é finamente lógico e parcialmente real; somente surge uma consideração que vicia a hipótese generalizada. Weiss nos diz, distintamente, que a identidade da alma “não pode ser preservada sem se achar presa a uma forma”. Apesar disso, ele impele a alma (não se trata de saber se por um momento ou por uma eternidade) ao desincorporamento, “imerge-a nas cegas correntes das forças ou estados de movimento”, deixando-a, dessarte, mergulhada e solta de todos os laços que a prenderam, o trabalho de atrair a si mesma a forma que será, “sem possuir um único característico corporal, ainda material!” Ele não particulariza esse “característico corporal”. Terá sido Weiss de descendência irlandesa?

Não haverá uma falta de precisão e consistência em tal argumento? Cerrando os olhos para não ver os fatos do Espiritismo, como se poderia ele livrar de cair nessas grosseiras contradições? Pelo que temos dito, vê-se que John Weiss, quando está com a verdade, o que freqüentemente acontece, sustenta-a com uma precisão e uma força que o colocam alto entre os pensadores melhores e mais originais do século XIX.

Contra o fenômeno das formas materializadas, ou faculdade de os Espíritos “se materializarem visivelmente”, ele apresenta a

seguinte objeção: “Eles já tinham um corpo próprio, e, apesar disso, formam outro gozando de algumas das propriedades do corpo do médium. O Espírito não poderá existir um instante sem o seu corpo, e, contudo, introduz-se em outro que o médium faculta.”

Há duas teorias quanto ao modo de apresentação. Uma delas diz que o Espírito não se incorpora realmente na figura ou membro visível, mas que tem poder sobre os elementos materiais, dispondo-os a formar, independentemente do seu próprio corpo espiritual, um simulacro animado do corpo terreno que ele possuiu em algum dos períodos da sua existência. A outra teoria sustenta que o corpo espiritual pode atrair a si, das esferas atômicas do médium e de outros, ou da atmosfera, as ínfimas partículas, mais delicadas que os eflúvios do musgo, as quais, pela condensação, são levadas a assimilar-se a algum objeto material, conforme a vontade do Espírito, que pode operar com a rapidez do pensamento. A última teoria é a mais comum, apesar da primeira ser, talvez, mais conforme com o fato de serem as manifestações freqüentemente fragmentárias e imperfeitas. A improvisação é então um mero ensaio, a memória do Espírito materializado se acha, muitas vezes, em falta, e a alma, às vezes, opera, como no meio de uma névoa.

Muitas vezes se tem perguntado: “Como podem os Espíritos realmente improvisar corpos que possuam todos os constitutivos químicos e todas as partes orgânicas pertencentes às formas corporais que ocuparam durante a sua vida rudimentar na Terra?” Essa é, certamente, uma questão que ainda não pode ser respondida. Há boas razões para crer-se que os Espíritos economizam seus esforços e não dão mais do que é necessário ao fim que têm em vista. Se podem sugerir a identidade pela apresentação de uma simples mão, conhecida por alguma particularidade que tivera a mão do seu corpo terreno a um parente ou amigo, eles se limitam a essa manifestação. Algumas

vezes somente é apresentada a parte facial de uma cabeça, ao passo que a porção inferior da figura é apagada ou amorfa. O Doutor J. M. Gully, ilustrado médico, outrora chefe do bem conhecido estabelecimento hidroterápico de Great Malvern, usou da sua calma habitual na investigação filosófica dos nossos fenômenos, e em uma de suas cartas, a mim dirigida a 20 de Julho de 1874, a respeito das experiências de Florence Cook, diz que:

"O poder das manifestações, que com o uso têm crescido, ficou curiosamente demonstrado pelo fato de, durante algum tempo, somente se apresentar uma face, às vezes sem cabelos, sem a parte posterior do crânio, em outras com braços e mãos, mas sem as outras partes da figura - simplesmente uma máscara, com a faculdade, porém, de mover os olhos e a boca. Gradualmente a forma se foi apresentando completa, depois de talvez uns cinco meses de sessões, por uma ou duas vezes em uma semana. Depois, foi-se formando, cada vez mais rapidamente, e mostrou-se com cabelos, vestidos, face corada, como nós desejávamos."

O Sr. Tapp, da Associação de Investigadores de Dalton, relata que freqüentemente foi permitido examinar claramente a face e a figura da forma espiritual conhecida com o nome de Katie, que se manifestava coro o auxílio da Srta. Cook. Uma vez, ela colocou o braço direito sobre a mão dele, aberta, e permitiu-lhe examiná-lo com cuidado. O braço era roliço e proporcionado, mais longo que o da médium. A mão era mais longa, ornada de belas unhas, nada parecidas com as da Srta. Cook, que tinha o mau hábito de roer as unhas. Segurando levemente o braço da forma materializada com uma das mãos, ele com a outra examinou esse braço até ao ombro. “A pele, diz ele, era perfeitamente lisa, como a cera ou o mármore, apesar de ser a sua temperatura a de um corpo humano são. Contudo, não achei ossos na munheca. De novo palpei a munheca, e então

Katie me disse que lhe faltavam os ossos. Riu-se e me disse: Esperai um pouco; e, depois de ter apresentado seu braço a outros assistentes, veio e de novo colocou-o na minha mão. Desta vez o Senhor Tapp ficou satisfeita; os ossos ali estavam. Em outra ocasião, ele segurou a forma pelo pulso, e disse-nos: “Seu pulso contraía-se em minha mão como um pedaço de papel ou cartão fino, podendo eu sentir o tato dos meus dedos através dele. Uma vez, por isso, manifestei-lhe o meu sentimento. “Katie animou-o, e desculpou a sua falta de delicadeza, dizendo-lhe que buscaria afastar esse outro resultado desagradável”.

Fatos da ordem destes podem ainda não ser tão cientificamente demonstráveis como os fatos típicos da minha base, mas não deixam de ser críveis e consistentes. Mostram eles que essas materializações espirituais podem ser, muitas vezes, fracionais e imperfeitas. Ao mesmo tempo temos razão para supor que todas as partes do corpo humano, exterior ou interior, inclusive o sangue e as vísceras, podem, se for necessário, ser imitadas ou duplicadas pelo poder espiritual. O fato de muitas vezes faltarem partes nas formas materializadas não é argumento contra a possibilidade da produção da forma completa. A existência de átomos invisíveis e impalpáveis é sustentada pelo materialismo como uma hipótese razoável. Não poderão os Espíritos exercer sobre esses átomos um poder que a inteligência humana dificilmente possa conceber, compondo e dissolvendo formas transitórias, justamente como operam tantas outras coisas, cujo “modus operandi” apenas começamos a querer explicar?

A minha própria experiência confirma a do Doutor Gully. Não é aos especialistas da Ciência, totalmente não preparado para julgar das provas do poder psíquico, que eu me dirijo aqui. O que tenho a dizer, disso tem a certeza, não aumentará o meu crédito no juízo daqueles cujo bom conceito me sinto feliz por ter adquirido. Mas devo fazer uma exposição clara. Pelo fato de

haver testemunhado eu a tentativa de uma parenta venerada, que já não é deste mundo, de manifestar objetivamente, em uma sessão mediúnica, a sua identidade por meio do seu poder sobre a matéria, produzindo um simulacro do corpo terreno, não pude ter mais dúvida alguma, desde que se deu a ocorrência.

No começo, a face apresentada era um simples disco com pequena saliência, assemelhando-se à figura da face da Lua que os compêndios nos apresentam. Uma vez, disse eu: Essa manifestação não pode ser para mim (eles haviam dito que era). Não vejo nela um só traço conhecido." Decorreu meio minuto e então o médium em transe disse: O Espírito insiste, diz que é a vós que ele se apresenta, e vos pede que olheis de novo. "Concordei, cheguei à abertura da cortina e, sem premeditação alguma, involuntariamente exclamei: "E' possível!" O reconhecimento foi instantâneo. Não pronunciei o nome, nem fiz pergunta alguma; mas o Espírito simulou conhecer o êxito da sua tentativa, e as suas demonstrações familiares e peculiares de prazer e afeto foram para mim mais convincentes do que quaisquer palavras. Cada pequeno gesto, o modo delicado e gracioso de bater-me na face com as suas mãos, e o modo com que me beijou a testa, eram as reproduções de velhos hábitos que a caracterizavam, quando, durante a sua última enfermidade, eu entrava em seu quarto para dela receber o beijo da noite. "Não quereis dar-me alguma mensagem para L.?" perguntei-lhe eu. Imediatamente ela pareceu arrancar de seu toucado um pequeno laço de fita, que colocou na minha mão. Aí terminou a entrevista, ficando eu convencido, não somente da prova evidente, como de nutras rode; criáveis circunstâncias que me provaram não se ter dado aí uma transfiguração do médium, mas um ato independente do Espírito.

Antes da sessão, eu nunca havia pensado em sua possível manifestação, e o médium nada sabia das relações que nos prendiam, nem tinha a menor razão para desconfiar. Os fatos

não podem ser descritos de modo a ser cientificamente apresentado, mas não deixam de ser fatos confirmatórios para aquele a quem são dados. Cumpre-me acrescentar que o toucado era conhecido por L., um “fac símile” dos que ela fazia para si, sem laço. Foi posto em uma caixinha e colocado em uma gaveta; mas, poucos meses depois, desapareceu, sem podermos saber como, visto que ninguém o tirara da caixa.

Perguntarão, sem dúvida, em que se transforma a matéria desses simulacros tangíveis, quando desaparecem. Tem-se dito que um cadáver devia ser apresentado como prova do abandono de um corpo, seja rápida, seja gradualmente, pelo Espírito. Enquanto não soubermos o que é a matéria, até que possamos bem avaliar o poder de um Espírito, não estaremos habilitados a afirmar que eles não podem de improviso dissolver a matéria ou mesmo os átomos, ainda que invisíveis, que concorrem para a formação dela. A maravilhosa rapidez, com que eles operam, não pode servir de prova contra o fato da formação e da desagregação, porque sabemos que esse poder espiritual nos mostra uma celeridade super-humana nos fenômenos de transporte e da escritura de longas mensagens. Se esse poder super-humano pode manifestar-se num caso, porque não em outro? Dar a esse poder o nome de magia não altera de modo algum os fatos tão bem atestados. Tudo o que é para nós inexplicável, pode ser estigmatizado com o mesmo epíteto, apesar de todas as causas e efeitos finitos se acharem restritamente contidos na esfera do natural. Mas acrescentarei haver investigadores que atestam ter sentido um cheiro cadavérico por ocasião da desmaterialização dessas formas fugitivas.

A teoria de que o Espírito exerce simplesmente seu poder sobre a matéria, em vez de apresentar-se como uma entidade nela incorporado, destrói as objeções apresentadas por Weiss. O

que eu chamo suas contingentes objeções, à crença no que chamamos manifestações espirituais, se resume no seguinte:

"Se deveis vossa crença na imortalidade aos fatos presumidos de uma comunicação espiritual, vossa crença fica ã mercê da vossa presunção. Ela não se originou de uma vital necessidade da nossa própria alma, não é um desejo ardente que justifique e peça sua satisfação futura, mas uma opinião exclusivamente derivada de uma variedade de fenômenos; e quando aqueles que atraem a vossa atenção, ou quando os embustes que se impõem ao vosso amor pelo maravilhoso forem explicados, a vossa imortalidade ficará sem base. Não a fazeis derivar de um fato espiritual da vossa própria consciência, não a construís sobre juízos razoáveis, e ficais ã mercê do que se vos pode provar ser uma ilusão. Poderá uma ilusão impor ã alma uma verdade espiritual? Concordamos que, se eventualmente descobrirmos que somos imortais, acreditemos nisso ou não, concordamos que, realmente, é humanitário e conveniente desejar crer e conhecer, ver dilatar-se o horizonte da nossa vida, elevando e enobrecendo todos os nossos pensamentos, justificando o nosso amor, e só nos conduzindo com a vista no Infinito. Porém, não podemos derivar uma crença de uma imortalidade pessoal de ocorrências que se dão em salas e gabinetes escuros. A vossa opinião, derivada disso, não é mais digna de apreço do que a opinião ordinária baseada nos textos e nos dogmas. Apartai a Teologia, e a verdade cairá; afastai os vossos fenômenos e tudo o que por eles conheceis, e o aniquilamento será a vossa sorte e a de tudo o que amastes."

A força de toda essa argumentação reside num engano; procede da premissa errônea de serem presumidos em vez de conhecidos os fatos do Espiritismo. Hoje o espírita experiente conhece que certos fenômenos são, como fatos, provados por seus sentidos e pelo senso comum, como os fatos de o Sol brilhar e a erva crescer. Não teme ele que lhe provem que certos

fenômenos sejam frutos do embuste, nem receia que a própria vida seja uma ilusão imposta ao homem por uma potência maléfica. Bastam-nos somente os fenômenos da clarividência e da escrita direta. Todos aqueles que, exata, prática e inteligentemente têm estudado o assunto, conhecem que os fenômenos espíritas se produzem em condições que excluem totalmente a possibilidade do embuste, da alucinação ou de qualquer outro estado anormal da nossa consciência.

De modo nenhum é verdade que a nossa crença na imortalidade "esteja à mercê de uma presunção", pois não só é uma crença, mas uma convicção baseada no conhecimento dos fatos atuais, por sua natureza supersensorial e super-humana. Porque dizer que "ela não procede de um desejo ardente que justifique e peça sua futura satisfação"? Não se fortalecerão mutuamente o desejo ardente e a crença, ou antes, a convicção que o confirma? A afirmação de ser o amor do maravilhoso que conduz as inteligências sérias e bem preparadas, como as de Wately, Fichte, Wallace, Chambers, Elizabeth Browning e Franz Hoffman, a aceitar certos fenômenos como fornecedores evidentes do poder espiritual, é uma. insustentável acusação que nem precisa combatida.

Quando Weiss limita a noção da imortalidade a uma "vital necessidade da nossa alma:", esquece o fato importante de haver muitas pessoas excelentes que não sentem essa "vital necessidade" ou esse "desejo ardente". Guilherme Humboldt, David F. Strauss, Harviet Martineau e muitos outros cépticos não o sentiam.

O espírita não deve ligar apreço a esses argumentos duvidosos em favor da imortalidade, pela maioria dos homens deduzidos das emoções. Tal não é, como já o demonstramos em outra parte, a verdadeira gênese de tão divulgada crença. Os desejos ardentes herdados da raça podem mudar. Aqueles que pensam como Strauss e Humboldt, podem tornar-se a maioria.

Em que se transformará então um dos maiores argumentos em favor a vida futura, expendido pelos raciocinadores da ordem de Weiss?

Não considero admissível o fato de termos de agradecer a vida ao coração humano! Referindo-se ao ateísmo materialista, diz o Professor Tyndall: Tenho observado, durante anos de estudo em mim mesmo, que não é nas horas de mais luz e vigor que essa doutrina se impõe ao meu raciocínio; que diante dos mais fortes e sãos pensamentos ela se dissolve e desaparece, como incapaz de resolver o mistério em que vivemos, e do qual fazemos parte. E Tomás Shorter, um dos mais claros expositores do Espiritismo, diz que J. L. Holyoake, fundador do Secularismo inglês, que, como o Positivismo, nega ou ignora Deus e a vida futura, em uma passagem patética de grande delicadeza, descrevendo a morte de seu filho, confessa que mesmo para ele uma fé racional e pura na imortalidade seria mais conveniente do que a fria negação e a triste insipidez a que principalmente devotara a sua vida. Referindo-se ao filho, Holyoake diz! “Sim, uma vida futura, com todas as suas conseqüências, será uma imensa alegria, digna de ser contemplada.”

Thackeray, que era quase espírita, e que fez levantar enorme celeuma contra si por ter admitido no seu periódico um artigo confirmando os fenômenos, disse, falando da morte: “Conheço um fraco filósofo (referia-se a si mesmo), que está muito disposto a renunciar a estas alegrias, que ficará contente (depois do transe de separação dos amigos daqui) se puder colocar a sua mão na de algum anjo, e dizer-lhe: Levai-nos, ó Mensageiro de Deus, nosso Pai, para as plagas de Além, onde nos aguarda a felicidade divina! Devemos ter os olhos vendados antes da passagem, eu o sei; mas não temo mais o porvir do que meus filhos devem recear a falta do amor de seu pai.”

Quando Weiss diz que a imortalidade ficará sem base quando os fenômenos forem explicados, ele supõe um caso, cuja possibilidade não admitimos mais que a da explicação das próprias faculdades da alma. Um fato como o da clarividência não pode ser explicado senão pela teoria da ação de uma faculdade espiritual; e o mesmo se pode dizer do fato da pneumatografia. Sabemos que, pela natureza das coisas, nunca se provará ter sido embusteiro o gênio de um Shakespeare ou de um Mozart. Não é verdade que esses fatos não sejam tão reais, quanto os externos, que nós os firmemos fora do terreno dos juízos racionais, e estejamos à mercê daquilo que se nos pode provar ser uma ilusão - a menos que afirmemos ser a própria vida humana uma ilusão.

O clímax do curso de raciocínio de Weiss é o seguinte: “Não podemos deduzir a fé na imortalidade pessoal de ocorrências que se dão em salas e gabinetes escuros.” Aí ele mostra quão pouco conhece os fatos reais. Seu argumento supremo é nulificado pela simples verdade. Se ele valentemente e sem se deixar embaraçar por noções preconcebidas, entrasse na investigação dos fenômenos atuais, teria logo observado que os mais importantes ocorrem à plena luz do dia, quando a fraude não é possível e a observação nunca será prejudicada. Poderá um homem verdadeiro, que por muitas e seguidas experiências esteja convencido da realidade dos fenômenos de clarividência e da escrita direta, argumentar contra as suas convicções? Será a vossa “ignorância”, apesar da sutileza dos vossos argumentos, um artifício para obterdes o “conhecimento” da verdade?

Até provardes que podeis ler o que se acham escrito em um pedaço de papel bem enrolado, sem nele tocar, e explicardes como isso se faz, por um processo impenetrável à vigilância dos mais peritos prestímanos, não produzireis impressão. Nunca, porém, o conseguireis, pois é para vós impossível a leitura sem

auxílio dos olhos, a menos que não sejais auxiliados por alguma faculdade supersensorial, como supomos que o médium seja.

Como ele pensar em seu coração, assim ele é. A sabedoria de Salomão é também a sabedoria do Espiritismo. O pensamento é o supremo fator do Universo. Os pensamentos não são nulidades que se possam esvair. Eles possuem uma força quase objetiva. Constroem e dispõem o edifício das nossas almas, como os flocos de neve formam avalanches. Os próprios pensamentos do delírio, apesar de não sermos responsáveis por eles, deixam sempre uma impressão. Tudo o que somos, é o resultado do que pensamos. Se um homem falar ou agir com pensamento mau, diz Buda, a pena o seguirá, como a roda ao impulso do pé que a dirige. Se um homem falar ou agir com pensamento puro, a ventura o seguirá como a sua sombra, que nunca o deixa. Substituir os maus pensamentos pelos bons e o erro pela verdade, bem como dar o nosso melhor e mais despreocupado pensamento à causa da verdade, é tomarmos o caminho do Céu. E' a grande lição, que recebemos do Espiritismo. Digamos com Zoroastro: “Vinde a mim, ó altas verdades! Concedei-me a certeza da vossa imortalidade e a de sempre possuir-vos!”

O espírita que não tiver em sua própria razão um poder maior do que o que qualquer médium possa manifestar, está mal preparado, e para ele o Espiritismo pode realmente ser uma ilusão ou uma armadilha. O fato horroroso de Pocasset, em que um pai matou barbaramente seu filho desprotegido com a fanática idéia de imitar a fé de Abraão, demonstra os perigos da “bibliolatria”; os da demonolatria, porém, são igualmente grandes; assim também, os espíritas incautos, aceitando como infalível à mensagem de um Espírito, podem ser levados a desatinos não menos trágicos que o do pobre Freeman.

Estudado como deve sê-lo, o Espiritismo é a mais forte salvaguarda possível contra todas as superstições dessa ordem.

Se nós, porém, aceitarmos como um Evangelho às imposições de algum viajante espiritual, que, adornando-se com os nomes de S. Paulo, Bacon ou Swedenborg, procure divertir-nos, faremos melhor em voltar à velha Teologia e dormirmos em seu seio. O Espiritismo, ainda em seu começo, é próprio dos cérebros serenos, dos corações pacientes e dos temperamentos tranqüilos. Para aqueles que já se têm elevado acima de suas perplexidades, abusos, más interpretações e fraudes, aborrecimentos e desafeições com que têm de lutar e que se produzem na conformidade das leis eternas que regem todas as Esferas, ele é o ponto mais elevado dos contentamentos terrenos. Em relação ao Espiritismo, digo com o Sr. Arquibaldo Alisou: Ele é semelhante à sombria montanha de Bender, na Índia; quanto mais nela subis, mais escarpada a achais, mais sombrios e tristes se mostrarão os objetos que vos cercam; mas, quando chegardes ao cimo, vereis o céu estendido sobre a vossa cabeça, e a vossos pés o Reino de Cashmira.

CAPÍTULO VI

Provas fenomenais. - O corpo espiritual

Tudo o que compreendemos, no vocábulo materialização espiritual, é que o Espírito tem poder sobre os elementos da

matéria, que ele pode reanimar e tornar palpável, no todo ou em parte somente, corpo parecido com o que ocupou em algum dos períodos de sua vida terrena. Desde 1848 que essas manifestações parciais ou completas de formas se têm tornado comuns. Em todas as idades do mundo elas foram conhecidas, apesar do testemunho a seu respeito ter sido freqüentemente rejeitado pelos inexperientes. Nas manifestações dos célebres Irmãos Davenport, que remontam a 1850, uma multidão de formas espirituais aparecia freqüentemente. Seu pai, o Doutor Ira Davenport, interrogado a respeito por mim, e de cuja boa-fé ninguém tem o direito de duvidar, asseverou-me (1879) que o fenômeno se dava repetidamente em sua própria casa e pela mediunidade de seus filhos, em condições que tornavam impossíveis a ilusão ou a fraude. Acusaram de embuste (sem provas concludentes) os dois irmãos; mas, de que por eles se davam manifestações verídicas, não se pode duvidar.

O falecido Dr. H. F. Gardner, de Boston, informou-me que uma vez, à plena luz do dia, sendo médium D. D. Home, ele segurou uma isolada mão humana, que se transformou em um vapor impalpável e invisível, e desapareceu de sua mão.

O Dr. John Garth Wilkinson, de Londres, descreve urna singular experiência feita com Home. Repelindo a idéia de haver um corpo espiritual nele envolvido e dirigindo seu corpo físico, diz ele: Se contemplarmos uma aparição de Espírito, nervoso, flutuando e movendo-se pela ação dos nervos do corpo, veremos que há nele movimentos e mecanismos que transcendem as manifestações externas da vida, e ficaremos conhecendo, por solene experiência, ser a nossa organização uma verdade imperecível, que zomba do sepultamento do corpo.

A formação da mão espiritual foi observada em condições científicas, apesar de limitada à experiência de poucos. No “Banner of Light”, de 3 de Agosto de 1878, o Senhor Austin A. Burnham, de Chagrin Falls, Ohio, deu notícia de dezoito sessões

que teve no verão de 1875 com as Irmãs Bangs, uma de 15 e outra de 11 anos de idade, na residência delas em Chicago. Nas primeiras quatro sessões, mão alguma apareceu, mas os instrumentos musicais fizeram-se ouvir, e a escrita nas lousas foi produzida, tudo em baixo da mesa. Nas sessões seguintes, brancas mãos belamente formadas se mostraram acima e através da fenda da mesa, parecendo guiadas por um poder inteligente. Durante as oito seguintes sessões, mãos e braços de diversas dimensões, brancas ou indianas, surgiram da fenda da mesa, muitas vezes, simultaneamente.

Foi uma coisa interessante a gradual formação da mão espiritual. Um delgado cilindro branco, de cerca de 8 centímetros de altura e 2 de diâmetro, semelhante à cera purificada, mostrou-se pela fenda acima da mesa. Na outra sessão se apresentaram dois cilindros com as dimensões do primeiro. Na outra, três cilindros vieram, com a grossura de uma caneta, no começo perfeitamente rígidos, e parecendo aderentes um ao outro. Depois se tornaram flexíveis, e uma inspeção rigorosa fez ver-nos dedos espirituais com perfeitas juntas e delgadas unhas. Na tarde seguinte "apresentou-se uma completa e bem formada mão espiritual, que se desenvolveu diante de nossos olhos pela acomodação dos fios de matéria rarefeita, que os nossos sentidos tinham antes percebido. Foi uma demonstração dos conhecimentos e poderes, que o Espírito possui em sua existência supermundana, de dirigir as forças moleculares do Universo, dar à matéria formas harmoniosas e dotá-la mesmo da vida intelectual".

O Doutor F. L. H. Willis, médium de manifestações físicas de quem já falei, escreveu em Maio de 1879, relativamente às suas próprias experiências

"Há 23 anos que essas materializações de mãos se dão. Não ocorrerão elas conforme a grande lei da materialização de forma que tem operado em todas as idades, desde os velhos dias de

Abraão, que viu ao mesmo tempo três formas materializadas entrarem em sua tenda em Mamre, e conforme as aparições de Moisés e Elias na montanha da Judéia? E se qualquer mão ou, mesmo, um dedo pode ser materializado, limitar-se-á a isso o poder da lei, de modo que se deva julgar impossível à aparição de uma forma completa na perfeição das proporções humanas? Não será a primeira, segura profecia da segunda? "

Não vejo outro meio de responder a essa pergunta, a não ser pela admissão de que as mãos espirituais demonstram a possibilidade da manifestação das formas completas, apropriadamente vestidas. Freqüentemente essas mãos mostram algumas deformidades ou defeitos para provar a identidade do Espírito que se manifesta; e o Doutor Willis, referindo-se à sua própria mediunidade, diz:

"Em certa ocasião, um cavalheiro presente sacou do bolso um canivete de longa e afiada folha e, sem consultar ninguém, aproveitando uma oportunidade, deu violento golpe em uma das mãos psíquicas. O médium sentiu uma dor forte, como se um canivete lhe houvesse realmente atravessado a mão. O cavalheiro levantou-se, exultante, julgando ter completamente desmascarado o embuste e esperançado de encontrar a mão do médium trespassada e sangrando. Com grande desgosto, porém, e cheio de pasmo, não encontrou nela nem um simples arranhão, apesar de haver o médium sentido a sensação de um canivete através de seus músculos e tendões, sensação dolorosa que permaneceu por algumas horas".

Em outra ocasião achou-se presente um cavalheiro que, um ano antes, tinha perdido para sempre, coma ele supunha, sua mulher amada. Descrente da imortalidade, a morte era para ele as trevas de uma noite infinda e a sepultura um abismo que escondera para sempre o seu precioso tesouro. Uma mão foi constituída e colocada nas suas, e ele, assustado, exclamou em tom expressivo: "Oh meu Deus!" e banhou-se em lágrimas.

Reconheceu a mão de sua mulher, e sentiu em dois dos dedos os fac-símiles dos anéis de aliança que outros a neles colocara."

Agostinho Calmet, autor do assaz conhecido: “Dicionário da Bíblia”, nascido nas vizinhanças de Commercy, França, em 1672, e falecido em 1757, muito considerado, diz a “British Nacional Enciclopédia”, por seu saber e moderação, conheceu bem que os nossos fenômenos modernos abundantemente confirmam poderem os Espíritos tomar formas objetivas de diferentes graus de materialidade, algumas vezes tão rarefeitas que se tornam invisíveis aos sentidos normais dos mortais, outras vezes, apesar de ainda invisíveis, provavelmente com o grau de materialidade suficiente para causar, em nossos dias, uma impressão sobre a chapa sensitiva do fotógrafo, que é bem sabido ser impressionável por objetos que escapam aos sentidos humanos; e, outras vezes, tornarem-se visíveis unicamente a pessoas no estado de alta clarividência. A prova está na seguinte passagem de Calmet:

"E necessário estudar e distinguir as aparições que se dão durante o sono, das que se produzem no estada de vigília, estudando a parte também as aparições em corpos sólidos, que se agitam, passeiam, comem e bebem, e ainda as que se mostram nebulosas e aéreas."

E' evidente que o grande fato da materialização era conhecido pelo erudito autor do “Dicionário da Bíblia”; e justifica a crença das mais baixas raças no corpo membranoso dos Espíritos, designando com isso que o Espírito pode regular à vontade o grau de atenuação molecular do corpo que reveste.

Do fato da materialização em grau de densidade tal, que o Espírito possa agitar-se, andar, comer e beber, Calmet evidentemente não duvida. Tudo isso se conforma perfeitamente com os fatos presentes e com o que se conta da reaparição de Jesus. No fenômeno comum das mãos espirituais, movidas inteligentemente, manifestam-se todas as potencialidades das

manifestações das formas completas. Dada a materialização da mão, a de todo o corpo é crível.

Se precisássemos de um testemunho mais remoto que o de Calmet, para o fato da manifestação de um corpo espiritual, acharíamos que no Egito, 2000 anos antes da nossa era, apesar de o desconhecido Deus e Senhor da Vida ser apenas adorado sob vários nomes e atributos, a religião popular e o culto familiar se baseavam no Espiritismo. Em Londres, a 15 de Abril de 1879, em uma conferência feita no Salão Steinway, o Senhor Le Page Renouf (não conhecido como espírita) apresentou os resultados das últimas e cuidadosas investigações feitas sobre a civilização e a religião do Antigo Egito. Esses resultados, convêm que notemos, não são a expressão de suspeitas ou deduções de algumas poucas passagens discutidas, ou textos obscuros. Há 5000 anos, os Egípcios tinham a sua crença escrita claramente, em todas as formas concebíveis, desde os editos régios até as preces e memórias privadas.

Entre eles dominava a principal e perseverante asserção da dupla natureza do homem. Cada ser humano tinha o seu duplo ou Espírito astral, que fazia parte dele tanto quanto a estrutura carnal, “e podia, às vezes, em certas condições, tornar-se independentemente visível e palpável.”. O nome egípcio era para eles Kar, palavra exatamente correspondente à latina imagem. Por meio desse companheiro místico, a existência individual separada continuava depois da dissolução da vida terrena, e a sua comunicação com os sobreviventes formava a maior parte daquela adoração ancestral e respeito pelos mortos, que tão notavelmente caracterizava a vida social egípcia. A possessão e a obsessão eram fenômenos familiares cientificamente reconhecidos e admitidos. Nas tabuinhas de Ishtar (2250 antes do Cristo) há um exemplo de materialização na linha: “O Espírito de Heabani, semelhante ao vidro, surge transparente da terra.”

Entre os físicos a questão - que é a matéria? - pode ser respondida de diversos modos, segundo as idéias dominantes nesta ou naquela escola de pensamento. Os restritos materialistas, como Büchner, Haeckel e Vogt, preferem uma expressão que nega a junção, à matéria, de qualquer potência espiritual. Para eles parece que a alma é um derivado da ação mecânica dos átomos puramente materiais, não o átomo animado de Demócrito. nem a mônada de Leibnitz, nem a matéria inteligente do Professor W. K. Clifford, mas uma coisa em que não há vida nem promessa de vida. A consideração de que o pensamento não pode ser uma propriedade da matéria. a menos que a concepção da matéria se alargue tanto que não mais corresponda às idéias da hipótese ateísta, não tem peso para esses homens extremados.

Relativamente às duas classes de mentalidades, o fenômeno capital do Espiritismo, a manifestação completa de uma figura humana, com vestidos apropriados, improvisados aparentemente como coisa sem importância julgam eles escândalos e impossível, uma coisa assaz incrível para que qualquer amontoado de testemunhos humanos possa justificar. Igualmente são para eles incríveis os fenômenos da levitação, pneumatografia e movimentos independentes dos objetos.

Todos esses fenômenos, porém, que, segundo o juízo dos cientistas, infringem diretamente as leis da Natureza, são realmente devidos à intervenção de leis mais altas, que não contrariam nenhuma lei natural, mas que, por serem desconhecidas, assumem na apreciação popular o caráter dos milagre, da magia.

Assim, a levitação ou levantamento de um ser humano - fato que tenho testemunhado muitas vezes, apesar de abundantemente confirmado nos anais católicos - é considerado um absurdo porque viola a lei da gravidade. E quando replicamos: “Não, aí não há violação, mas sim a obra de uma

potência invisível e impalpável, produzindo essa suspensão”, os físicos nos respondem, confiados em seu raciocínio dedutivo, que somos vítimas de uma preconcepção, ou, como se expressa Carpenter: “submetemos o nosso senso comum a uma idéia dominante”.

Santa Teresa, freira de um convento espanhol, foi muitas vezes elevada ao ar em presença de toda a confraria. Lorde Orrery e o Senhor Valentin Greatrale informaram, a Henry More e Joseph Glanvil, que em casa de Lorde Cornway, em Raglay, Irlanda, o despenseiro de um cavalheiro, em sua presença e à plena luz, elevou-se ao ar e flutuou pela sala por cima de suas cabeças. Butler, na suas “Vidas dos Santos”, diz que muitos fatos dessa ordem são relatados por pessoas de incontestável veridicidade, que atestam tê-los testemunhada, ela mesma.

O Rev. Guilherme Fishbough, de Nova Iorque, veterano da causa do Espiritismo, escreveu, em Julho de 1876: Segundo conheço positivamente, baseado em ocorrência atual, essas materializações se podem dar sem o auxílio de um gabinete ou de outro médium, além de mim mesmo, e isso na privada solidão da minha própria câmara.

Charles Bonnet (1720-1793), o grande naturalista suíço, cria que o corpo futuro do homem já existia com o corpo visível, e que a Ciência algum dia teria instrumentos que a habilitariam a descobrir esse corpo, formado provavelmente dos elementos do éter ou da luz. “Não confiemos muito, diz Chaseray, em nossos sentidos imperfeitos, desde que há muitas substâncias que não podem ser tocadas nem vistas. Não nos precipitemos em negar a dualidade do ser humano, por não poder o escalpelo do anatomista revelar à nossa vista um princípio eminentemente sutil. O homem não será levado à anulação, mesmo na hipótese da materialidade.” Chaseray pensa que o corpo espiritual será um dia provado pela Ciência.

Por sua natureza e em seu estado normal, o corpo espiritual é invisível e tem essa propriedade em comum com muitos fluidos, cuja existência reconhecemos, sem contudo os termos visto; como os outros fluidos, porém, ele também pode sofrer modificações, que o tornem perceptível à vista, seja por uma espécie de condensação, seja por uma mudança em sua disposição molecular, e então se nos mostra ele sob uma forma vaporosa. Por uma maior condensação, o corpo espiritual pode adquirir as propriedades da solidez e da tangibilidade, podendo também instantaneamente reassumir o seu estado etéreo e invisível.

Podemos compreender esse estado comparando-o com o do vapor invisível, que pode passar ao estado de nuvem visível, ao líquido e ao sólido e "vice versa". Esses diferentes estados do corpo espiritual são o resultado da vontade do Espírito e não, como nos nossos gases, de uma causa exterior. "Será uma extravagante conjectura minha, diz Locke, dizer que os Espíritos podem tomar corpos de diferentes dimensões, figuras e conformações de partes?" As conjecturas extravagantes de Locke valem, às vezes, mais que as sóbrias hipóteses de outros filósofos.

A Ciência recorre à hipótese do éter intermediário para explicar a passagem da luz, do calor, da eletricidade, do magnetismo e da gravidade através do espaço. Porque não admitir a hipótese razoável da existência de um intermediário, participando da matéria e do espírito, por meio do qual um Espírito Infinito possa agir na direção do Universo? Os motivos para a admissão da última hipótese são tão justos como os citados para a aceitação da primeira; e se os fortalecermos com o poder dos nossos fatos admitidos, ficaremos com uma base mais ampla para a hipótese espiritual do que a aceita para a material.

O Doutor John W. Draper, da Universidade de Nova, Iorque, foi citado pelo Professor Tyndall como boa autoridade

científica. Mas, em sua obra - “Human Physiology”, referindo-se ao corpo humano, Draper observa: Dai a essa máquina uma consciência e um princípio imortal, e a alma, na mais clara acepção, cairá, sob o domínio da Fisiologia, que se ocupará desse princípio imortal. Assim, o Doutor Draper claramente reconhece a necessidade da criação de uma ciência psico-fisiológica.

Entre os modernos filósofos alemães, Baader, Hoffmann, Ulrici, Wirth, Wagner, Fechner, Beneke e Dressler ensinam, ainda que por métodos diferentes, substancialmente a teoria de um corpo espiritual. Ulrici acredita no caráter não atômico do organismo da alma, descrevendo-o como “uma substância semelhante a um fluido, indivisível, contínuo, simples, penetrando em todas as partes do corpo.” Beneke ensina que as faculdades são os elementos da substância da própria alma; que elas não são inerentes a um “substrato”, distinto delas, e que, portanto, o pensamento não é mais que a soma de suas próprias forças combinadas. Wagner acredita em uma “substância psíquica, individual e permanente.” Baader, Franz Hoffmann e J. H. Fichte combinam com os ensinos espíritas a respeito do corpo espiritual. Como já o demonstrei, citamos o ilustre Kant como aceitando as probabilidades da atual comunicação entre o mundo espiritual e o nosso, na seguinte observação: “Há-de provar-se ainda que a alma humana, mesmo na vida terrena, se acha em estreita comunhão indissolúvel com todas a existências imateriais do mundo espiritual”.

Os nossos clarividentes são unânimes em asseverar a existência desse interno organismo fluídico; e a ciência mecânica dá disso a razão. O Senhor Gillingham, fabricante inglês de membros artificiais em Chard, Somersetshire, afirma, pelos fenômenos que tem observado no desempenho da sua profissão, que deve haver um corpo espiritual co-existente com o físico. As sensações, tantas vezes experimentadas no local

onde devia achar-se um membro amputado, fazem parte dos fatos que ele cita. E Müller, no seu “Handbuch der Physiologie” (Manual de Fisiologia), diz: “O Professor Valentine observou que indivíduos imperfeitos de nascença ou privados das extremidades têm sensações internas correspondentes a esses membros em seu estado perfeito.”

“Se, diz a Senhora A. B. Blackwell, podemos recorrer à ação de uma classe ou classes sutis de matéria para explicar a transmissão de todas as mais rápidas e delicadas formas da energia, como a eletricidade e a gravidade, a suposição de ter cada alma um corpo etéreo mais permanente, intermediário dele para o seu organismo grosseiro, não pode envolver uma sombra de absurdo científico. Isso é altamente provável.”

“Logicamente somos forçados”, dizem Stewart e Tait, no seu: “Universo Invisível”, Se considerarmos reais o princípio da continuidade e a doutrina da imortalidade, a admitir a existência de uma forma ou órgão não terreno, que sobrevive à dissolução do corpo.” E eles acrescentam: E possível que tenha havido e haja manifestações ocasionais dessa natureza espiritual. Não somente ocasionais, mas freqüentes manifestações, podiam eles dizer.

“Eu poderia multiplicar as citações até o infinito”, disse Guizot, “para provar que no primeiro século da nossa era a materialidade da alma era uma opinião não somente permitida, mas dominante.”

Plínio, o moço, céptico de nascimento, admitia, apesar de patente relutância, que os fantasmas dos mortos reapareciam ao homem e que se davam ocorrências profetizando uma fatalidade inevitável, que os homens sábios podiam, algumas vezes, interpretar corretamente.

O Senhor T. P. Barkas, de Newcastle-on-Tyne, investigador científico com o qual me correspondo, escreveu, a 3 de Maio de 1875:

"Experimentei e investiguei sob todas as condições razoáveis que a minha ingenuidade pôde imaginar, em minhas próprias salas e nas de meus amigos, como nas salas públicas e nas dos médiuns. Examinei as salas com o maior cuidado; pessoalmente preparei os retiros para a recepção dos médiuns, providenciei sobre tudo que se referia às sessões e estou certo de que nas salas nenhum elemento restava que facilitasse o embuste. Amarrei, selei, preguei e imobilizei os médiuns do melhor modo possível. Despi e vesti o médium com roupas por mim mesmo fornecidas. E, não obstante todos os exames e precauções, os fenômenos se davam totalmente inexplicáveis e desconhecidos pelos recursos de qualquer lei física ou psicológica. Tudo isso fiz com o olhar calmo e o pulso seguro de um cientista. Dispus-me a dar 100 libras a qualquer homem ou mulher que pela fraude pudesse produzir semelhantes fenômenos, nas mesmas condições."

Em outra parte, ele escreve:

"Os fenômenos não ferem simplesmente a um, mas a todos os sentidos. A vista, a audição, o olfato, o gosto e o tato são todos requisitados no curso das nossas sessões. Os indivíduos mesméricos podem ser colocados sob o domínio de uma ilusão, mas, quando são libertados da influência do operador, têm consciência da mudança; não é isso o que se dá nas sessões; os assistentes não têm consciência de haver estado sob uma influência estranha."

O Senhor Barkas deu notícia (Maio, 34, 1875) de algumas notáveis sessões com um rapaz, William Petty, em perfeitas condições para o estudo. Ele despojou-se completamente de suas roupas e vestiu a roupa escura trazida pelo Senhor Barkas. Nenhuma peça de vestuário de cor branca ou clara havia sobre ele. O Senhor Barkas tinha mesmo preparado o gabinete, excluindo o que se aproximasse dessas cores. Nessas condições, uma figura vestida de branco, com cerca de metro e meio de

altura, veio, moveu-se pela sala, tirou de seus vestidos uma peça de dezoito centímetros por seis, que se verificou ser de cambraia branca. Achavam-se presentes duas damas e sete cavalheiros, que, se o exigirem, atestarão o fato.

No "Spiritualist" de Londres, de 7 de Março de 1879, se achará uma notícia do Senhor John Mould, de Newcastle-on-Tyne, do corte de um pedaço de soalho medindo cinqüenta centímetros de comprimento, dezessete de largura e 17 milímetros de espessura. Um serrote ordinário foi o instrumento empregado; a Senhora Wood era a médium, e como já uma vez a tinham acusado de fraude, as condições foram rigorosas, estando ela à plena vista dos espectadores, que bem Botaram não se movera. Depois de descrever o êxito do fenômeno, o Senhor Mould diz: Sem hesitação alguma afirmo, depois de persistente investigarão de cerca de seis anos, que, por uma avaliação média, dão duas sessões por semana ou cerca de seiscentas sessões, que as opiniões que emito são, segundo penso, opiniões sobre fatos, que anteriormente me pareciam improváveis. O Senhor Mould considera duas teorias para a explicação do problema: a de uma atividade de um Espírito estranho ao médium; a outra - a de ser o fenômeno produzido pela alma do médium, que escapava de sua escura prisão, fazendo esse fato, de ação à distância, tornar mais concebível a possibilidade de uma vida futura, dar-lhe mais clareza e, por esse modo, influir em nossas idéias a tal respeito.

O Doutor J. M. Gully, outrora de Great Malvern, Inglaterra, médico experimentado e investigador cuidadoso, escreveu-me em data de 20 de Julho de 1874: "Relativamente à questão especial que me propusestes a respeito das minhas experiências de materialização da forma espiritual obtida pela mediunidade da Srta. Cook, respondo que, depois do exame do fato, durante dois anos e em numerosas sessões, não tenho a menor dúvida e estou firmemente convencido de que tais materializações

ocorreram, e nem a mais leve suspeita de fraude ou ilusão feriu a idéia dos que assistiram às sessões da Srta. Cook.”

Pelos fatos aí produzidos pode concluir-se que o corpo espiritual não é uma mera hipótese. Isso está provado pelos fenômenos e induções do Espiritismo, pela aparição objetiva dos Espíritos em corpos improvisados, pelo testemunho dos clarividentes, que podem ver os Espíritos, e pelo testemunho dos próprios Espíritos, que afirmam não só possuírem um organismo super-etereal e humano em sua forma, mas ainda a poder de tomar corpos visíveis, semelhantes aos que tiveram em diferentes fases da sua vida terrena, quando estiveram na Terra; pelos fenômenos do sonambulismo e da clarividência que evidenciam a existência dos sentidos espirituais, tão capazes de exercer a sua ação em relação ao espiritual, como os corporais em relação ao corporal, e são as profecias de uma vida sem fim; por todas aa analogias que a razão e a experiência fornecem, e pela crença dos homens em todos os tempos e climas, crença fundada sobre a reaparição dos parentes e amigos mortos.

Juntai a essas considerações os fatos de as várias formas de consciência indicarem todas um organismo complexo, porém único, como as maravilhas da memória, faculdade pela qual as impressões persistem, e que são inexplicáveis pela teoria do materialismo, que nos ensina um fluxo constante, um constante renovamento das moléculas dos órgãos do pensamento. Somente a existência de um corpo espiritual pode explicar tudo isso, apesar de todas as negações.

As concepções antropológicas, que devo aos fatos do Espiritismo, é a de uma tricotomia de corpo físico, corpo espiritual (alma) e Espírito, uma trindade de princípios, físico, psico-fisiológico e espiritual, todos procedentes da Força Infinita, mas que a última é impenetrável como o próprio Deus.

Nessas idéias sou sustentado pela crença de todos os cristãos, como se podem ver nos escritos até o século IV. Corre

também em meu auxílio Lorde Bacon, dizendo “Duas diferentes emanações de almas se manifestam na primeira criação; uma (a alma racional ou espírito), procedendo do sopro de Deus; a outra (a alma sensitiva ou corpo espiritual), nascida dos elementos.” O espírito, diz-nos ele, é cientificamente incognoscível; mas a alma sensitiva (corpo espiritual), cuja “substância mesma pode ser estudada, é uma substância corporal, rarefeita pelo calor e tornada invisível, como o sopro sutil, aura de uma chama ou fluido eletro luminoso, e difundido pelo corpo todo” (16).

(16) As passagens entre parêntese não são do texto de Bacon.

Isso não foi Somente à crença dos primitivos cristãos, mas, no que se refere ao corpo espiritual, é o chamado animismo das tribos bárbaras; e conforma-se também com as vistas de Platão e Aristóteles. No progresso da especulação filosófica, essa simples idéia, explicando tantos fenômenos que confundiam os metafísicos, relativamente ao modo pelo qual um princípio imaterial e inextensivo podem atuar sobre o corpo físico, foi banida pela doutrina que identificou em substância o corpo espiritual e o Espírito, distinguindo-se Somente um do outro por suas funções. São Tomás de Aquino e, depois dele, Calvino, se pronunciaram a favor desse dualismo; mas foi principalmente pela influência de Descartes que a crença no organismo psíquico ou corpo espiritual, distinto ou físico, foi adotada na Filosofia, na Literatura e na Religião. Então começou a levantar-se o clamor, até aí contido, contra o grosseiro materialismo da doutrina de São Paulo relativamente ao corpo espiritual, e a desdenhosa difamação do Espiritismo, como sendo um materialismo pior que o que ele queria desalojar.

A rejeição por Descartes da noção de duas emanações de almas, uma sensitiva (corpo espiritual), a outra racional (espírito), levou-o a confundir os dois princípios, o que só conseguiu fazendo da alma um princípio indefinível e abstrato, sem extensão nem forma, e sem concebível substância. Assim

não nos pôde ele dar a certeza da continuação da vida humana, destruiu a significação etimológica da palavra imortal (que não morre) e lançou-nos nos braços da revelação como o único meio de ter-se a crença num estádio futuro da existência. Nesse ponto, o seu ensino retrogradou; ele anulou a sabedoria do passado, deu força à doutrina anticientífica da ressurreição do corpo físico, e enganou os teólogos e os filósofos a respeito da importância do grande fato, anunciado por Paulo, de existir, além do natural, um corpo espiritual.

A tentativa feita para conciliar à opinião de que a alma sobrevive a toda a organização física, com a noção cartesiana da não existência de uma extensiva entidade psíquica - isto é, a mente (que para Descartes constitui por si só a alma) não é inerente a um substrato -, tem sido o desespero e a confusão da Filosofia. até hoje.

Já citei os eminentes filósofos contemporâneos da Alemanha, que rejeitaram ou completaram a teoria cartesiana. Discutiram uma continuidade da vida, tornada possível pela presença no organismo humano de um princípio, oculto e intangível ao escalpelo, mas efetivo, como é no verme a potência de formar a crisálida.

Filósofos como Fichte e Hoffmann foram os primeiros atraídos para o Espiritismo, porque tinham independentemente chegado, por suas próprias induções e deduções, à doutrina fundamental, que este corrobora.

A filosofia spenceriana, como foi exposta pelo Senhor John Fiske, que lhe chama cósmica, adere à noção cartesiana da alma. Realmente, o Senhor Spencer disse ao Professor Gunning que ele rejeitava o Espiritismo por um motivo preconcebido, porque indubitavelmente feria certas preconcepções suas, que tinham para ele a força de axiomas.

Há, porém, indícios de que a mais científica filosofia alemã é destinada a reintegrar a doutrina de São Paulo, de um corpo espiritual.

Tenho diante de mim um volume americano (17) de recente data, no qual o autor, Doutor Walter, abundando nas vistas de J. H. Fichte e Ulrici, habilmente combate às objeções religiosas e metafísicas feitas à doutrina da extensão da alma.

(17) The Perception of Space and Matter, por John Estep-Walter, Chefe do Instituto clássico e cientifico. Boston.

Em sua linguagem, cumpre dizer, a alma abrange toda a região da mentalidade; e ele, às vezes, usa dessa palavra indiscriminadamente. Não dá a entender se aceita o fenômeno do Espiritismo. Seus argumentos são antes metafísicos do que fisiológicos. Diz ele:

"A asserção de a alma não ter extensão é exatamente contrabalançada pela opinião contrária, não menos dogmática. Conceber a alma como co-extensiva e unida a todo o sistema nervoso, não é mais difícil do que concebê-la como inextensiva e confinada ou não a uma parte determinada; e certamente muito menos difícil do que concebê-la como inextensiva e, apesar disso, em imediata conexão com todas as partes."

Diz-nos ele que atribuir a extensão à inteligência é realmente dar ao Espírito uma propriedade do corpo; mas ter uma propriedade em comum não quer dizer identificação. O espaço é extenso, e, nesse sentido, semelhante à matéria; contudo, ele não é matéria. As duas existências são substancialmente diferentes. Se agora, entre as substâncias mental e material, ambas consideradas como tendo extensão, existe uma diferença tão grande, como a que se dá entre o espaço e a matéria, porque se antepor ao desdenhoso cartesiano? Os dois possuem um atributo comum, mas não podem ser considerados idênticos.

Ele nem materializa a inteligência, nem espiritualiza a matéria, mas deixa-as tão radicalmente distintas, quanto se podia desejar.

Há um número de bem conhecidos fatos pertencentes à classe e à geração dos animais inferiores, que o Doutor Walter cita como corroborando essa doutrina da extensão psíquica. Se o pólipo ou certos anelídeos, cortados em pedaços, têm a propriedade de, em curto tempo, fazer que de cada um desses pedaços nasça um indivíduo tão completo como 0 original, esse fato parece resolver a questão a favor da idéia de que o princípio sensitivo do organismo original, não dividido, se estende por sobre todas as partes.

Os filósofos que se opõem à doutrina da extensão psíquica, admitem ao mesmo tempo coisas que a favorecem. O Senhor William Hamilton diz que “a primeira condição para a possibilidade de uma percepção imediata, intuitiva ou real, das coisas exteriores, cuja posse nos é afirmada pela nossa consciência, é a conexão imediata do princípio conhecedor com cada uma das partes do organismo corporal.”

Mansel diz, da alma, que ela “pode ser considerada como presente em todos os órgãos sensitivos igualmente.” Ele pronunciou também esta notável sentença: “A sensação não é uma afecção da alma somente, nem da matéria isolada, mas sim de um organismo animado, isto é, da matéria unida à alma. “ Que quer isso dizer senão que ele reconhece a existência de um corpo espiritual, como um “nexus” necessário entre o Espírito e o corpo terreno? E contudo Mansel é um cartesiano.

O presidente Noah Porter afirma que a alma “ocupa, penetra e anima, unida e conexa com o sensório extenso, ou organismo; e que na própria sensação ela se conhece como ligada com o sensório extenso.”

"Assim parece perfeitamente claro, diz o Doutor Walter (a quem devo estas citações), que a teoria hamiltoniana, da

percepção da extensão, imperativamente exige que a alma seja extensa; e que, por seus partidários, negando a extensão, ela transforma-se em uma superestrutura sem base, em uma asserção pueril... E' totalmente incompreensível que esses sectários e outros pensadores, depois de terem ensinado que a inteligência invade ou está em conexão imediata com todas as partes do extenso organismo corporal, encontrem dificuldade em aceitar a idéia de ser a alma extensa."

As convicções dos videntes, médiuns e, em geral, intuitivos, a favor de um organismo espiritual, compreendendo a universal presença da alma no corpo físico, podem ser justamente aceitas como confirmação das vistas filosóficas de Ulrici, Walter, Hoffmann e outros, sobre esse assunto particular; e são indícios de ser passado o tempo do dogma cartesiano, que hoje deve dar caminho ao restabelecimento da velha doutrina de São Paulo, como é afirmada pelo Espiritismo. Assim, a mais adiantada análise filosófica vem apoiar a grande generalização dos fatos, por haver no homem um organismo psíquico, que se desprende do corpo físico pela morte, e dando a garantia não só da continuação da sua vida, mas da sua intacta individualidade, em tudo que lhe é essencial.

“Mesmo nesta vida, diz Cudworth, nosso corpo é, como foi, duplo, interno e externo; havendo, além da forma grosseiramente tangível do nosso corpo externo, um outro interno, espiritual, que não fica na sepultura com o primeiro.”

“A alma”, diz Lavater, “abandonando seu invólucro terreno, veste imediatamente um outro espiritual, retirado do material. A abra mesma, durante a sua vida terrena, aperfeiçoa as faculdades do seu corpo espiritual, por cujo intermédio aprenderá, sentirá e agirá na nova fase da sua existência.”

CAPÍTULO VII

Provas do sonambulismo provocado, etc.

Os fatos do mesmerismo são já bastante conhecidos para dispensarem uma recapitulação: Introduzidos por Mesmer no mundo parisiense em 1778, foram desenvolvidos em 1784 por Puységur, que foi o primeiro nos tempos modernos a se ocupar dos fenômenos do sonambulismo mesmérico e da clarividência. Em 1825, a Academia de Medicina Francesa nomeou uma comissão, da qual faziam parte Magendie, Fouquier, Leroux, Husson e sete outros físicos eminentes, para investigar e dar opinião sobre a matéria. Duraram os trabalhos dessa comissão mais de cinco anos; seu relatório, apresentado em 1831, deu notícia completa das suas experiências. Eles se acautelaram muito contra o charlatanismo e a fraude, informando: “E' somente pelo mais extenso exame, severo, cuidados e numerosas e variadas experiências, que se pode fugir à ilusão.”

Admitiram o mais importante dos fenômenos e disseram a respeito da clarividência: “Vimos dois sonâmbulos que, com os olhos bem vendados, enxergavam os objetos colocados em sua presença, designando, sem nelas tocar, a cor e o valor das cartas de jogar, lendo palavras escritas e, mesmo, muitas linhas de livros. Esse fenômeno ocorreu mesmo quando as pálpebras eram perfeitamente cerradas pela imposição dos dedos”.

Cuvier, o grande naturalista, admitiu o fenômeno, na sua "Anatomie Comparée"; e bem assim Laplace ("Traité Analytique du Calcul des Probabilités").

Gall, Spurzheim, Hahnemann, Hufeland, Sir William Hamilton e longa lista de eminentes homens de ciência foram também crentes nos fenômenos mesméricos. Lacordaire, o famoso teólogo francês (1802-1861), diz: "O sonâmbulo parece conhecer coisas que ignorava antes do seu sono, e que esquece no momento de acordar."

A palavra composta sonambulismo (andar dormindo) é incapaz de designar os vários fenômenos que se dão nesse estado, mas a ciência hodierna usa dela em falta de melhor. Como os fenômenos indicam faculdades supersensoriais no ser humano, eles concorrem para a explicação e confirmação da teoria do Espiritismo. O meu primeiro conhecimento dos fatos do sonambulismo provocado data de 1836.

O Doutor Collyer, jovem médico inglês, achando-se em Boston, fez algumas experiências públicas de mesmerismo no Templo Maçônico. Vi o bastante para me convencer de que nada havia ali de ilusório. Subseqüentemente testemunhei as experiências do Senhor Peale, no seu Museu em Broadway, Nova Iorque. Em ambos os casos que observei, a lucidez não foram além daquele grau de alta consciência, que parece ser uma apuração da do estado normal. Sem embargo, ficou enunciado que os sonâmbulos, em ambos os casos, eram sensíveis à vontade inexpressão do mesmerizador, e muitos fenômenos curiosos, indicando uma faculdade que o materialismo não pode explicar, aí se desenvolveram.

Em 1840, travei conhecimento com a Senhora A. C. Mowatt (1820-1869), que depois tanto se distinguiu no teatro, escreveu romances e comédias e a "Autobiografia de uma atriz", e, alguns anos depois da morte do seu primeiro marido, casou-se com o Senhor Ritchie, de Richmond, Virgínia. O Doutor Channing,

bacharelado em Medicina, em cuja residência, em Broadway, tomei aposentos, tratou-a de uma enfermidade que afinal se resolveu em uma congestão cerebral. Ele experimentou nela o efeito do mesmerismo, e, gradativamente, ela se tornou sonâmbula notável. Um dia me achava presente na sala do Doutor Channing, quando ela chegou com seu marido. Ele começou a ler-lhe um dos seus discursos. Assentei-me perto e, escondendo o meu rosto atrás de um folheto, como se quisesse abrigá-lo da luz, busquei estudar a teoria mesmérica pela ação da vontade sem contacto. O efeito sobre a Senhora Mowatt foi quase instantâneo. Os globos oculares rolaram e suas pálpebras fecharam-se; então suspendi a ação da minha vontade e ela tornou a si. Fiz a experiência por várias vezes, até me convencer de haver ali um efeito positivo da minha vontade, sem o auxílio de nenhum sinal, olhar ou movimento visível na sensitiva.

Afinal o Dr. Channing, erguendo a vista, descobriu, observando os olhos dela, o que se estava passando; acusou-me disso, e eu tive de reconhecer-me culpado.

Algumas semanas depois, como a Senhora Mowatt havia piorado e o doutor fora obrigado a deixar aquela cidade, pediu-me que o substituísse no seu tratamento mesmeriano. Com relutância aceitei essa responsabilidade, supondo que fosse apenas por poucos dias. Então começou para mim uma série de experiências novas e interessantes. Por alguns passes da minha mão, sem contacto. lançava-a no que parecia ser profundo estado comatoso. raramente se prolongando por mais de um minuto, do qual emergia em um estado de consciência, que, apesar de abranger todo o conteúdo do seu estado normal, era evidentemente distinto e superior. Seus globos oculares estavam virados e suas pálpebras caídas e cerradas com força, quando ela se animava na conversação, tornando-se a sua fisionomia mais expressiva do que quando conservava os olhos abertos.

Que o sensitivo, mesmo independentemente de qualquer influência psicológica do mesmerizador, podia produzir esse estado, é altamente provável. Nós vemos, no caso do transe mediúnico, que, por uma espécie de automagnetização, pode-o passar a um estado de consciência, do qual se não recorda voltando ao estado normal. O processo da mesmerização, porém, por uma segunda pessoa, é para alguns sensitivos, segundo as suas idiossincrasias, uma condição prévia de importância. Eles podem ser, ao mesmo tempo, constituídos de modo a exercer uma volição independente da do mesmerizador, opondo-se à influência que este queira pôr em prática. A Senhora Mowatt era sempre quem ditava em estado lúcido, e predisse crises em sua enfermidade, com maravilhosa precisão; assumia as responsabilidades do mesmerizador e do médico, fazendo as prescrições para o seu caso. De fato a função do médico torna-se logo uma sinecura.

Em seu estado anormal, era ela de si própria, e sua despótica direção luta confiança nas suas prescrições.

Não obstante, parecia profundamente sensitiva à vontade tácita do mesmerizador, especialmente quando no estado normal. Quando sonambulizada, desejou uma vez que eu lhe desse o poder de passar do estado anormal ao normal, e, para efetuá-lo, me fez magnetizar o seu anel, de modo que pudesse, na minha ausência, retirando-o do dedo, passar à sua condição usual.

A teoria de Braid, de que o fenômeno mesmérico depende das condições física e psíquica do paciente, e em nada da volição ou passes do operador, lançando de si um fluido ou excitando a atividade de algum místico fluido universal ou mediunímico, pode ser real nos casos que ele afirma, mas acha-se em falta naqueles que nega. A sensibilidade do paciente à volição oculta do operador (fato que verifiquei repetidamente) é

uma prova da comunicação da força de vontade que produz os efeitos objetivos. Nenhum experimentador poderá negá-lo.

O Senhor Braid achou que podia desenvolver o fenômeno mesmérico fazendo uma pessoa assentar-se quietamente, e simplesmente prendendo a sua atenção, por meio da vista, a algum objeto particular, como uma caixa de lanceta ou uma rolha; porém, abandonou inteiramente a questão de saber como a vontade inexpressa pode ser um fator na produção do resultado que se espera e deseja.

Quanto às asserções dos Drs. Hammond e Beard, de poderem os fenômenos ser todos explicados pelas suas teorias da epilepsia, alucinação, etc., os estudos e experiências de mais de quarenta anos convenceram-me de que elas são falsas. Suas explicações são de todo inaplicáveis ao caso da Senhora Mowatt. Em seu estado anormal, manifestava-se com perfeita confiança no seu poder, inteligência e direção, que tornava ridícula a idéia de um desenvolvimento meramente mórbido. Ela parecia olhar para todo o conteúdo da sua memória normal, como se estivesse em posição superior a si mesma.

Se eu pusesse alguma coisa quente ou fria em minha boca, ela o conheceria logo, a menos que a sua atenção estivesse fixa em outro objeto nesse momento. Notava-se-lhe viva simpatia com todas as minhas disposições de ânimo e condições físicas, e contudo ela era suprema e independentemente consciente durante todo o tempo, falando sobre o fenômeno, descrevendo-o, filosofando sobre ele e opondo-se às minhas opiniões com uma habilidade que excedia de muito a que manifestava em seu estado normal.

Por dois anos tive a oportunidade de estudar o fenômeno com ela, quase diariamente, em todas as suas variedades. Nunca nesse tempo apareceu o mais leve sintoma de tentativa. de fraude. Invariavelmente, em seu estado anormal, somente a aparência dos olhos provava suficiente a peculiaridade da sua

condição. Nenhuma ocorrência extraordinária ou capaz de assustar podia fazer que, estando sonambulizada, seus olhos tomassem o aspecto normal. Sempre as pálpebras pendiam, com os globos oculares virados para cima, ou eram cerrados com força. O marido acompanhava-a sempre, tomando inteligente interesse pelo fenômeno. O estado de saúde dele, porém, não lhe permitia exercer a influência mesmérica por si mesmo.

Em uma ocasião, por sua própria direção, quando sonambulizada, ela se conservou duas semanas sem tornar ao estado normal. Como as nossas moradas eram muito vizinhas, em Broadway, eu tinha freqüentes oportunidades de visitá-la. Suas últimas recordações no estado normal eram de ver Broadway coberta de neve, e um botão ainda fechado em uma roseira colocada na sala de visitas. Quando, quinze dias depois, a libertei de súbito da influência mesmérica, fazendo-a tornar ao estado normal, e convidei-a a chegar à janela, a fim de ver que os montões de neve tinham desaparecido, que o botão da roseira se havia transformado numa flor, ela, não tendo consciência do tempo que tinha decorrido e supondo que só tinha dormido uma ou duas horas, ficou muito agitada e quase frenética. Vi então que eu tinha errado, não a preparando para essa mudança. Facilmente tê-lo-ia feito, dando-lhe o que ela chamava uma ardem para que conservasse a lembrança das experiências dos últimos catorze dias, no estado de vigília. O meu único recurso foi colocar as mãos sobre a sua cabeça e forçá-la a voltar ao estado anormal. Só o consegui com grande esforço de volição da minha parte, pois sua aposição era grande.

Depois de um estado algum tanto prolongado de profundo coma, deu-se à bem conhecida mudança do seu aspecto, e o inconsciente sorriso infantil avisou-me da chegada do segundo e mais pronunciado “eu”, ao qual, quando sonambulizada, ela dava o nome de “cigana”; depois de um momento de descanso, tomou-me a mão e disse:

- Não devíeis tê-la despertado tão repentinamente. Devíeis compreender que a transição que lhe impusestes, havia de perturbá-la e desnorteá-la. Ponde agora as vossas mãos sobre a sua cabeça e ordenai-lhe que se conforme com a mudança e aceite isso como coisa natural. Obedeci, e o “simplório”, como chamava ao seu “eu” normal, voltou e aceitou a situação, como se nada de notável tivesse ocorrido.

No estado anormal, sempre a Senhora Mowatt se referia ao seu “eu” acordado, na terceira pessoa. O contacto de qualquer pessoa, a não ser o marido, ou seu mesmerizador, causava-lhe agitação, a menos que essa pessoa já estivesse previamente em relação com ela, ou que a comunicação lhe fosse imposta pelo mesmerizador. Sem essa precaução, qualquer contacto estranho lhe produziria doloroso abalo. Ela não tinha conhecimento das pessoas que se achavam na sala, até que fossem postas em relação com ela.

Fazendo alguns passes sobre o seu braço ou mão, eu lhe paralisava os músculos da moção voluntária e lhe cataleptizava o membro, ficando este totalmente insensível à perfuração e à incisão. Na catalepsia completa, como a ciência médica nos diz, há uma suspensão absoluta das funções da vida animal, ao passo que os processos da vida orgânica sofrem, comparativamente; pequena alteração. No restabelecimento do estado consciente natural, nenhuma lembrança resta de qualquer coisa que se tenha passado durante o paroxismo; o próprio encadeamento das idéias começa, prendendo-se ao que era, quando se dera a suspensão.

Análogo a esse fenômeno, era um que experimentei centenas de vezes no tratamento da Senhora Mowatt. Quando ela se achava em conversação animada e no meio do ditado de uma frase, no estado anormal, e eu a despertava de súbito, ela olhava ao redor por um momento, com expressão de espanto, e depois reassumia o seu aspecto ordinário. Fazendo-a cair de novo no estado anormal, fosse horas ou dias depois, ao entrar no

claro estado de completa consciência sonambúlica ela continuava e completava a frase, em cujo ditado tinha sido interrompida. Nunca essa experiência me falhou. Não se podia encontrar melhor evidência da separação entre os dois estados de consciência. As opiniões que manifestava, nesses dois estados, eram totalmente diferentes. Pessoas que amava e em quem confiava, quando acordada, eram por ela repelidas no estado sonambúlico, e “vice versa”. Suas noções religiosas eram grandemente modificadas pelas impressões sonambúlicas.

No seu mais alto estado de consciência, pois há diversos graus, ela pretendia ver e conversar com os espíritos, mas, como eu era incrédulo nessa matéria, não instava. Falava sempre do círculo do mundo espiritual que mais se avizinha deste mundo, como contendo seres sujeitos as mesmas leis de progresso que nós.

Porque não será isso real? Pensai nas grandes descobertas dos últimos séculos, no progresso da cultura em geral. Poderemos supor que os Espíritos de nossos amigos e predecessores tenham estado ociosos em todo esse tempo; que tenham perdido a sua divina sede de saber, os incentivos de trabalho que lhes eram tão necessários para obter o seu bem-estar na vida terrestre? Haverá probabilidade de entrarem eles de uma vez no estado de lucidez, que deve distinguir aqueles que deixaram esta vida milhares de anos antes deles? O nosso adiantamento deve depender mais do nosso estado moral do que dos nossos conhecimentos intelectuais; mas, de tudo o que podemos conhecer, conclui-se que a correspondência do nosso presente estado moral, com a nossa atividade mental, é mais estreita do que podemos imaginar. A vida é o progresso, e o progresso consiste no exercício voluntário das nossas faculdades, na nossa solicitude em busca da verdade.

Que haverá novas mudanças e expansões do ser no Além, por maravilhosa e inexplicável que seja ainda para nós a

transição da morte, é racionalmente crível. O homem, como nesta, pode trabalhar para desenvolver na outra vida uma natureza complexa. Sempre haverá para nós uma nova meta colocada no futuro e para a qual convergirão os nossos esforços. Aí ainda haverá para nós um horizonte justamente limitado. Por isso, a objeção apresentada por David F. Strauss, de que a perspectiva de uma vida sem fim o aterra e procede de uma antecipação totalmente quimérica. “A nossa força durará enquanto temos a luz do dia.” A boa mãe Natureza não nos abandonará, mesmo no seguinte estádio da vida. Tudo será adaptado às energias inerentes e necessárias à alma.

Os desenvolvimentos que se estão produzindo na facilitação das comunicações entre as duas esferas de seres, são as provas de que os nossos irmãos espirituais não estão inativos, e que entre eles se operam as mesmas leis de progresso que regulam a vida moral e mental da Humanidade neste planeta.

Entre as pessoas que me lembro de ter apresentado à Senhora Mowatt, no seu estado sonambúlico, estavam o Senhor F. P. Willis e os Drs. Mott e William E. Channing, o grande teólogo unitário. Willis, que Goethe teria classificado entre os seus “homens demoníacos”, mostrava-se muito interessado, e travou com a. sonâmbula uma conversação. O Doutor Valentine Mott, eminente cirurgião de Nova Iorque (1785-1865), tinha sido discípulo do Senhor Astley Cooper, que diz dele: “Tem praticado maior número de grandes operações do que qualquer outro homem ainda vivo, ou que tenha morrido.” Mott contou-me que estava presente, a 8 de Abril de 1829, na operação mencionada no Relatório da Academia Francesa de Medicina (1831), na qual Cloquet, cirurgião francês em Paris, removeu um tumor ulcerado do seio da Senhora Plantin, achando-se ela num estado de catalepsia parcial, produzido pelo mesmerismo. No estado de vigília havia ela manifestado o maior horror por essa operação. Sonambulizada, falou disso com perfeita calma, e,

enquanto se fazia à operação, que durou mais de nove minutos, conversava tranqüilamente com o operador, sem manifestar o mais leve sinal de sensibilidade. Nenhum movimento se lhe notou nos membros e nas feições, nenhuma mudança na transpiração nem na voz, nenhuma emoção, nenhuma alteração no pulso.

Sabendo que eu houvera conseguido sonambulizar a Senhora Mowatt, por ele conhecido desde menina, Mott procurou uma oportunidade para verificar o fato da insensibilidade física no seu caso. Conseguiu-o de modo plenamente satisfatório. Fiz alguns passes sobre o braço dela, produzindo rigidez. Com uma lanceta, ele sondou a carne em diferentes sentidos. A Senhora Mowatt conversava e sorria, não dando o menor sinal de sofrimento físico.

O fato admirável dos graus distintos de consciência é assaz provado no sonambulismo. Essa consciência pode ser superior ou inferior à do estado normal. E' conhecido o caso de um virtuoso sacerdote, que, quando sonambulizado, se manifestava cleptômano. Ele era impelido a furtar e esconder objetos de que absolutamente não precisava. Os sonâmbulos que passeiam sobre os telhados ou saltam as janelas, têm uma certa consciência, apesar de desordenada pela ilusão. O Doutor Pritchard diz: “O sonâmbulo não é mais que um sonhador, que pode executar seus sonhos.” Insensível ao fenômeno externo, suas funções obedecem a uma consciência íntima. Como, porém, há muitos graus de consciência sonambúlica, a definição de Pritchard é demasiadamente limitada e enganadora.

No caso da Senhora Mowatt, o estado era superior em todos os sentidos, intelectual, moral, e mesmo físico, pois seu poder de resistir à fadiga era muito aumentado. Freqüentemente com seu marido atravessávamos o rio em Hoboken e passeávamos horas inteiras nesses belos campos. Sempre em estado sonambúlico, ela trazia um véu para ocultar dos transeuntes a expressão

peculiar dos seus olhos. Nesse estado, seu Espírito ficava sempre exaltado e ela se mostrava cheia de vivacidade e alegria. Despertada, gritava quando uma lagarta aparecia sobre seu vestido; sonambulizada, porém, manifestava a maior ternura pelos animais viventes, apanhando mesmo uma cobra que estivesse enrolada no caminho e colocando-a em lugar onde não pudesse ser pisada.

Possuo cartas escritas por ela em completa escuridão, e a caligrafia é mais perfeita que a executada em estado de vigília. Bordava e fazia todos os trabalhos de fantasia na escuridão; predizia as crises da sua enfermidade e uma vez predisse uma forte hemorragia pulmonar, com seis meses de antecedência, indicando com exatidão o dia e a hora. Os que buscam desacreditar esses fenômenos, dirão que houve ilusão. Eu não posso descobrir o menor incidente que justifique tal suspeita; e, apesar disso, fui tão indevidamente céptico, que sempre procurava algum recurso para duvidar da realidade do que testemunhava.

Visitei a Senhora Mowatt e seu marido em Lenox, Massachusetts, no verão de 1842. Na mesma casa esteve conosco o Rev. Doutor William Ellery Channing (1780-1842), que muito se interessou pelo assunto. Ela conversou muitas vezes com aquele sacerdote no estado normal e no anormal. Discutiram sobre Swedenborg e sobre outros assuntos, e, quando sonambulizada, a Senhora Mowatt respondia com rara perspicácia a algumas de suas objeções acerca das memoráveis narrações do grande vidente. A pedido de Channing, eu mesmerizei-a para uma operação dentária, e me lembro de que ele ajoelhara para observar-lhe a face, quando assentada na cadeira, e o dentista, com o seu instrumento, extraiu um dos seus molares, firmemente fixado. Channing ficou plenamente satisfeito com a insensibilidade que ela manifestou (18).

(18) A Senhorita Mowatt, de natureza notavelmente sensível, quase não pesava; quando a vi pela primeira vez, tinha ela 45 quilos; com o tratamento por ela mesma escrito, no estado sonambúlico, passou a ter 67 quilos. Faleceu em Twickenham, em Thames, em 1869. Vi-a dois dias antes da sua morte, e jamais observei em outra pessoa tranqüilidade tão perfeita. Nesse supremo momento, quando a morte já parecia ter a mão sobre a sua cabeça, seus pensamentos e conversação só visavam aos outros. Não era a fé nem a esperança, o que a animava, mas a certeza que tinha do futuro. O mundo invisível simpatizou com ela. Escreveu sobre ela Mary Horbett: Quanto de excelente caráter, de energia, de altruísmo, de devotamento nessa interessante mulher!

O fenômeno apresentado pela Srta. Fancher assemelha-se muito ao da Srta. Mowatt; mas naquela apresenta-se independente de qualquer auxílio mesmérico e seu estado de consciência parece ser uniforme e normal, ou produtível à vontade.

Dois médicos assaz conhecidos de Nova Iorque, William A. Hammond e George B. Beard, especialistas de moléstias nervosas, tentaram lançar o descrédito sobre o testemunho desse caso. Ambos são muito absolutos no seu repúdio do tão bem estabelecido fato da clarividência. O Doutor Hammond declara que “ninguém ainda leu uma escrita desconhecida, através de um invólucro fechado”; e o Doutor Beard diz, referindo-se ao mesmo assunto: “E' possível obter-se uma prova absoluta de que nenhum fenômeno dessa espécie se tenha apresentado em qualquer criatura humana no mundo, em transe ou fora dele.” Geralmente é destino do erro ser denunciado pelos próprios termos em que é expresso. Que prova absoluta é essa de que fala o Doutor Beard? E' simplesmente a sua dedução individual de certos fatos, admitidos ou repelidos por suas intuições “a priori”. E somos seriamente chamados a aceitar isso como um argumento científico, quando, em extravagância, ele excede às pretensões de todos os médiuns sonambúlicos!

Tão longe está da verdade serem as mais experientes as pessoas mais próprias para se pronunciarem sobre Os fenômenos que contrariam as suas teorias, que a experiência nos mostra serem as suas preconcepções freqüentemente uma decidida

obstáculo à própria apreciação da verdade. Os médicos da mais alta nomeada foram os que mais se opuseram, perante Harvey, à descoberta a, circulação do sangue. Experimentados navegantes e geógrafos foram os que se opuseram a Colombo. Foi Bacon quem repudiou o sistema de Copérnico. As pessoas que mais se correspondem pelo Correio foram às últimas a aprovar o plano do seu estabelecimento. Os químicos e físicos foram os juízes que julgaram impossível a iluminação das cidades a gás. Eminentes homens de ciência eram os que mais descriam da praticabilidade da navegação a vapor. O homem que possua mais saber e experiência em sua especialidade, por mais competente que seja para julgar dos fatos já admitidos e dos detalhes não estranhos à sua rotina profissional, pode ser o menos competente para dar opinião justa sobre um fato ou fenômeno que venha introduzir uma mudança radical em suas noções sobre matéria que ele imagine conhecer perfeitamente.

O Doutor Hammond declara que ninguém ainda leu uma escrita desconhecida, dentro de um invólucro fechado. Eis, porém, que chega uma avalanche de testemunhos, não de espíritas, mas de alguns dos mais eminentes médicos, clérigos e homens de cultivada inteligência, em Brooklin e Nova Iorque, atestando que a Srta. Mary J. Fancher durante uns quinze anos tem lido repetidamente escritas desconhecidas encerradas em invólucros fechados.

A Srta. Fancher nasceu em Attleborough, Massachusetts, a 16 de Agosto de 1848, foi educada no Seminário de Brooklin Height, sob a direção do Senhor Charles E. West. Aos dezoito anos caiu de um cavalo, fraturando-se-lhe várias costelas. Pouco depois, ao apear-se de um carro, o cocheiro apressou-se em partir e, prendendo-se-lhe o vestido, ela foi arrastada pelo chão. A espinha dorsal ficou gravemente ofendida, e seu corpo e cabeça tão fortemente maltratados, que ela caiu em convulsões. Isto se deu em 1865.

Sobrevieram depois sérias alterações físicas, que a impossibilitaram por uma vez de se levantar do leito. Depois, viu-se privada da vista, da voz e da audição. Durante treze anos o total dos alimentos por ela absorvidos mal se podem comparar aos que consome um homem são em quarenta e oito horas. Todos os esforços para fazê-la alimentar-se foram abandonados pelos Drs. Speir e Ormiston. Suas condições físicas mudaram. Um dia, todos os seus sentidos, exceto o do tato, pareciam achar-se paralisados, mas no dia imediato pôde ela recuperá-los; seus olhos, porém, não se abriram durante nove anos. Muito sensível ao calor, no forte do inverno tinha por única coberta um simples lençol, e conservava as janelas do quarto inteiramente abertos. Sucessivamente perdia e readquiria alguns dos sentidos. O Senhor West escreveu:

Por muitos dias seguidos ela apresentou todas as aparências de estar morta. Não se lhe podia notar a mais leve pulsação, o mais simples indício de respiração. Seus membros tinham a frieza do gelo, e, se não fora se notar na região do coração algum calor, teria sido sepultada. Quando a vi pela primeira vez, só tinha o sentido do tato. Percorrendo os dedos sobre uma página impressa, lia, com a mesma facilidade, na luz e nas trevas. As mais delicadas obras eram por ela executadas a noite... Seu poder de clarividência ou segunda vista é maravilhosamente desenvolvido. À distância não lhe impõe barreiras. Sem o mais ligeiro erro, dita o conteúdo de cartas fechadas, que nunca estiveram em suas mãos. Discriminam nas trevas as mais delicadas variantes da cor. Escreve com extraordinária rapidez.

O Senhor Henry M. Parkhurst, astrônomo, residente na 173, Gates Avenue, Brooklin, Nova Iorque, atesta o seguinte:

"Do cesto de papéis velhos de um conhecido cavalheiro de Nova Iorque, tirei uma carta comercial sem importância e, sem lê-la, rasguei-a em tiras e transversalmente; reuni os pedaços,

pu-los em um invólucro que fechei e selei. Depois, passei o invólucro ã Srta. Fancher. A moça cega segurou-o, sobre ele passou a mão por algum tempo, pediu papel e lápis e escreveu palavra por palavra o conteúdo da carta. O selo do invólucro não foi rasgado. Eu mesmo abri o invólucro e comparei os dois escritos. O da Srta. Fancher era uma cópia literal do original."

O Doutor C. L. Mitchel e o Doutor R. F. Speir, residentes - aquele no 129 e este no 162, da rua Montagne, Brooklin, atestam ambos a clarividência da Srta. Fancher. O Doutor Ormiston está convencido de não haver no fato nenhuma ilusão. O Rev. J. T. Durijea diz:

"Essa menina não pode enganar. Como poderia decifrar o conteúdo de uma carta, que tinha sido rasgada e encerrada em um invólucro, carta de cujo conteúdo não tinham a menor idéia àqueles que lha apresentaram?"

Não precisamos apresentar novos testemunhos desse caso notável. Apesar de cega e nas trevas, a Srta. Fancher distingue as mais delicadas variantes da cor dos fios de lã, antes de eles serem tirados do pacote que os encerra. Nada nesses fatos os separa dos do Espiritismo; mas, por se terem dado em presença de pessoas que não crêem nele, seu valor cresce de vulto.

Na sua obra, o Doutor Hammond diz: No fato de o cordão espinhal e os gânglios simpáticos não serem privados do poder mental, encontramos explicação para alguns dos mais admiráveis fenômenos do chamado espiritismo. E o mesmo que dizer que no fato de o violino não ser privado do poder musical, nós temos a explicação do gênio musical manifestado por um Paganini ou um Vieuxtemps. Não somente o cordão espinhal e os gânglios, mas também outras partes do corpo, fora do cérebro, têm-se tornado instrumentos aparentes para conduzir a força mental; porém, o que prova isso senão que a alma, nos estados anormais do sistema, pode agir independentemente do cérebro, mostrando assim que a teoria dos materialistas, que

considera exclusivamente o cérebro como o órgão secretor do pensamento, não pode abranger esse fenômeno? Logo, se pode ver sem os olhos físicos, não se poderá pensar sem o cérebro físico?

Em um trabalho intitulado: “The Scientific Lesson of the Mollie Fancher Case”, o Doutor George M. Board nota:

"Sem procurar, tem-me vindo às mãos de toda à parte, de médicos e clérigos tão honrados e hábeis como aqueles cujos nomes aparecem relacionados com esse caso, a evidencia de que Mollie Fancher engana intencionalmente; que ela vive do suor do povo, que os artigos de fantasia, que ela diz fazer, são outros que o fazem; que é uma fraude a leitura sem auxílio dos olhos; tudo isso, porém, do mesmo modo que a prova contrária, não tem o cunho da experimentação, e não merece o apoio da Ciência."

Teria feito mais a Senhora Candor na sua tentativa de matar uma reputação? A dama de Sheridan limitou as suas escandalosas observações a um salão de visitas; ao passo que o doutor lança as suas a esmo, pelo mundo, em um trabalho impresso.

Não é surpreendente que ele haja sido desviado por fortes e respeitáveis testemunhos a respeito de fenômenos semelhantes àqueles que têm sido durante anos rigorosamente denunciados como produtos da impostura e da ilusão. Ele se apega à teoria que abandona, como impossíveis, todos os fatos supersensoriais e pretende ser qualificado como um juiz capaz de decidir essa questão da clarividência; mas, quando indagamos dos seus títulos para essa qualificação, sabemos que são de ordem negativa e baseada, não no seu conhecimento dos fatos indutivas, mas na apreciação que faz de sua própria habilidade e raciocínio dedutivo. De modo que, querendo provar que Mollie Fancher era uma impostora, afasta-se dos investigadores físicos e metafísicos.

Que vem a ser uma falsa clarividência? Ele nos dá a entender que ela é falsa, porque é absolutamente repelida pelo raciocínio dedutivo; (mas o que é essa afirmação intuitiva de um raciocínio "a priori"?). E porque "as ciências especiais", a que ele diz recorrer, afirmam que ela é falsa, sem a terem examinado?

"Estudando o assunto racionalmente", diz ele: conhecemos dedutivamente, pela lei da Biologia, que nenhum membro da espécie humana pode ter uma qualidade diferente em natureza das que pertencem à raça.

"Uma qualidade diferente em natureza"? Não há pretensão tão quimérica como a imaginada pelo Doutor Beard acerca da clarividência. Há pessoas que nascem sem ouvido para a música; mas há também um Mozart que, aos cinco anos de idade, se mostrava um gênio maravilhoso como compositor e executor.

Algumas pessoas são totalmente estúpidas para o desenho, mas há rapazes, como Colburn, Bidder e outros que executam, em poucos segundos, aquilo que um consumado mestre acharia penoso fazer em um dia. Perguntando-se a Bidder como conseguia isso, foi respondido: "Não fui eu que o fiz; apenas vi isso".

Avalia-se em dez per cento as crianças que vêm ao mundo e não distinguem as cores; deveremos por isso dizer que elas são destituídas de uma faculdade, acessível ao resto da raça humana? Longe disso, deduzimos que a faculdade nelas está oculta e por desenvolver, ou que lhes falta observação, ou que existe algum desarranjo dos órgãos visuais.

O mesmo se dá a respeito da clarividência. A teoria não diz, como cegamente supõe o Doutor Beard, que uma pessoa possui aquilo de que o resto da raça é privado. O verdadeiro experimentador em Psicologia conhece, pelos fatos indutivos, como pelos raciocínios dedutivos, que a clarividência é uma faculdade comum a todo o ser humano, apesar de somente se

desenvolver em condições peculiares. Isso é provado nos sonhos e em outros fenômenos. Ela é um dom espiritual que, apesar de latente, não desenvolvida ou operando em segredo, nesta vida, é contudo uma fugaz demonstração da existência de um sentido externo, que possuiremos na seguinte; pois, como notou o Professor Pierce, de Cambridge "Não há razão para que os nossos sentidos não sejam ampliados pelas possibilidades do corpo eletro-luminoso que, por ocasião da morte, se desprende do físico".

O mesmo se dá com a desarrazoada afirmação do Doutor Beard, de poder provar absolutamente que nunca, na história do mundo, se produziu um caso de clarividência, em transe ou fora dele! Seu raciocínio dedutivo, nesse caso, é fundado em grosseiro engano e não em uma verdade axiomática ou dedução científica. A clarividência é uma prova de que as nossas faculdades espirituais ou transcendentes coexistem com as normais, mesmo na vida terrena.

A indução, segundo Watts, é o raciocínio que tira o geral do particular, e a dedução o que passa do geral ao particular. No primeiro processo, porém, deve haver um elemento dedutivo ou intuicional, como se dá quando odiamos uma hipótese ou trazemos fatos para justificar a conseqüência de uma alegada lei. E' um absurdo afirmar que o raciocínio dedutivo é infalível. A História está cheia de despropósitos de homens eminentes, citando razões dedutivas para desacreditar fatos reais. O Doutor Beard divide o Universo em conhecido, desconhecido e supernatural; e nos diz que "no domínio do supernatural todas as coisas são possíveis e indemonstráveis". Não seria mais científico dizer que nenhum fenômeno objetivo pode ser sobrenatural, que aquilo que nos parece tal não é mais que o natural, ainda não reconhecido ou mal interpretado? Que razão plausível tem o homem, que se intitula cientista, para dizer que

“no domínio do sobrenatural todas as coisas são possíveis”, quando nem mesmo reconhece a existência do sobrenatural?

A esfericidade da Terra ainda não seria admitida, se os juízes do pleito houvessem sido homens de ciência do tipo do Doutor Beard, a sustentarem que os fatos não podem ser tão bem demonstrados como as proposições ou que podem ser aniquilados por um raciocínio dedutivo. Só é demonstrável a evidência que se acha no verdadeiro sentido científico; como, pois, fora de suas noções puramente negativas, nos poderá ele dar provas demonstráveis de suas negações? Em sua pretensão de ser juiz de possibilidades científicas pelo emprego do seu raciocínio dedutivo, ele não é mais que um idealista ou um intuicionalista.

O falecido E. W. Cox, advogado e presidente da Sociedade Psicológica da Grã-Bretanha, o qual então não dera espírita, diz:

“Não receio declarar, não por simples fé, mas por firme convicção, deduzida da evidência positiva, proveniente do estudo do mecanismo do homem, em quietação ou em ação, que a alma é uma parte desse mecanismo; que o homem é de fato uma alma presa a um corpo; que para ela existe um futuro e neste se acha Deus”.

Um certo número de experimentadores, entre os quais estava Cox, projetou fazer estudos com Aléxis Didier, de quem eu já disse alguma coisa. Uma palavra foi escrita por certo amiga em uma casa distante e encerrada num invólucro, sem que ninguém do grupo a conhecesse. Esse invólucro foi encerrado em seis outros de espesso papel escuro, sendo cada qual selado. O pacote foi entregue a Aléxis, que o encostou à testa e, depois de três minutos e meio, escreveu o conteúdo corretamente, até imitando a letra. Vede - “What am I?”, pelo advogado Cox (Serjeant Cox), vol. 2° pág. 167.

“O desejo de fugir dos homens experimentados”, diz o Doutor Beard, referindo-se ao caso da Srta. Fancher, é um dos

sintomas quase patognomônicos. O motivo real que leva o sensitivo a evitar os experimentadores que, com a sua incredulidade, trazem a predeterminação de não serem convencidos, não é um temor deles, mas sim o sentimento insensato de pretender convencer aqueles que são obstinadamente refratários aos fatos e que, talvez inconscientemente, previnem que não desejam achar a verdade.

O Doutor Hammond propôs-se fazer uma experiência com a Srta. Fancher, oferecendo em um invólucro um cheque de mais de mil dólares, com a prescrita condição de ela dizer-lhe o número do cheque, o valor dele, etc. Esse oferecimento foi feito repetidamente, e recusado pelo seguinte motivo: E tão justo esperardes que a agulha aponte o rumo verdadeiro, quando agitais a bússola, como provocar a clarividência sob o peso e excitação de uma coisa emocionante, ou sob a alteração produzida pela simples presença de uma pessoa antipática e disposta a combater. A clarividência é um fenômeno tão delicado e incerto que parece depender dos caprichos, repentinos brilhos e eclipses, da memória. A lucidez do sensitivo é sempre diminuída ou inutilizada por qualquer abalo que excite a sua ansiedade, irritação ou cobiça. Ainda mais, a presença de uma pessoa convencida de haver nela impostura e que pretenda ardentemente descobri-la, pode, sem alguma manifestação externa, ser sentida por um sensitivo, tão realmente quanto o impressionaria, em seu estado normal, uma gélida corrente de ar.

O investigador paciente conhece tudo isso; e esse era o motivo pelo qual os médicos, como os Drs. Gregory e Haddock, que dirigiam clarividentes, sempre recusavam sujeitá-los à experiência por dinheiro. Essas provas negativas de indisposição ao trabalho, nas condições introduzidas por todas essas influências adversas, não prejudicam a verdade pura, pois, como o Sr. Wallace observou: Como pode um certo número de defeitos individuais afetar a questão de modo a se tornarem os

êxitos comparativamente raros? Do mesmo modo que um carabineiro pode acertar num alvo situado a meio quilômetro, quando ninguém está certo de fazê-lo sempre num momento dado.

Não há outro grande assunto a respeito do qual a investigação tenha sido tão infecunda em resultados, como o da discriminação dos estados da consciência. Com exceção dos poucos que estudam o mesmerismo, quem de entre os filósofos tem inteligentemente tratado desse assunto? Qual deles buscou penetrar no verdadeiro sentido do fenômeno?

Nos estados anormais, no transe e no sonambulismo, revela-se uma consciência que não é a do indivíduo quando acordado ou não influenciado. A consciência sonambúlica pode compreender a normal, mas esta nada conhece do que é peculiar àquela; no estado sonambúlico, um sensitivo pode conhecer fatos e pessoas, que no estado normal desconheça, e neste último estado defender opiniões diametralmente opostas às que sustenta no seu mais lúcido estado.

Townshend, na sua obra – “Facts in Mesmerism”, narrado do sensitivo E . A. cujos talentos naturais e boas disposições tinham sido estragados por uma infeliz educação. Jovem como era, estava saturado de falsas opiniões colhidas em Paris, e não tinha crença alguma em Deus nem na vida futura. No seu estado sonambúlico, tudo se mudava. Suas idéias sobre a alma eram perfeitas e inteiramente opostas às vistas materialistas com que encarava todas as questões no estado de vigília. Haverá uma punição futura dos atos maus? perguntou-lhe uma vez Townshend, quando ele estava sonambulizado. Indubitavelmente, e grande – “Em que consiste ela?” - Em cada um se ver como realmente é, e Deus como ele é. A teoria de que E . A . , quando sonambulizado, refletia meramente as opiniões do seu mesmerizador, não exprime a verdade, pois sobre muitos

assuntos tinha ele opiniões independentes e defendia-as com grande penetração.

Pode-se citar um sem número de exemplos em que se manifesta uma grande transformação de caráter no sonambulismo. Tais mudanças são freqüentemente produzidas pela enfermidade. Muitas vezes, diz Hahnemann, um homem que é paciente, quando goza de saúde, torna-se apaixonado, violento, caprichoso e intolerável, ou impaciente e desesperado, quando se acha enfermo; outros, que eram castos e modestos, se tornam lascivos e impudentes. Freqüentemente se dá o caso de um homem sensível tornar-se estúpido na enfermidade, ao passo que uma alma fraca se torna forte, e um homem de temperamento mole adquire grande presença de espírito e resolução.

Esses defeitos físicos, diz o Dr. Gorton, são freqüentemente observados na vida adulta, no progresso das enfermidades crônicas. Os viciosos se tornam amáveis, e os amáveis viciosos; os irritáveis e provocadores se tornam mansos e obsequiadores, os fracos de ânimo se tornam fortes, e os fortes fracos... Algumas vezes os sintomas psíquicos das enfermidades que os chamados sintomas físicos.

Um dos mais notáveis exemplos de mudança de consciência é o de Mary Reynolds, de família inglesa residente perto de Meadville, Pensilvânia, no começo deste século. Uma história completa e bem autenticada deste caso foi publicada no "Harper's Magazine", Maio 1860, pelo Rev. William S. Plummer. Em 1811, aos dezenove anos de idade, Mary caiu em estado de insensibilidade. Depois, restabeleceu-se, mas subseqüentemente, por espaço de quinze anos, apresentou o fenômeno da dupla consciência. No segundo estado anormal, contudo, havia uma particularidade que a distinguia de todos os outros casos por mim conhecidos, com uma exceção, e era que, em vez de conservar no segundo estado as lembranças do

primeiro, todos os conhecimentos por ela adquiridos pareciam tê-la abandonado. Não conhecia pai nem mãe, nem irmãos, nem irmãs; não tinha a mínima consciência de haver existido antes. Brincava com uma ratoeira, como completamente desconhecendo o perigo que havia.

Era pronta em aprender, e rapidamente compreendia. Aos 35 anos, as passagens de um ao outro estado cessaram, ficando ela permanentemente no segundo estado. Assim era, quanto ao caráter, uma pessoa diferente do que era no primeiro. Tranqüila, melancólica, tarda no pensar, e sem imaginação no primeiro estado, ela era alegre, sociável, jovial e poetizadora no segundo. A letra de sua escrita também variava nos dois estados.

"O fenômeno, diz o Doutor Plummer, parecia indicar que aquele corpo era a casa de duas almas, não ocupando o corpo conjuntamente, mas por alternação. Que o fato era verídico, não há dúvida alguma. As duas vidas eram inteiramente separadas. Os pensamentos e sentimentos, o conhecimento e a experiência, os prazeres e os sofrimentos, as semelhanças e as dessemelhanças de um estado não tinham influencia, nem modificavam o outro.

Os fatos capitais foram autenticados por um grupo de testemunhas de caráter sério, abrangendo todo o período. Mary Reynolds não tinha motivos para ser uma impostora, e seu caráter mental e moral repelia a suposição de que tivesse a disposição ou a habilidade para planejar e levar a efeito uma fraude; e, se ela o fizesse, não teria deixado de ser descoberta no decurso de quinze anos, durante os quais se deram às mudanças alternadas, e no subseqüente quarto de século, que passou totalmente ao seu segundo estado.

Doutor Rev. Dr. Wayland, na última edição da sua - “Intellectual Philosophy” -, refere-se a esse caso como sendo mais notável que qualquer outro por ele visto até então.

E' realmente um caso curioso. Qual era o ser responsável, o número um ou o número dois? Se, como Locke nos diz, a personalidade consiste na identidade da consciência, era Mary Reynolds uma pessoa? Na forma física, ela era a mesma nos dois estados, mas, na alma, disposição e memória, era totalmente diferente. Que foi feito afinal do número um? Foi ela apagada, como se apaga um desenho que não agrada?

Tinha, o número dois, uma entidade espiritual distinta?

Se as duas eram uma em essência, mas manifestando duas consciências distintas, porque não haverá para todos nós uma consciência distinta, escondida ainda em alguma parte do nosso complexo organismo, de dentro do qual nos evolamos por ocasião da morte?

Mas se perdemos a nossa consciência familiar, e radicalmente mudamos de caráter e de memória, não perdemos a nossa identidade?

Podemos dizer que somos o mesmo ser nesta vida? Não somos em certo sentido aniquilados?

A nossa solução para este fato é a seguinte: Só havia uma Mary Reynolds e uma só consciência; mas essa consciência tinha o que Swedenborg chama graus distintos. Se em um estado ela não tinha a memória do outro, não era por ser a memória obliterada por qualquer possessão mental, mas porque na revolução uma nova fase, um grau distinto, tinha chegado. A memória e a consciência suspensa estavam ambas na alma, como uma faculdade não exercida ou suspensa. A alma, elevando-se, nesta ou na vida seguinte, a uma consciência tão alta acima da segunda, como esta o era acima da primeira, compreenderá tudo o que havia nos dois graus; apropriando a si mesma o que havia de melhor em ambos, a memória permanecia inalterada daí por diante.

Um caso um tanto análogo ao que descrevi em minha experiência própria, como explicação do fato de uma

consciência sonambúlica distinta, pode ser lido em “La Revue Scientifique” de 20 de Maio de 1876, editada por Germer Baillière, Paris. E o fato de Felida X... , nascida em Bordéus, em 1843, de pais sadios, a qual, aos 14 e meio anos, apresentou o fenômeno de dupla personalidade. O Doutor Azam, do Asilo Público de Alienados, estudou e descreveu o caso. Passando por um estado de prostração cataléptica, Felida dele emergia em um estado em que deixava de ser a mesma pessoa. Teimosa e intratável no seu estado normal, o “ego” número dois era alegre, vivo e ativo. Ela então se recordava de tudo o que se havia passado durante os estados semelhantes anteriores, bem como durante a sua vida normal; mas, quando voltava ao estado normal, não se lembrava do acontecido, durante esses ataques. Nessa segunda vida, não havia alucinações; parecia estar na plena posse de todas as suas faculdades; nela não havia o sofrimento físico, mas sim uma vida em todos os sentidos superior à primeira. O fenômeno parece haver sido semelhante aos do caso da Senhora Mowatt, somente Felida era independente da influência mesmérica.

Uma explanação dessa consciência exterior ou psíquica, cuja realidade é verificada pelo fenômeno em questão, acha-se contida em um incidente originalmente a mim comunicado por minha irmã, Senhora Henry B. Hoffman, de Davenport, Iowa, em uma carta particular que foi por mim publicada no “Evening Transcript”, de Boston, a 2 de Outubro de 1874. O Bispo Lee, da Igreja Episcopal Americana, morreu a 26 de Setembro de 1874. A carta de minha irmã, datada de Davenport, 28 de Setembro de 1874, é a seguinte:

“Foram de muita inquietação para nós as duas últimas semanas, por cm;sa da enfermidade do Bispo Lee, terminada por seu falecimento na manhã de sábado. Há dois meses ele se levantou à noite e tomou um banho, e, voltando à sala, deu um passo em falso, rolou pela escada, caindo com grande barulho,

por ser muito pesado. Toda a família se levantou; a Senhora Lee e Carrie saltaram de seus leitos; com uma luz foram ver o que havia acontecido e encontraram o bispo caído no patamar. Contudo, ele se ergueu sem auxílio estranho, e parecia não ter recebido outra lesão a não ser ligeiras escoriações e pequena luxação na mão direita".

O Senhor Hoffman e eu fomos vê-lo dois dias depois, e, enquanto falávamos a respeito da queda, ele nos mencionou a seguinte coincidência: Tinha na mão uma carta, que havia recebido de seu filho Henry, morador em Kansas City. Seu filho escrevia: Gozais saúde? Na noite última tive um sonho que me perturbou. Ouvi grande ruído e, levantando-me, disse ã minha mulher: Ouviste esse barulho? Sonhava que meu pai tinha dado uma queda e tinha morrido. Fui examinar o meu relógio e verifiquei que eram duas horas. Não pude mais conciliar o sono, tão viva era a impressão do sonho. Isso o tornava ansioso por notícias de casa.

O bispo disse não ser supersticioso, mas que o impressionara o fato de o sonho de Henry ter-se dado à mesma hora da mesma noite em que o acidente teve lugar. A diferença do tempo entre Kansas City e Davenport foi de quinze minutos, e justamente às duas horas e um quarto foi que o fato se produziu, parecendo ter Henry assistido à queda. Essa queda afinal causou a morte do bispo. Sua mão tornou-se muito dorida, manifestando-se a gangrena, e, depois de duas semanas de sofrimentos, o bispo veio a falecer. Nenhum de nós é espírita, como sabeis, mas fatos desta ordem devem seguramente fazer-nos crer que há uma base de verdade na hipótese da existência no homem de faculdades espirituais. Como pode Henry Lee conhecer o acidente de seu pai?"

Realmente, como? Manifestava-se aí a região mental e psíquica num estado de insensibilidade e inconsciência? Seguramente não; porque nesse estado ele não teria a faculdade

de receber uma impressão supra-sensorial. Patenteava-se uma faculdade espiritual, suficientemente despertada para se achar em estado de receptividade, ao passo que os sentidos físicos estavam entorpecidos e a fase da consciência cerebral eclipsada? Sim; foi pela sua consciência espiritual que ele, enquanto o corpo se achava a centenas de milhas, ouviu a queda e recebeu a impressão de se achar seu pai mortalmente ferido. E tal foi o choque transmitido à sua consciência normal (cerebral), que ele despertou.

Um comerciante de Nova Orleães, achando-se em Paris, foi despertado do seu sono por ter ouvido em um sonho vívido, como lhe pareceu, seu filho, que estava na América, dizer estas palavras: “Pai, está morrendo.”

Muito impressionado, saiu do leito, fez luz e registrou o sonho e a data na carteira. Chegando a Nova Orleães, um mês depois, a primeira notícia que recebeu foi que seu filho havia falecido e que suas últimas palavras haviam sido estas: “Pai, estou morrendo.” A data da morte correspondia perfeitamente com a do sonho. Publiquei então esse incidente em uma folha de Boston, como ele houvera sido relatado, com os nomes, em um jornal de Nova Orleães; e o Senhor Justinus Kerner adotou-o no seu “Memorabilia”.

O Hotel Pacific, em São Luís, foi destruído pelo fogo, em Fevereiro de 1858. Um irmãozinho do Senhor Henry Rochester, que vivia com seus pais, perto de Avon, Nova Iorque, despertou, gritando, na noite do incêndio, e disse que seu irmão Henry estava morrendo queimado em um hotel. Tal era o horror do menino e o seu sobressalto, que dificilmente se conseguiu acalmá-lo. Isso se deu à meia-noite. Doze horas depois, seus pais receberam um telegrama de São Luís, confirmando a visão do menino em todas as suas particularidades.

Em quase todas as famílias, cujas tradições têm sido cuidadosamente conservadas, encontram-se incidentes

semelhantes a esses, os quais convergem para a demonstração do fato, grande e significativo, da existência de uma consciência independente da cerebral. Um organismo mais delicado que o físico e externo era necessário para poder receber as impressões sutis remetidas no mesmo instante, de Kansas a Davenport, de Ems a Boston, de Paris a Nova Orleães e de Avon a São Luís. Os sentidos externos não trabalham nessas comunicações. Somente a teoria dos sentidos espirituais, transcendentes em sua natureza, pode explicar tais fatos. Multiplicados como esses fenômenos têm sido dentro dos últimos trinta anos, não podem ser considerados como coincidência; por isso se tornaram aceitáveis pelos fatos comuns do Espiritismo.

No porto de Norwalk, Conn., a 7 de Junho de 1873, um pequeno bote, com nove rapazes, alunos da escola do Senhor Selleck, a cargo do Senhor Farnham, seu professor, foi chocado e virado pelo leme de um paquete, que teve de fazer uma volta repentina por causa de um acidente a bordo. Três jovens e dignos rapazes, Eddie Morris, Willie Crane e Charley Bostwick, nessa colisão, se afogaram. Do "Norwalk Gazette", de 10 de Junho de 1873, transcrevo as seguintes particularidades de um sonho, que precedeu ao acidente:

"Uma curiosa circunstancia de um sonho ganhou alguma notoriedade e, apesar de não termos propensão alguma para ser supersticioso, somes por sua singularidade forçados a publicar o fato. Na última sexta-feira (véspera do acidente), o Doutor Hays, professor auxiliar e conhecido médico, disse a um colega que, por duas noites sucessivas, havia sonhado que três dos seus rapazes se tinham afogado: era uma loucura falar nisso, mas esse pensamento não o abandonava, e era preciso ter todo o cuidado com os rapazes, quando fossem ao mar. No sábado de manhã, ele pediu ao Senhor Farnham, para vigiar os rapazes, pois não podia repelir aquele pressentimento. Quando Charley White, o

primeiro rapaz que voltou a casa na noite de sábado, se apresentou ensopado de água, o doutor exclamou”:

- Que desgraça sucedeu? Quem se afogou? – e caiu sem sentidos, nos braços de White.

Desejando autenticar essa narração notável, escrevi ao “Norwalk Gazette”, e em poucos dias recebi esta resposta

Norwalk, Junho 5-1879.

Caro Senhor:

Recebamos a vossa de 27 de Maio. Demoramos por alguns dias a resposta na esperança de encontrar um exemplar da Gazette com a narração do sonho aludido. Finalmente encontramos um, que vos enviamos pela mala do Correio. Nele achareis a narrativa completa do acidente, etc. O sonho nos foi pessoalmente relatado então, e tivemos todo o cuidado em conhecer todos os fatos e incidentes relativos.

Atenciosamente vossos,

A. H. Byington C.

Aí não se observa somente a clarividência, mas a previsão do sonho, o que está de perfeito acordo com o testemunho de Aristóteles, Hipócrates, Galeno, Cícero, Plutarco e milhares de outros homens eminentes dos tempos antigos, relativamente a ocorrências semelhantes. Com efeito, o número dos casos, hoje perfeitamente atestados, é esmagador. Exigirá a adivinhação o auxílio de espíritos independentes? A questão, que aqui apresento, foi discutida por Plutarco que, com Cícero, concluiu haver duas espécies de adivinhações, uma vinda dos deuses (Espíritos) e outra das faculdades divinas da alma humana. Isso concorda com a teoria de que uma classe de fenômenos espirituais pode, em certas condições, ser produzida por Espíritos encarnados, como por desencarnados.

A respeito do testemunho humano, La Place, o grande matemático, observa, no seu “Essai sur les Probabilités”, que “qualquer caso, por aparentemente incrível que seja, se

reproduzir, tem mais títulos a uma justa avaliação, pelas leis da indução, do que o que era antes julgado provável”.

Quanto é oposta a conduta aos físicos, em geral, relativamente aos fenômenos espirituais!

A ciência ortodoxa, diz Edward Maitland, tem três defeitos: 1° - afirmar que conhece, anteriormente à experiência, quais são os limites dos fatos naturais e os das faculdades pelas mais esses fatos devem ser julgados; 2° - afirmar não haver fatos que não possam ser expressos em termos; pertencentes a um só plano de consciência, isto é, afirmar a realidade de tudo o que é percebido pelos sentidos em um plano, nominalmente, o físico; e 3° - buscar explicar, em termos derivados desse plano, fenômenos que pertencem a outros planos, e, não achando tal explicação, rejeitar como fraudes os fenômenos, que julga insolúveis.

Assim, todos os fatos superfísicos são considerados como não existentes na apreciação da pseudociência que busca identificar a alma com a matéria. Ao contrário, porém, muitas vezes ela afirma ou propõe doutrinas que a experiência não pode confirmar.

CAPÍTULO VIII

Testemunhos acumulados. - Comunicações espirituais

Coleridge disse uma vez, do mesmerismo, que “ele podia ser a refração de uma grande verdade, ainda escondida debaixo do horizonte.” O mesmerismo parece mais se assimilar ao prenúncio do advento do moderno Espiritismo.

Andrew Jackson Davis, na sua obra “Nature's Divine Revelations” , escrita no ano de 1845, disse, em relação à intercomunicação do mundo espiritual com o nosso, o seguinte: Essa verdade existirá longo tempo antes de se apresentar sob a forma de demonstração viva. Essas palavras foram pronunciadas dois anos antes das manifestações de Hydesville. Parte desse livro foi lida em manuscrito ao Rev. George Bush, o eminente cultor do Hebraico, e por mim, no ano de 1845.

O seguinte trecho de uma comunicação mediúnica obtida por meio de uma pequena trípode giratória, chamada prancheta, é um perfeito modelo da melhor espécie de escrita, considerada vinda dos Espíritos:

"Até agora a Ciência tem sido quase totalmente materialista em suas tendências, não se importando com as coisas espirituais que ignora ou das quais duvida; por outro lado, os assuntos espirituais têm sido considerados pela Igreja como matéria de fé, com que a Ciência nada tem a fazer. Pelas modernas manifestações, porém, Deus providencialmente fornece ao mundo todos os elementos de uma ciência espiritual que, quando estabelecida e reconhecida, sem o ponto de partida da revivescência de toda a ciência física. Então, mais perfeitamente se conhecerá que todas essas formas externas e visíveis, bem como os movimentos, se originam de causas invisíveis, espirituais e, afinal, divinas; que entre a causa e o efeito há sempre uma correspondência íntima e necessária; e que todo o Universo exterior só é o símbolo e o indício seguro de um outro universo intimo, invisível e vastamente mais real. "

Tudo isso está diretamente em discordância com a declaração dos Guias da Senhora Richmond, de que o Espiritismo não pode ter uma base científica.

Os fenômenos situados fora de toda a verificação científica oferecem campo aberto à abjeta superstição e ao despotismo mediúnico ou espiritual, à crédula submissão de um lado e, do outro, às afirmações arrogantes. Todos os sinceros investigadores da verdade desejarão ter uma coordenação desses fatos - puramente racional e científica. Eles não mais se submeterão ao imperioso “Assim Deus diz”, e às interpretações que lhe derem, sejam os Espíritos, sejam os médiuns com pretensões a inspirados. O editor de importante jornal científico diz que o homem de ciência deve responder aos espíritas do modo seguinte:

"Não devo perder tempo em vos atender. Limito-me ã Natureza; laborais fora dela e o nosso terreno não é o mesmo. Vindes a mim negando o que acho demonstrado por toda à parte. Entre o vosso Espiritismo e o meu materialismo há um antagonismo fundamental; a vossa posição é radicalmente anticientífica, e, por isso, fiquemos cada qual de seu lado."

A Ciência deve tomar conhecimento dos fenômenos objetivos e subjetivos. Demonstrei por um testemunho esmagador que o Espiritismo tem a sua fenomenalidade objetiva, apesar de condicional, e que fere os sentidos como se dá com o desabrochar das flores na primavera. O físico pode pretender lançar o Espiritismo fora do domínio da Ciência; mas não o fará sem violar o seu próprio princípio de lealdade ao método experimental. Enquanto se basear em fenômenos demonstráveis como a pneumatografia, o Espiritismo é científico, e se a oposição materialista não o tem verificado, é porque persiste em ignorar fatos hoje experimentalmente conhecidos por milhões de homens inteligentes. A pretensão de serem esses fatos contrários à Natureza tem sido amplamente

respondida nas páginas precedentes. Nenhum homem razoável negará que o testemunho de centenas de observadores competentes, a favor dos fatos ocorridos, não seja o bastante para neutralizar as especulações de todos os filósofos e de todos os físicos. A afirmação de não se poderem dar as manifestações da potência espiritual é um erro grosseiramente anticientífico, como o daqueles que rejeitavam a esfericidade da Terra. E, contudo, é sobre essa mera asserção que o nosso editor pretende basear a sua recusa de prestar atenção aos nossos fatos e às nossas razões.

A Ciência não consiste somente, no conhecimento de fatos, mas também num método capaz de interpretá-los. Tem-se dito que "as idéias do povo são imperfeitas, porque ele tem a facilidade de inventar para as coisas explicações fantásticas, em vez de buscar as reais; que por milhares de anos o conhecimento da Natureza se conservou rude e estacionário, porque os hábitos de pensar eram deficientes". Tudo isso é real, mas o seguinte também o é um erro sobre fatos determinados ou princípios estabelecidos."

"O primeiro recurso para obter-se uma prova científica das coisas será o conhecimento das próprias coisas em si mesmas, empregando-se aquela grande independência mental que leva o homem a pensar por si mesmo. Assim aprenderá a fazer suas observações e verificá-las contra qualquer autoridade que as patrocine. Achou-se que a primeira e indispensável condição para se obterem idéias justas era a mente ocupar-se diretamente do assunto que tem de ser elucidado. Por esse modo, o inquérito científico avança, apoiado no método de formar juízos que sejam caracterizados pelas mais vigilantes e disciplinadas precauções contra o erro. O método cientifico é aplicável a todos os assuntos que se referem à constância das relações de causas e efeitos, e à sua conformidade com a operação da lei. Ele é aplicável sempre que se tem de aquilatar uma evidência, de

banir um erro sobre fatos determinados ou princípios estabelecidos”

Porventura os especialistas em Ciência, que pretendem julgar os fatos espíritas, observaram esse primeiro grande requisito, nominalmente “dirigir suas idéias para o assunto que tem de ser investigado”? Ao contrário, eles decidem por um método fixado “a priori”: tudo está errado porque choca as suas preconcepções relativamente à ordem da Natureza. Bem e sabiamente observou C. C. Massey:

"Ao presente escritor, pelo menos, o chamado Espiritismo representa, não uma crença religiosa sectária, mas uma agregação (não podendo chamar-se um sistema) de fatos provados de incalculável importância para a Ciência e para a especulação. Aqueles que assim o consideram, não sentirão abaladas as suas convicções sobre a sua veracidade e importância, mesmo que fossem provadas que cada médium fosse um velhaco e muitos espíritas suas vítimas voluntárias. Muitas das testemunhas, nas quais confiamos, tem procedido da sua real afirmação e das precauções tomadas para obtê-las."

Huxley revolta-se contra o caráter inferior das comunicações; isso também se dá com todos nós, quando elas apresentam um cunho inferior. A pretensão de uma certa classe de médiuns de escrever e falar sob a influência de um Espírito, outrora eminente na vida, como poeta, filósofo ou vidente, tem sido admitida com demasiada facilidade pelos espíritas não criteriosos.

Não temos expressões assaz eloqüentes para convencer os inexperientes de que uma das coisas de mais difícil consecução é a verificação da identidade de um Espírito. Dão-se casos de identificação, é certo; por experiência própria acredito que as identificações, pelo processo de materialização, são freqüentes. O meu amigo, Rev. Samuel Watson, de Memphis, disse-me haver feito repetidamente essas experiências em sua biblioteca,

onde as condições eram perfeitas. A seguinte narração, que encontrei em um discurso pronunciada em Brooklin, Nova Iorque, pela Senhora F. O. Hyzer, a 12 de Junho de 1830, é semelhante a muitas que tenho de testemunhas dignas de fé. Nesse caso, a Senhora Hyzer e sua irmã desconheciam totalmente o médium:

"Depois, apresentou-se uma forma feminina e, em resposta as nossas perguntas, declarou ter sido minha mãe, que partira da Terra quinze anos antes. A altura, corpulência e aparência geral correspondiam perfeitamente as de minha mãe, trazendo um objeto semelhante a um barrete de papel pontudo, que lhe cobria a cabeça e uma parte da face (que eles informaram ter por fim proteger a face contra os desmaterializantes efeitos da luz). Eu mesma não podia asseverar a sua identidade; eu e minha irmã o admitíamos uma para a outra. Em um momento, como respondendo as nossas observações, ela ergueu a mão, que na vida terrena tinha sido deformada pela paralisia, de moda a virem as junturas médias dos dedos se pegar ao pulso, fato devido à intensa torção prolongada por três anos. Quando ela nos mostrou essa mão torcida, exclamamos ambas":

- Oh! é realmente a mão de minha mãe!

Ela abaixou-a, e, depois, no-la apresentou de novo. Então perguntamos se a sua mão era deformada na vida espiritual. Ela estendeu-a de novo, mostrando-nos uma perfeita e bela mão.

O falecido Lutero Park, de Boston, informou-me que em certa ocasião, sendo D. D. Home o médium, um Espírito, pretendendo ser o pai do Senhor Park, deu uma prova da sua identidade, mostrando a mão na qual havia uma deformação particular no polegar.

Como, porém, explicarmos as contradições e incongruências que aparecem nas declarações dos médiuns sonambúlicos, quanto aos Espíritos que se manifestam por eles, se aceitarmos sem contestação o que pretendem ser? Um médium, em Nova

Iorque, pretendendo falar sob a ação de Parker, pode diretamente contradizer um médium de Chicago, que tenha a mesma pretensão. Como distinguir qual das duas manifestações é a verdadeira? pela evidência interna? Indubitavelmente. Mas então não nos devemos decidir a favor de qualquer delas. Os dois médiuns podem ser igualmente honestos e capazes, mas um deles pode achar-se em erro. Creio que ambos podem estar em erro, sendo ambos sinceros.

Como assim?, perguntarão. "O médium é honesto por hipótese. Porque então, no estado de transe inconsciente, seu Espírito se apresenta como sendo Parker ou Franklin? Verídico no estado normal, porque se torna mentiroso no anormal? E' então o corpo quem o faz reto; visto que, livre dos seus laços, o Espírito faz um outro papel, torna-se bobo e folga em enganar?"

Temos muitas respostas a respeito. Meramente apresentamos o fato; a sua explicação pode não ser fácil, mas isso em nada o afeta. Que razão tem um médium para afirmar a identidade do Espírito que se manifesta? Evidentemente temos de recorrer à decisão do nosso raciocínio. Por isso é sempre justo e verdadeiro o aviso do evangelista João: "Amados. Não acrediteis em todos os Espíritos, mas examinai se eles são de Deus; porque muitos falsos profetas virão ao mundo."

Sei que muitos médiuns, que pretendem honestamente ser inspirado pelo mundo espiritual, rejeitam a doutrina do Cristo acerca da existência dos Espíritos malévolos. Que tais Espíritos são refratários pelas leis naturais, coisa é de que não duvido; mas que eles existem, é uma grande realidade. A Senhora Maria M. King, uma das mais inspiradas médiuns americanas, disse: "O médium suscetível à influência de um Espírito benéfico, fica suficientemente sujeito a ela, e se livra por muitos motivos da influência dos Espíritos malignos." Tudo isso pode ser real, e a Senhora King parece admitir que essas causas malignas, ou assim chamadas, são os Espíritos não desenvolvidos. Que eles

podem intervir nos negócios dos mortais, e fazer-lhes mal, ela também o admite. Desse modo, entre as suas e as nossas vistas não há mais que uma pequena diferença expressa pelas palavras mau e pouco desenvolvido. Para fazer-se justiça às suas opiniões, cito suas palavras:

"Tenho sido o instrumento para provar aquilo que a Filosofia ensina, que a Civilização no estado espiritual executa, aquilo que a Civilização no estado material aspira a fazer. O ser espiritual, o mais alto, no sentido rigoroso, pode fazer mais do que faria na Terra, em luta com os elementos do mal e da ignorância. Os métodos superiores de tratar com os inferiores se desenvolvem nesta vida, onde nada pode ser escondido àqueles que dirigem a sociedade. Os homens despidos da materialidade se sujeitam à direção dos Espíritos de grande poder moral e esse poder é usado para o bem de todos na Terra, e, na vida espiritual, sob os ditames de uma segura e sábia política".

Não aceito a teoria, as vezes apresentada, de que as nossas más disposições nos não acompanham ao mundo espiritual; de que com a perda dos nossos apetites físicos nos abandonam todas as sugestões do mal que nos assaltavam na vida terrena . Não nos iludamos . Entre a vida terrena e a próxima vida espiritual há uma correspondência de todas as coisas, boas e más; e o mal que não pudemos sujeitar às mais altas faculdades nesta vida, irá conosco como um tropeço a vencer na outra, onde só poderá ser afastado pelos nossos próprios esforços e energia de nossa volição. (*)

(*) Essas duas opiniões doutrinárias estão em parte erradas: não é verdade que os nossos defeitos morram com o corpo, porque muitos deles nos atormentam igualmente depois da morte; também não é certo que venceremos nossos males "pelos nossos próprios esforços e energia de nossa volição", porque não temos essa poderosa força de vontade e essa energia, quando somos espíritos atrasados e inferiores, escravos do pecado.

Só pelas reencarnações em outros meios melhores vamos esquecendo maus hábitos e adquirindo virtudes e energia até romper com o passado delituoso e conquistar o porvir feliz. Os dois enganos vem ambos da falta da doutrina reencarnacionista que não é mencionada pelos autores. - Nota da Editora.

Admito ainda que o homem é uns seres complexos, que pode ser interiormente muito melhor ou muito pior do que parece ser a mim e aos outros, no seu estado normal. Alguns santos podem reconhecer-se pecadores, e alguns pecadores santos, na vida onde todos os disfarces desaparecem.

No mistério desse estado interior, oculto, pode esconder-se alguma das soluções da questão. Porque não podemos verificar as asserções dos médiuns sonambúlicos quanto aos Espíritos, que os influenciam? Há em abundância fenômenos mentais, que analogicamente justificam a nossa asserção de que o próprio médium pode ser inocentemente a vítima de uma ilusão a si mesmo imposta em relação à identidade. Então surge a grande probabilidade de haver Espíritos pouco escrupulosos, que, para atrair a atenção, se apresentam com o nome de algum grande homem, que eles assim fazem lembrar. Se um mesmerizador humano pode produzir ilusões na memória do seu sensitivo, quanto mais não poderá o mesmerizador espiritual? Que este tem esse poder é mais que provado por uma multidão de fatos bem conhecidos.

Há mais altos e mais baixos graus da consciência ou estados de atividade mental, do que a normal, como o sonambulismo e o mesmerismo têm provado; e esses graus, apesar de, em certos momentos de lucidez psíquica, se poderem fundir em uma unidade, podem ser distintos do nosso habitual estado de atividade mental. Que nós possuímos faculdades psíquicas das quais ordinariamente não temos concepção alguma, é uma verdade que Platão, Leibnitz e Schelling ensinaram. Os nossos fenômenos modernos o confirmaram.

Como é, perguntarão, que uma mulher sem educação pode, quando mediunìmicamente influenciada, falar sobre assuntos transcendentes que desconhece ou é incapaz de compreender no seu estado normal? A resposta é: Ela pode ter adquirido mais por suas próprias apropriações psicométricas independentemente

de sua consciência normal; ou pode, em certos casos, ser influenciada por um Espírito verdadeiro ou mentiroso.

Uma das filhas do meu estimado correspondente, o falecido William Howitt, assaz conhecido era médium sonambúlica. Howitt contou ao Professor W . D. Gunning, cujas palavras emprego em resumo, que em certa ocasião, estando sua filha em transe, escreveu uma comunicação assinada com o nome de seu irmão, que se supunha achar-se na Austrália. O importante era que ele se tinha afogado poucos dias antes num lago. Dados e detalhes foram fornecidos. Os parentes unicamente ignoravam o fato, pois ainda não funcionava o telégrafo transoceânico. Passaram-se meses e afinal chegou uma carta de um sobrinho residente em Melbourne, contando que o filho de Howitt se havia afogado em certo lago, em tal dia, e em tais circunstâncias. A data, o lugar e os detalhes essenciais eram os mesmos fornecidos meses antes pela irmã do falecido. Howitt acreditou que o Espírito libertado de seu filho influenciara sobre a irmã para escrever; e eu não encontro para o caso explicação mais racional.

Plutarco, nascido no ano 50 depois do Cristo, discute o assunto da identidade dos Espíritos. Em um dos seus diálogos, um interlocutor diz: “Porque buscais privar as almas incorporadas (os homens) da faculdade pela qual os primeiros (Espíritos livres) conhecem os acontecimentos futuros e podem denunciá-los? Não é provável que a alma adquira um novo poder de profetizar depois da separação do corpo, o qual não possuía antes. E' mais acertado concluirmos que ela já tinha essa faculdade, apesar de menos perfeita, durante a sua união com o corpo.”

Ainda Plutarco diz: “Se os demônios, Espíritos humanos desencarnados, podem prever e denunciar os acontecimentos humanos, porque não possuirão a mesma faculdade os Espíritos humanos incorporados? Nossas almas realmente são dotadas

dessa faculdade.” Ao mesmo tempo, como já mostrei, ele emite a idéia de que o médium pode freqüentemente ser influenciado pelos Espíritos para pronunciar os seus pensamentos, senão a sua exata linguagem.

Porfiro (nascido em 233 D. C.) diz como o “demônio” (Espírito) fala, às vezes, pela boca do “recipiente” (médium), que se acha em transe; e outras vezes se apresenta com uma forma imaterial. O estado de transe é acompanhado de “agitações depressoras e lutas”. Uma escolha conveniente do tempo e das circunstâncias para produzir o estado de transe e obter respostas oraculares, é, diz ele, a coisa mais importante para uma sacerdotisa pítia (médium), compelida a profetizar (falar em transe) pelo Espírito de um morto; ao passo que, em condições desfavoráveis, “o Espírito prevenirá os ouvintes de que não pode dar as informações pedidas ou, mesmo, que elas virão falseadas em casos peculiares. “Descendo à nossa atmosfera, os Espíritos ficam sujeitos às leis e influências que dirigem a Humanidade, e então se dá a confusão; pelo que, em casos tais, o investigador prudente deve adiar suas indagações, medida que nunca os inexperientes se lembram de adotar.”

“Escolhei um dia favorável, um intermediário simples (um médium verdadeiro) e um espaço limitado, de modo que a influência não se torne muito difusa. Fazei o escuro no aposento e evocai o Espírito com o ruído e com o canto. Durante esse canto o médium cairá em um sono anormal, que apaga por algum tempo a sua própria identidade e permite que o Espírito fale por seus lábios, ou, em outras palavras, se utilize à voz de um instrumento mortal” (19).

(19) F. W. H. Myers. Os oráculos da Grécia.

Anaxágoras, que vivia pelo ano 500 antes do Cristo e que sustentava que a alma pura, livre de toda a concreção material, é quem governa o Universo, ensinava que a alma humana tinha em si faculdades de adivinhar, independentemente do que os

Espíritos podem alcançar nos limites da Terra. Pitágoras tinha a mesma crença.

A questão do “cui bono” moral, diz um dos nossos reverendos antagonistas, o Espiritismo dá uma resposta vazia de sentido. “Chamar-nos a explicar o uso que há vemos de fazer de um fato da Natureza, não é apresentar uma objeção filosófica, porém, pueril. A Natureza não precisa das nossas apologias. Se os fatos se dão, eles estão moralmente tão justificados como os fatos da própria Humanidade. Dizer que damos uma resposta sem sentido à questão “cui bono” é simplesmente tomar a fraqueza ou a cegueira para juiz da Sabedoria Infinita.

As questões, Que bem tem isso produzido? Não tem sido má a sua influência? são impertinentes, desde que a única questão científica que hoje se deve fazer é: Será isso real? A noção de que uma coisa pode ser real, posto que, algumas vezes má, parece provir do receio de que o Universo não fosse bem organizado, que ele não tem um Ordenador divino, ou que Este não dá às coisas um lugar que se conforme com as noções clericais das propriedades espirituais.

Talvez que com o progresso da nossa própria inteligência a questão “cui bono” seja respondida. Talvez que o Espiritismo traga a instrução divina à nossa idade favorecida, e, se deixarmos de estudar as suas lições, todo o prejuízo será nosso. E' surpreendente a persistência com que os homens, alguns aliás sensíveis, teimam em lançar mão da objeção “cui bono”? Referindo-se a certos fenômenos, um escritor observa: “Sendo admitida sua existência como constituindo uma classe, cumpre-nos descobrir o que há em cada um deles de estética beleza, de originalidade intelectual e de interesse material. Para todos a resposta mais pronta que podemos dar é a seguinte: Se os fatos são admitidos, como concordais, a reclamação contra a sua discordância com as vossas sensibilidades estéticas só deve ser

dirigida ao Autor da Natureza e não aos que colecionam os fatos.

Em um discurso feito perante a “Concord School of Philosophy” (1880), o Rev. Doutor F. D. Hedge disse, sobre o Espiritismo: “A Ciência tem examinado as suas pretensões e as têm julgado infundadas.” Repugna-me supor que o Doutor Hedge tenha voluntariamente adulterado o fato, mas a verdade é exatamente o inverso daquilo que ele afirma. Homens eminentes na Ciência estão diariamente contraditando essa sua asserção, e tenho a certeza de que o Doutor Hedge não conseguirá citar um nome de homem de alta reputação científica que, depois de investigar cuidadosamente o Espiritismo, o tenha julgado “sem fundamento”. O Doutor G. Bloede, assaz conhecido investigador alemão, escreveu-me que seu correspondente, Zollner, professor de Física e Astronomia na Universidade de Leipzig, descrevem o estado do Espiritismo na Alemanha (Agosto de 1880), dizendo que os homens mais científicos por ele se vão interessando e que “a juventude, impulsionada pelo exemplo, vai também experimentando”.

As chamadas “investigações” de Huxley e Tyndall foram, a dar-se crédito ao que se diz, jocosamente superficiais. A pretensão destruidora com que esses e outros especialistas, que nada conhecem dos nossos fatos, revelam ao contemplá-los, apesar de estarem perfeitamente atestados, parece denunciar-nos ao mesmo tempo sua arrogância e seus temores. O alemão Schopenhauer diz: Os homens que trabalham com o cadinho e a retorta estão persuadidos de que a Química, somente, não habilita um homem a ser farmacêutico, mas pode fazê-lo filósofo. Alguns espíritos da classe dos naturalistas reconhecem que um homem pode ser um zoólogo consumado, classificar perfeitamente as sessenta espécies de símios, e, não obstante, nada saber fora desse terreno, sendo no mais um homem ignorante, um tipo vulgar.

Em resposta à objeção feita quanto a não se poder ter confiança nas comunicações espirituais, o meu amigo Tomás Shorter sabiamente observou: Talvez seja essa a verdadeira lição que eles principalmente vos queiram dar. Uma Inteligência, que se dizia do mundo espiritual, deu-nos o seguinte ditado por meio da prancheta

"Um dos importantes desígnios providenciais dessas manifestações é ensinar a Humanidade que os Espíritos em geral conservam o caráter que adquiriram na vida terrenal; que na realidade são pessoas idênticas as que eram, quando habitavam a carne; e que assim como há Espíritos justos, verdadeiros, sábios e cristãos, também os há mentirosos, profanos, imorais, daninhos e violentos, Espíritos que negam Deus e a Religião, justamente como faziam no vosso mundo. Era necessário que a Humanidade conhecesse tudo isso, e certamente não havia outro meio de conseguir, a não ser por uma manifestação como a atual; e é tão justo como necessário que vejais o lado sombrio e o lado brilhante do quadro."

Que há algumas comunicações mediúnicas dignas das faculdades daqueles que devemos supor serem Espíritos adiantados, é um fato que nenhuma pessoa sincera, de bom discernimento literário, depois de examiná-las, deixará de admitir. O modo de exprimir-se do médium sonambúlico traz consigo, pela força da evidência íntima, a convicção da identidade do Espírito que se comunica. Circunstâncias estranhas ao conhecimento do médium, e não só desconhecidas, mas contrárias à crença dos assistentes, são apresentadas e subseqüentemente reconhecidas como reais. A Senhora Brown (antes Senhora Fish), quando esteve em Nova Iorque, em 1852, deu mensagens que tinham o cunho da veracidade. Uma tarde, quando 0 Senhor E. W. Capron, autor do "Modern Spiritualism, its Facts and Fanaticisms" (1855), estava de visita em sua casa, entraram dais jovens de Tennessee. Um deles perguntou se um

Espírito podia comunicar-se com ele; foi-lhe respondido afirmativamente.

- Que Espírito está?

- Vosso pai.

O jovem então escreveu o seguinte em um pedaço de papel: “De que morrestes?” Imediatamente, pelas letras do alfabeto, veio à palavra envenenado. O jovem ficou perplexo, pois não esperava uma resposta tão pronta e correta. Então perguntou se seu pai tinha alguma coisa a comunicar-lhe, e recebeu o seguinte:

Meu filho.

Eleva o teu pensamento a Deus e não mais te lembres das ofensas recebidas. A demora sobre o passado retarda o teu progresso e esteriliza tuas vistas sobre o futuro. Teu caminho te leva à glória, trabalha para venceres o mal com o bem, e a coroa dos justos será tua, agora e na Eternidade.

Teu afetuoso pai.

Henry Champioh.

O jovem disse então que seu pai tinha morrido envenenado por um irmão, que se havia escapado da penalidade da lei. O filho declarou que, durante anos, se conservara resolvido a vingar a morte de seu pai. Contrariamente ao que fez o Espírito do pai de Hamleto, este aconselhou a seu filho o abandono de todo o sentimento de vingança, e este declarou que daquele dia em diante abandonara o seu projeto. Aí temos todos os elementos de uma comunicação verdadeira e notável, como conselho nobre e cristão, e encerrando o perdão das ofensas, a sinceridade inglesa e as provas do afeto paternal.

Uma menina estava presente com seu irmão, sendo ambos desconhecidos da Senhora Brown. A mão dessa menina se moveu e ela deu sinais de ser médium escrevente. O seguinte aviso foi então dado ao irmão, pela Senhora Brown:

"Interesso-me profundamente por vossa irmãzinha. Preciso, por isso, apelar para o vosso bom senso e razão, a fim de a não levardes a reuniões promiscuas. Ela nem sempre seria guiada pelos conselhos de Espíritos puros e elevados. Meu caro David, eu vos darei uma norma pela qual vós e Mary vos deveis guiar, porque sois o responsável pela educação dessa menina. Quando um Espírito quiser impor a sua autoridade, fugi da sua direção. Deus vos fez homem livre, deu-vos a luz e a liberdade para delas vos servirdes bem. Quando um Espírito disser palavras desarrazoadas, sede manso como ele, mas sustentai a vossa opinião e buscai levá-lo ao caminho do progresso."

Neste caso, os nomes de David e de Mary eram inteiramente desconhecidos da médium e dos assistentes, salvo os dois a quem a mensagem era dirigida. Exemplos semelhantes a esse não são tão raros, como muitas pessoas poderão supor. A intenção é boa, o conselho excelente e a linguagem irrecusável. A clarividência que o Espírito manifestou quanto ao conhecimento dos nomes do pai e dos filhos, é outro motivo pelo qual essa comunicação deve ser aceita como legítima. A evidência íntima em ambos esses casos é realmente clara e justifica a aceitação das mensagens por aqueles a quem eram dirigidas.

Está diante de mim uma coleção de comunicações reunidas pelo meu amigo Tomás R. Hazard, de Rhode Island, recebidas pelo falecido John C. Grimell, de Newport, R. I., em estado de aparente inconsciência. Vede se elas são desprovidas de senso e propósito:

"A alma encarnada, que nasce com um menino, tem maior influência sobre os seus destinos no mundo espiritual, do que a sua educação na Terra, não obstante levar consigo as suas inclinações terrenas. Essas causas e efeitos devem ser conhecidos, a fim de compreender-se as leis do progresso...

Assim, a alma e o Espírito unidos constituem uma individualidade imortal. Se não houver essa união da alma com o Espírito, não haverá para o Espírito a individualidade precisa para se comunicar, e ele não será mais que uma essência flutuando no alto, da mesma forma que seria um ser vivo sem consciência. Assim, a alma é um Espírito incorporado, não só na vida terrena, mas na vida imortal, através da eternidade.

Tudo na existência evolve continuamente, avançando para as mais altas condições das qualidades, cada vez mais puras, do magnetismo espiritual, abandonando o corpo grosseiro para ir auxiliar o desenvolvimento de seres ainda mais grosseiros. Não poderá, haver parado ou cessação para a ação da alma, nem para a inspiração do Espírito dentro da alma. O Espírito deve, pelo divino amor, vibrar sempre e forte dentro da alma, para qualificá-la por suas condições imortais...

O Espírito constitui a luz e a vida íntima, ao passo que a alma individual tem a faculdade de escolher a sua direção, boa ou má... Aquele que aceita a inspiração de sua alma, é um homem livre, mas não de outro modo, quando ele busca conformar-se com outras personalidades que fazem aquilo, a que ele chamará seu, enxertando as idéias delas na sua individualidade ou na sua memória... Quando o homem é assim individualizado, a simplicidade e a divina harmonia de sua natureza tornam-se uma fonte de alegria, donde mana sempre a expressão: sou livre! sou livre! Ao passo que, para aqueles cujas almas se tornaram sombrias e tolhidas pela aceitação dos ensinos pessoais ou idéias de seus companheiros mortais, a vida se torna o gozo de um sonho antes que uma realidade.

O Espírito é a vida completa da alma e do corpo, e sem ele nada pode ser feito. Mas, embora os ditados do Espírito sejam sempre verdadeiros, o próprio poder que é conferido à alma de aceitar e praticar a verdade, pode ser, e é em exemplos sem conta, dirigido pelas sugestões dos seus mais grosseiros desejos,

por falsos canais de expressão e comunicação, e assim usado para propósitos e fins sinistros. Esforçando-se para exprimir a verdade através da organização anímica, vemos que o Espírito tem de lutar com muitas influências contrárias, o que dá lugar a comunicações pouco dignas de confiança, no mundo material e no espiritual...

O reino de Deus é externo e interno. Como existência, exprime tudo o que é individual; como espiritual, tudo o que é infinito e divino. Como não podemos ter a vida sem o Espírito Divino, assim não podemos ter uma existência consciente sem a alma individual. Assim, o Espírito e a existência são os grandes atributos divinos do Ser Supremo...

Como a vida e o Espírito são inseparáveis da existência, assim cada alma ou individualidade tem uma existência própria, separada, mas totalmente sob controle do Espírito Divino. Todas as qualidades da alma, porém, não são as mesmas, estando na dependência da soma de inspirações, que cada alma individual tem recebido e aceitado do Espírito, uma porção da qual é dada a todos e que em si é sempre a mesma essência pura e limpa, como é a grande Fonte de todo o Espírita donde ela se deriva.

E' o Espírito quem dá o modelo ou a forma das coisas que existem, seja o grão de areia, seja o ser vivo. Como toda a existência é uma expressão da divina vontade, assim, cada existência individual, que tem uma parte maior da divina expressão dentro de si, reparte a sua abundância com aqueles que tem menos (20). Nada se perderá.

(20) G. F. Fechner, eminente Tísico e filósofo alemão, que, como publicou a N. Y. 1Vation, escandalizou a sociedade alemã com a sua entrada para as fileiras do Espiritismo em 1877, ensina que cada diamante, cristal, planta ou estrela tem sua alma individual, além do homem e do animal; que há uma hierarquia de almas, desde as mais baixas formas da matéria até do mundo espiritual e que os Espíritos dos que partiram mantem comunicação psíquica com as almas que estão ainda ligadas com o corpo humano.

Nós somos todos independentes, na estrutura do nosso ser individual e no nosso progresso individual, e conseqüentemente

somos sempre os arquitetos dos desdobramentos e progressos das nossas almas... Com a faculdade de separar e obscurecer o Espírito com as nuvens do nosso egoísmo individual, podemos assim ficar privado dos mais altos e celestes conhecimentos espirituais. Assim, depende de nós a escolha do que seremos.

O pensamento aí está claramente transmitido, e não pode ter vindo de uma Inteligência ordinária. Sobre o médium, Senhor Hazard, dizem-nos: Ele foi desde menino o mais pobre dos pobres, sem ter recebido educação alguma intelectual, pois não freqüentou a escola sequer seis meses em toda a sua vida. Ele tinha pouca habilidade mental de qualquer espécie. A teoria psicológica, de que foi arauto esse indivíduo ignorante, parece semelhante à de São Paulo, que, em sua 1° Epístola aos Tessalonicenses (5:23) escreveu: O mesmo Deus de paz vos santifique em tudo, e o vosso espírito, alma e corpo sejam conservados completos, irrepreensíveis, para a vinda de Nosso Senhor Jesus-Cristo: (Aí nós vemos a tricotomia do 1) - Espírito (divinamente influente, primário, doador da vida); 2) - alma ou corpo espiritual (psico-físico, orgânico, intermediário, essencialmente imortal, mas potencialmente mutável em suas relações corporais; 3) - corpo terreno (físico, último, químico, e transitório em suas partes, mas indestrutível nos seus elementos atômicos constitutivos). Assim, a ação do espiritual sobre o material, ou do não-atômico sobre o atômico, torna-se inteligível pela virtude dessa ligação que intervém; e o embaraço dos metafísicos, achando um enigma no modo por que a inteligência dirige a matéria, fica resolvido.

Devo ao meu estimado amigo, o Rev. Samuel Watson, de Memphis, Tennessee, pertencente outrora à Igreja Episcopal Metodista, o favor de chamar a minha atenção para a seguinte notável passagem dos escritos de John Wesley, que, comentando o verso acima citado de Paulo, falando da trindade espírito, alma e corpo, diz:

"Não será o corpo a porção de matéria organizara, que o homem recebe no ventre materno, com o qual vem ao mundo e que leva à sepultura,? Presentemente fica ligado com a carne e o sangue, mas estes não são o corpo, senão apenas um vestido temporário, que fica na sepultura. A alma parece ser o vestido imediato do Espírito, o veiculo que o prende à sua primeira existência, e que dele se não separa nem durante a vida, nem depois da morte. Provavelmente é constituído por uma substancia etérea ou elétrica, a mais pura de todas as matérias. Parece também não ser afetado pela morte do corpo, mas continuar a envolver o Espírito em separado."

Criticamente analisada, a expressão acima citada - que leva à sepultura - devia ser - “que leva para fora da sepultura” - a fim de não contraditar o pensamento do todo da citação. Wesley, que o leitor já conhece, obteve o fenômeno espiritual no seio da sua própria família, e declarou que “ainda no último momento de sua vida protestaria contra o abandono do pensamento de dar-se aos infiéis essas provas da imortalidade da alma” (21).

(21) Em Fevereiro de 1771, Swedenborg, escreveu a Wesley: "Informaram-me, do mundo dos Espíritos, que desejais ardentemente conversar comigo. Folgaria muito de ver-vos, se me quisésseis visitar." Wesley confessou que tivera esse desejo, mas que a ninguém o confiara. E respondeu que só dai a seis meses poderia ir a Londres. Swedenborg replicou que seria muito tarde, pois que partiria para o mundo espiritual a 29 de Março, o que, com efeito, se verificou.

O resumo é o seguinte: Não precisamos recorrer à teoria dos Espíritos independentes para explicar uma grande maioria dos fenômenos que obtemos pelos médiuns de escrita indireta ou pelos chamados sonâmbulos falantes; que os médiuns podem ser impressionados pelos Espíritos para personalizá-los, exprimir seus pensamentos, ou escrever suas palavras, coisas perfeitamente admitidas; - que o homem, sendo um Espírito, mesmo quando preso à matéria, possui faculdades espirituais que, em certos estados anormais, podem manifestar-se; - que um médium em transe, em estado de consciência limitada, pode emitir pensamentos engendrados ou colhidos por ele em outros

distintos estados de consciência; e poderá mesmo criar para si próprio a impressão de estar exprimindo os pensamentos de algum Espírito, outrora eminente na vida terrena; não se podendo negar, contudo, que essa falsa impressão pode ser insinuada por algum Espírito independente, nem que a verificação do que o médium avança raramente poderá ser feito - o fenômeno dos distintos estados de consciência devem ser estudados para maior luz em todas essas questões.

Em um artigo publicado no “Scribner's Magazine”, acusando o Espiritismo de aceitar “como um fato àquilo que de fato só tem a aparência”, o Doutor Holland, escritor e crente na Bíblia, diz que não olha os nossos fatos como “a priori” improváveis. E escreve:

"Nós temos no Velho e no Novo Testamento registros múltiplos de comunicações de seres espirituais com homens e mulheres ainda encarnados. A doutrina da possessão demoníaca é aí ensinada com grande clareza. O ministério dos anjos, à volta à Terra dos de há muito mortos, as conversas familiares com o Cristo depois da sua ressurreição, pertencem todos à mesma ordem de fenômenos apresentados como genuínos pelos atuais espíritas. E' ou parece ser fácil a um cristão crer que os visitantes do mundo invisível venham ter com ele, influindo e concorrendo para se tornarem conhecidos. Era isso precisamente o que eles costumavam fazer nos velhos tempos. Porque não fariam hoje o que fizeram então?"

Essa questão, apresentada pelo Doutor Holland, não foi respondida nem por ele. Parece que esse doutor aceita de boamente as narrativas dos fenômenos do passado, feitas por David, EzequieI, Mateus, Marcos, Lucas e João, mas rejeita como “aparências enganosas” as semelhantes àqueles verificados por muitos dos principais homens científicos dos nossos dias. Que da parte do profeta Elias tenha vindo do mundo espiritual um escrito do rei Jorão, é coisa perfeitamente crível;

mas que a escrita independente se tenha produzido por intermédio de Guldenstubbé, Watkins, Powell, Phillips, as Sras. Simpson e Mosser, e Slade, é uma ilusão, que deve ser rejeitada.

Já vimos que muitos dos principais físicos alemães admitem os citados fenômenos. Zollner atesta a aparição de uma mão espiritual. Diz ele, na sua "Física Transcendental", o seguinte:

"Slade tomou o lugar do costume; à sua direita ficaram Frau Von Hoffmann, eu e Herr Von Hoffmann. Colocamos nossas mãos unidas sobre a mesa, e então me lembrei, com pena, de nos termos esquecido de pôr uma pequena campainha sobre a mesa. No mesmo momento ela começou a vibrar no canto da sala, em frente, à. minha direita, cerca de dois metros da mesa; e como a sala estava bem iluminada pela luz do gás da rua, vimos uma pequena campainha elevar-se do lugar onde se achava, pousar sobre o tapete da sala, mover-se aos saltos e ficar embaixo da mesa. Aí imediatamente começou a tocar com força, e, quando conservávamos as mãos unidas como dantes, uma mão apareceu de súbito pela abertura da cortina, segurando a campainha e vindo colocá-la na mesa, diante de nós. Então exprimi o desejo de me ser permitido segurar essa mão. Apenas eu o disse, a mão apareceu de novo, fora da abertura, e então, enquanto com a mão esquerda eu cobria e segurava as duas mãos de Slade, com a direita agarrava a mão que se estendia da abertura, e assim apertei a mão de um amigo do outro mundo. Ela possuía o calor da vida e retribuiu cordialmente o meu aperto."

De São Petersburgo recebemos os testemunhos de Boutlerof, Wagner e Aksakof sobre fenômenos semelhantes. Aksakof, Conselheiro Privado Imperial, atesta o fenômeno da escrita direta na lousa, obtida com o concurso do Grão-duque Constantino. Diz ele:

"Como testemunha, posso atestar que a escrita direta foi produzida numa lousa, segura somente pelo Grão-duque

Constantino por baixo da mesa, quando as mãos de Slade se achavam sobre esta."

Isso corresponde à minha experiência com Watkins, com a diferença de eu segurar a lousa exposta à luz, achando-se o médium a mais de um metro de distância e sem tocar na lousa.

Eis o que disse (1874) William Crookes, M. S. R. , a respeito das suas experiências com a chamada mão espiritual:

"Sob as mais rigorosas condições de exame, por mais de uma vez tive um corpo sólido, luminoso por si mesmo, cristalino, colocado em minha mão, por uma mão que não pertença a nenhum dos presentes aza sala. A luz vi uma nuvem luminosa pairar sobre um heliotrópio, que se achava numa mesa, quebrar um raminho e vir oferecê-lo a uma dama; em outras ocasiões, vi uma nuvem luminosa condensar-se visivelmente até tomar a forma de uma mão e conduzir pequenos objetos."

O testemunho a respeito desse fenômeno da mão materializada é tão amplo, que pareceria justificada sua inclusão como parte de uma base científica. Nos últimos vinte e cinco anos vi repetidamente ou senti mãos materializadas, nas melhores condições de verificação.

Os copiosos frutos dessas revelações do poder espiritual, com a filosofia que deles deve originar-se sob os impávidos auspícios da ciência moderna, livre dos terrores supersticiosos que paralisavam as investigações nos tempos antigos e medievos, só virão depois de muitos conflitos com a descrença e de um grande lapso de tempo. As falsas concepções e as extravagâncias que formam a bagagem da Ciência, nos seus primeiros estádios, são os inevitáveis companheiros do seu desenvolvimento transacional. Eles devem abrir passagem eventualmente a uma antropologia baseada em fatos aceitos, e compreendendo, em sua síntese, a natureza espiritual, psíquica e física do homem.

Assim, os adversários do Espiritismo nada mais têm feito do que lhe dar qualificativos grosseiros. Eles têm confundido com o grande assunto os abusos humanos, os disparates e erros que os acompanham, mas não destruíram nem tornaram menos crível um só desses fatos; não deram a causa do mais simples dos fenômenos e, contudo, procuram pôr um paradeiro às investigações, falando-nos de seus males e perigos.

"O perigo do Espiritismo, diz o autor do "Sunday Afternoon", consiste principalmente na desenvoltura que ele introduz nos pensamentos e na conduta; o mal que produz nessa direção é imenso. " Bem interpretado, o Espiritismo, como qualquer outra grande verdade emancipadora, é um iconoclasta, um revolucionário. Ele liberta os homens das velhas cadeias da doutrina, e fá-los o que devem ser, livres-pensadores, no extenso e bom sentido da palavra. No libertamento de suas cadeias, algumas inteligências indisciplinadas podem ser malignamente influenciadas, justamente como em boa revolução nacional o mal se pode manifestar trazendo à tona o refugo e tentando os especuladores e os demagogos com as oportunidades que não encontravam sob o despotismo. Assim, quando o escritor acima citado por último diz que o Espiritismo produz um mal imenso, todo o sentido da declaração está em sua analogia com a afirmação de que a Revolução Americana ou a Reforma Luterana fizeram o mesmo. Se o Espiritismo, neste sentido, tem feio mal, o bem que tem feito e ainda pode fazer há de preponderar.

Todo esse antagonismo míope é antifilosófico e injusto. O Espiritismo é uma síntese de fatos, e cada investigador desses fatos tem a liberdade de edificar sobre eles a construção que lhe agrade. A minha própria dedução é que, em conclusão, eles provam que os fenômenos naturais ou as existências são o vestuário ou a aparência visível de algum íntimo poder invisível; que, vendo uma mão material, cheia de vida, obedecendo à

vontade, criada no vácuo sem artifícios ou ilusão de espécie alguma, temos razão para inferir que há uma forma real e uma real inteligência íntima dirigindo o membro material; que a matéria empregada é transitória para a mão subjacente do Espírito; ou ainda que o Espírito, em seu poder sobre a matéria, pode independentemente apresentar um simulacro de mão mortal, fazendo dela o indicativo de uma alma e de uma vida.

Em uma comunicação feita à Sociedade Real (1879), William Crookes apresentou um sumário completo das provas evidentes da existência de um quarto estado da matéria. Em conclusão, diz ele:

Aquilo a que chamamos matéria nada mais é que o efeito produzido sobre os nossos sentidos pelos movimentos das moléculas. O espaço coberto pelos movimentos das moléculas não tem mais razão para ser chamada a matéria do que o ar atravessado por uma bala de fuzil para ser chamado chumbo. Sob esse ponto de vista, então, a matéria não é mais que um modo de movimento; no zero absoluto da temperatura, o movimento intermolecular se deterá, e, apesar da persistência de algumas coisas que conserva nela as propriedades da inércia e do peso, a matéria, como nós a conhecemos, cessará de existir.(*)

(*) Camille Flammarion, o eminente astrônomo francês, escreve (1880): "Foi pelo estudo do Espiritismo que o Sr Crookes foi guiado para suas magníficas descobertas."

Essas considerações nos conduzem a uma mais justa compreensão do fato de ser para a potência espiritual a matéria alguma coisa diferente daquilo que é para as nossas limitadas faculdades terrenas.

Algumas pessoas, que admitem os fenômenos em discussão, se mostram dispostas a identificá-los totalmente como resultantes da ação dos Espíritos maus. Os doutores católicos generalizam isso, só fazendo exceção quando as manifestações favorecem as suas vistas religiosas. O Cristo foi mais liberal.

Que ele cria intensamente na ação dos Espíritos é manifesto, pois disse: Simão, Simão, Satã desejou apossar-se de ti para peneirar-te, como se faz ao trigo; mas eu pedi para que a tua fé não desfalecesse. Ainda: Afasta-te de mim, Satã. De novo: E esta há vossa hora e a do poder das trevas. E assim Paulo: Não é com a carne e o sangue que temos de lutar, mas com a soberania e os poderes dos chefes das trevas deste mundo e com os maus Espíritos do outro.

Que o Cristo e seus Apóstolos, porém, também criam na força sustentadora dos bons Espíritos, isso se infere em muitas passagens. A Nataniel ele diz: Verás coisas ainda maiores que estas. No futuro vereis os céus se abrirem, e os anjos de Deus subirem e descerem sobre o Filho do homem. Recordai também a passagem onde diz das crianças: Não desprezeis um só destes pequenos, porque eu vos digo que, no céu, seus anjos (Espíritos guias) estão sempre presentes diante de meu Pai. Quando ele se transfigurou sobre o monte, Moisés e Elias apareceram junto dele. No jardim, um anjo (Espírito) estava junto dele e o servia. Assim, torna-se patente que os sacerdotes sustentadores de que os Espíritos que se comunicam com os seculares devem ser maus, dificilmente provarão que a autoridade do Cristo está com eles.

O Rev. José Cook atraiu sobre si os ataques de alguns dos seus irmãos evangélicos, por ele e seus amigos terem a franqueza e a coragem de atestar certos fenômenos objetivos, que foram por eles testemunhados na minha biblioteca. Sobre esses fenômenos tiveram a liberdade de erguer a construção que lhes agradasse, de explicá-los como a ação de uma força psíquica por descobrir, dos Espíritos maus ou de coisa nenhuma. Ao Espiritismo, é bastante não ignorarem nem desfigurarem os fatos que ocorrem.

Ninguém negará que são justificados os temores do Senhor Cook (que aceita a infalibilidade da Bíblia), quanto aos maus

efeitos do Espiritismo, acautelando-se contra a nigromancia que ele encontrou no Velho Testamento. Penso que nós, espíritas, daríamos causa a sermos denunciados como nos servindo de meios proibidos, se não tivéssemos a honestidade e a coragem de atestar as ocorrências, mencionando o que pode chocar a muitos e cuja admissão pode fazer suspeitar de seus motivos. Não duvido que sejam essas as sugestões de um sincero e desinteressado investigador da verdade, não se detendo em pesar as conseqüências adversas e não hesitando em proclamar o que ele tem testemunhado. Não lhe censuraria o emprego da mesma coragem na interpretação dos fenômenos, que ele tem mostrado em seus atestados, mesmo que essa interpretação diferisse totalmente da minha.

Não haverá casos, na Igreja, diferindo apenas do Senhor Cook no fato de os recipientes da verdade terem-na conservado unicamente para si? Sim, há muitos. Estive presentes a algumas sessões com dois eminentes clérigos unitários, hoje falecidos, os Revs. Drs. Hall, de Dorchester, Massachusetts, e George Putman, de Roxbury, que para mim admitiram a realidade dos fenômenos, fora de toda possibilidade de embuste ou compadresco.

A senhorita Jennie Lord, hoje Senhora Webb, foi à médium, e, apesar de trabalhar-se no escuro, as evidências da força preter-humana, aí em ação, que podiam ser observadas nas trevas e na luz, foram conclusivas. A mão espiritual tangível, o tocar de instrumentos, a aproximação de um jarro cheio de água, aos lábios de diferentes assistentes, de modo a não cair uma só gota, o violento, repetido rufo de tambor sobre a mesa, e depois no solo, com inconcebível rapidez, sem tocar numa só das mãos colocadas sobre a mesa, tudo isso feito nas trevas e quando o médium estava seguro. Eram fenômenos capazes de impressionar os mais apáticos em relação ao preter-humano. Ambos esses reverendos doutores, admitindo a veracidade do

que transpirava, excusaram-se de dizer qualquer coisa a seu respeito, publicamente, pelo motivo de poder isso envolvê-los em alguma controvérsia; por ser o assunto muito elevado, para eles, na sua idade, para dele tratarem convenientemente, e por não poderem dedicar à investigação mais tempo do que o que lhes sobrava do empregado no desempenho dos seus deveres paroquiais, etc. Eram dois homens nobres e sinceros, e, se fossem tão jovens e audazes como o Senhor Cook, sem dúvida não permitiriam que os fenômenos ficassem estéreis.

Conduzi também o assaz conhecido autor e publicista de Edimburgo, o falecido Roberto Chambers, então na América, para testemunhar as manifestações que se dão em presença da Srta. Lord. Ele fora sempre um espírita e não trepidou em reconhecê-las como as mais convincentes que havia recebido. Suas vistas e argumentos a respeito dos fenômenos foram claramente expressos na introdução ao segundo volume da “Vida de D. D. Home”, o célebre médium.

Subseqüentemente testemunhei o fenômeno obtido por intermédio da Srta. Lord por várias vezes, em minha própria biblioteca, estando só presentes minha família e um amigo. Aí não era concebível nenhuma espécie de trapaça. Sob condição de verificação e quando as mãos e os pés da médium estavam seguros, um grande violoncelo foi tomado de um canto da sala e tocado com vigor e maestria. Diversas melodias familiares, entre outras - “A Coroação” -, foram magistralmente executadas. Conheço absolutamente que aí se deu uma formação preter-humana (julgando a capacidade humana somente pelo que a Ciência admite). O Espírito executor tocou-nos primeiro a todos na cabeça com o arco do violoncelo. A mão espiritual, duas vezes maior que a da médium, provou a sua tangibilidade colocando-se repetidamente sobre as nossas cabeças; desmanchou os penteados de duas damas presentes e depois os

refez com todo o cuidado, e indicou por vários modos a Inteligência que a guiava; estando a médium sempre segura.

Se for precisa ainda outra testemunha da Igreja, além do Senhor Cook, enviarei o curioso ao estimável bispo da Igreja Episcopal de Rhode Island, o Senhor Clark. Para os entrevistadores, ele pode ser discreto, mas às pessoas de sua confiança narrará experiências muito mais transcendentes que as atestadas pelo Senhor Cook, experiências que, se forem aceitas, tornarão crível o reaparecimento do Cristo na sala, cujas portas estavam fechadas.

O bispo Clark prega abertamente a doutrina de São Paulo, de um corpo espiritual, rejeitando, assim, ou substituindo, a noção anticientífica de uma recomposição dos restos materiais. Suas vistas extremamente espíritas e suas convicções profundas são bem conhecidas de seus irmãos, e havia motivo então para uma convocação a fim de considerar-se sobre essa heresia: mas ele nunca foi citado à barra do tribunal do exame e eu julgo difícil que a indiscrição o tente. Na Inglaterra, não poucos clérigos da Igreja estabelecida são espíritas confessos. Se, porém, a elasticidade dessa Igreja acatar seu Bispo Colenso, ela guardará a simples crença numa vida contínua, justificada pelos fatos demonstrados do Espiritismo.

Um médium não profissional atesta que as seguintes palavras lhe vieram de um Espírito:

"O corpo espiritual é suprido pelos depósitos do pensamento humano, como o corpo material humano é sustentado pelo alimento. Dai a conclusão de os pensamentos e sentimentos do coração construírem o corpo espiritual, penetrarem-no, se transformarem nele. Previno-vos para não dardes guarida aos pensamentos maus. O corpo espiritual não se transforma tão facilmente como imaginais."

Edmundo Spencer, um dos poetas de mais inspiração e que nos disse que “tudo o que é bom, é belo e claro”, inculca

perfeitamente essa noção de um corpo espiritual tornado belo ou feio pelo caráter habitual dos nossos pensamentos. Ele diz

"Quanto mais pura for à essência espiritual, e em si mais contiver da luz que vem de Deus, para sua morada engendra um corpo mais formoso, mais belamente o veste de prazenteira graça e presta-lhe os encantos que a vista nos deleitam; porque é só da alma que o corpo toma a forma, a alma é quem fabrica a casa que ela habita."

CAPÍTULO IX

Distintos estados mentais

Os fatos já registrados mostram que a alma humana é constituídos de modo a poder manifestar estados de consciência diversos e inteiramente separados.

Exemplifiquei-os nos casos da Srta. Mowatt, Reynolds e outros. No caso da Srta. Mowatt, a consciência superior abrange a inferior; no da Srta. Reynolds, os dois estados são inteiramente distintos um do outro. A própria ciência médica admite o fenômeno dos estados distintos na catalepsia e outras enfermidades, de modo a ficar bem firmada a questão da sua realidade. Realmente o fenômeno do sono natural confirma isso.

Como, porém, o ponto de vista em que me coloco cria vistas novas ainda não admitidas pela Filosofia, a respeito da natureza

da consciência, uma explanação mais desenvolvida se torna necessária antes de apresentar a minha dedução que, em resumo, é a seguinte: - Um fato análogo ao dos distintos estados mentais, afetando a comunicação dos Espíritos, pode ser perfeitamente exibido para explicarem muitas das omissões, contradições e disparates da parte dos supostos Espíritos, que assim mistificam e desconcertam os investigadores.

Esses fenômenos mentais e mudanças se dão com completa ausência da consciência, e podemos mesmo pensar que essa parece ser hoje a doutrina geralmente ensinada e aceita. Meu intuito é mostrar que essa doutrina deve ser abandonada como duvidosa, que algum grau de consciência afeta sempre as operações mentais, mesmas as que se dão durante o sono; que não existe o fenômeno da "inconsciência cerebral", mas que toda a inteligência envolve o exercício de uma discriminação consciente, mais ou menos ativa.

Pela lei ou máxima da parcimônia, não devemos multiplicar as substâncias ou entidades desnecessariamente; e a minha última conclusão, a respeito, é que a teoria teosófica de uma divisão do Espírito, pela qual um rosto ou uma mão de sombra, independentes do Espírito, se podem manifestar aos mortais, apresentando seus defeitos característicos, é totalmente supérflua, desde que a doutrina dos estados distintos, aplicados aos Espíritos como aos mortais, dá do fato uma explicação suficiente.

A asserção de Locke de não ser o "eu" determinado pela identidade da consciência, exige verificação. Hartmann, de Berlim, o pessimista cuja "Filosofia do Inconsciente" tem tido maior circulação que qualquer outra obra alemã de filosofia moderna, empreendeu tratar dessa matéria sem nada deixar a desejar, e parece concordar com Locke; pois ele afirma que a crença em uma dupla consciência, no indivíduo humano, equivale à crença em uma dupla personalidade. O resultado da

filosofia indutiva de Hartmann, baseada mais sobre fatos fisiológicos do que sobre abstrações metafísicas, é que o Supremo Poder do Universo tem inteligência e vontade, mas é destituído de consciência e, portanto, não merecedor de adoração; por isso parece que, se for provado que a consciência é meramente equivalente à inteligência ativa, todos os excelentes argumentos científicos de Hartmann, provando a ação da alma e seu propósito em toda a Natureza animada, vem prestar serviço ao teísmo, e o seu ateísmo ou panteísmo, como quer que lhe chamem, fica anulado. Deixo por ora de parte a notícia do que ele diz do Espiritismo, cujos fatos admite sob testemunhos.

O "ego" não é um produto da memória. mas esta é um produto daquele. Os que acreditam em uma dupla ou, mesmo, em uma múltipla consciência, não devem crer na constante incomunicabilidade dos diferences estados.

Pelo contrário, todos os fatos tendem a provar que há uma suprema consciência, mesmo no complexo humano, que abrange e liga tudo o que é subordinado, reduzindo assim a multiplicidade à unidade.

Se a inconsciência é a suspensão de todas as sensações e operações mentais, a consciência deve ser a nossa atividade mental em algum dos seus modos. A consciência não é uma faculdade distinta, em um momento ativa e no seguinte sem ação; ela é a inteligência ativa e conhecedora das formas da sua atividade em todos os seus múltiplos estados, quer dormindo, quer velando.

Damos corda em um relógio e no momento seguinte não nos lembramos mais que o fizemos. Dizemos que lhe demos corda automaticamente. O nosso esquecimento, porém, do fato da consciência não prova que ele não tenha existido, apesar de ter sido transitório. Nos casos de ausência da memória, semelhantes ao do professor alemão, que, indo uma tarde à sua própria casa e

tendo alguém lhe dito que o professor não estava, foi dar uma volta, esquecido de ser ele mesmo o professor, a consciência de si mesmo é simplesmente distraída do seu trabalho por uma outra dirigida a pensamentos estranhos.

Quando divagamos, imersos em algum pensamento, duas consciências independentes aí se acham em ação, uma regulando os nossos movimentos corporais e a outra se ocupando com o nosso pensamento. O fato de soldados em marcha ou de pessoas que estão jogando terem adormecido quando operavam, corrobora a nossa dedução; uma certa consciência pode acompanhar-lhes os atos, mesmo em sono.

Um homem de poder ordinário sobre si mesmo não deixa de despertar no momento certo, quando precisa estar acordado ou levantarem-se três ou quatro horas mais cedo do que costuma. A mãe ansiosa desperta ao menor movimento do filhinho enfermo. Que consciência, porém, é essa que produz a vigília em tais casos? Uma pessoa aturdida porá seu chapéu, irá para casa, despir-se-á e irá deitar-se sem pensar no que está fazendo, parecendo que a consciência está aniquilada. Havia, contudo, uma consciência obscura regulando-lhe os movimentos. Esta é a melhor explicação.

Contam o caso de um lenhador que, no meio do ditado de uma frase, foi lançado ao chão por um golpe que lhe deu na cabeça uma árvore ao cair, ficando insensível. Permaneceu por alguns meses em estado semicomatoso e, afinal, foi operado por causa disso. Logo que o fragmento de osso foi retirado, ele terminou a frase começada alguns meses antes. Comparai isso com o fato análogo que relatei no caso da Senhora Mowatt.

Tem-se visto que os epilépticos terminam, em um novo paroxismo do seu mal, uma frase começada em outro ataque sucedido dias ou semanas antes. E relatado relata que um carregador de Edimburgo conduziu, em estado de embriaguez, um fardo a uma casa diversa daquela para onde devia levá-lo;

voltado ao estado normal, ele não conservava a menor lembrança do ponto errado a que fora ter; mas, embriagando-se de novo, foi direito buscar o fardo.

Fatos como esses mostram que o encadeamento dos pensamentos, feito em um estado de consciência, pode ser interrompido pelo acesso de um outro estado, mas reatado quando o primeiro estado volta. Esse fenômeno é hoje admitido por qualquer cultivador experimentado do sonambulismo. Como já disse, a ciência médica aceita-o como comum na catalepsia.

Podíamos indefinidamente multiplicar as citações de fatos semelhantes. Maudsley, cuja autoridade deve ser bem aceita pelos materialistas, relata o caso de um criado que tinha apanhado na cabeça um coice da sua égua, chamada Dolly, ficando desacordado . Quando, depois de três horas, foi removida a porção de osso que comprimia o cérebro, o paciente bradou com grande energia: “Oh! Dolly!”. Palavras que pareciam haver sido conservadas por algum fonógrafo para serem repetidas no momento de ser removida a obstrução . Esse incidente é citado como prova de que, por uma pressão sobre o cérebro, podemos deter um pensamento ou uma volição. Isso pode ser verdadeiro, mas não prova que a memória fique vazia de sentimento ou que todos os graus de consciência estejam suspensos. Um estado mental foi substituído por outro menos demonstrativo. Eis tudo.

Algumas pessoas têm vivido anos, diz o Dr. William Gregory, de Edimburgo, nessa alternativa de duas consciências, em uma das quais esqueciam tudo o que tinham feito na outra. O próprio Huxley admite o fato implícito. Na Memória por ele apresentada à Associação Britânica, em Belfast, a 25 de Agosto de 1874, descreve um caso no qual duas vidas separadas, uma normal e outra anormal, pareciam ser alternadamente vividas pelo mesmo indivíduo.

"Quanto mais examinamos o mecanismo do pensamento, diz o Dr. O. W. Holmes, mais vemos que a ação automática e inconsciente da alma entra largamente em todo o processo... Todos temos um duplo, que é mais sábio e melhor do que nós e que nos lança pensamentos na cabeça e palavras na boca."

Com pequena modificação, essa é a boa doutrina espiritual, desde que ha indubitavelmente faculdades espirituais dentro de nós que transcendem as do nosso estado normal, como prova a clarividência; poderá, porém, o nosso mais sábio e melhor duplo ser destituído de consciência?

Ao contrário, ela existe e é superior. Negar o atributo da consciência ao Ser Supremo não será diminuir-lhe o caráter? Hartmann dá a seu Deus a inteligência e a vontade, mas nega-lhe a consciência; e é esse defeito, como o filósofo diz, que torna a divindade indigna de adoração.

O falecido Professor Clifford, da Inglaterra, que, se não houvesse morrido jovem, teria provavelmente desenvolvido a sua disparatada teoria, por ele chamada o material mental, tendia a explicar a vida e o entendimento pelos princípios materialistas e saduceus. Não pensou ele que, aniquilando o que os materialistas extremados entendem por matéria, por sua identificação, mesmo em tão limitado grau, com a mentalidade, abandonava todos os seus argumentos ateístas e se tornava idealista.

Muito mais racional e consistente é a teoria do Dr. Heinrich Tiedemann (1877), que pretende que a matéria original, imperceptível aos sentidos, que constitui o Universo inteiro, deve ter sido heterogênea e não homogênea, como quer Herbert Spencer; que essa matéria heterogênea deve ter sido composta de elementos físicos, de modo que tudo o que vemos, minerais, plantas, animais e homem, tenham origem na ação mútua das qualidade dessa matéria heterogênea. Tiedemann diz que o materialismo, declarando que a matéria deve ser perceptível aos

sentidos, ou que as coisas que não podem ser reconhecidas e investigadas, pelos nossos limitados órgãos sensitivos e seus auxiliares, não têm existência ou são meros fenômenos transitórios, partiu de falsas premissas e só chegou a deduções também errôneas. Diz ele:

"Tudo o que percebemos, procede de alguma coisa que existia antes; e o mesmo se deve ter dado em todos os tempos e lugares. Átomos, moléculas e mônadas, por conseqüência, são concepções que devem ter-se originado de alguma coisa existente antes, não mais limitada no eterno passado do que no eterno futuro. Com a adoção, porém, dos átomos, moléculas ou mônadas limitaremos a nossa dedução ao indefinido passado, e, desde que chegamos a esse ponto, seremos impelidos a fazê-los assumir no passado umas condições estacionárias, dando assim a cada coisa um começo e, portanto, a necessidade de ser criada por quem, quando, como e de quê?"

Parece assim que Tiedemann fornece motivos para que o teísmo se torne inevitável. De um materialista sincero, ele, pela livre investigação, tornou-se um sincero espírita; sustenta ser impossível que os átomos, etc. se tenham originado de alguma coisa existente antes. em um estado inativo no eterno passado; que tal estado de inação teria a imobilidade da morte, que não se prova ter existido em qualquer tempo, em qualquer ponto do Universo. Se o movimento houvesse tido um começo, aquilo que se move, devia, antes disso, estar imóvel, o que é simplesmente impossível.

A doutrina monística, que ensina que somente uma matéria física constitui o Universo, é habilmente combatida por Tiedemann . Ninguém, diz ele, negará que a essência fisiológica e a matéria predominam nas plantas, ao passo que nos animais e no homem existe umas essências psíquicas, que deve necessariamente ser combinada com a matéria psíquica e manifestar-se por fenômenos correspondentes. Uma força

psíquica, diz ele, sem uma matéria psíquica é o fantasma de uma falsa especulação. Daí um lugar para o material da alma na sua trindade de graus da matéria precisa ter seu lugar (22). Do fenômeno de materialização, diz ele:

(22) O Dr. E. D. Babbit, em sua importante obra intitulada Principies oi Light and Color (1878), afirma a existência da matéria radiante ou ultragasosa, depois demonstrada por Crookes.

"Parece que os Espíritos mais altamente desenvolvidos possuem a faculdade de moldar os elementos onipresentes fisiológicos e físicos produzindo os objetos que conheceram durante a sua vida terrena, o que é geralmente chamado materialização, termo designativo que parece errôneo, pois faz supor que os elementos imateriais estão encerrados dentro das formas materiais, coisa que não se dá, em parte alguma da Natureza, nem mesmo no mundo espiritual, que não pode estender-se além dos limites da Natureza infinita".

Do mesmo modo, alguns indivíduos espirituais, habitantes do Universo, têm o poder de usar os elementos que os cercam, que eles parecem parcialmente extrair de um médium, com o fim de apresentar-se em condições de se tornarem visíveis e, mesmo, tangíveis a certas pessoas favoravelmente organizadas, adotando ainda a forma corporal, em que podem por elas serem reconhecidos.

Uma vez que toda atividade mental, todo pensamento implica a existência da consciência em alguma de suas formas ou graus, o fato de em certo tempo não sermos conscientes de o havermos sido, em um tempo anterior, não prova que a consciência não existisse então. Conhecer e ter consciência de conhecer, são uma e a mesma coisa. A consciência não está incluída em um ato especial de atenção ou discriminação. Eu posso ter consciência de saber que o todo é maior que à parte, mesmo quando não atenda a fato algum. Realmente essa subconsciência pode influir em muitos dos nossos atos. O pensamento que nos leva subitamente a uma conclusão ou

resolve um problema sem esforço aparente, pode não ser mais que o produto da alma consciente em um dos seus estados distintos. A mente pode operar em certo estado com velocidade inconcebível para uma mente em um estado inferior. O fenômeno mental que se manifesta no indivíduo asfixiado, por submersão, confirma isso. Vede a carta dirigida pelo Almirante Beaufort ao Doutor W. H. Wollaston, originalmente publicada na “Vida de Sir John Barroca”, na qual se lê a seguinte observação:

"Isto prova que o Espírito do homem conserva sua completa atividade, quando livre das cadeias da carne, quando todas as funções do corpo se acham privadas do poder animal e o espírito se torna alguma coisa semelhante ao tipo ou sombra em que aprendermos a crer, quando estudamos a imortalidade da alma."

O Almirante Beaufort, quando jovem, caiu de uma canoa ao mar, e, não sabendo nadar, submergiu, e, antes de ser socorrido, ficou nesse estado por pouco menos de dois minutos. Narra ele:

"Os sentidos estavam amortecidos, mas a memória não; a atividade parecia ter-se avigorado em uma proporção que desafia a descrição, pois os pensamentos vinham com tal rapidez de sucessão, que não só é indescritível, mas provavelmente inconcebível para qualquer outro que não se achasse, como eu, naquela situação... Relembrando o passado, todos os incidentes da minha vida pareciam deslizar-se pela minha memória em sucessão retrógrada, não como um mero esboço para fixá-los, mas como um quadro completo, com todas as particularidades e figuras colaterais. Aí se apresentaram muitos acontecimentos insignificantes, havia muito tempo esquecido... As inúmeras idéias que me acudiam à mente, eram todas retrospectivas... Nem um simples pensamento devassava o futuro."

A memória não é somente uma unidade, mas uma múltipla unidade que em sua evolução histórica vai cada vez se tornando mais múltipla. Ela possui capacidades acima de todas aquelas

que podemos imaginar, como vindas do mero exercício dos sentidos conhecidos.

Seus poderes supersensoriais e seus atos têm sido amplamente demonstrados nos fatos do Espiritismo.

O Senhor G. H. Lewes diz que, sendo o pensamento uma seriação, implicando tempo, a noção da última unidade e simplicidade não pode ser aplicada ao Pensamento Principal. Essa asserção, porém, não tem valor científico à vista de certos fenômenos mentais assaz conhecidos. No homem que se está afogando e prestes a morrer, a mente, já o vimos, obra com miraculosa celeridade. O tempo é aniquilado e a seriação invalidada. Realmente a clarividência prova isso, que tem também sua prova espiritual e objetiva na produção instantânea de longas mensagens, escritas independentemente de qualquer agência humana. Os acontecimentos de uma vida podem ser apresentados à consciência como um relâmpago. Só poderei comparar esse efeito ao dos processos fotográficos, pelo qual todos os detalhes minuciosos de uma vasta pintura podem ser contidos em certo ponto de modo a só poder ser visto com o microscópio.

O freqüente absurdo dos nossos pensamentos nos sonhos não é uma prova de inconsciência. Isso mostra simplesmente que, enquanto a faculdade de raciocinar está inerte, a consciência pode aceitar o fantástico ou o inverossímil em vez do real. Nem o profundo sono, do qual não nos resta recordação alguma ao despertarmos, nos fornece uma prova de insensibilidade mental. Quando o nosso sono é pesado, a alma pode estar mais ativa. Abercrombie relata que, no caso das pessoas que conversam em sono e assim indicam o assunto de seus sonhos, constantemente sucede que, quando interrogadas na manhã seguinte acerca dos seus sonhos, negam haver sonhado; e ainda. que a matéria de sua conversa em sonhos lhes seja relatada, elas não se recordam. Se a consciência é a atividade

mental, como se poderá provar a inconsciência exterior? Os sinais externos não podem no caso concorrer para a solução do mistério.

O Rev. Senhor Tennant permaneceu em estado de aparente insensibilidade por umas trinta horas, mas tinha a consciência do que se passava ao redor de si e bem assim de certas experiências espirituais, a que o haviam submetido.

Os fatos do idiotismos são freqüentemente citados pelos materialistas como fortificando a sua teoria; mas a ciência mais avançada não lhes dá apoio. O Doutor Bateman, médico consultante do Asilo Oriental de Idiotas, em Inglaterra, achou em suas experiências que os resultados da instrução dos idiotas fornecem uma demonstração eficaz da teoria dualística da matéria e da alma. O pensamento não é simples função do protoplasma cerebral. Os variados fenômenos da Natureza são alguma coisa mais que meras transformações moleculares da matéria.

Isso está provado nos fatos aduzidos por Hartmann. A volição e a consciência procedem de algum elemento fora dos centros nervosos e dos movimentos puramente físicos. As faculdades intelectuais e morais não estão ausentes do idiota.

Há uma consciência espiritual independente que se revela, às vezes, subitamente. Célebre autoridade alemã, o Senhor Seager, de Berlim, afirmou que em seu estabelecimento havia casos indubitáveis de pessoas idiotas, das quais as cabeças eram pequenas e mal conformadas, mas nas quais foram os resultados da educação tão completos, que os pacientes afinal voltaram para o mundo sem mais nenhum indício de idiotismo. Ainda mais, diz que, em um dos casos, um jovem recebeu a cerimônia da confirmação, sem que o sacerdote suspeitasse haver ele sido curado de idiotismo. O Doutor Bateman diz:

"Indubitavelmente o idiota da mais baixa classe tem o gérmen da atividade intelectual e da responsabilidade moral; e

esse gérmen acariciado e sustentado pelo genial aquecimento da benevolência humano, guardado e protegido contra o sopro e os choques do mundo pelas muralhas da verdadeira filantropia, banhado pelo rocio da simpatia humana, ainda que apenas tenha a possibilidade de brotar aí, é destinado a expandir-se no futuro em perfeita flor e a florescer perenemente em outro mais elevado estado do ser."

Agassiz, confirmando as vistas do Doutor Brown-Séquard, diz:

"Há duas séries, ou, antes, uma série dupla de faculdades mentais no organismo humano, essencialmente diferentes uma da outra. Uma pode ser designada como a nossa ordinária inteligência consciente, a outra como faculdade superior, guiados da nossa melhor natureza;...agindo por nosso intermédio sem ação consciente da nossa parte."

As faculdades superiores, a que Agassiz se refere, pode ser simplesmente um estado mental distinto, ou uma alta consciência espiritual. No suplemento aos “Fatos do Mesmerismo”, de Chauncey Hare Townshend (Londres 1844), se encontrará uma carta de Agassiz dando notícia do modo pelo qual ficou convencido do mesmerismo em Neufchâtel, a 22 de Fevereiro de 1839.

J. Balfour Brown, na sua “Jurisprudência Médica”, diz:

"Nos casos de puro sonambulismo, a consciência vigilante do indivíduo nada conhece da consciência adormecida. E' como se houvesse duas memórias."

Isso é real, mas cumpre acrescentar que a consciência adormecida pode incluir a vigilante.

Abercrombie relata o caso de um rapaz que foi operado em conseqüência de uma fratura no crânio, na idade de quatro anos, o qual esteve durante algum tempo em completo estupor, e, depois de restabelecido, não conservou a lembrança da operação. Na idade de quinze anos, durante o delírio de uma

febre, fez uma descrição correta da operação e das pessoas que a tinham assistido, citando os vestuários e outras particularidades. Nunca ouvira ele anteriormente nenhuma alusão a isso, e nenhum meio havia de tomar ele conhecimento dos fatos que mencionava.

Somente a teoria de um estado distinto mental pode aí ter aplicação. Será concebível que um menino de quatro anos, em estado de estupor, tenha tomado conhecimento do fato e das pessoas que o assistiram, a menos que não haja intervenção de uma consciência psíquica? Não nos legou Swedenborg alguma luz sobre essa questão? Ele escreveu:

"Tudo aquilo que o homem ouve, vê ou sente de qualquer modo, insinua-se, como idéias ou fins, em sua memória interior, sem ciência dele; e tudo aí se conserva, sem nada se perder, ainda que as mesmas coisas fiquem obliteradas em sua memória exterior. A memória interior, contudo, é tal que nela se acham inscrita a todos o fato particular e íntimo que em qualquer tempo pensou, falou e fez, e, mesmo, os que lhe apareceram como uma sombra, com as mais minuciosas circunstancia, desde a. sita primeira infância a sua extrema velhice."

Por inconcebível que isso pareça, está em harmonia com fatos inumeráveis. “As nossas intuições, diz J. Le Conte, estão na natureza dos sentidos espirituais, pelos quais obtemos diretamente conhecimentos que transcendem ao poder da nossa análise.” Swedenborg diz:

"Cada homem tem uma mente inferior ou exterior e uma mente superior ou interior... Essas duas mentes são tão distintas que o homem, enquanto vive no mundo, não conhece o que se elabora em si mesmo na mente superior, e quando se torna Espírito, o que se dá logo depois da morte, passa a desconhecer o que se elabora na mente inferior."

Maudsley diz que “a consciência não é coextensiva com a mente, que uma faculdade mental estava organizada antes da

supervenção da consciência, e que a ação pré-consciente da alma e a inconsciência são fatos de que a consciência mesma não pode dar explicação”. Como podemos, porém, conhecê-lo quando os fatos provam que somos totalmente ignorantes, em nosso estado normal, dos mais altos e mais baixos desenvolvimentos da consciência?

A essas operações mentais, que escapam à nossa consciência ordinária, Carpenter deu o nome pouco apropriado de “cerebração inconsciente. Outras frases usadas para designar o fenômeno são - “percepções obscuras - ação reflexa do cérebro - ação cerebral automática”.

Porém, não podemos pensar sem conhecê-lo, desde que o pensamento, sem um conhecimento dele, é meramente potencial. “Apagai a consciência de um ato intelectual, diz Paulo Janet, e dele não restará mais que vago conceito!”

Nos casos de loucura, porém, ou naqueles em que um sensitivo é sonambulizado e parece estar sujeito à vontade do mesmerizador, não haverá ausência de consciência? Não é preciso identificar a consciência com a razão, para citarem-se tais casos como prova de completa ausência da primeira.

A legítima dedução dos fatos em questão é que há uma consciência psíquica e íntima, distinta da cerebral e exterior, e que entre as duas há graus distintos. Às vezes pode haver uma intromissão de pensamento de uma delas na outra, o que se dá comumente em indivíduos altamente sensitivos. Os pensamentos que nos vêm, não sabemos como nem donde, podem ter sido oriundos dos mais altos graus da consciência; não raro, talvez, dos mais baixos, porque a essência do sentimento, como a do pensamento, é a consciência. O “conhecimento intuitivo” de Jacob, a “intuição intelectual” de Schelling, o “poder secreto” de Agassiz e do Doutor Brown-Séquard, o “êxtase” de Plotinus e a “cerebração inconsciente” do Doutor Carpenter, não nos sugerem a completa verdade, porque o pensamento gerado no

estado assim diversamente designado não é o produto da passividade mental, mas o equivalente de uma consciência íntima e, ao mesmo tempo, superior.

A asserção de Schelling de existir uma capacidade de conhecer, acima ou abaixo da consciência, e mais alta que o entendimento, não é mais que um modo de dizer que existe uma consciência espiritual distinta, e isso julgo eu ser a verdade. Conformemente com isso é a teoria de haver Espíritos que, como diz Shakespeare, influem sobre os pensamentos dos mortais e, talvez, forneçam a maior parte daquilo que supomos puramente nossos. Na mais alta, profunda e íntima consciência podemos ter conhecimento da nossa existência espiritual e do seu meio. Desde então, todos os últimos fatos absolutamente simples, o são de consciência, e esta é a base lógica de todos os conhecimentos, sem a qual não podemos pensar.

A palavra alemã equivalente de "consciência" é Bewusstsein (ser consciente), e parece envolver a identidade do sujeito e da inteligência e compreender o grande fato dos distintos estados mentais.

Lessing, pensador sincero e independente, fez a seguinte observação: "Faz parte dos prejuízos humanos o olharmos o pensamento como a primeira e principal coisa e buscarmos tudo deduzir dele; porquanto, na realidade, todas as idéias nele compreendidas dependem de princípios mais altos." Tudo pode ser reduzido ao seguinte: O pensamento e a consciência devem ter um motivo divino, do qual o pensamento, como se manifesta no homem, é uma força inferior. Isso pode ser realmente admitido em resposta à asserção: "Nada é maior que o pensamento", dizendo-se: "Exceto a própria mente." Nossas faculdades psíquicas interiores, compreendendo a clarividência, podem transcender a do intelecto externo, especulativo.

O fato dos mais íntimos estados, nos quais o homem íntimo está e pensa, antes que a consciência normal o perceba como

existindo e pensando nele, é perfeitamente admitido por J. H. Fichte e por Schelling. Eles, porém, não parecem considerar esses íntimos estados, em vez de serem passivos, como sendo estados da consciência. Assim, no caso das “intuições” ou resultados da “cerebração inconsciente”, a nossa consciência, segundo esses filósofos, percebe um defeito dentro de si mesma, uma negação da sua própria atividade individual. Essa negação, porém, é fundada em uma ilusão e perde a sua força quando admitimos o grande fato dos graus distintos.

O Doutor Carpenter diz: As mudanças mentais, de cujos resultados subseqüentemente nos tornamos conscientes, podem ficar abaixo do plano da consciência, seja durante um sono profundo, seja enquanto a atenção é plenamente ocupada por algum pensamento inteiramente diferente. Esse é um ponto de vista seguro, geralmente aceito. A consciência, porém, não é uma simples superfície plana; ela tem suas elevações e depressões, seus claros e escuros, em resumo, seus estados distintos. Por um lado o seu horizonte é extenso, por outro restrito. Se há mudanças mentais no sono, também nele há consciência, apesar de não nos lembrarmos quando acordamos. Se, enquanto a nossa atenção é ocupada por uma certa ordem de pensamentos, nos vierem outros pensamentos, eles podem pertencer à consciência, cuja verdadeira essência é o pensamento. Podem coexistir duas consciências? Porque não? O não sermos cônscios de uma consciência não é prova de que ela não possa existir e ser ativa.

Todos os graus de consciência podem, como as três cores fundamentais, vermelha, amarela e azul, se fundir na unidade da luz branca e, assim, deve haver, e a minha própria experiência em sonambulismo o afirma, uma suprema consciência, na qual todas as outras podem ser contidas.

Não poderão essas analogias dos distintos estados da alma aplicar-se aos Espíritos na sua tentativa de manifestarem-se aos

mortais? Nessa tentativa o Espírito pode não estar no exercício da sua alta consciência espiritual, não ser mais completa que a apresentação da sua forma espiritual real na sua manifestação materializada. No último ato citado, seu objeto é exteriorizar uma forma com o fim de fazer-se reconhecido, e ele busca fazê-la semelhante à que tivera em algum dos períodos da sua vida terrena. A experiência pode mostrar uma descida de uma mais alta a uma mais baixa condição, limitada e obscura, e portanto é uma consciência modificada e parcial a que ele apresenta. Por isso, suas notícias da vida no mundo espiritual podem ser confusas ou contraditórias, e suas predições e respostas, apesar de bem pensadas, podem ser, muitas vezes, enganosas. Ele pode ser impotente para dizer ou fazer aquilo que desejou em um mais amplo estado de consciência. Não podemos ter como certo que um Espírito, submetendo-se a condições materiais, possa manifestar a mesma consciência que poderia manifestar em um estado superior.

As reticências, os enganos, as falhas de memória as excusas frívolas e os adiamentos a que esses Espíritos manifestantes recorrem, às vezes, mesmo no caso de bem identificadas materializações, podem ser explicadas por essa teoria de mudança ou limitação da consciência. Ela está em harmonia com os fenômenos mentais narrados neste capítulo. A forma espiritual materializada não incorpora adequadamente a consciência do Espírito, visto que essa forma lhe é tão estranha, como as moléculas que constituem o corpo de um menino são estranhas ao mesmo ser adulto.

Aquilo que os físicos e filósofos têm considerado como “operações inconscientes da alma” deve ser atribuído simplesmente a um distinto estado mental. A verdade fundamental está encerrada nas seguintes palavras de Job: “Existe um Espírito no homem, e a inspiração do Altíssimo o faz inteligente.”

A força aí tem o cunho do relativo. O Altíssimo dá a inteligência ao homem e ao espírito do homem. Porque essa distinção? Não haverá uma distinção entre a consciência cerebral ou normal e a que pertence à íntima natureza espiritual? Se há duas inteligências, deve haver duas consciências.

Edward Von Hartmann, autor da “Filosofia do Inconsciente”, achava-se enfermo enquanto duravam as experiências de Slade, em Berlim, e não pôde testemunhá-las; mas aceitou a descrição do ocorrido, feita por Zollner, e buscou reconciliar o fenômeno com a sua filosofia saduceana, que se resume no seguinte: Não há futuro para o homem, e seria melhor que o Cosmos nunca houvesse existido.

Nominalmente Hartmann é ateu, mas como ele defende a existência de uma Inteligência e uma vontade provadas nos processos da Natureza, seu sistema não é totalmente antagônico ao Teísmo. Ele conclui que há onipresente na Natureza uma Vontade e um Intelecto, obrando inconscientemente, em união inseparável uma com a outra, e pela qual agencia todos os fenômenos do Universo, inclusive os do Espiritismo, e que, assim, podem ser explicados.

Acrescenta que a consciência não é um estado fixo, mas um processo, uma perpétua transformação; que seus antecedentes são impenetráveis a ela mesma e somente então poderemos esperar resolver o problema indiretamente, o que ele tenta fazer. Começa distinguindo a consciência do conhecimento de si próprio, considerando a primeira como precedendo o segundo. Considera a Vontade e o Intelecto como pertencendo ao domínio do Inconsciente; um poder a se exercer sobre todas as funções inconscientes, humanas, animais e vegetais. E' o único Ser absoluto. Em outras palavras, é a essa união do Intelecto com a Vontade que podemos, se o quisermos, chamar Deus, a quem, contudo, Hartmann não concede as qualidades que o tornem credor da adoração.

Esse Poder inconsciente, imanente no Universo, tem sua manifestação fenomenal em uma multidão de indivíduos; e a consciência primeira emerge do organismo cerebral do homem, sendo, porém, toda a crença em sua imortalidade uma ilusão.

Hartmann não reclama o direito de originalidade para a sua tentativa de fazer da consciência um desdobramento do organismo. Já muito antes Schelling observara que não era o pensamento mesmo, mas a consciência deste, que dependia das modificações orgânicas. Assim, pela consciência cerebral, Hartmann nos conduz ao nosso estado normal; havendo uma outra consciência, demonstrada pela experiência, a qual é, em seu sistema, um mero desenvolvimento da atividade repartida do Inconsciente, e não pertence ao indivíduo.

A essência da consciência, diz ele (prepare-se o leitor para entrar em um terreno realmente obscuro), consiste no rompimento da união da Vontade com o Intelecto. Esse divórcio é efetuado, quando a mente é forçada a ter uma nova percepção, que não seja um propósito da sua própria volição e esteja em oposição à Vontade. E soleniza o nascimento da consciência com as seguintes palavras:

"A grande revolução está consumada; é o primeiro passa dado para a emancipação do mundo. A Idéia está libertada da Vontade e, no futuro, será apta, como potência independente, para opor-se à Vontade e sujeitá-la às suas próprias leis, depois de ter sido sua escrava. O espanto da Vontade ao contemplar essa revolta contra a sua autoridade, até então reconhecida, a sensação causada no seio do Inconsciente pelo aparecimento da Idéia, eis a consciência!"

Poucos leitores, é provável, colherão alguma luz para as suas noções sobre o assunto nessa afirmação, que, em todo caso, é bastante inteligível, ainda em falta de mais amplos detalhes.

Hartmann adota o método indutivo das ciências físicas, e declara que funda sua teoria em fatos observados, e, em toda a

parte onde ele se assenhoreia dos fatos de um assunto, suas especulações são freqüentemente sagazes. Em suas observações sobre o sonambulismo, porém, cujos ensinamentos sobre a consciência são de tanta importância, ele mostra que sua experiência é limitada e seu conhecimento parcial. Por isso abandona o sentido real do fenômeno. Os fatos por mim apresentados tendem a mostrar que a consciência é o acompanhamento necessário de toda inteligência, divina ou humana.

Como pode essa inteligência, segundo a teoria espírita, ser partilhada pelos Espíritos, apesar da sua inconsciência dessa influência?

"Todo o pensamento elevado, diz Goethe, que frutifica e tem uma seqüência, não é propriedade do homem, mas tem uma origem espiritual. Os homens mais altamente colocados estão sob a influência dos demônios (Espíritos). Tudo é influência, fazendo que não sejamos nós mesmos. A Poesia tem decididamente alguma coisa de demoníaco, principalmente a inconsciente, na qual o intelecto e a razão são suplantados, deixando que a influência estranha atue sobre todas as concepções."

Aí Goethe, corroborando Platão, tem indubitavelmente razão no que diz sobre a influência espiritual. Mas, quando diz que essa influência é inconscientemente recebida, omite uma importante condição; deveria dizer: inconscientemente à nossa apreensão normal e subordinada. O pensamento cairá em terreno completamente estéril, se não existir, para poder germinar, a consciência da sua receptividade, ainda que seja oculta.

E unicamente recorrendo às mais altas sutilezas metafísicas, que Hartmann pode apresentar a defesa de sua tese. O ponto fraco do seu sistema foi habilmente exposto por Kirchmann, que diz:

“A idéia de Hartmann, do inconsciente, encerra todos os característicos que dão a qualidade consciente ao conhecimento humano. A forma do conhecimento consciente depende das seguintes condições: 1) - Seu conteúdo é dado sob a forma de conhecimento; 2) - esse conhecimento conhece essa forma ou, em outros termos, ele, acima do seu conteúdo, se reconhece (é consciência de si mesmo); 3) - o conhecimento pode reunir numerosos elementos, um depois do outro, e coordená-los segundo as suas relações; 4) - o conhecimento, apesar da rica diversidade de seu conteúdo e as sucessivas aparências de suas idéias, como separadas no tempo, se prende sobre a idéia de si mesma como uma unidade”. Dessas determinações, próprias das formas do conhecimento, o Pensamento Inconsciente possui incontestavelmente a primeira, a segunda e, mesmo, a quarta, conforme o próprio ensino de Hartmann. O Pensamento Inconsciente, com efeito, possui a razão e manifesta-a também, porque junta as idéias particulares, uma à outra, pelo vínculo dos meios até o fim, e aí entra o terceiro atributo, ao passo que o quarto resulta suficientemente da unidade universal concedida ao Inconsciente.”

A essas afirmações Hartmann replica que “o Pensamento Inconsciente não reconhece separação entre a forma e o conteúdo do conhecimento, entre o sujeito e o objeto, no ato de pensar; que é justo que ali o sujeito e o objeto sejam intimamente idênticos ou, melhor, que nada absolutamente os distingue, desde que eles não se elevaram acima do seu estado de indiferença original.”

Essa simples teoria de que o conhecedor não sabe o que conhece, é claramente posta de parte, senão anulada, pela teoria contrária de que o conhecimento deixa de ser conhecimento quando não se tem consciência dele. Todos os amontoados dos meus fatos tendem a mostrar que a mente ativa é o equivalente da consciência.

A clarividência algumas vezes se manifesta em um estado de consciência ordinária. Schopenhauer atesta isso em seu próprio caso. Zschokke faz o mesmo. Freqüentemente vi o médium Charles H. Foster, no estado de consciência normal, ler o que se achava escrito num rolinho de papel.

Segundo Hartmann, a clarividência é simplesmente "uma manifestação finita da infinita previsão do Inconsciente, em que o vidente e o visível são idênticos". Vejamos o que encerra essa teoria no caso da clarividência consciente. O Inconsciente Infinito distingue o que é desejado pelo Finito Consciente, responde a esse desejo, habilita-o a escolher, no meio de uma dúzia de rolinhos de papel, o conveniente, e a ler o que nele se acha escrito, fazendo tudo isso cegamente e sem um propósito. Somente apagando a inteligência de todas as suas analogias humanas e fazendo-a alguma coisa distinta de toda a experiência humana, poderá tal teoria ser mantida. Haverá algum motivo razoável pelo qual a inteligência creditada ao Inconsciente não seja tão distintamente consciente, como os atos humanos de discernimento, discriminação e comunicação?

Hartmann é um "monista", isto é, um crente na Unidade de todas as coisas. Hackel, também monista, ridiculiza as manifestações de Slade e fala com desprezo de Hartmann, por ter crido que as experiências de 2811ner confirmavam o fato da escrita direta independente e outros fenômenos. E' de suas preconcepções que Hackel passa a julgar os fatos de experiência que ele se atreve a negar, e o mundo ainda o considera como um sectário do método experimental. Parece que, admitindo-se a sua teoria, um grande físico pode voltar às suas intuições, tão confiadamente como qualquer profeta.

Admitindo os fatos do Espiritismo, Hartmann não abandona a esperança de adaptá-lo ao seu sistema saduceu e pessimista. Suas objeções à teoria espiritual são expressas em uma carta ao meu amigo, Doutor G. Bloede, de Brooklin, Nova Iorque, um

dos mais inteligentes investigadores dos fenômenos supersensoriais. Hartmann escreveu:

1). Se os Espíritos são incapazes de agir sem o auxílio de um médium, se eles precisam da mediação da vontade inconsciente deste, nós nos contentaremos aceitando essa vontade inconsciente como causa.

2). Se presumirmos que os Espíritos sejam as pessoas falecidas, ficaremos sabendo que os homens possuem faculdades, de que não tinham consciência, enquanto viviam na Terra.

3). Se assim é, os homens também poderiam empregar essas faculdades inconscientemente.

4). O conteúdo das comunicações freqüentemente excede realmente a inteligência do médium, mas nunca a das pessoas presentes, e é, na avaliação, proporcional à destes."

Estudemos as objeções de Hartmann, em sua ordem.

1) - Alega ele que os Espíritos são incapazes de agir sem o auxílio de um médium; mas isso está muito longe de ser um fato admitido. O fenômeno das casas assombradas, as aparições vistas por pessoas não dotadas de mediunidades e quando não se acha presente médium algum, os fatos de apedrejamentos e transportes de mesas, sem auxílio mediúnico, nos mostram que os Espíritos têm ação independente.

Não é certo que o Espírito opere sempre por intermédio da vontade inconsciente do médium e aí as objeções de Hartmann são invalidades. Já mencionei exemplos em que a clarividência foi posta em uso por Foster e outros no estado de consciência normal. No caso da Senhora Andrews, de Moravia, Nova Iorque, onde se deram notáveis materializações, o médium não estava em transe, mas em plena consciência. Uma vontade pode ser passiva sem ser inconsciente. E pelos fatos citados parece que, mesmo quando o médium é aparentemente inconsciente (tanto quanto se pode julgar por nossos sentidos externos), ele

pode achar-se no exercício de uma consciência superior. Assim, os fatos mostram que a objeção de Hartmann, de precisarem os Espíritos da vontade inconsciente de um médium, tem por fundamento a sua ignorância do fato.

Em relação ao fenômeno da materialização, a teoria de poder um homem agir como Espírito, produzir um certo número de manifestações de formas e outros fenômenos, quando se acha ainda preso ao corpo terreno, justifica certamente a de poder fazê-lo, muito mais facilmente, quando estiver inteiramente separado do corpo. Então ele dominará esses mais elevados graus da matéria, provando, por fenômenos, a existência do quarto estado, ou matéria radiante, sobre a qual W. Crookes observa: "Esses fenômenos diferem tanto dos apresentados pelos gases em sua tensão ordinária, que nos achamos em presença de uma quarta condição da matéria, tão afastada do estado gasoso quanto este está do líquido."

As experiências de Crookes também provaram que a matéria adquire um aumento de energia, quando passa a um estado mais rarefeito e sublimado.

2) - A suposição de serem os manifestantes os Espíritos das pessoas falecidas, diz Hartmann, implica o reconhecimento de possuírem os homens faculdades de que eles não têm consciência durante a vida terrena. Esse é justamente o fato pelo qual luto eu. A objeção de Hartmann, apresentada como dilema, é por isso aceita como uma confirmação, quando reunida aos fatos suplementares dos estados distintos mentais da teoria espírita. Como explicaremos os fenômenos no caso de Laura Bridgman, cujo único meio de comunicação com o mundo da inteligência era pelo sentido do tato, se não for pela teoria da existência dos sentidos espirituais que, enquanto os físicos estão afastados, tornam possível o desenvolvimento mental que ela atingia?

3) - “Mas, objeta Hartmann, se assim fosse (isto é, se os homens possuíssem faculdades espirituais), os homens usam dessas faculdades inconscientemente”. Essa suposição é conforme com o que a teoria espírita ensina, de que certas altas faculdades espirituais, como a previsão e a adivinhação, podem ser, muitas vezes, exercidas pelo homem encarnado, sem que ele disso tenha a consciência no seu estado normal. Mostrei que no sono, no ato da asfixia por submersão e, muitas vezes, em outras condições anormais, se podem desenvolver faculdades de que não temos consciência no estado normal. Também demonstrei ser essa a crença de alguns sábios antigos, desde Pitágoras até Plutarco.

Schelling distingue “a natureza elementar” da Divindade da sua mais alta inteligência consciente; e realmente pode haver nisso uma grande verdade, se o homem é realmente feito à imagem de Deus. Se a ciência filosófica pode aproximar-se tanto dos limites do Teísmo, a ponto de admitir uma Divina Inteligência e Vontade, bastar-lhe-á dar mais um passo, e bem curto, em uma generalização mais ampla e mais alta, para admitir uma Divina Consciência.

4) - A quarta e última objeção de Hartmann é uma prova adicional da sua falta de conhecimento do fenômeno. Demonstrei que o discurso do médium em transe pode ser freqüentemente proporcionado à sua própria inteligência ou à das pessoas presentes. Mas há exemplos sem número, em que a inteligência mediunìmicamente manifestada é superior à do médium e à de todos os assistentes, e pode ser julgada como vinda unicamente de um Espírito independente.

O Doutor Bloede, que mostra a insuficiência dessa quarta objeção para suportar as conclusões que Hartmann pretende basear sobre ela, observa:

"A confusão desses filósofos alemães, que, apesar de reclamarem o privilégio de serem chamados investigadores

proeminentemente científicos e estarem constantemente construindo o mundo sobre os depósitos de suas extravagâncias metafísicas, é devida a sua quase total ignorância da massa esmagadora dos fatos espíritas, e ã sua aversão a observá-los, quando se lhes oferece ocasião."

Hartmann sustenta que a consciência não pertence à essência, mas somente à forma fenomenal ou manifestação do ser individual. Ao contrário, os fatos espirituais nos sugerem que a alma, consciente de um objeto, é a essência real do ser. Extingui toda a espécie de consciência, finita e infinita, e o Universo ficará sem sentido e sem objeto. Não pode haver conhecimento sem uma pessoa que conheça, e, nessa ordem, devemos ter consciência do que conhecemos. A verdadeira frase conhecimento inconsciente é logicamente indefensável.

Os fenômenos classificados sob a generalização de “consciência” têm desconcertado a penetração dos mais profundos pensadores. O assunto está ainda em questão entre os filósofos materialistas e os que acreditam existir no homem um elemento psíquico. O Espiritismo, em suas provas de um organismo espiritual e dos distintos estados mentais, derramou a luz sobre a questão que deve pôr a Filosofia do futuro de acordo com esses fatos inquestionáveis.

CAPÍTULO X

A realidade do mundo invisível

Indiscriminados oposicionistas têm tentado responsabilizar o Espiritismo por culpas que lhe não pertencem. Logicamente definido, ele é simplesmente a crença na natureza espiritual e na continuidade da vida do homem, bem assim no poder de os Espíritos livres se comunicarem, subjetiva ou objetivamente, com os indivíduos ainda presos a Terra.

A tentativa para identificar o Espiritismo com alguma outra doutrina, colateral e independente, venha ela dos Espíritos ou dos mortais, é a causa de muitos equívocos e injustiças. As várias opiniões que espíritas mal orientados podem conservar sobre assuntos religiosos, morais, sociais ou políticos, devem ser postas de lado pelo filósofo sincero, como estranhos à questão única Terá o Espiritismo uma base real constituída por fatos?

Como o próprio Sol que amadurece o fruto pode contribuir para a sua corrupção, o Espiritismo pode produzir efeito bom ou mau, segundo o estado do recipiente. Acusá-lo pelo demérito daqueles que o professam é uma injustiça tão grave como lançar a culpa das faltas morais sobre o código. As artes da impressão, da fotografia, da destilação, podem concorrer para a produção de diversos efeitos, bons ou maus. A arte da escrita torna possível o crime de falsificação. Obvias como são essas considerações, elas são repetidamente postas de lado pelos nossos antagonistas. O Espiritismo não cria o caráter, porque já o encontra criado. Como toda a verdade divina, ele auxilia o bom para torná-lo melhor.

Para o mal pode tornar-se um meio de fazer o mal. A tendência para incriminar o Espiritismo porque os imprudentes e os ignorantes podem adotá-lo, os que não pensam interpretá-lo mal e os incautos se deixarem iludir, é tão contrária à razão, como lançar o descrédito sobre a Religião, porque os intemperantes pregadores cristãos podem arrastar à loucura as pessoas sensitivas.

O clero, pode alguém pensar, aceitará os nossos fatos como fornecendo as mais convincentes provas objetivas da continuidade da nossa individualidade, depois do sepultamento do corpo. Alguns de seus membros, porém, apresentam objeções, que um pouco mais de reflexão poderia ter contido. O Rev. David Swing, de Chicago, diz “No moderno Espiritualismo a inteligência cai em transe e é eloqüente sem trabalho, sábia sem estudo, clarividente sem olhos, artista sem prática nem observação. Os médiuns se tornam geógrafos sem viajar, leitores dos extratos da Terra sem ter sondado um poço.” Por isso, ele sustenta que “o Espiritismo é um novo esforço para se saltar por cima das grandes leis mediatárias, segundo as quais o esforço individual, o saber e o trabalho devem ser empregados para a consecução de um objeto”.

Em resposta bastará dizer: Os fatos subsistem, apesar de os não aprovardes. Em vez de se dar ao incômodo de verificá-los experimentalmente, o crítico se conserva em seu gabinete e tira as objeções de suas próprias especulações preconcebidas. Assim Melancthon e outros grandes homens, em vez de se prepararem pelo estudo para dar uma opinião sobre o sistema de Copérnico, formularam objeções fúteis, filhas do seu limitado conhecimento nessa matéria. Perguntando alguém ao moço Bidder, como fazia certos cálculos maravilhosos, respondeu: “Eu não os faço; vejo-os. “Quando o filho do Bispo Lee, à distância de trezentas milhas, foi despertado pelo choque da queda de seu pai, não era ele um viajante sem viajar”? Quando o Capitão Yount, como narra o Rev. Horácio Bushnell, viu em sonho uma companhia de emigrantes em Carson-valley Pass, a cento e cinqüenta milhas de distância, perecendo sob a neve, e em sua simplicidade, acreditando no sonho, enviou um grupo de homens, salvando assim muitas vidas, não foi ele também “um viajante sem viajar”? Quando, como diz Richelieu, o preboste da cidade de Pithiviers, em França, enquanto jogava as cartas em sua casa,

repentinamente hesitou e, imerso em profundos pensamentos, disse solenemente aos presentes: “Acabam de assassinar o Rei” e o fato foi reconhecido real, pois que à mesma hora, 4 horas da tarde, Henrique IV era morto, não foi ele um “eloqüente sem trabalho, um sábio sem estudo, um clarividente sem olhos”? Quando Foster, Watkins e outros sensitivos me dizem o que se acha escrito em rolinhos de papel, sem tocá-los, qual é o órgão físico que empregam, pelo qual se pode explicar a evidência de tal poder?

Desde que as objeções do Senhor Swing são anuladas pelos fatos que constantemente se estão dando, não será mais acertado investigar os fenômenos experimentais do que perder tempo na construção de castelos de cartas em busca de imaginárias refutações? A rápida produção de mensagens manuscritas, em que as letras são colocadas como fazem os tipógrafos nos componedores, de modo a só poderem ser lidas sobre a sua imagem refletida num espelho, é um fenômeno mediúnico comum, apesar de o médium no seu estado normal ser inteiramente incapaz de executar tal escrita. Por analogia não nos mostra isso que ele é “um artista sem estudos”?

Há, porém, outra consideração que o Senhor Swing, expositor teólogo e bíblico, não examinou, quando objeta sobre o fato da inteligência anormal manifestada através de “mentes que caem em transe”, como o pode justificar-se de pregar todas as semanas textos que ele mesmo desacreditaria?

Leia ele a notícia sobre Balcão, “caindo em transe, mas conservando os olhos abertos”, e sendo obrigado a dizer o contrário do que desejava. Veja a Revelação de João. Leia os Atos (9° e 10°), e a notícia da sonambulização de Paulo (Atos XXII) e bem assim a sua II Epístola aos Coríntios, 12:2-4. A verdadeira teoria da autoridade da Bíblia está na afirmação de que as pessoas inspiradas, quando sob a influência, se tornam “eloqüentes sem trabalho”.

Estará o Senhor Swing preparado para lançar o descrédito sobre as narrativas da Bíblia ou buscará abrigar-se atrás da indolente e anticientífica asserção de que a inspiração só se deu nos tempos bíblicos, não sendo o homem de hoje sujeito a tal influência?

Quando um jovem sem preparo patenteia uma facilidade inexplicável na resolução de cálculos aritméticos, como Colburn e Bidder, ou uma admirável proficiência musical, como em pequeno Mozart, onde descobrirão as provas do estudo e do trabalho que os preparam para desenvolver tais faculdades? Mozart diz de suas idéias musicais: “Quando e como elas vêm, eu não sei nem posso forçá-las. Conservo na memória aquelas que me agradam.” Aí tem toda a aplicação a teoria de um distinto estado mental, em comunicação com alguma influência espiritual.

Meu amigo William White, de Londres, autor da mais liberal, independente e interessante “Vida de Swedenborg” até hoje publicada, com fatos que não se encontram em nenhuma outra biografia do grande vidente sueco, observa:

"Os nossos afetos, pensamentos e sonhos são manifestações espirituais; os nossos bons pensamentos nos vêm da presença dos companheiros celestiais e os maus são devidos aos nossos conhecidos do inferno. Todos e cada um de nós somos médiuns, e um discípulo de Swedenborg há de sustentar que as manifestações espirituais são coexistentes com a atividade humana. O que é especialmente novo no Espiritismo sobre o Swedenborgismo é a ação dos Espíritos, exterior ao médium, possibilidade que julgo houvesse Swedenborg ignorado."

Em um discurso pronunciado em Chicago, em 1878, o Rev. L. P. Mercer, swedenborgista, disse:

"E para admirar que a corrente da opinião se precipite para um materialismo que nega toda a vida futura; para um epicurismo que não cura do que se passa ao redor de si, e para

um Espiritualismo que procura afastar uns dos outros, sem nenhuma crença em Deus, sem nenhuma inspiração de justiça."

Realmente, possuo uma crença em Deus voluntária e não obrigatória, salvo no sentido de sofrer o divino constrangimento da razão universal, que nos compele a admitir que o todo é maior que à parte. A crença na imortalidade humana pode, todos nós o sabemos, ser sustentada independentemente de qualquer crença em Deus. Que ela possa assim ser mantida lógica e racionalmente, é uma questão totalmente distinta, em cuja discussão não pretendo entrar agora.

Ao pensador paciente, um teísmo que abrace tudo, pode parecer uma dedução tão justa das leis da Razão e do Espiritismo, como a deduzida da afirmação de ser Swedenborg um infalível e dever ser aceito, em todos os sentidos, tudo o que ele diz acerca de Deus.

O Espiritismo não nos diz: "Só há um Deus e o Espiritismo é seu profeta"; mas indica fatos, por cujo dedicado estudo chegaremos à augusta convicção da existência de um Espírito Supremo."

Agora, que é esse teísmo que o Senhor Mercer nos recomenda com a sua crença obrigatória em Deus, em lugar daquela que todos os fatos da Natureza universal, incalculavelmente corroborado pelas nossas provas da imortalidade, oferecem ao reverente e sincero perscrutador da verdade? O primeiro é um teísmo que nos obriga a crer que no ano de 1745, na cidade de Londres, achando-se um Emmanuel Swedenborg assentado em sua sala, dentro dos limites de sua casa, depois do jantar, o Senhor Deus, com a forma e os vestidos de um homem, veio ter com ele e disse-lhe: "Não comas tanto; eu sou Deus, o Senhor, o Criador e Redentor deste mundo."

O que pensam os espíritas, sobre essa extraordinária pretensão, é que Swedenborg, a quem amamos e respeitamos como grande e bom homem, sujeito às impressões mediúnicas,

esteve, naquele tempo, sob o poder de uma alucinação, parcialmente devida à sua gulodice, ou sob a influência psicológica de um Espírito que se faria passar pelo Jeová hebreu ou pelo Deus Infinito.

Um dos maiores benefícios, que o Espiritismo de hoje presta à Civilização, é a evidência que traz de que os Espíritos são tão falíveis como os mortais; que o melhor vidente pode misturar o erro com a verdade; que devemos estudar Espírito e médium, mesmo que eles prefaciem suas instruções com um: - "Deus o disse assim."

Os fatos estupendos que obtivemos não nos privam do trabalho de pensarmos nós mesmos; eles nos foram dados para ampliar a esfera dos nossos pensamentos, estimulando-nos com motivos imortais. Essas pessoas que lançam de lado a responsabilidade individual, as pesquisas e o trabalho, são sempre suscetíveis de serem iludidas pelas imposturas dos Espíritos que se comunicam, pelos ditados dos videntes de profissão e pelos oradores em transe.

Pode ser real, como diz o Senhor Mercer, que haja um Espiritismo que somente procure separar-nos do "materialismo denegados da vida futura"; ou que haja um Espiritismo que somente busque afastar-nos do "epicurismo descurados do que se passa ao redor de nós.

O desejo intuitivo da continuidade da vida depende em grande parte do temperamento.

Tenho um amigo, convencido do Espiritismo pelo estudo e pela experiência, que me disse:

- "Para mim, isso é indiferente; não desejo viver ainda, mas reconheço que tenho de fazê-lo."

Minha velha conhecida, Harriet Martineau, repudiando como um contra-senso toda a crença numa vida futura, disse, na última década da sua vida terrena: "Não vejo motivo particular, para Harriet Martineau sobreviver à morte." Meu amigo e

correspondente, o professor Francis W. Newman, de Inglaterra, não-espírita, mas devotado teísta, confessa que nele o desejo de ter uma outra vida é “muito fraco:”.

William Humboldt, David A. Strauss e outros expressaram os mesmos sentimentos. Assim também muitas pessoas, não pensadoras nem reverentes, podem crer no Espiritismo e não verificar ou buscar seu inefável sentido e seu conteúdo transcendente. Essa apatia ou mundana indiferença não deve ser creditada ao Espiritismo, mais que a cegueira moral ao Cristianismo.

Seremos nós menos devotados crentes em Deus do que os swedenborguistas, pelo fato de recusarmos qualquer diagrama, vindo de um vidente ou de um sacerdote ou de um filósofo, desse Ser impenetrável de quem disse São Dionísio: “E quando confessamos não conhecer Deus, que o conhecemos melhor.”?

Provando-nos a realidade de um imortal princípio espiritual no homem, o Espiritismo nos ajuda a nos elevarmos à sublime verificação da existência de um supremo Princípio Espiritual, acima e além de tudo o que pode parecer desordem no Universo; e do alto dessa crença principal descobriremos, através da atmosfera que nos envolve, um Espírito Infinito, transcendentalmente consciente, pessoal e suprapessoal, o qual resume tudo o que há de ordem, de vida, de inteligência e de beleza no Cosmos e na alma do homem.

O Rev. Senhor Swing disse aos seus ouvintes que “nosso Espiritismo é mais material de que o de Swedenborg, máxime atualmente, quando aceitamos uma troca de palavras e sentimentos entre os que viveram e os que ainda vivem”. É, porém, isso, precisamente, o que ensina Swedenborg. A Rainha da Suécia perguntou-lhe:

- E' certo que conversais com os mortos?

Ele respondeu:

- Sim.

- Pode essa ciência ser comunicada aos outros?

- Não.

- Então, que é ela?

- Um dom de Deus.

Um ser, mais elevado que Swedenborg, manifestou o mesmo dom. João, o Revelador, declara haver conversado com um anjo que, quando ele ajoelhou para adorá-lo, lhe disse: "Não faças isso, porque eu sou um servo como tu e teus irmãos, os profetas." (*) Nessa troca de palavras e sentimentos, o anjo deu distintamente a entender que é um ser ex-humano que está trocando palavras e sentimentos com outro ser ainda preso à carne. Poderíamos citar outras passagens bíblicas, que nos demonstram não serem os anjos mais que Espíritos humanos.

(*) Apocalipse, 19;10

Poderá o Senhor Swing, com o seu admirável poder de análise perspicaz, explicar-nos porque o que nos é expressamente ensinado no Novo Testamento e nos escritos de Swedenborg é menos material que o mesmo fato revelado nos fenômenos do Espiritismo? Rejeitará ele o testemunho de João, o Revelador, quanto ao aparecimento e a sua conversação com um ser espiritual ou anjo?

O Senhor Swing disse ainda, aos seus ouvintes, que as tentativas dos espíritas para apresentar fenômenos bastardos dão resultados cuja evidência eles não podem ainda perfeitamente asseverar, como, por exemplo, que "as vozes e formas e música não sejam todas de natureza e origem terrena".

Essa objeção é como se dissesse que a promulgação de leis contra a falsificação é uma prova de não crerem os legisladores na moeda verdadeira. A crença do investigador experimentado nos fatos legítimos não sofre o mais mínimo abalo que seja, com as fraudes patentes, mesmo que elas procedam de um médium bem conceituado. Os fenômenos por nós admitidos estão muito acima de todo o perigo originado pela fonte. Fatos como a

pneumatografia e a clarividência não dependem da honorabilidade de um médium, cuja reputação não pode afetá-los.

O Senhor Swing diz: “Deus conserva sempre fechada à porta àqueles que queiram regressar. Nenhum homem ainda conseguiu abri-la. “Nesse caso, que será da religião que se funda principalmente na tradição de haver Jesus voltado de entre os mortos? A Bíblia contradiz o Senhor Swing quase a cada página. Repelirá ele como místicas todas essas passagens? Isso não se dá com o moderno Espiritualismo.

“Pode alguém desejar, diz ele, que o Espiritismo, em sua mais alta forma, seja verdade.” Como, porém, não será verdade em todas as suas formas, altas e baixas, se o mundo espiritual é por este povoado, como ele ensina? Não prega que os pecadores se transformam logo em santos, nem os loucos em ajuizados.. Poderemos racionalmente deixar de esperar que a maioria daqui, sendo composta de loucos e pecadores, também forme a maioria do vestíbulo do mundo espiritual?

O Espiritismo, como os outros grandes fatos da Natureza, tem, as nossas curtas vistas, alguma coisa de obscuro, contraditório, enganador e, para usar da assustadora palavra do Senhor Swing, de “indecoroso”. E porque não? Ele apenas nos fornece os rudimentos do grande volume da Criação. Uma grande verdade, pelo menos, tem o moderno Espiritualismo arrancado do seio da reticente Natureza, é a de que os pressentimentos, isto é, as intuições e previsões dos santos, videntes, médiuns e crianças, de todos os tempos e raças, não se fundavam em ilusões, mas realmente mostravam com antecedência o fato verdadeiro e objetivo de que os nossos mortos continuam a viver e a se moverem.

Kant foi notável por seu poder intuicional, tanto quanto por sua faculdade de raciocinar. Era uma combinação rara. Já citei em outra parte um breve extrato de suas observações sobre a

probabilidade da existência de um mundo espiritual. Falei ainda mais, quando dei a citação de Zollner, traduzida por Massey, estabelecendo que a palavra imaterial, como Kant a usava, não queria dizer insubstancial; é evidente que lhe desagradava a hipotética noção cartesiana sobre o Espírito:

“Confesso que sou muito inclinado a aceitar a existência dos seres imateriais neste mundo e a classificar a minha alma na categoria desses seres”.

Podemos imaginar a possibilidade da existência de seres imateriais sem: o receio de sermos refutados e, ao mesmo tempo, sem a esperança de a podermos demonstrar pela razão. Esses seres espirituais poderão existir no Espaço, em pontos penetráveis pelos seres materiais, porque a presença daqueles indica um poder diretor no Espaço, mas não capaz de ocupar lugar, isto é, de causar firme resistência.

Portanto está demonstrado ou facilmente se provará, se entrarmos nessa questão, ou, melhor ainda, será provado no futuro, não posso dizer nem quando, que mesmo nesta vida a alma humana se acha em comunhão indissolúvel com todos os seres imateriais do mundo espiritual, que atua sobre eles e deles em troca recebe impressões, sem, por isso, ter consciência disso, enquanto tudo estiver na ordem normal.

Seria uma fortuna, se a constituição sistemática do mundo espiritual, que nós concebemos, não fosse mera dedução da assaz hipotética concepção geral da natureza espiritual; mas fosse, pelo menos, conjeturada como provável, por alguma observação real e geralmente aceita.

E' uma linguagem subida e digna de profunda consideração do leitor. Kant, entre os filósofos, está ao lado de Platão, Aristóteles e Leibnitz. Substancialmente, e isso há mais de um século, disse ele que o fato da comunhão da alma humana, mesmo nesta vida, com os seres do mundo espiritual, havia de

ser provado no futuro. Não estamos nesse futuro? Não chegou ele já? Os fatos aí estão justificando as suas predições.

Ele fez mais. Não satisfeito com “hipotética concepção geral da natureza espiritual” (dominava então a concepção cartesiana), ele declara que “seria uma ventura” que o fato da comunicação dos dois mundos, que claramente antevê, fosse deduzido ou, pelo menos, conjeturado como provável “por alguma observação real e geralmente aceita”. (Obras de Kant, vol. VII, pág. 32.)

Essa “observação”, que o grande intelecto de Kant via além como uma coisa desejável, é justamente aquilo que os investigadores, que hoje estão aplicando ao Espiritismo os métodos científicos, desejam conseguir; justamente aquilo que muitos dos parcialmente cientistas procuram abater e impedir que apareça, porque, se a antecipação de Kant for reconhecida verdadeira, como já o é para milhões de homens, ela dispersará as teorias do materialismo para os quatro ventos do céu.

Teria errado Kant, supondo que a verificação de uma, comunicação entre este e o mundo espiritual seria uma “fortuna”? Nunca o mostrou maior sagacidade do que nessa interpretação de tão momentoso desiderato. A vida presente adquirirá novo valor e interesse, quando os homens obtiverem não uma crença vacilante e discutível, mas uma convicção firme e indubitável, de que esta vida é um dos estádios de uma carreira sem fim, e que os nossos pensamentos e atos aqui certamente afetarão a nossa condição, a verdadeira forma e a expressão orgânica da nossa personalidade além. Deixemos que essa convicção se enraíze nas almas de todos, das primeiras às maiores idades, e que pelas leis da hereditariedade as gerações futuras possam desenvolver seus benéficos efeitos.

Que exemplo temos nós no caso de Shelley, poeta ilustre, da luta empenhada em sua natureza entre o elemento intuicional e as suas concepções herdadas da vida e seus fins! Seu pai e seu avô eram exaltados ateus, rejeitando toda a crença na Divindade

e na vida futura do homem. Shelley tinha o ateísmo no sangue, e isso se manifestava durante a sua carreira colegial. Contudo, em suas poesias e em algumas de suas cartas, ele, às vezes, renuncia as idéias incubas de saduceu, que professava, e reconhece a sua imortalidade tão clara como a luz meridiana. Em uma carta, hoje em poder do Senhor C. W. Frederickson, da cidade de Nova Iorque, dirigida por Shelley a seu sogro, Godwin, lêem-se estas palavras:

"Porque embelezamos os túmulos com grinaldas?... Certamente, se algum ponto da Terra é sagrado, deve ser aquele em que as aflições cessam, e do qual, se a voz intima de nossos corações não zomba de nós com eterna mentira, nós subiremos, num vôo infatigável, para uma vida sem penas e seráfica; aqueles a quem amamos, nos rodearão, e a nossa inteligência natural e universal, bem como a nossa atmosfera, serão o amor eterno" (23).

(23) Panfleto por Charles Sotheran intitulado: "Shelley on the immortality of the soul.

Uma outra vez, no golfo de Lerici, um pouco antes do temporal em que ele perdeu a vida, disse: “Um outro e mais amplo estado de ser e não a completa extinção do ser, deve seguir-se à misteriosa transformação, a que chamamos morte.” Seus poemas são ricos de passagens em que os conceitos saltam fora das raias da sua herdada descrença.

Na realidade, a poesia perde o seu caráter, no momento em que se torna saduceana. George Eliot (a Senhora Lewes-Crosso) procura esconder a sua triste descrença sob um jorro de falso entusiasmo, quando busca expor em poesia a sua concepção da nossa influência póstuma sobre o mundo, como sendo a única imortalidade real e desejável, A pobre, fraca e pequena concepção é tão artificiosamente disfarçada e traduzida em palavras empoladas, que o trecho é freqüentemente citado nas

coleções religiosas como exprimindo a idéia cristã acerca de um estado futuro. Ela canta, ou afeta cantar assim:

"Possa eu associar-me ao invisível coro dos mortos imortais, que vivem recordados nas mentes dos humanos, por eles melhoradas! Possa eu encontrar assim um céu mais puro, onde a presença grata de um bem, que se difunde, impere e cada vez aumente em difusão. Então me unirei ao invisível coro, que encanta e alegra o mundo com as suas harmonias."

O suficiente comentário do Senhor Burchell a respeito devia ser: “Parolice!”

Já mostrei que há pessoas, mesmo entre os espíritas, que são por temperamento indiferentes em relação à vida futura, e a quem a idéia do aniquilamento não é desagradável. As provas da imortalidade baseiam-se em alguma coisa menos flutuante que os desejos da raça humana. Os melhores homens podem estar sujeitos a disposições de ânimo, que os levem a desejar repousar como uma criança fatigada e gozar de um sono sem fim. E esse estado da alma, que pode considerar o aniquilamento como mais desejável que uma vida contínua em um estado mórbido e excepcional, não está totalmente fora da linha das minhas simpatias. Mas o estado normal e são é indubitavelmente o da perfeita apreciação da vida como vida, é a sensação da criança bem mimada, para quem a vida consiste no brinco e na alegria.

Uma imortalidade de influência “post mortem:” é, no entender do positivista inglês, Frederic Harrison, a justa, suficiente e grande aspiração do homem. A continuação da vida como os selvagens e as crianças imaginam, como o vulgo à olha, como Sócrates e o Cristo a criam, é para esse superfino filósofo um escândalo e uma ofensa, somente merecedora de desdém e zombaria.

Recomendando o encantador substituto que dá à imortalidade da concepção vulgar, diz ele: “Agora (nós, os positivistas) coloquemos as nossas esperança num terreno mais

seguro e social, porquanto o nosso futuro é simplesmente uma existência prolongada pela sociedade,”

E quando uma mãe chorosa pela perda de seu filho querido vacila e pergunta: “Que me importa o bem da sociedade, quando, daqui a poucos anos, eu e meu filho não seremos melhores que um torrão de terra?” o sublime comtista busca inverter o jogo, respondendo em uma explosão de desdém: “Isso é puro materialismo! E a “teoria física” da outra vida! Isso é a negação antiespiritual da alma e a sua prisão à argila do corpo!”

Depois de conhecer essas suas palavras, o leitor não ficará surpreendido sabendo que o Senhor Harrison se atira excessivamente irado contra os fatos espíritas que, se são reais, diz ele, convertem seus raios baratos em uma fantasmagoria teatral, pelo que ele denuncia o Espiritismo como “assunto desagradável”, acusa os homens de ciência de se “chafurdarem nessa imundície” e descreve os inteligentes investigadores de Londres, que declararam genuínos os fenômenos obtidos por intermédio de Slade, como “curvados ante os embustes de um especulador ianque”.

Parece haver alguma coisa de consternação no meio de toda essa raiva. O ar de grave sobranceria com que o Senhor Harrison ostenta olhar do alto para os sórdidos aspirantes de uma vida imortal, como se eles estivessem regateando o preço do seu jogo, seria cômico, se não despertasse um sentimento de compaixão.

O Senhor Harrison possui, como ele acredita, noções exaltadas da alma, mas pensa que a imortalidade, no sentido vulgar, abate a dignidade da alma, em vez de exaltá-la. Censura o materialismo por exagerar a importância dos fatos físicos e ignorar o que se refere ao espiritual”, mas o espiritual, em seu vocabulário novo e independente, se reduz simplesmente à nossa influência póstuma. Em sua apreciação, a influência que exerce um morto é mais espiritual que a exercida por um vivo. Desde

que a nossa influência póstuma, pelos nossos inocentes erros de opiniões ou atos mal entendidos, pode ser má ou boa, o conforto fornecido em seus ensinos sobre esse ponto, à concepção ordinária, não é realmente grande, apesar de classificar de "pessimistas" aqueles que o contradizem, e diz que "o diretor providencial de todas as ações humanas é o grande Poder da Humanidade"' Fora dos seus pressentimentos estéticos, a sua grande objeção ao fato da imortalidade é que ele "não acha um meio de explicar a continuação da vida sem estar presa a uma forma humana e a um mundo humano". A resposta do espírita deve ser: Há uma forma e um mundo para o homem na continuação da vida, em que entra depois que abandona sua forma física e este mundo dos sentidos externos.

Entre os ativos iconoclastas de hoje, o Senhor Leslie Stephen, de Inglaterra, é um dos últimos a quem os espíritas devem dirigir uma palavra de desalento. Indicando os pontos fracos das crenças religiosas correntes, e mostrando quão pouco as necessidades da moderna inteligência científica, a respeito da alma, são atendidos nos comuns ensinos teológicos, eles vai, sem o querer, desbravando o caminho para o advento da ciência psicológica, que aceita a imortalidade humana, não somente como um postulado da razão, mas como dedução de fatos demonstráveis.

Longe está, ele de pensar assim sobre o caso em si mesmo. Acusar o Espiritismo seria para ele desordenar a sua equabilidade filosófica e dispor-se, como se deu com o Senhor Harrison, a usar de expressões de ódio e desprezo, que em nada influiriam sobre a convicção dos judiciosos investigadores da verdade. Tratando dos Espíritos, diz aquele escritor que "eles realmente mostram como a crença em outra vida pode ser enlaçada a uma forma mais adiantada do materialismo"; o que simplesmente afasta o Senhor Stephen do que pretendemos, não é a teoria, mas os fatos, fatos totalmente independentes da

questão de se saber, se eles podem chocar uma pessoa suscetível, abatendo-a ou exaltando-a. Na outra, como nesta vida, isso depende totalmente do caráter do indivíduo, a saber, se ele se deixará abater ou exaltar.

Em publicação aparecida no último número do "Fortnightly Review", o Senhor Stephen informa-nos de que "a chamada crença numa vida futura, seja no inferno, seja no Céu, foi sempre um sonho e nunca, restritamente falando, uma crença real". Repudiando os fatos espíritas, como ele faz, pode conseqüentemente manter essa teoria, e olhá-la como hábil explicação de todos os fenômenos religiosos, inclusive o desafio feito à morte pelos mártires, e outros notáveis incidentes da História humana, demonstração de uma predominante fé em Deus e no Mundo Invisível.

Dizer que cada homem é a medida de outro, relativamente aos desenvolvimentos de suas faculdades íntimas ou anormais, é um erro em que os mais astutos pensadores freqüentemente caem pela simples ignorância de certos fatos supersensoriais, mas não sobrenaturais, conhecidos em todas as idades do mundo pelos observadores, em cuja ~ experiências eles se deram. O argumento dessa classe de pensadores de que o Senhor Stephen é o tipo, é o seguinte: "Não posso ver sem o uso de meus olhos; porque os outros poderão? Não posso cair em transe e ver e ouvir coisas não expressas pelos órgãos vocais; porque esperais que eu creia, que um Saulo de Tarso tenha sido mais favorecido sue eu nesse sentido? Se Slade ou Watkins podem obter a escrita independente de algum invisível ser inteligente sobre uma lousa, porque não posso eu receber semelhantes manifestações?"

Dizendo que a crença dos homens em uma vida futura tem sido sempre um sonho e nunca, restritamente falando, uma crença real, o Senhor Stephen mostra simplesmente que as suas preocupações cegam-no a respeito de fatos notórios. Pitágoras, Hesíodo, Píndaro, Sócrates, Platão, Aristóteles, Plutarco e a

maioria dos grandes pensadores da antiguidade fundaram suas crenças na imortalidade da alma sobre fenômenos, objetivas ou subjetivas, idênticas aos provados pelo Espiritismo, verificados pela observação e sancionados pela razão. Dizer que esses homens não criam, mas simplesmente sonhavam, é avançar um disparate, totalmente alienado da verdade.

Melancthon diz: Eu mesmo já tenho visto Espíritos, e conheço muitas pessoas sisudas que não só os têm visto, como conversado com eles. Lutero dá igualmente um forte testemunho da existência dos mortos em formas espirituais; como o fazem Calvino, Richard Baxter, Knox, Oberlin e centenas de outros homens igualmente eminentes. Suporá o Senhor Stephen que os milhares de homens sinceros, que fomentavam as perseguições contra os feiticeiros, não criam realmente na existência dos Espíritos e numa vida futura? Suporá ele que homens como Glanwil, Henry More, Baxter e Wesley construíam meramente sobre sonhos loucos, quando afirmavam suas solenes convicções, baseadas no conhecimento de fenômenos, de que a morte não destrói o homem, mas simplesmente faculta a ida de seu Espírito para o mundo espiritual? Deve faltar alguma coisa nas capacidades simpáticas daquele que classifica os homens em hipócritas e vítimas.

O Senhor Stephen apresenta a seguinte explicação da crença das tribos, não civilizadas, na imortalidade:

"A inteligência infantil tolera as contradições; não é surpreendente que um corpo que tenha sido enterrado ou consumido pelo fogo apareça de povo em seu primeiro estado; e o fato de a morte pôr termo à vida é apenas ligeiramente firmado na experiência. Se o meu cão vir alguma coisa que o faça lembrar-se de mim, depois da minha morte, ele aceitará a visão sem o mínimo choque de surpresa; a alma infantil, como presumimos ser a do selvagem, está no mesmo caso."

Há um duplo corpo, e não é naquele que foi enterrado, que a infantil inteligência acredita. E' possível que o Senhor Stephen ignore isso? O Senhor E. B. Tylor, que na sua “Primitive Culture” examinou cuidadosamente a questão e sem parcialidade, diz que, em resposta à questão: “Haverá Espíritos?”, acha que todas as nações, mesmo as de mais baixa cultura, respondem: “Sim”. E por ser diretamente oposta à verdade a asserção do Senhor Stephen, Tylor acrescenta o seguinte testemunho conclusivo (vol. 12, págs. 384,387):

"A crença nos seres espirituais aparece entre todas as raças inferiores com quem temos obtido mais intimo conhecimento. A concepção de uma alma pessoal, ou Espírito, entre as mais baixas raças, pode ser definida do modo seguinte: E uma imagem humana, transparente e insubstancial; em sua natureza, uma espécie de vapor, nuvem ou sombra, a causa da, vida e do pensamentos nos indivíduos animados; possuindo independentemente a consciência pessoal e a volição do seu dom corporal, passado ou presente; capaz de deixar o corpo muito atrás, para viajar rapidamente de um a outro lugar; ordinariamente impalpável e invisível, apesar de manifestar também o poder físico e especialmente aparecendo ao homem dormindo ou acordado, como um fantasma separado do corpo, do qual ele apresenta a semelhança; apta para entrar, apossar-se e agir nos corpos de outros homens, de animais e, mesmo, de coisas. "

A noção do Senhor Stephen, portanto, sobre a qual baseia a maioria de seus insultos ao Espiritismo e a sua negação da imortalidade é simplesmente um erro impróprio de um homem que pretende dar uma instrução científica acerca dos fundamentos da crença humana em um estado futuro, e que atribui tudo ao sonho. Na notícia do Senhor Tylor sobre a natureza e a gênese da crença entre as raças atrasadas é interessante acharem-se suas noções acerca do corpo espiritual

correspondendo às provenientes dos bem estabelecidos fatos do Espiritismo. Surpreende-nos que um pensador tão sutil, como o Senhor Stephen, não tenha observado que o rude realismo daquelas “inteligências infantis”, de que ele fala com desdém, podia libertá-lo da confusão do corpo enterrado ou queimado com o corpo espiritual adotado pelo ser humano desprendido da carne, com o fim de manifestar-se aos mortais. Isso é justo porque a “inteligência infantil” do selvagem não “tolera contradições”, porque ele crê que a morte não destrói a individualidade do homem, que se pode manifestar com uma forma e vestidos semelhantes aos com que foi conhecido na vida terrena.

A noção do Senhor Stephen de que um cão não sente “um choque de surpresa”, vendo a volta de um morto, é totalmente gratuita e anticientífica. O cão que, durante dias, permaneceu ao lado do corpo inanimado de seu dono, tendo notado o abatimento das feições que lhe eram familiares, com toda a probabilidade fugiria uivando, se esse dono de súbito lhe aparecesse com outro, ainda que semelhante corpo, mostrando a aparência vigorosa do corpo vivo, cuja ausência causava seus lamentos. Quem estuda os fenômenos psicológicos entre os animais mais baixamente colocados, encontrará numerosos fatos justificativos dessa conclusão. Os cães e os cavalos mostram-se muito agitados nas ocorrências a que os homens chamam manifestações espirituais.

“Não há mesmo um fragmento ou sombra de razão ostensiva, dizem o Senhor Stephen, que confirme a imortalidade do homem, com exclusão dos brutos.” Isso é já do terreno do dogmatismo; mas ele devia saber que os espíritas geralmente não excluímos a criação bruta da imortalidade. O espaço deve ser barato no Universo sem limites e a palavra Onipotência é enorme. Há lugar para todos. O Senhor Stephen não devia calar o fato de filósofos eminentes como Leibnitz, cristãos eminentes

como o Bispo Butler, e físicos eminentes como Agassiz, acreditarem na imortalidade dos animais inferiores. “A opinião comum que destina à morte eterna todos os seres organizados, com a única exceção do homem, empobrece o Universo”, diz Carlos Bonnet, o grande físico suíço; e muitos espíritas com ele concordam, seguindo de perto o Senhor E. Smith, o eminente botânico inglês, que diz “Não me é possível explicar a fisiologia dos vegetais, mais que a dos animais, sem a hipótese de existir em ambos um princípio vital.” Se há um mundo espiritual ilimitado, se a vida é uma graça celeste, porque há de alguma coisa morrer totalmente na sua parte espiritual mais que na parte física?

Plutarco diz: “A corrupção ou morte de uma criatura não é o seu aniquilamento ou redução ao nada, mas uma passagem do ser libertado para um estado invisível.” A quem deseja saber se a alma é imortal, Apolônio, um dos maiores médiuns da antiguidade, responde “Sim, imortal, como tudo.” A vida essencial de todas as coisas é imperecível. No estado presente dos conhecimentos científicos, aquele que acredita somente na existência do que pode ver e pesar, não é mais céptico que o crédulo; e esta deve supor-se ser a prédica do Senhor Stephen; porque o fato de a alma separar-se do seu corpo mortal lhe parece ser a sua separação de toda a espécie de organismo possível, pelo qual ele preservaria a sua individualidade; e contudo as ciências química e mecânica admitem a possibilidade de um organismo eletro-luminoso, invisível aos nossos olhos exteriores.

Assim também, diz ele, “nenhum argumento poderá ser apresentado em favor da imortalidade no futuro, que não seja também válido em favor do passado.” Isso parece levar-nos a dizer que a existência “post-mortem” implica uma eterna preexistência, idéia sustentada por Platão e aceita por muitos espíritas, inclusive quase todos os de França, discípulos de Allan

Kardec, e que muitos comentadores atribuem ao próprio Cristo. A tentativa de empregar a hipótese contra a crença corrente na imortalidade denuncia o artifício a que o Senhor Stephen recorre no seu pleito especial. Que todas as almas preexistiam potencialmente em Deus é da boa doutrina ortodoxa.

“Região dos sonhos” é a frase favorita de que lança mão o Senhor Stephen para amesquinhar a crença na imortalidade. Essa “região dos sonhos”, diz ele, “é a incorporação das nossas esperanças e temores”. O mundo plástico da imaginação se sujeita a cada desejo apaixonado que se desperta em nossas naturezas. Todo esse processo é substancialmente poético. A emoção pura não conhece limites.”

Não duvidamos de que ele sinceramente considere isso como a solução final de todo o mistério; porquanto possui a faculdade de cerrar ouvidos aos fatos que tendem a desarranjar as suas teorias primorosamente arquitetadas. Ele assume uma atitude de desdenhosa compaixão diante da forte e sempre crescente hoste das testemunhas que afirmam a existência de certos fenômenos justificativos da hipótese espiritualista, e considera essas testemunhas como mentirosas ou, pelo menos, alucinadas. Desconfia da autoridade das emoções, comparando-as com a faculdade especulativa, pela qual chega às conclusões. “A prova real, diz ele, dos que crêem na imortalidade, é a das emoções.” Seu argumento severo e único é que nós só nos firmamos nas emoções.

A crença na imortalidade, fundada na observação cuidadosa dos atuais fenômenos e na experiência pessoal, não é hoje mais emocional do que a de Franklin na eletricidade que ele extraiu das nuvens. A asserção de que a convicção da imortalidade entre os homens, selvagens ou civilizados, não é realmente uma crença, mas sim um sonho, patenteia-nos antes uma audácia da inexperiência do que a sobriedade nascida do conhecimento. Já demos a refutação disso, feita pelo Senhor Tylor. Todos os que

conhecem os escritos dos Padres da Igreja Cristã, especialmente de Orígenes, Tertuliano e Agostinho, darão testemunho do fato, de que os fenômenos objetivos, indicando uma agência espiritual com que eles estão pessoalmente familiarizados, é a base verdadeira da sua primeira crença na imortalidade. As memórias da Igreja Católica mostram quão largamente a crença tem sido vivificada e amplificada pelo conhecimento dos fenômenos, que ela tem testemunhado no seu começo e que freqüentemente foram confundidos com as maravilhas da Natureza.

As emoções podem ser enganosas em nossas rápidas conclusões, levando a razão especulativa a errar em seus juízos. Um só Ser possui a infalibilidade. Mas a emoção que se revolta contra a injustiça, ou se inflama contra a baixeza, ou desperta em um terno deleite ao reconhecer a beleza, seja na Natureza externa seja nos atos humanos, não indicará a eterna verdade, do mesmo modo que a razão que conduz o Senhor Stephen aos desatinos, para os quais tenho chamado a atenção?

Ele fala de processos poéticos como para oferecer uma variante aos científicos, como se, em tudo o que é simbólico e metafórico na poesia, as maiores verdades da existência não se manifestassem freqüentemente por intuição por meio dos menos educados e experimentados bardos. Que deu a Shakespeare tão grande reputação, a não serem as verdades para as quais ele encontrou elocuções expressivas, formas naturais pelas quais ligou todo o mundo em um só todo? Os mais elevados processos poéticos são, muitas vezes, aqueles em que o poeta é dominado por uma verdade universal e procura exprimi-la. Os mais baixos são aqueles em que ele dirige, em vez de ser dirigido, e perde assim sua alta inspiração. O próprio Shelley, como já o declarei, sendo externamente ateu, era internamente um “homem demoníaco” com uma fé intensa na imortalidade, bastante para substituir o reconhecimento desta.

O erro dos raciocinadores da ordem do Senhor Stephen consiste em querer somente pesar na balança da razão especulativa um assunto que exige a cooperação de todas as faculdades e energias latentes e desenvolvidas do homem. Afastar todas as provas emocionais e físicas e dizer à razão desajustada: “Agora só vós decidireis essa questão da imortalidade” (como se a observação não tivesse contraditado a razão em milhares de grandes exemplos históricos), é tão estulto como, se um indivíduo assentado em um trem de ferro parado, vendo passar aa lado um outro trem em movimento, dissesse aos seus sentidos da visão: “Decidi somente vós se o trem está-se movendo.”

As emoções que contrariam a razão chegam freqüentemente a verdades mais altas do que as que a razão sonhava. John Maynard, que se conservou ao leme de um navio incendiado, até poder lançá-lo à praia, e salvou centenas de vidas com risco da sua própria, obedecia à sua razão hesitante, ou à sua natureza emocional que o impelia a esse ato heróico? Desmerecerá a nobreza da sua abnegação por ter nascido de emoções?

A função da razão meditativa, só tomando conhecimento das relações das coisas, é importante, e os espíritos que se baseiam tanto em suas deduções serão os últimos a disputá-las; há, porém uma razão mais penetrante que aquela que argumenta e duvida; razão que sente e decide sem nenhum raciocínio consciente ou apreciação de argumentos. Por isso é fundamentalmente real que “quase todas as verdades se prendem ao nosso temperamento e nos são dadas em afetos e intuições, e as discussões e indagações nisso influem menos que o temperamento” (24).

(24) Dr. J.G. Wilkinson.

Como os homens costumavam no começo construir os seus sistemas do mundo independentemente dos fatos da Geologia e da Astronomia, assim os pseudocientistas de hoje pretendem elevar ou derrubar sistemas psicológicos, independentemente

dos fatos do sonambulismo, mesmerismo e moderno Espiritualismo. O Senhor Tylor, como se antecipando a uma recente e extraordinária distinção do Senhor Frederic Harrison, observa com acerto que "está aparecendo uma psicologia que faz pela alma o que nenhuma outra tem feito"; entretanto, a definição da alma, diz ele, "ficou sendo, desde o começo, a de uma entidade animadora, separável e sobrevivente, o veículo da existência individual. "Se a crença em uma vida futura foi em todos os tempos "um sonho, e não, restritamente falando, uma crença", é porque as especulações subjetivas tinham substituído os fatos objetivos. Entre os primeiros cristãos, a concepção de uma alma corporal envolta, como a larva, no corpo terrenal, concepção simples, clara e primitiva, era geralmente aceita no tempo de Gregório de Nissa (331-394) e de Agostinho (354-430).

"E' manifesto, diz Hallam, a todos os que têm lido a correspondência de Descartes (1640), que o dogma da imortalidade da alma, em vez de ser geral, como presumimos, não era muito conforme com a opinião comum do seu tempo." E Descartes, cumpre notar, ensinou que não havia sólidas provas da imortalidade da alma, exceto as fundadas na revelação. Simpatizando completamente com a parte negativa dessa noção, a moderna escola ateísta e saduceísta têm repudiado as provas que o Espiritismo apresenta das faculdades supersensoriais no homem.

Não nos deve causar espanto o fato de esses filósofos se mostrarem tão extremados em suas denúncias. Justamente quando a ciência saduceia parecia ir tendo suas idéias firmadas, limitando cada vez mais a noção de uma alma até então crida substancial, até que ela se perdesse na inteira descrença, surge esse monstruoso e desengraçado moderno Espiritualismo com seus fenômenos, grotescos e irresponsáveis, e ameaça destruir a obra em que se empenhavam tão solicitamente os Buchners e os

Haeckels, os Stephens, Frederic Harrisons e Cliffords. Será para admirar que eles percam a calma?

O Senhor Stephen estigmatiza, tachando de "mera avidez de vida, a crença de tantos homens na imortalidade". Pouco antes disso, com uma pequena incongruência, disse ele que isso não era "uma crença, mas um sonho. Hoje, porém, essa afirmativa só manifesta o intenso desgosto de uma natureza egoísta de afastar-se de toda a probabilidade de gozo. Isso demonstra um respeito tão alto por uma misérrima individualidade que, se ela não for preservada, o Universo se tornará indigno da vida. Não é próprio de uma mentalidade consciente e justa, logicamente considerar-se mais digna que todo o Universo material? Que vale um universo de pó, fogo e gás, comparado com "as misérrimas individualidades" de um Shakespeare ou de um Newton? A mente que pode criar o belo, ou medir os sóis, os sistemas e os seus movimentos, não será alguma coisa maior que esses sóis e sistemas mesmos, se eles forem desligados, como o são na teoria ou filosofia do Senhor Stephen, de toda a referência com um Divino Ordenador?

Se, usando da frase "avidez de vida", o Senhor Stephen consegue alguma coisa, é somente estigmatizar, por uma expressão de desdém, esse anelo intenso por um estado de existência melhor e mais elevado, já experimentado por muitas das mais exaltadas mentalidades de que temos lembrança. E inegável que esse anelo pode, muitas vezes, ser sentido por uma natureza egoísta, como também a apatia ou o desgosto, que se traduzem na indiferença ou aspiram ao aniquilamento e podem ser uma sugestão egoísta ou uma idiossincrasia mórbida. Uma apreciação, porém, das possibilidades da vida em um universo inesgotável, e um desejo intenso de viver, amar e aprender, tendo em vista tudo o que é vida, amor e ensinamento, pode ser um sentimento, de todos o mais grato ao Doador da vida, caso exista um Doador inteligente. Se isso é egoísmo, é um egoísmo

divino, desejoso de crescer, um egoísmo que todas as almas amantes recomendam como mais subido e melhor que a ausência dele.

O Senhor Stephen não poderá ignorar a nobreza desse desejo de imortalidade inspirado pelos puros afetos, pois condescende em se referir a ele com um ar de simpatia protetora; qualifica de "mundo plástico da imaginação" (é como ele caracteriza a vida futura), que pode, ás vezes, representar a fortaleza do amor. Não podemos nem queremos crer na perda daqueles, cujas vidas pareciam ser uma parte da nossa essência. Uma crença causada (não posso dizer em que base firmada) por esse amor apaixonado é tão patética e mesmo sagrada que o incrédulo, em sua presença, tem receio de manifestar suas dúvidas.

Como então o nosso compassivo incrédulo enxuga seus olhos e vai dizer que pode persuadir o mundo de que não há vida futura, de que tudo isso pertence à região dos sonhos, e de que os santos, os videntes, e os devotados pensadores de todas as idades não foram melhores que os visionários frívolos e imbecis, que imaginam crer quando não fazem mais que sonhar? Desconhece ele inteiramente o fato vital e momentoso de que a crença dos santos e dos sábios pode ter subido muito com o conhecimento dos nossos fenômenos. A mentalidade assim circunscrita nas limitações de um grosseiro e morto materialismo, que nem mesmo pode crer que outros homens realmente creiam na imortalidade, é o ensino do desespero, sem argumentos e sem fatos. Não tenho esperança de acalmar a fúria que o Senhor Stephen manifesta contra o Espiritismo, mas tenho confiança em que antes de aventurar-se a discutir de novo a gênese da crença na imortalidade, ele estudará um pouco os fatos e buscará explicá-los, se o puder. Sua asserção de não haver nessa crença elementos além dos sonhos e emoções é inutilizado pelo peso esmagador da evidência contrária.

Do fato de serem os fenômenos conhecidos pelos selvagens e homens civilizados nasce à primeira crença séria na imortalidade. Até onde a tradição alcança, nós encontramos a crença e as indicações de sua origem. Toda a História, toda a Mitologia, toda a Literatura e toda a ciência médica contribuem, auxiliando-se, para nos dar a evidência desse fato. O espírito estudioso encontra os fenômenos corroborados e explicados pelas ocorrências de hoje. As Escrituras hebraica e cristã são um rico repositório desses fatos muitos dos quais ficam sem sentido sem a chave que oferece o inteligente Espiritismo. Sua inequívoca semelhança, com os do presente dia, mostra que eles todos pertencem ao mesmo grupo.

Os investigadores superficiais atribuem todos os fenômenos espirituais à região dos sonhos, ou querem explicá-los por preocupações, alucinações, pelo hipnotismo ou alguma outra espécie de impostura. Tais explicações, porém, não têm valor. Observadores cuidadosos se estão apresentando em número crescente, pedindo uma solução que torne conhecido, de todos, esses fatos irrefutáveis. Quando milhares de inteligências contemporâneas podem atestar a realidade da escrita direta à plena luz do dia, em condições que em nada variam das guardadas nas observações científicas, esse fenômeno estupendo deve ficar isento dos apupos, das sentenças oraculares da região dos sonhos e da falibilidade das emoções.

O tempo se aproxima, em que os homens científicos devem encarar esses fatos de frente. Há de também chegar o tempo em que as especulações, como as do Senhor Stephen em relação à questão da origem da crença na imortalidade, serão de mínimo valor se não vierem acompanhadas da admissão e explicação dos grandes fenômenos do Espiritismo. Esses fenômenos se vão colocando acima do terreno do sarcasmo mordaz, do mais elaborado antagonismo de escritores malévolos e filósofos amadores; e hoje o melhor plano que esses opositores têm a

seguir é admiti-los francamente, examiná-los, como O Senhor Stuart-Glennie, mostrar que eles não têm significação espiritual. Talvez então possam ser mais bem sucedidos do que o têm sido.

CAPÍTULO XI

O sentimento da imortalidade

A darmos crédito ao testemunho humano, o desejo da continuação da vida, depois da dissolução do corpo terreno, é muito diferente nos diversos raciocínios. Para uns, provavelmente a maioria, a idéia da completa extinção do ser é repulsiva. Para outros, e entre esses estão pessoas de alta cultura e pura moralidade, esse desejo parece fraco e vacilante.

A aceitação de uma falsa psicologia, com a adoção da noção cartesiana, extinguindo a velha crença num organismo espiritual, tem influído, não só dando nascimento ao cepticismo dominante em relação à imortalidade, mas ainda engendrando a indiferença que se apresenta tantas vezes. Que isso procede, muitas vezes, do próprio temperamento, é também real; mas as concepções errôneas, a respeito da natureza psíquica do homem, devem inquestionavelmente conduzi-lo a noções que concorrem para o enfraquecimento do desejo natural da continuidade da vida.

Conheci bastante a falecida Harriet Martineau, quando ela residia em Washington no inverno de 1834. Era então uma

unitária, a julgar por seus escritos. Subseqüentemente caiu no ateísmo, parecendo ter sido antes por sentimentalismo ou temperamento que por arrastamento da razão. “Como é absurdo e horrível, disse ela em uma de suas cartas, conversarmos diariamente a respeito das nossas disposições passageiras e mesquinhos interesses com um suposto autor e guia do Universo.” Se esse autor, porém, é ao mesmo tempo julgado como a fonte da nossa própria vida e natureza, onde se encontra logicamente esse absurdo? Em vez de uma razão ou de um argumento, alguns homens não fazem mais que exprimir simplesmente o estado de seus próprios sentimentos ou suas desarrazoadas conclusões, como se fossem autoridades na questão.

Mas a opinião de uma pessoa, que não tem ouvido para música, a respeito das produções de Mozart ou Beethoven, tem tanto valor, como a da Senhora Martineau sobre o exercício de uma faculdade religiosa ou, mesmo; poética. Ela acreditava na clarividência, na leitura dos pensamentos de outrem executada por um mortal colocado a grande distância, mas a concepção de um Deus onipotente e onisciente era tão adversa à sua inteligência que a fazia corar; tão desencaminhados, que a fazia chorar.

Receio que houvesse alguma coisa de mórbido nesse “corar”, alguma coisa que confundia a nudez moral e espiritual com a física. Para a mente filosófica, a meditação sobre as provas de uma faculdade clarividente, no homem finito, facilita a concepção de uma inteligência infinitamente poderosa. Para a Senhora Martineau faltava à sugestão da grande possibilidade disso e, mesmo, a de uma faculdade supersensorial em sua própria constituição, promissora de ser continuada além da tumba. Ela, ou cegamente ignorava, ou seus sentimentos individuais a respeito impediam-na de ver a clara significação dos grandes fatos contrários à sua teoria saduceana. Apaixonada

e sincera, ela era mais capaz de odiar que de amar, mas não era grande entusiasta. Não podia apreciar a música, por ser surda. Faltava-lhe também a faculdade poética, tão comumente aliada à religiosa. Nenhuma de suas tentativas de verificação é hoje recordada. Se ela conhecesse um pouco de filosofia, seus dons naturais afastam-la-iam simplesmente dessa direção. Apesar disso, com todos esses defeitos e perversões, com a sua completa ausência daquela vista que penetra além da superfície das coisas, buscando-lhes a beleza latente ou a significação, poucos assuntos havia, a cujo respeito não tivesse ela plena confiança de que Harriet Martineau estava no caso de falar como mestra. Era nessa confiança em si mesma que estava o segredo do seu poder e dos seus êxitos. Era uma escritora preparada e laboriosa, dispondo de um estilo claro, animado e incisivo, mas como prosadora original não deixou obra digna de memória.

Guilherme Humboldt, irmão de Alexandre, apresenta outro caso de um homem, em quem o desejo da imortalidade parece não ter tido a força para ser um motivo. Devo confessar francamente, diz ele, que, com justiça ou sem ela, não tenho a esperança de outra vida. Não busco construir para mim mesmo uma existência contrária às minhas idéias humanas, e contudo é-me impossível criar uma outra. Encaro a morte com absoluta calma, mas sem desejos ou entusiasmo. Se Humboldt conhecesse os fenômenos psíquicos, talvez ficasse sabendo que suas idéias humanas, a respeito da vida futura, estava em mais harmonia do que ele podia esperar, com os fatos atuais. Charles Bradlaugh, membro do Parlamento inglês, parece haver-se inquietado um pouco com a expansão do Espiritismo, porque diz ter lançado para longe toda a crença numa. vida futura, e que com isso se achara notavelmente melhor. Confessa-se superior às míseras fraquezas dos que desejam ver de novo os parentes, filhos, irmãos, irmãs ou amigos que julgamos haverem escapado do aniquilamento. Há alguns anos houve uma discussão pública,

acerca da vida futura, entre ele e James Burns, o bem conhecido publicista de livros e periódicos espíritas; a qual, como de costume, não terminou pela derrota de um dos contendores.

Um fato, porém, tornou-se evidente. O único meio pelo qual Bradlaugh pôde mostrar que sustentava a sua doutrina saduceana, foi declarar que ignorava os fatos psíquicos. Falaram-lhe da clarividência, da escrita direta e das mãos espirituais, e ele respondia sempre: Não está, provado. Declarou seguir o método dedutivo, preconcebido, como o Doutor Beard, e sua lógica consistiam em lançar o descrédito sobre fenômenos já bem conhecidos. O Senhor Burns prosseguiu no método indutivo, apresentando uma inexpugnável classificação de fatos. O Senhor Bradlaugh opôs a esses fatos os seus sentimentos íntimos, seu raciocínio dedutivo e suas convicções puramente individuais. A excusa que apresentou, para proceder assim, foi dizer que não se havia ocupado com a explicação de certos fenômenos psicológicos nem em trazer alguns fatos científicos em oposição. “A minha razão repele os vossos fatos” eis o resumo e a substância de seus argumentos.

Cumpria ao Senhor Bradlaugh mostrar, ou que os fenômenos psicológicos não se dão, ou que não há razão para se crer que a teoria espírita dê uma explicação aceitável deles. Isso ele deixou de fazer e de tentar fazê-lo; e todos notaram que havia mais lógica na lúcida apresentação dos fatos feita pelo Senhor Burns, que em todo o mecanismo artificial das proposições abstrusas com que o Senhor Bradlaugh buscava evitar o choque da força desses fatos. Ele apresenta o fanatismo do extremado homem da Igreja na seguinte observação, que nos mostra haver uma ortodoxia no secularismo, como há uma na religião sectarista.

"Se no presente é uma realidade que todos os seculares não são ateus, digo-vos também, na minha opinião, que a conseqüência lógica do secularismo deve ser que o homem se

lançará no ateísmo, se tiver um cérebro capaz de compreender. Toda a base da nossa causa secular está firmada na ignorância direta e na negação da possibilidade de tal estado de existência" (isto é, em algum estado futuro).

Assim, parece que, para satisfazer a ortodoxia desse papa secular, o homem deve “ignorar e negar a possibilidade de um futuro estado de existência”. “Não há um Deus - e Charles Bradlaugh é o seu profeta!” Tal parece ser o caráter de suas fulminações contra os insensatos que admitem a crença teísta e a possibilidade de uma vida de Além para o homem.

O admirável é, se ele é sincero, não se ocupar, o menos possível, com o que os outros possam pensar em relação ao Espiritismo, ao Republicanismo ou a outra coisa qualquer. Se o pensamento procede de uma simples disposição acidental de certas moléculas da matéria, onde estará algum sinal absoluto da verdade? Se o povo não pensar como deve, porque não lança a responsabilidade disso sobre as moléculas? Se a matéria e o acaso são os reis, que lógica há em incomodar-se com o que eles fazem?

A crença no Espírito, em Deus ou nos deuses vem, a cada raça civilizada ou não, pelas evidências de certos fenômenos supersensoriais, manifestados pelos homens e pelos Espíritos desencarnados. E' essa a crença que o Senhor Bradlaugh pretende extirpar. Ele não tem experiência em tais coisas. Como poderia ele crer que algum outro tenha? Mas ele não é representante da raça humana mais infalível do que o cavalo que costumava comer bifes era representante da raça eqüina. Não obstante isso, o genus cavalo é graminívoro. O erro de Bradlaugh está em tomar as suas próprias idiossincrasias e suas limitadas faculdades como padrão do Universo. Como nada conhece acerca dos Espíritos, entende que não existe o mundo espiritual e que a vidência é uma ilusão! Como não deseja a imortalidade, entende que ninguém há de desejá-la!

Não há muito um analfabeto calculador mental, na Escócia, teve de responder à pergunta que lhe fizeram, de quantas letras havia na coleção de um ano de uma publicação diária de oito páginas, tendo cada uma sete colunas de cento e noventa linhas de trinta e duas letras cada uma. A resposta exata, 139.873.440, foi dada em dez segundos. Poder-se-á negar a possibilidade de uma tal faculdade, por não se achar ela desenvolvida em nossa própria estrutura mental?

Em sua última obra: "A Velha e a Nova Fé", David F. Strauss diz que o prospecto da persistência eterna da vida enche-o de terror.

Dizendo, porém, isso, ele ignora fatos e analogias que, talvez, lhe tornasse essa idéia menos intolerável. Ele ignora a existência possível das faculdades psíquicas da própria constituição, as quais podem proporcionar o nosso dia à nossa força, e adaptar nossos futuros horizontes às nossas futuras capacidades e necessidades. Além de tudo, ele põe de parte a possibilidade da superintendência de um Poder infinitamente benévolo, que mesmo que só nos tivesse dado a vida, para nos tornar aqui sãos e retos, seria ainda uma bem-aventurança.

Se não curarmos de todos esses fatos de distintos estados mentais e outros fenômenos, verificados no testemunho que tenho apresentado, logicamente podíamos cair nesse estado de "terror" que se apodera de Strauss. O Espiritismo lhe poderia mostrar que as suas apreensões se assemelham aos temores das crianças quando se acham no escuro. Ele força-lo-ia a reconhecer que a natureza humana é complexa; que há uma consciência exterior e outra interior, distintas, e que a interior pode zombar do "terror" sentido pelo exterior, à vista daquilo a que as faculdades do nosso organismo superior se prendem por uma grata atração.

O Senhor Félix Adler, o assaz conhecido pregador liberal, opõe-se ao que ele chama "um mórbido desejo de imortalidade";

e Emerson franze mesmo a testa a isso que ele estigmatiza como um “simples desejo”, depois de conhecer a imortalidade que admitimos.

O Senhor Adler quer dirigir a atenção dos homens para “as mais urgentes necessidades do presente aqui”. Certamente, se existe alguma coisa capaz de o conseguir, deve ser o Espiritismo, desde que olha o futuro como continuação da presente vida individual, colorido e moldado pelo caráter e afetos, desenvolvidos ou formados nesta. Esse assunto constituiu-se presentemente um ramo da fisiologia das espécies.

Não é o máximo, mas antes o mínimo de uma genuína aspiração (chamai-lhe desejo, se o quiserdes) à imortalidade que faz a nossos olhos a vida humana parecer coisa imperfeita. Não é o desejo de maior vida, mas a falta de apreciação da mesma vida, com a sua vasta significação, suas esplêndidas oportunidades e as provas esmagadoras que possuímos da sua continuação em outro estádio do ser, com a nossa individualidade intacta e os nossos afetos purificados e ampliados, que deve ser considerado um erro deplorável.

Sustentar que uma nova era de zelo moral possa vir sem o grande fator da verificação da imortalidade, é uma afirmação totalmente antagônica com os fatos da natureza humana, tomados, não em seus aspectos excepcionais, mas nas intuições gerais e experiências da raça.

Uma religião nacionalista, sem o elemento da imortalidade, é uma quimera. O Senhor Adler poderá adornar a vida com tudo o que há de nobre, de profundos afetos e firmes resoluções, mas, sendo indiferente à vida em si mesma, nos fará desejar menos a sua continuação além da vida carnal, amaremos nossos filhos, pais e amigos com profundo afeto, mas seremos indiferentes à questão de saber se, depois da agonia da separação, nós os veremos ainda em outro mundo melhor.

A sua asserção de "ser a opinião comum acerca das almas originada de uma explicação errônea do fenômeno dos sonhos", é uma repetição de um dos argumentos de Strauss, e é completo erro no sentido em que é apresentada. A história do Espiritismo mostra que a crença na imortalidade foi inspirada pelos reais fenômenos objetivos e pelas faculdades mediúnicas da própria alma, despertadas freqüentemente, talvez, pela influência de Espíritos livres da carne.

Completamente falsa é a noção de que o conhecimento seguro de uma vida futura, como muitos espíritos o possuem hoje, é incompatível com as atividades do presente. A História mostra que os homens mais ativos de hoje e da presente geração têm sido os que foram chamadas por Goethe "naturezas demoníacas", homens intimamente seguros de seus dons espirituais, e freqüentemente com idéias mais adiantadas do que as concedidas por seu conhecimento da vida futura. Foram eles os Pitágoras, Sócrates, Aristóteles, Cícero, Plutarco, Maomet, Shakespeare, Richard Baxter, Martinho Lutero, Henry More, John Wesley, Melancthon, Swedenborg, Robert Burns, Benjamim Franklin, Georges Washington, Tomás Paine, Napoleão Bonaparte, Luís Napoleão, Thiers, Guizot, Mazzini, Garibaldi, Bismarck, etc. A maioria desses homens conhecia os fenômenos psíquicos e eram confessos espíritas, no sentido moderno da palavra, e todos crentes na imortalidade da alma. Vede o amontoado de atividade contido nas vidas terrenas desses homens. O Senhor Adler terá de reformar a sua teoria, se conhecer os fatos espíritas.

O sentimento da imortalidade, no que se refere às puras afeições, o amor aos parentes e amigos, é uma consideração que não deve ser posta de parte, apesar de eu já haver mostrado que a crença positiva na imortalidade procede menos do lado emocional da nossa natureza do que do racional, quando fortalecido pelos fenômenos atuais que têm universalizado essa

crença. “E para esse sentimento de imortalidade, que as afeições nos inspiram, diz Henry Thomas Buckle, que apelarei como a melhor prova de uma vida futura.” “Ela se mostrará mais real, por ser uma necessidade das afeições”, disse Hortênsia Bonaparte. O sentimento normal e natural é bem expresso por Richard Baxter (1615 e 1691), um dos mais apreciados teólogos ingleses. Diz ele:

"Confesso, como fruto da experiência de minha própria alma, que a esperança de amar meus amigos no Céu é que principalmente incita o meu amor por eles aqui na Terra. Se eu pensasse que não os conheceria e, por conseqüência, não mais os amaria depois de finda esta vida, teria razão para contá-los aqui como seres temporários e amá-los como tais. Hoje, porém, me deleito em conversar com os meus amigos, na firme persuasão de que lá ainda conversarei com eles; e me consolo com o pensamento de que aqueles que estão mortos ou ausentes, por mim serão encontrados no Céu e amados com uma ternura mais perfeita e celeste."

Poucos homens usaram de mais sarcasmo ridiculizando a Bíblia e as bases da crença na imortalidade do que o Coronel Robert G. Ingersoll, de Illinois, homem de grandes dotes naturais e de eloqüência fácil. No funeral, porém, de seu irmão E. C. Ingersoll, em Washington, D. C., a 2 de Junho de 1879, esse afamado gracejador, cedendo ao elemento emocional da sua natureza, mudou um pouco o seu tom, em face da morte, e disse:

A vida é um estreito vale entre as frias e estéreis montanhas de duas eternidades; em vão nos esforçamos para ver por cima das cristas; bradamos, e o eco é a única resposta ao nosso lamentoso grito; dos lábios mudos dos mortos não sai uma palavra, mas na noite da morte a esperança descobre uma estrela e, obedecendo ao seu amor, pode ouvir o sussurro de um vôo. Aquele que ali descansa, quando morria, tomando a aproximação da morte por uma volta à saúde, murmurou com o

seu último suspiro: Agora estou melhor. Acreditamos, apesar das dúvidas e dogmas, das lágrimas e temores, que essas são as caras palavras de todos os mortos.

Estrelas e sussurros de vôos! Realmente parece que a natureza emocional domina a intelectual, quando uma tremenda realidade intima o homem a se libertar dela. E' quando o desgosto a torna necessária ao nosso coração, que a certeza da nossa própria imortalidade e da dos nossos queridos brilha, entre as sombras da dúvida e da angústia, ao coração onde reside realmente o amor.

Ao homem, ao mesmo tempo forte em suas afeições e conhecedor dos nossos fatos espirituais, "o estreito vale entre as frias e estéreis montanhas de duas eternidades" é o vestíbulo de uma vida mais ampla; e a morte, em vez de vir com a sua forma antiga de esqueleto, com um dardo na mão, vem como um anjo gracioso, chamando-nos por acenos para uma formosa praia, e para uma reunião ali com os nossos parentes e afeiçoados.

O Professor W. K. Clifford, matemático inglês de grandes esperanças, faleceu em 1879, na idade de 34 anos. Até o tempo de receber o seu grau colegial, adotava os ensinos da Alta Igreja extremada. Um salto de um a outro extremo é possível dar-se, e por isso não nos devemos surpreender de se haver ele tornado um extremado e independente nacionalista, e adquirido muitos inimigos pela inflexível severidade de seus escritos sobre tópicos que são convencionalmente manuseados com delicadeza e cautela. Ele debuxou o seu pequeno diagrama da origem e plano do Universo com tanta habilidade como se tratasse uma figura geométrica. Com o adicionamento de alguns pequenos pensamentos, aqui ou ali, todo o embaraço seria removido. Pelo menos assim pensava o Senhor Clifford no tempo em que a maioria dos nossos grandes homens justamente começava a sondar fracamente as profundezas da própria ignorância. Uma

simples prova da escrita direta destrói todo o seu sistema saduceano".

Sabemos que entre as suas vistas adiantadas estava a da "finalidade nesta vida da existência consciente"; que ele não esperava um futuro, mas cria inútil gastar-se pensamentos em expectativas vãs. Seu dogmatismo, baseado em não demonstradas hipóteses, discordava singularmente da sua habilidade matemática. Livre das suas limitações profissionais, sua imaginação, sem o constrangimento das certezas científicas, parecia lançar-se nos arrojos desenfreados da mera especulação.

Soubemos pelo Senhor Pollock, seu biógrafo, que "nenhum homem, mais que ele, amou a vida e menos temeu a morte"; ao que acrescenta: "ele justificava bem e realmente a grande sentença de Spinoza, sempre presente em sua mente e em seus lábios: Homo líber de nulla re minus quam de morte cogitat (o homem livre em nada cogita menos do que na morte)". Se esse sentimento estava sempre em sua mente e em seus lábios, bastava-lhe ter pensamento, e não se sabe porque freqüentemente ostentava não fazer caso dela. Nada encontro de admirável em uma atitude apática em relação à morte. Isso tanto pode ser prova de imbecilidade como de vigor mental. Os cúlis chineses têm essa perfeição.

Eis uma das observações de Clifford: "Caminhamos para o estabelecimento de um mundo sem Deus e de um firmamento sem almas." Sem dúvida a enunciação desse absurdo era um amargo protesto contra o Espiritismo, que o excitava como a bandeirola vermelha excita o touro na arena; e não nos deve isso admirar, visto que os fenômenos psicológicos preter-humanos eram a ruína e a desgraça das suas imperfeitas especulações. Esses fenômenos estão hoje mais bem demonstrados do que muitas das conclusões da ciência ortodoxa; mais acessíveis que muitos fatos admitidos em Patologia, tão verificáveis como os da Química analítica ou da Astronomia física. A Providência

muitas vezes nos dá mais que o testemunho das afeições, inefàvelmente preciosas, mais que as afirmações do coração, para sobre elas fundarmos ou justificarmos o nosso pensamento da imortalidade. Quando uma nova geração for levada a aceitá-la como um fato da Ciência, o efeito não pode deixar de ser favorável ao adiantamento moral e religioso do homem civilizado.

Para elevarmos à altura de um grande argumento as provas da imortalidade da alma, devemos reconhecer que há uma alma, transcendente e imanente, no macro cosmo como no microcosmo, no Universo como nessa aparição passageira de carne e osso que forma o organismo físico do homem. Sem tal convicção não pode haver sinceros sentimentos religiosos, livres de toda a superstição e desarmonia. E sem o sentimento religioso o conhecimento da nossa imortalidade fica privado desse elemento de vitalidade e aspiração, que pode torná-lo uma potência para o bem, um renovador, um purificador e um ascenso. Se não houvesse um supremo tribunal espiritual de absoluta retidão, justiça e amor no Cosmos, a imortalidade seria um favor duvidoso; tendo essa crença e, portanto, a fé em Deus, veremos réstias de luz através de tudo o que é obscuro, a significação e a grandeza da vida despontarem em nossas mentes finitas e falíveis, e os males, perplexidades e sofrimentos desse breve instante de tempo se perderão nas inefáveis compensações da eternidade.

Sem o fim que nos propõe essa esperança racional e inspirada, um conhecimento das exterioridades do Espiritismo pode não trazer-nos maior favor que o dos artifícios de um prestidigitador ou das habilidades de um acrobata.

As maiores verdades se apresentam antes ao sentimento e à vontade do que ao intelecto. Uma verdade como a imortalidade deve ser sentida antes de se poder tornar realmente uma verdade individual. Só, o frio assentimento do intelecto não pode fazer

disso uma inspiração e uma força santificada. Fatos meramente fenomenais, que foram investigados e aceitos como verdades, sugeriram-nos a tarefa longa, senão interminável, de estudarmos as relações dessa estupenda verdade com a Vida, a Ciência, a Filosofia, a Moral e a Religião. Seguramente, se o credo - Deus e a imortalidade - bastou para, os profetas e para o Cristo, há de bastar também para os sinceros espíritas, pois ele encerra tudo o que há de verdadeiro e essencial em todos os credos e religiões até aqui formuladas nos pensamentos dos homens de coração puro. A Paternidade Divina, a confraternização de todas as Inteligências que partilham da vida divina, a imortalidade de todas as almas, a supremacia da lei do amor e da justiça, tais são as grandes realidades que o Cristo veio ensinar e o Espiritismo confirmar.

CAPÍTULO XII

A grande generalização

Já ficou dito em outro ponto que o Espiritismo não é uma forma de religião. Ele só é religião quando busca verificar os grandes fatos da existência de Deus e da imortalidade. Prova a existência de seres etéreos, exercendo um poder preter-humano sobre a matéria; ainda mais: prova que os nossos amigos mortos ainda estão vivos e, como conseqüência, que deve existir um

mundo espiritual, por impenetrável que seja aos sentidos mortais.

Será uma concepção acanhada supor-se que aquilo que é real, para o nosso planeta, não seja possível para todos os outros dispersos pelo Universo; que eles não possam ter habitantes humanos, alguns, talvez, com organizações e faculdades superiores às nossas; que cada planeta não tenha sua esfera espiritual; que todas as inteligências criadas não devam, antes ou depois da dissolução do corpo terreno, ter de algum modo o privilégio da intercomunicação; e que na hierarquia dos Espíritos não deva haver alguns inconcebivelmente superiores a todos os que aqui conhecemos por experiência direta.

Tudo isso é uma simples dedução dos fatos já verificados pelas demonstrações científicas atuais, ou análogos aos verificados. Não haverá, porém, ainda outros deduzidos inevitavelmente dos mencionados, e formando juntos um só todo? O Cosmos nos denuncia a superioridade de uma Inteligência e de uma Vontade. A própria filosofia profana de Hartmann pretende prová-lo por uma série de arguas demonstrações tiradas das ciências positivas. A concepção teísta é assim corroborada pelas provas práticas da existência dos Espíritos finitos e subordinados, cada qual destinado a demonstrar, em cada período de sua vida imortal, que ele também é um filho do Infinito.

O Ser Supremo, se tem Inteligência e Vontade, também deve ser Consciente, visto que não se pode ter conhecimento sem uma consciência disso, ativa em um ou outro estado. Empregando a palavra pessoa no seu sentido literal e ultra-etimológico, Ele deve ser também pessoal, visto que a consciência implica a personalidade. Isso não quer dizer, como Schelling, Hartmann e, mesmo, A. J. Davis parecem pensar, que haja uma individualização por um organismo, uma relatividade,

uma distinção de “eu” e “não eu”. Um eminente filósofo físico, Hermann Lotze, observa:

"A personalidade baseia-se puramente no caráter, no conhecimento de si próprio, sem referir-se ao que é estranho a si. A personalidade de Deus, portanto, não implica a distinção do que é do que não é Ele, e assim não o limita ou torna finito; ao contrário, a personalidade perfeita só se encontra em Deus, ao passo que em todos os Espíritos finitos só existe dela uma fraca imitação. A limitação do finito não é condição necessária da personalidade, mas antes um impedimento ao seu desenvolvimento."

O fato de haver Espíritos finitos, conscientes e clarividentes, aos quais já nos temos referido, justifica o instinto humano da prece.

Rodeados como estamos de hostes de testemunhas, não só de nossos atos, mas ainda de nossos pensamentos, podemos crer que, como o Cristo claramente ensina falando das crianças, existem Espíritos guardas, atentos às nossas necessidades e prontos a acudir ao nosso apelo. Poderão dizer que essa crença conduz a uma espécie de politeísmo, e a resposta é que, como só devemos chamar os bons Espíritos para o bem, eles só atuarão fazendo-nos obrar de conformidade com a lei divina.

Muitos casos, não considerados, de aparente interposição espiritual, como quando um homem por um aviso súbito desiste da idéia de embarcar em um certo navio, podem ocorrer como resposta a uma prece íntima, da qual o indivíduo não tem normalmente consciência. Uma prece, para libertar-se de um perigo físico, pode ser atendida, sem violação alguma da lei natural. O Espiritismo nos ensina que a prece não é um brado fortuito lançado no vácuo, onde não exista quem a ouça e a ela possa responder.

Uma individualidade que pretendia ser um Espírito livre, disse:

"Nós pedimos para obter o que precisamos, qualquer que seja o objeto, a menos que não seja mau. Por tudo aquilo que nos pode ser concedido pela sanção divina, devemos a Deus dirigir as nossas preces; e Ele permite que os Espíritos executem seus decretos. Vós podeis dizer que o Espírito de Deus habita nas almas dos Espíritos que vos auxiliam. Nós não dirigimos as preces aos Espíritos, mas a Deus."

Todos os grandes videntes foram crentes na eficácia da prece.

O Espiritismo, tendo assim um diâmetro ilimitado e abraçando não só o Universo visível, mas também o invisível dentro da sua circunferência, busca incluir e absorver todas as menores formas de religião em sua grande generalização de Deus e da imortalidade; não nos devemos surpreender que os órgãos sectaristas, inclusive mesmo o pequeno círculo dos “Livres Religionistas”, se incomodem com o prospecto de uma base científica dada ao Espiritismo, e exprimam o seu desafeto, algum tanto prematuramente, em termos descomedidos.

Uma coisa por mim aprendida, nas minhas primeiras experiências do mesmerismo, foi o fato da existência de uma emanação esférica de todas as substâncias ou objetos, físicos ou espirituais. Se eu magnetizar um lenço ou um copo dágua, o sensitivo sonambúlico conhecê-lo-á logo. A verificação foi repetida em muitas e variada condições, ficando o fato conclusivamente provado. Não lemos, nos Atos dos Apóstolos (19:12), que nos lenços e os aventais dos doentes, quando tocados por Paulo, faziam as enfermidades fugirem deles?

Sabemos que nos vegetais e nas árvores há emanações físicas, que nos afetam o olfato. Não partirão também emanações da Natureza psíquica, como da física, daquilo que pensa, como daquilo que cresce? Mui freqüentemente a minha sonâmbula costumava dizer das pessoas que lhe eram apresentadas: “Eu gosto” ou, “não gosto da sua esfera”. Na

atividade da sua faculdade podemos encontrar a explicação de alguns dos fenômenos de psicometria e transe sonambúlico. Nem sempre é necessário recorrer-se à agência de um Espírito livre para explicá-los. O psicometrista toca num papel escrito ou num fragmento de construção antiga, e recebe impressões que freqüentemente se reconhecem maravilhosamente exatas; e a experiência já tem sido tão repetida, que nenhuma teoria de coincidências pode mais ser admitida a respeito.

Não poderá haver relíquias espirituais, auras psíquicas, emanações etéreas menos transitórias que as físicas, das quais o sensitivo sinta as impressões, entrando em sua esfera? Ele entra em uma sala pela primeira vez e estremece sem saber porquê. Gradual ou lentamente, uma impressão afeta a sua consciência, quando nos diz que um assassínio ou um suicídio se deu naquela sala. Indaga-se, e reconhece-se ser real. Donde veio essa impressão? De alguma aura psíquica ficada nos móveis ou nas paredes, ou de algum Espírito que se comunica?

A ação da luz pode imprimir uma imagem sobre a superfície dos objetos inorgânicos. Uma experiência é a da colocação de uma chave ou de algum outro objeto sobre um pedaço de papel branco e sua exposição por alguns minutos à ação da luz solar. Se olharmos então para o papel, não acharemos nele alteração alguma, mas, se depois de alguns meses, levarmos o papel a um lugar escuro e o colocarmos sobre uma peça de metal aquecido, o espectro da chave aí aparecerá.

O Doutor J. W. Draper, professor de Química e Fisiologia na Universidade de Nova Iorque, diz: Creio que uma sombra nunca se projetará sobre uma parede sem aí deixar um traço permanente, que poderá tornar-se visível por algum processo apropriado.

Se uma obreia for colocada sobre uma superfície de metal polido, umedecida pelo sopro da nossa respiração, e se, quando a humildade se tenha evaporado, retirarmos a obreia, acharemos

que toda a superfície não é mais o que era dantes, apesar de os nossos sentidos não notarem a diferença; se soprarmos de novo sobre a superfície, ela ficará toda umedecida, menos no lugar antes coberto pela obreia, que permanecerá como uma imagem espectral sobre a superfície. Soprai uma e muitas vezes, e depois da evaporação o espectro da obreia ali se verá sempre.

Se tão delicados efeitos podem ser produzidos pela ação da luz, do calor e da humildade, porque não poderá o pensamento igualmente deixar impressões que possam ser apanhadas pela clarividência e pelos sentidos espirituais?

"O psicometrista, diz a Senhora Maria M. King, é impressionado na sua organização sensitiva pelos éteres de muitos graus inerentes às substâncias e às formas, e se prende, como um caráter simbólico, a cada coisa, e vagamente faz recordar a história não escrita de todos os tempos, feitos e pensamentos dos homens."

"O fato, diz o Senhor G. H. Stebbins, de uma pessoa citar livros que nunca viu, ou contar-nos o que nunca observou externamente, não é unia prova cabal de se achar sob a ação de um Espírito exterior. A psicometria e a clarividência podem, algumas vezes, explicar tudo isso; e outras vezes podemos aceitar a explicação pela influência direta espiritual."

Em sua “Origin of Civilization”, o Senhor John Lubboch disse: “As chamadas almas objetivas, almas de substância apreciável - ferramentas, utensílios, armas, casas, canoas -, têm um lugar entre os Espíritos das raças inferiores”; e ele dá a isso o nome de “concepção utilitária da alma.”

E contudo a concepção do selvagem sem educação pode ser uma dedução dos fenômenos reais, desenvolvidos em suas experiências psicométricas. E' natural que nessas concepções venham de envolta ilusões e falsas deduções.

Porque, perguntamos nós, os fenômenos espíritas impressionam tão poucos a tantas criaturas? E' porque elas se

ocupam muito com pensamentos estranhos a esse assunto, a ponto de lhes não poder prestar a devida consideração; ou porque não reconhecem a sua vasta significação, pelo não desenvolvimento de uma faculdade pela qual os fatos espirituais são reconhecidos e apreciados.

Um fenômeno que excita mesmo a atenção de um cão, pode ser posto de lado, como uma coisa sem sentido, pelas inteligências incapazes de assimilá-lo. O homem devia pensar que uma simples experiência positiva de escrita direta fará que ele reflita sobre o quanto isso interessa ao resto de sua vida, porque ela resolve muitas questões de Filosofia, Teologia e ciência positiva, ainda não resolvida. Ela apresenta um fato completamente inexplicável por qualquer teoria compatível com os ensinos do materialismo saduceu.

Depois de os Espíritos prestativos nos haverem demonstrado o fato essencial de nossos amigos mortos estarem ainda vivos, e de provarem ter sobre a matéria poder tão grande que nos parece mágico ou miraculoso, não teremos motivos suficientes para empregar a nossa melhor energia intelectual em sua apreciação e estudo? Virão os Espíritos, libertando-nos do trabalho de pensar, esclarecer-nos sobre assuntos morais, religiosos ou científicos, assuntos encerrados no número dos nossos deveres e poderes mentais?

Como conheceremos que a tentativa de comunicar-se com os mortais não coloca o Espírito num estado de consciência distinto do que lhe é habitual no mundo espiritual, estado talvez inferior a este, estado em que sua memória fica obscurecida e sua faculdade de pensar limitada? Esse argumento pode tornar-se poderoso.

O erro dos investigadores incautos consiste em não fazerem com suficiente clareza demonstrados e demonstráveis os fenômenos que eles já obtiveram. Estão sempre em busca de novas maravilhas, antes de dirigirem e apreciarem as antigas. A

conseqüência natural tem sido oferecerem, como sempre foi, um campo aberto a toda a sorte de fraudes. São conhecidos os exemplos de pessoas que, dispondo de pequenos poderes mediunímicos e assaz comprometidos em suas finanças, cederam à tentação de produzir manifestações total ou parcialmente falsas. Daí as exposições donde nasceu a impressão de serem todos os fenômenos mediúnicos imposturas ou ilusões. O defeito provém em grande parte da imaturidade de alguns espíritas, ávidos de testemunharem e proclamarem novos e incríveis fenômenos. Quando obtido um fenômeno pede-se outro e mais outro.

Alguns médiuns, ou pretensos médiuns, tentam sobrepujar seus competidores ministrando aos cegos o infecundo desejo de precipitados investigadores, donde se originam exageros e imposições. Tais desvantagens devem ser evitadas; o curso natural do Espiritismo, porém, deve ser caminhar para o futuro, como se deu no passado, através de todas as resistências, falsidades e insultos.

A ordem para examinar os Espíritos deve ser literalmente observada, mesmo quando objetivamente se apresentem ao observador. E' um ardil de uma certa classe de Espíritos buscar chamar a atenção, adotando nomes distintos. O crédulo que aceita sem exame as narrações de Espíritos que se intitulam Moisés, Elias, Platão, João Batista, Aspásia (26), Judas Iscariote, Bacon, Swedenborg, etc. , é tão deplorável como o céptico que rejeita, como sem fundamento, todas essas estranhas manifestações fenomenais.

(26) E' inegável que fenômenos notáveis ocorrem ás vetes que parecem favorecer as pretensões desses Espíritos antigos. O Senhor A. L. Hatch, em uma carta datada de Astória, 2 Setembro 1880, escreveu: A vossa imaginação não pode figurar uma forma mais perfeita, mais bela, do que a de Aspásia, parada diante de nós. Perguntamos se queria falar em grego. Ela respondeu pronunciando uma frase em grego, e, o que é mais, rapidamente corrigiu-me a pronúncia de algumas palavras. Duvido muito que algum autor vivo tenha sido assim corrigido por um Espírito de vinte quatro séculos passados.

Que distintas formas humanas, convenientemente vestidas, se têm apresentado, e isso quando qualquer teoria de fraude humana ou de alucinação é inadmissível, é um fato que a Ciência aceita e propaga. Que em alguns exemplos essas formas são facilmente reconhecidas e identificadas, que elas podem ser vistas, sentidas e ouvidas, estabelecendo a sua existência pelos mesmos três sentidos que tomam conhecimento dos nossos companheiros humanos; que elas provam, por seus atos e palavras, suas relações, pelo mesmo modo que as pessoas, a quem não escrupulizamos em nossa vida terrena de olhar como realidades corpóreas; que elas podem manifestar um poder preter-humano sobre a matéria e uma maravilhosa clarividência por muitos modos surpreendentes, muito acima da arte de conjurado, como os melhores prestidigitadores o admitem hoje, são também fatos que a Ciência terá de propagar, desde que se multipliquem e as provas se tornem mais convincentes.

A circunstância de haverem as pessoas científicas, como regra geral, posto de lado todo esse grande assunto, em parte pelo receio de não poder resolvê-lo, e, em parte, por suas objeções preconcebidas e prejuízos arraigados, deixou-o quase totalmente entregue àqueles que, por sua instrução defeituosa ou por falta de habilidade para criticar, supõem que tudo o que vem do mundo invisível deve ser indiscutível e real. Assim, mensagens que violam todas as leis da lógica e do bom-senso têm sido aceitas, em "bona fide", como comunicações vindas dos grandes pensadores que viveram no passado. Patentes mistificações têm sido impostas como genuínas representações ou revelações, por virem aparentemente corroboradas por provas do preter-humano poder. Histórias de uniões e casamentos no mundo invisível têm sido tragadas, porque as forças operantes, de origem humana ou espiritual, impressionaram suas vítimas incautas por meio de provas objetivas de parecerem ou provavelmente serem uma ação preter-humana.

Esses casos somente provam o quanto é importante que a Ciência mude a sua atitude de indiferença ou fúteis temores contra os fenômenos; que um novo sistema de perfeita investigação seja adotado, unindo o método que permite aos Espíritos fixarem as condições, àquele que nada aceita como provado antes de apresentar-se nas condições suficientes para se obter a mais cabal e rigorosa verificação científica. Há muita verdade na seguinte observação do Senhor William Oxley, de Manchester, um crente investigador inglês e um dos que deixavam os Espíritos operarem em liberdade de condições; ele, porém, só nos apresenta um lado da verdade, que os outros cumpre completar.

"Um genuíno amor da verdade em si mesma, manifestando-se no domínio da ciência oculta pela aceitação das condições permitidas, apesar de rodeado, em começo, de dúvidas e dificuldades, com perseverança receberá amplas provas e atestados verossímeis das manifestações psicométricas e da agência espiritual; ao passo que o duvidoso, que investigar com o propósito de descobrir a impostura e a fraude, concluirá que o que ele pensa é bastante para justificar suas dúvidas preexistentes e para mais cedo ou mais tarde retirar-se desgostoso."

Ilustremos essa verdade com a apresentação de um incidente. Certo investigador se opunha fortemente à condição da escuridão em que se produzia o fenômeno da guitarra flutuante. Não obstante, acompanhava a investigação, e quando uma vez subitamente a luz da Lua, por um acidental afastamento das cortinas, clareou a sala, ele viu o que há muito desejava ver: - a guitarra no ar, junto do teto, livre de qualquer suporte visível, e tocando por alguma força desconhecida que revelava inteligência.

Cumpre ao sábio investigar sem prejuízos, nas condições oferecidas pelos Espíritos, mas nada admitir como provado, até

que, por alguma nova condição inesperada, a prova que falta seja claramente fornecida.

Será perigoso admitirem-se como reais as impressões psicométricas não verificadas. A psicometria e a clarividência podem ambas estar em falta, justamente como o homem que na primeira experiência salta um fosso, mas, na segunda, pode falhar. Nada de finito pode ser infalível. Por isso discordo completamente da noção do Doutor J. R.Buchanan, de que Nós podemos chegar a um definito e acurado conhecimento, hoje, não só de Jesus e dos Apóstolos, como de todo o grupo de caracteres mencionado na Bíblia, pela faculdade psicométricada ou alguma outra. Toda a história biográfica nos faz ver o erro de tais pretensões e nos previne contra as suas evidentes incertezas e perniciosas tendências. O vidente de amanhã pode contraditar o de hoje. Assim se deu no passado, e assim continuará a dar-se. Quantos volumes já possuem, pretendendo dar as vidas suplementares de Jesus e dos Apóstolos por meio de impressões mediúnicas ou comunicações espirituais! Cada novo volume contradiz os precedentes. Tenho diante de mim uma obra em francês, datada de 1866, e a mim oferecida por seu estimável autor. São três grandes volumes e a obra tem por título: Spiritisme Chrétien ou Révélation de la Révélation, ou antes: “Os Quatro Evangelhos, seguidos dos Mandamentos, explicados em espírito e em verdade pelos Evangelistas, assistidos pelos Apóstolos e por Moisés; recebidos e coordenados por J. B. Roustaing, advogado na Corte Imperial de Bordéus.” A obra é hábil e claramente escrita e favorece a doutrina da reencarnação, de Kardec.

A razão não pode dar o seu assentimento a pretensões tão pouco verificadas. No momento atual, damos um passo para frente com os fatos e suas deduções; se eles vierem afirmados pelos Espíritos, videntes, ou médiuns, vagaremos sem bússola. Há já muito de maravilhoso nos fenômenos demonstráveis, sem

precisarmos ainda enxertar, no Espiritismo próprio e universal, as idiossincrasias individuais, sejam do mundo invisível ou deste (*).

(*) O autor Epes Sargent, escreveu essa sua opinião, em 1880, quando, então só lhe preocupava obter e expor as Bases Científicas do Espiritismo.

O Espiritismo é simplesmente a ciência da continuidade da vida, na qual o incidente chamado à morte é apenas o abandono do invólucro exterior. Os primitivos cristãos mostravam, pela sua constante adoção da borboleta como emblema da fé na imortalidade, que as antigas explicações da crisálida exprimiam a sua noção conforme a do moderno Espiritualismo, a saber, que o organismo psíquico é envolto no físico. Essa ciência baseia-se em fatos que justificam plenamente a hipótese espiritual, e é garantida por uma série de raciocínios indutivos e dedutivos. Assim, o Espiritismo tem uma vantagem vital sobre todas essas crenças históricas ou tradicionais, cujas tendências têm sido gastas no correr dos tempos. Por que motivo os modernos cristãos, que aquiescem aos fatos relatados na Bíblia, não podem aceitar os precisamente semelhantes apresentados por alguns dos mais eminentes físicos dos nossos dias? E porque toda a crença no espiritual e no preter-humano está morta. Para muitas pessoas o refúgio único do Cristianismo, hoje, está na excelência de seus ensinos éticos.

O Senhor G. F. Green, um dos mais cuidadosos escritores sobre esse assunto, diz que não se deve crer que o Espiritismo venha influenciar na moralidade ou na religião pela revelação de alguma nova e inesperada verdade. Ele o considera antes como vindo aumentar a vitalidade da crença em uma vida futura, como a expansão de nosso ideal de felicidade, o que ele reputa ser a base real de toda a moralidade. O reconhecimento da nossa imortalidade deve ser um incentivo para enveredarmos pelo caminho da verdade. Não devemos considerar os ditos dos Espíritos adiantados como um código infalível. A Religião não é

uma crença em determinados dogmas. Nas leis divinas, do nosso ser encontraremos a lei moral e o impulso religioso. Assim é a Ciência, e não os dogmas, que deve ter a direção; desde então, a moralidade é a arte de conformarmos nossas vidas com a mais alta lei expressa em nossa própria natureza, humana e espiritual, mortal e imortal; ao passo que a Religião é o sentimento de reverência a um poder superior ao nosso, capaz de influir em nosso destino.

A existência de seres com corpos etéreos, invisíveis aos nossos sentidos imperfeitos, é uma hipótese que as últimas descobertas da Ciência fizeram não somente possível, mas provável. Tem-se verificado que todas as grandes forças da Natureza são acompanhadas das vibrações de uma forma de matéria tão sutil que a nossa mais pura atmosfera é matéria grosseira comparada a ela. Somente por seus efeitos, esses graus impalpáveis da matéria se nos tornam conhecidos; esses efeitos, porém, mostram que a força potencial cresce com a diminuição da densidade da matéria. Aceita a prova de que os seres inteligentes, exercendo um poder preter-humano sobre a matéria, manifestam a sua existência por seus atos (como o fazem), não há razão boa para que o homem de real ciência recuse dar valor a essa evidência.

Mesmo nas sessões no escuro, a rapidez elétrica com que se produzem certos fenômenos, é uma prova suficiente de seu caráter preter-humano. Tenho repetidamente assistido a sessões em que um tamborzinho foi movido da mesa ao teto e do teto à mesa, com tal violência e tão inconcebível rapidez, que ninguém podia crer que a força em ação fosse a de um mortal. As condições eram perfeitas, quanto à segurança contra a fraude; o movimento, mesmo na claridade, seria impossível; ocorrendo, porém, em perfeita escuridão, e jamais o instrumento tocando uma das doze mãos colocadas sobre a mesa, o fenômeno denunciava um poder anormal, que não contava com a escuridão

e efetuava a transposição com velocidade e precisão totalmente inconcebíveis, se não fossem obra de faculdades transcendentes às humanas.

A idéia panteísta da absorção das individualidades finitas na vida do Infinito, como os ribeiros e os rios que se originam do oceano e para ele tornam, não tem analogia com os fatos do Espiritismo, o qual ensina distintamente a imortalidade do indivíduo e a continuidade do "ego" idêntico. R. W. Emerson, em seu patético poema sobre a morte de seu filhinho, exprime a concepção panteísta no seguinte verso:

**"The master, Death, with sovereign rite
Pours finite into infinite."**

A teoria ensina que a Inteligência Infinita conserva sua exuberante vida individualizada nos organismos; essa obra, porém, é tão oculta que "a morte" vai sempre desfazendo o que Deus fez e reduzindo o processo da vida a uma emanação sem objetivo, voltando depois ao ponto de partida. A essa fantasia o Espiritismo responde: Deus e não a Morte é o Senhor, e fez a sua obra com tão infalível sabedoria, que o organismo superior do homem (e talvez o dos animais) é envolto no físico e está sempre pronto a ir ocupar o seu lugar. Deus não é o absorvente das individualidades humanas, mas o Ser onipotente e misericordioso que esparge eternamente a sua vida, fazendo que dela partilhem os seres subordinados, fertilizando o seu próprio amor, dando-o e vendo-o refletido, como o Sol na gota de orvalho, no melhoramento progressivo, na sabedoria, no amor de suas criaturas, e no desenvolvimento de um livre arbítrio ainda rudimentar.

Contudo o panteísmo é verdadeiro, ainda que somente em parte. Sé o homem é a imagem do seu Autor, se o finito é modelado sobre o Infinito, as deduções dos nossos fatos

justificam a concepção de que o elemento natural da Divindade pode, em sua consciência, ser distinto da consciência onisciente do Deus Altíssimo. Imanente no Universo, ele pode diferir em grau do que é nesse estado transcendente em que se acha acima da Natureza. Ele é a só e única Possibilidade pela qual todas as coisas se tornam possíveis e existem. Assim, o Panteísmo se mostra como o círculo íntimo de um maior Teísmo, e essas duas crenças, sempre em luta, se mostram tão harmônicas como o côncavo e o convexo do mesmo crescente.

Vivemos no meio do mundo dos Espíritos, do mesmo modo que no meio do outro mundo, que nos foi desconhecido, até que o microscópio no-lo revelou. O Espiritismo nos afirma que isso não é só possível, mas real. O universo penetrável aos nossos sentidos é apenas uma fração do todo, o infinito patente à Onipotência.

O Senhor W. R. Grove, em sua - “Correlation of Physical Forces” - observa:

"Em muitas das formas que a matéria apresenta, ela é porosa e penetrada por essências mais voláteis, que podem ser de uma natureza diversa da dela."

O Senhor Humphrey Davy apresenta a hipótese de

"Uma matéria etérea que nunca pode afetar-nos os sentidos, e está nas mesmas relações com o calor, a luz e a eletricidade quanto essas formas apuradas ou modos de existência da matéria podem estar com os gases."

Resta-me dizer uma palavra à pequena classe dos pseudofilósofos que, admitindo os nossos fenômenos, ridicularizam-nos. Há certas convicções fundamentais no cérebro humano, que são manifestamente indemonstráveis; e isso fornece fácil motivo aos cépticos extremados para porem em dúvida a sua veracidade. Tal questão, porém, pela falta de demonstração formal, nem sempre é defensável no terreno

filosófico. Se os últimos axiomas, em que a razão nos compele a parar, forem rejeitados, é inútil recorrermos mais a ela.

A cada passo na vida somos forçados a reconhecer a existência de um poder externo aos fenômenos. Sem esse reconhecimento, nunca olharíamos o mundo como externo, porque, restritamente falando, os fenômenos se manifestam em nós como efeitos, e como subjetivos. O reconhecimento do que está fora de nós no espaço e distante no tempo, depende da aceitação do que transcendem os fenômenos.

A razão pode admitir que as suas concepções de tais realidades podem, devem ser, imperfeitas; mas poderá também ela julgar que essas concepções, julgadas imperfeitas, estão mais perto da verdade do que a decisão de rejeitar todas as concepções dessa natureza, o que nos lançaria no extremado idealismo.

A Ciência a cada passo tem que ultrapassar fenômenos; todo o edifício dos conhecimentos humanos desabaria, se o testemunho da consciência não fosse aceito acerca dos fatos que não se mostram mesmo nos fenômenos, mas na sua dedução. Todos cremos que os seres humanos, que nos cercam, são animados por uma inteligência consciente. Contudo, a evidência física desse fato é nenhuma. As nossas convicções do passado e da continuação da nossa existência são deduções de fenômenos que transcendem os próprios fenômenos; mas, contudo, arrastam o assentimento da razão, e tomam lugar entre as crenças fundamentais. Todas essas considerações são postas de lado na afirmação céptica de que o reaparecimento da forma de um amigo falecido, conversando inteligivelmente, apresentando traços reconhecíveis, físicos e mentais, dando provas de identidade no conhecimento do passado, na sua afeição por seus parentes e em outras particularidades somente apreciáveis pelos espectadores que o conheceram e amaram; de que tudo isso não é a evidência do reaparecimento de uma pessoa falecida.

Tais fenômenos têm uma causa, e a razão deve evidentemente ultrapassar os fenômenos com o fim de chegar a ela. A questão de saber se a causa pode ser mundana, antes que supramundana, é puramente sofística, e nada tem que ver com o fato da sobrevivência transmortal. A posição do céptico, se pudesse permanecer, seria igualmente fatal a todo o progresso científico, pondo em dúvida os mais fortes motivos, as convicções primárias e indemonstráveis, sobre as quais se baseia toda a Ciência.

Um dos nossos antagonistas evangélicos disse-nos que os espíritas erram, fazendo uma religião daquilo que deve ser uma ciência. Nesse caso, deveremos concluir que conhecer vale menos para o sentido religioso e a esperança, do que crer ou, antes, procurar crer?

E pelo motivo de ter uma Base Cientifica em fatos conhecidos e demonstráveis, que n Espiritismo oferece o mais sólido apoio à Religião. Ele nos mostra que a única heresia funesta é o falso pensamento que nos conduz ao erro. Ele nos prova que só colheremos aquilo que semearmos.

Algumas pessoas, em quem o instinto religioso e devocional é fraco e por desenvolver, podem não ser abaladas pela vasta significação religiosa do reconhecimento da imortalidade; mas, nos tempos das privações e das grandes aflições, ele se desperta no coração como um impulso, como uma força divina, e a mágoa podem revelar-nos a certeza da nossa reunião com os nossos entes amados, o que, para os corações ainda não petrificados, é o mais alto e puro elemento religioso que nos despertará a mais profunda gratidão ao Infinito Doador da vida e do amor.

CONCESSÕES

Concordo que, dos fatos que afirmo serem reais, muitos são realmente singulares, estranhos e improváveis; e que não nos é possível compreendê-los ou conciliá-los com as noções comumente aceitas sobre Espíritos e estado futuro.

Concordo que há muitas pessoas demasiado crédulas, e que as fraudes, as imposturas e as ilusões têm sido misturadas e confundidas com os fatos reais do Espiritismo.

Concordo que a melancolia e a imaginação têm sempre grande força, e engendram estranhas persuasões, e que muitas histórias de aparições são apenas fantasias da melancolia.

Conheço e admito que há muitas enfermidades naturais estranhas que apresentam sintomas chocantes, e produzem surpreendentes efeitos fora do curso usual da Natureza, e que são, muitas vezes, citadas como explicações dos fatos preter-naturais.

POSTULADOS

Feitas essas concessões, ofereço com toda a justiça aos meus adversários os seguintes postulados:

Que, se os nossos fenômenos se dão, é uma questão de fato e não de raciocínios a priori.

Que a matéria de fato só pode ser provada pelo nosso próprio sentido ou pelo testemunho de outros. Tentar demonstrar fatos por meio de raciocínios abstratos ou especulações, é o mesmo que tentar provar, pela Álgebra ou pela Metafísica, que Júlio César fundou o Império Romano.

Um certo amontoado e caráter de testemunhos humanos não pode ser razoavelmente rejeitado como incrível, ou como garantia de fatos contrários à Natureza, visto que todos os fatos que se dão, na Natureza, devem ser naturais.

Que aquilo que está suficientemente e inegavelmente provado, não pode ser negado por não sabermos como se

produz, isto é, por haver dificuldades na concepção que o sentido e o conhecimento disso nos vem por um modo diverso, assim como a fé. Porque o modo de muitas coisas é desconhecido, e muitas coisas óbvias na Natureza têm dificuldades inextricáveis para serem concebidas.

(Adaptado do Rev. José Glanvil, 1626-1680)

FIM